Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Diana Filipa Gomes

A antiga Fábrica dos Matias. Reconversão do património industrial em ruína

julho de 2026

A antiga Fábrica dos Matias.
Reconversão do património industrial em ruína
Diana Filipa Gomes
UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Diana Filipa Gomes

A antiga Fábrica dos Matias. Reconversão do património industrial em ruína

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Carlos

julho de 2026

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

AGRADECIMENTOS

À Câmara Municipal de Amarante, pela disponibilidade e pelo fornecimento de todos os documentos necessários.

À professora Rute, um agradecimento muito especial pelo acompanhamento, pela disponibilidade, pela orientação ao longo deste percurso, e sobretudo, pela paciência. O meu mais sincero obrigado.

À minha mãe, pelo apoio constante, pelo carinho e por estar sempre presente, mesmo nos momentos em que este caminho se tornou mais dificíl. Obrigada por acreditares em mim, por me ouvires e por me lembrares, sempre, que eu sou capaz.

Ao meu pai, por estar sempre do meu lado.

Aos meus familiares, que me são tudo.

Aos meus amigos, por me terem acompanhado ao longo destes anos, por todas as palavras de incentivo, pelas partilhas, pela ajuda, pelas pausas necessárias e pela presença nos momentos de maior cansaço. Obrigada por terem tornado este percurso mais leve e colorido, levo-vos no coração.

A todas as pessoas que, de alguma forma, acompanharam este trabalho, contribuíram para a investigação ou partilharam comigo memórias , disponibilidade e conhecimento. Não teria sido possível sem vocês.

Obrigada a todos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.
Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

A antiga Fábrica dos Matias. Reconversão do património industrial em ruína.

RESUMO

No âmbito deste trabalho de projeto, pretendemos refletir sobre as formas de intervir no património industrial em estado de ruína e abandono, tendo como caso de estudo a antiga "Fábrica dos Matias", localizada em Amarante. Ligada aos setores da metalurgia e da metalomecânica, esta fábrica marcou a história industrial da cidade ao longo do século XX e encerrou definitivamente em 2011.

A investigação desenvolve-se a partir da relação entre o passado (aquilo que a fábrica foi), o presente (aquilo que ainda permanece) e o futuro (aquilo que poderá vir a ser). O passado é abordado através da sua história, da evolução construtiva do conjunto e da atividade industrial que ali se desenvolveu. O presente é analisado a partir do levantamento do estado atual da ruína, da sua envolvente e da relação que este lugar mantém hoje com a cidade. A partir destas leituras, desenvolvemos uma proposta de reconversão que procura reativar o espaço sem apagar a memória que ainda lhe está associada.

Neste processo, analisamos também a proposta da Câmara Municipal de Amarante para a futura "Fábrica das Artes", que prevê a demolição quase integral do antigo conjunto edificado. Perante esta opção, procuramos questionar de que forma seria possível intervir de modo menos radical, mantendo grande parte da pré-existência e valorizando os elementos que ainda testemunham a antiga vida industrial da fábrica.

Assim, com este trabalho propomos uma estratégia de reconversão para a Fábrica dos Matias, através da integração de novos programas e da recuperação do edificado existente. Mais do que transformar a ruína num equipamento cultural, pretendemos demonstrar que a antiga fábrica pode voltar a fazer parte da vida urbana de Amarante, preservando a sua identidade e a sua memória industrial.

PALAVRAS-CHAVE

Património Industrial . Reconversão . Abandono Industrial . Identidade . Memória

The former Fábrica dos Matias. Reconversion of industrial heritage in ruins.

ABSTRACT

Within the scope of this project work, we aim to reflect on different ways of intervening in industrial heritage in a state of ruin and abandonment, taking as a case study the former "Fábrica dos Matias", located in Amarante. This factory, connected to the metallurgy and metalworking sectors, marked the industrial history of the city throughout the twentieth century and permanently closed in 2011.

This research is developed through the relationship between the past, the present and the future. We narrate the past through the history of the factory, its constructive evolution and its industrial activity. We analyse the present through the survey of the current state of the ruin, its surroundings and the way this place relates to the city today. Based on this information, we project the future through a proposal for reconversion that seeks to reactivate this space while preserving the memory of the place.

In this process, we also analyse the proposal by the Municipality of Amarante for the future "Fábrica das Artes", which foresees the almost complete demolition of the former group of buildings. In light of this approach, we question how it would be possible to intervene in a less radical way, maintaining a significant part of the pre-existence and valuing the material and symbolic memory of the place.

Thus, this work proposes a reconversion strategy for the Fábrica dos Matias, through the integration of new programmes and the recovery of the existing built fabric. More than transforming the ruin into a cultural facility, we aim to demonstrate that the former factory can once again become part of urban life, without losing its identity and industrial memory.

KEYWORDS

Industrial Heritage . Reconversion . Industrial Abandonment . Identity . Memory

ÍNDICE

Introdução 1

1. Passado: A evolução da "Fábrica dos Matias" 5

1.1 A "Fábrica dos Matias" 6

1.2 A atividade industrial 26

2. Presente: A ruína da "Fábrica dos Matias" 33

2.1. A ruína 34

2.2. A envolvente da ruína 42

2.3. A ruína no contexto urbano atual 44

3. Futuro: A "Fábrica das Artes" Substitui a "Fábrica dos Matias" 51

3.1. A "Fábrica das Artes" da Câmara Municipal de Amarante.....52

3.2. Estratégias de Intervenção.....63

3.3 Projeto: a reconversão da "Fábrica dos Matias" 70

3.4. A relação com a cidade.....86

Conclusão.....88

Bibliografia.....89

Anexos.....95

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa representativo da localização da Fábrica dos Matias. (Páginas 6 e 7).

Figura 2. Fotografias da estação ferroviária de Amarante. (Página 8).

Figura 3. Localização da oficina situada na casa de Alexandrino Melo. (Página 9).

Figura 4. Indústrias relevantes que surgiram na época em Amarante. (Página 11).

Figura 5. Localização da Quinta do Tapado. (Página 12).

Figura 6. 1º Fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1936. (Página 13).

Figura 7. Localização do 2º edifício da Fábrica dos Matias entre 1939-1945. (Página 14).

Figura 8. 2º Fase do edifício da Fábrica dos Matias entre 1939 e 1945. (Página 15).

Figura 9. Secção e alçados da cobertura da 3ºfase do edifício da Fábrica dos Matias. (Página 16).

Figura 10. 3º Fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1970. (Página 17).

Figura 11. Mapa representativo da estrada nacional 15 como orientadora da expansão da cidade e da Fábrica. (Página 18).

Figura 12. Fotografias da construção da ponte nova de Amarante. (Página 19).

Figura 13. Fotografia da inauguração da ponte nova de Amarante a 24 de novembro de 1967. (Página 19).

Figura 14. Secção e Alçados da 4º fase do edifício da Fábrica dos Matias. (Página 20).

Figura 15. 4º Fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1970. (Página 21).

Figura 16. Planta topográfica do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. (Página 22).

Figura 17. Planta de cobeturas do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. (Página 23).

Figura 18. Alçados do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. (Página 23).

Figura 19. Esquema síntese da evolução espacial da Fábrica dos Matias. (Páginas 24 e 25).

Figura 20. Planta de piso -2 da Fábrica dos Matias. (Página 26).

Figura 21. Planta de piso -1. (Página 27).

Figura 22. Planta de piso 0. (Página 28).

Figura 23. Cortes representativos das diferentes secções de trabalho da Fábrica dos Matias. (Página 29).

Figura 24. Prática de soldadura na Fábrica dos Matias. Fotografia dos anos 60. (Página 30).

Figura 25. Auto-Silo para transporte de betão. Fotografia dos anos 60. (Página 30).

Figura 26. Catálogos das máquinas que eram construídas na empresa SAITAM (Fábrica dos Matias). Imagens provenientes do cartaz informativo de nome “Oficinas Rodrigo Matias Magalhães”, exposto na exposição “A força do Metal”, realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante. Cartaz completo em anexo. (Página 30).

Figura 27. Montagem de uma britadeira na secção de mecânica da Fábrica dos Matias. Fotografia da esquerda nos anos 50. Fotografia da direita nos anos 60. (Página 31).
Figura 28. Levantamento fotográfico da planta de piso 0 da Fábrica dos Matias. (Página 35).
Figura 29. Levantamento fotográfico das atividades informais realizadas no piso 0 do bloco A da Fábrica dos Matias, promovidas pela Câmara Municipal de Amarante e pela associação Gatilho. (Página 36).
Figura 30. Levantamento fotográfico da planta de piso -1 da ruína. (Páginas 38 e 39).
Figura 31. Levantamento fotográfico da planta de piso -2 da ruína da Fábrica dos Matias. (Páginas 40 e 41).
Figura 32. Levantamento fotográfico da envolvente da ruína realizado a 16 de outubro de 2025. (Página 43).
Figura 33. Esquema da estrutura de circulação automóvel entre a ruína e a cidade. (Página 45).
Figura 34. Esquema da mancha edificada em torno da ruína. (Página 46).
Figura 35. Esquema da mancha habitacional em torno da ruína. (Página 47).
Figura 36. Esquema de programas próximos da ruína. (Páginas 48 e 49).
Figura 37. Planta de Trabalho da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". (Página 52).
Figura 38. Planta Piso 4 da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". (Página 53).
Figura 39. Planta Piso 3 da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". (Página 53).
Figura 40. Alçado inteiro SE da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". A fachada do bloco A que pretendem recuperar. (Página 54).
Figura 41. Planta de piso 2 da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". (Página 55).
Figura 42. Planta de piso 0 e de piso 1 da proposta de projeto do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos". (Página 56).
Figura 43. Esquema de análise da envolvente da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes. (Página 57).
Figura 44. Esquema de análise da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes. (Página 58).
Figura 45. Comparação dos alçados virados a Sul da Fábrica dos Matias e da proposta de projeto da Fábrica das Artes. (Página 59).
Figura 46. Comparação do eixo de circulação interior e das características do Volume C da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes. (Página 60).

Figura 47. Esquema de análise da distribuição programática da proposta de projeto da Fábrica das Artes. (Página 61).
Figura 48. Fotografias do edifício SESC Pompeia, de Lina Bo Bardi. (Página 65).
Figura 49. Fotografias do edifício Matadero Madrid. (Página 67).
Figura 50. Esquemas representativos das atividades informais praticadas na Fábrica dos Matias. (Realizado pelo autor). (Páginas 70 e 71).
Figura 51. Planta de estratégia de intervenção no piso 0. (Página 74).
Figura 52. Planta de estratégia de intervenção no piso -1. (Página 75).
Figura 53. Planta de estratégia de intervenção no piso -2. (Página 76).
Figura 54. Secções de estratégia de intervenção no conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. (Página 77).
Figura 55. Planta de piso 0 da proposta de projeto. (Página 79).
Figura 56. Planta de piso -1 da proposta de projeto. (Página 81).
Figura 57. Planta de piso -2 da proposta de projeto. (Página 83).
Figura 58. Planta de piso -2 da proposta de projeto. (Página 84).
Figura 59. Secções da proposta de projeto. (Página 85).
Figura 60. Conexão da Fábrica com a zona ribeirinha. Percurso através da ecopista do Tâmega até ao passadiço das azenhas e ao trilho da nossa Senhora do Vau. (Página 87).

INTRODUÇÃO

A partir do final do século XX, tornou-se evidente um processo gradual e persistente de desindustrialização nos centros urbanos europeus. Este fenómeno, marcado pelo declínio das atividades industriais que outrora impulsionaram o crescimento económico e moldaram o tecido urbano das cidades, gerou profundas mudanças na configuração e na função desses espaços. Em resposta a esse declínio, tem-se assistido a um crescente esforço por parte das autoridades públicas, urbanistas e agentes privados na requalificação das antigas áreas industriais. Essas iniciativas visam não apenas a recuperação física dos territórios abandonados, mas também a sua reintegração no contexto urbano contemporâneo, promovendo a revitalização social, económica e cultural das cidades.[1]

Em Portugal, encontram-se vários edifícios industriais devolutos dispersos pelo território urbano, suburbano e rural. Isto deve-se ao facto de que, durante a primeira metade do século XX, o país compreendia um período de desenvolvimento e progresso nos setores industriais. Nessa fase, surgiram pequenas indústrias familiares, muitas vezes associadas à agricultura e ao setor da metalurgia e metalomecânica. Contudo, estas indústrias eram pouco capitalizadas e utilizavam tecnologia rudimentar, o que resultava em baixos níveis de produção e produtividade.[2]

O verdadeiro ponto de viragem no processo de industrialização em Portugal deu-se no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando o país começou a delinear uma estratégia mais sistemática de modernização económica. Apesar de ter permanecido relativamente à margem dos grandes conflitos mundiais, o Estado português, sob o regime do Estado Novo, reconheceu a necessidade de fortalecer a economia nacional através de uma política industrial mais ativa. A partir da década de 1950, foram implementadas medidas de incentivo à industrialização, incluindo o investimento em infraestruturas, a criação de zonas industriais e a concessão de benefícios fiscais e apoios financeiros às empresas. Este impulso teve como principais objetivos a substituição de importações, a promoção da produção interna e a diversificação da economia. Como resultado, assistiu-se a uma rápida expansão da malha industrial, não só nos grandes centros urbanos, como Lisboa e Porto, mas também em regiões do interior, contribuindo para o desenvolvimento económico regional e a alteração da geografia produtiva do país. Este período marcou o início de uma transformação profunda no território português, com repercussões duradouras ao nível da organização do espaço, das relações laborais e da estrutura social.[3]

1 Medeiros, Eduardo. *"Desindustrialização e Cidades Pós-Industriais na Península Ibérica"*. Instituto Universitário de Lisboa, 2018.
2 Mattoso, José. *"História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)"*. Vol. 7. Editorial Estampa, 1998. pág.75
3 Morais, Rui Jorge. *"Património Industrial e Museologia em Portugal - Uma relação dialética"*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016.

No entanto, entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, os setores industriais enfrentaram uma fase de crise, marcada por fatores como a perda dos mercados coloniais, a falta de mão de obra competitiva e a ausência de tecnologia capaz de acompanhar os parceiros europeus. Esse contexto levou muitas unidades industriais a encerrar, reconverter ou deslocar-se para áreas periféricas.[4] Consequentemente, muitas antigas estruturas industriais perderam a sua função, permanecendo hoje em estado de abandono.

É neste cenário que se insere o caso de estudo da antiga "Oficina Metalomecânica Rodrigo Matias Magalhães", também conhecida como "Fábrica dos Matias", localizada em Amarante, no norte de Portugal. Esta fábrica iniciou a sua atividade nos finais da década de 1930 e encerrou definitivamente em 2011, ficando desde então ao abandono. O seu encerramento marcou a população amarantina, uma vez que a fábrica empregou várias gerações de trabalhadores e foi, para muitos habitantes locais, o local onde iniciaram a sua vida profissional, por vezes ainda em tenra idade.

Em 2019, a Câmara Municipal de Amarante adquiriu as antigas oficinas, com a intenção de desenvolver naquele lugar um centro de Cultura Urbana. No entanto, até à data da elaboração deste trabalho, esse projeto permanece por concretizar. Perante este cenário, torna-se importante refletir sobre as formas de intervenção no património industrial em ruína. Estes edifícios podem ser demolidos ou explorados através de ações descontextualizadas, motivadas apenas pelo aproveitamento económico, em detrimento da sua reintegração no território. Contudo, para além da via da demolição, existem diferentes estratégias de intervenção no património industrial em ruínas, capazes de preservar as particularidades arquitetónicas dos edifícios e de valorizar o seu caráter cultural, patrimonial e memorial.[5]

Neste sentido, com este trabalho de projeto, pretendemos ilustrar uma estratégia de reconversão para a "Fábrica dos Matias", preservando o edificado, a memória e a identidade do lugar. A investigação parte da relação entre três tempos: passado (aquilo que a fábrica foi), presente (aquilo que ainda permanece) e futuro (aquilo que poderá vir a ser). Pretendemos, assim, analisar e cruzar as informações sobre o passado e o presente da fábrica, para depois conseguir determinar soluções programáticas que se enquadrem no contexto urbano atual e respondam às necessidades da população.

No primeiro capítulo, passado, apresentamos a narrativa histórica da fundação e da evolução da fábrica, bem como a sua relação com o desenvolvimento da cidade, através do cruzamento de fontes diversas: documentos fornecidos pela Câmara Municipal de Amarante e pelo Arquivo Municipal de Amarante, o enquadramento histórico da industrialização local e nacional no século XX, e, sobretudo, os testemunhos recolhidos em entrevistas realizadas a antigos funcionários da fábrica e a familiares do fundador.

4 Sampaio, Maria da luz (Coord.). *"Reconversão e Musealização de Espaços Industriais: Actas do Colóquio de Museologia Industrial"*. 1ª. Porto: AMCI, 2003. pág. 169.
5 Serrano, Ana . *"RECONVERSÃO DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS: Três projectos de intervenção em Portugal"* . Editado por Instituto Superior Técnico: Universidade Técnica de Lisboa. Outubro de 2010.

A escassez de documentos como licenciamentos de construção e de registos oficiais que documentem de forma sistemática a história e o percurso da fábrica, tornam esta investigação desafiante e urgente, para que a sua memória não permaneça, exclusivamente, na oralidade da população local.

No segundo capítulo, presente, analisamos a ruína da Fábrica dos Matias, procurando compreender de que forma as instalações de apresentam após vários anos de abandono. Através do levantamento fotográfico e das visitas realizadas ao local, identificamos o estado do edifício e os vestígios da antiga atividade industrial. Neste capítulo, abordamos também a envolvente da ruína e a sua relação com o contexto urbano atual.

No terceiro capítulo, futuro, apresentamos e analisamos a proposta da Câmara Municipal de Amarante para a futura "Fábrica das Artes", na qual se prevê a demolição quase integral do antigo conjunto de edifícios. A partir desta análise, procuramos compreender de que forma a memória industrial da "Fábrica dos Matias" é tratada no projeto e que abordagens poderiam ser feitas para uma intervenção menos radical. Neste capítulo, abordamos também estratégias de intervenção em ruínas industriais, através da análise de dois casos de estudo, e apresentamos a nossa proposta de projeto para a reconversão da "Fábrica dos Matias". A nossa visão procura transformar as antigas oficinas num Centro de Cultura Urbana para a cidade de Amarante, mantendo o edificado existente e respeitando a organização dos três volumes originais da fábrica. A intervenção parte daquilo que ainda permanece, onde procuramos adaptar os espaços industriais a novos usos sem apagar a identidade do lugar. A partir dos seus espaços amplos, da estrutura fabril e dos vestígios industriais, propomos uma ocupação informal e flexível, capaz de acolher programas culturais, académicos e comunitários, mas também de se ajustar a diferentes formas de apropriação ao longo do tempo.

Por fim, concluímos que intervir sobre uma ruína industrial não significa, necessariamente, substituir aquilo que existe. No caso da "Fábrica dos Matias", as paredes, os espaços amplos, a estrutura fabril e os vestígios da antiga atividade industrial permitem pensar numa reconversão que parte da própria identidade do lugar. A proposta não pretende fixar a fábrica no passado, mas encontrar um equilíbrio entre aquilo que permanece, as novas apropriações e a possibilidade deste espaço voltar a fazer parte da vida urbana de Amarante.

1. PASSADO:
A evolução da “Fábrica dos Matias”

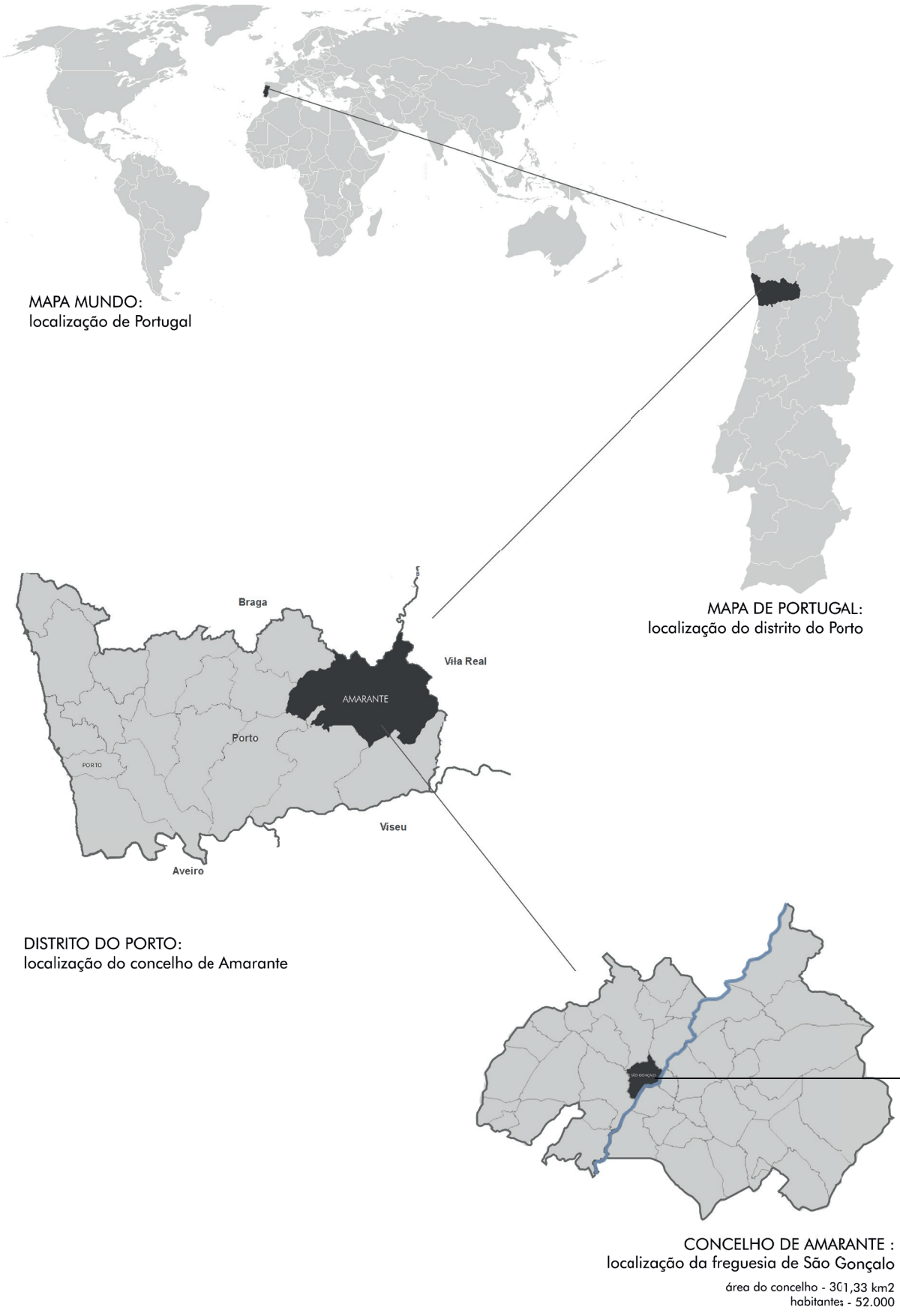


Figura 1. Mapa representativo da localização da Fábrica dos Matias.

1.1. A "FÁBRICA DOS MATIAS"

As instalações da "Fábrica dos Matias", inauguradas "por volta do ano de 1936"[6] por Rodrigo Matias Magalhães, localizam-se em Amarante, cidade do distrito do Porto, no norte de Portugal. (Figura 1). Especializada em metalurgia e metalomecânica, esta unidade fabril não foi apenas uma das mais marcantes do concelho, mas também acompanhou e refletiu, ao longo das décadas, o próprio percurso da industrialização local e nacional.



LOCALIZAÇÃO DA FÁBRICA DOS MATIAS

6 Informação recolhida do cartaz informativo de nome "Oficinas Rodrigo Matias Magalhães", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante. Inserido em anexo na página 96.

Rodrigo Matias Magalhães nasceu em 1899, em Amarante, numa época em que o território era predominantemente agrícola. Neste tempo, as atividades produtivas centravam-se na vinicultura, no cultivo de cereais e frutas, e na serração, embora muitas vezes estas produções não fossem suficientes para satisfazer as necessidades dos habitantes locais. Antes de enveredar pelo setor industrial, no início do século XX, Rodrigo iniciou a sua carreira profissional como ferroviário[7], num período em que a inauguração da estação ferroviária de Amarante (1909) (Figura 2), integrada na Linha do Tâmega (Linha do Douro a Arco de Baúlhe), representava uma importante infraestrutura de ligação regional. Isto porque, a "Linha (Ferroviária) do Tâmega", inicialmente denominada "Caminho de Ferro do Vale do Tâmega", ligava a Estação da Livração (Marco de Canavezes), da Linha do Douro, à Estação do Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto)"[8]. Esta linha integrava um dos quatro caminhos de ferro provenientes da "Linha Férrea do Douro", construída em 1887. Esta ligação entre o interior e o litoral, impulsionou a revitalização e o desenvolvimento regional, dada a relevância agrícola, florestal e mineira do território.

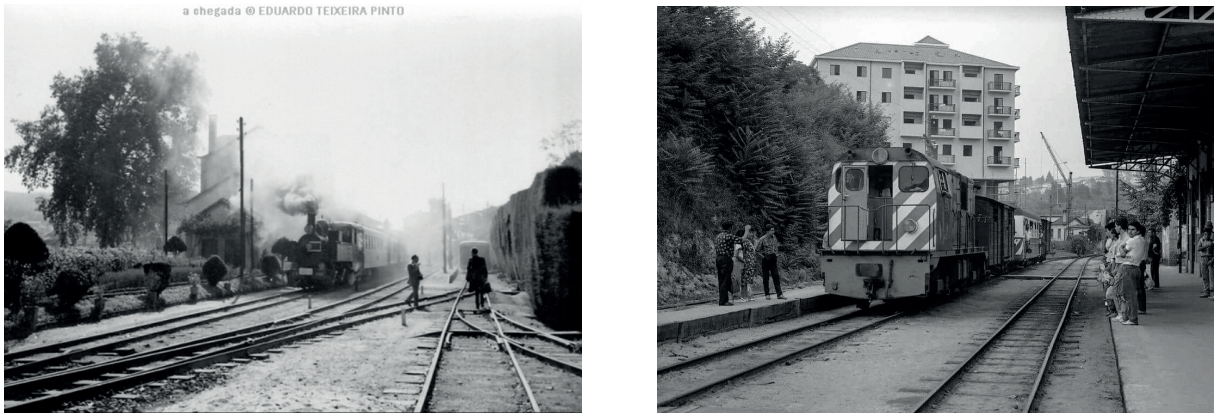
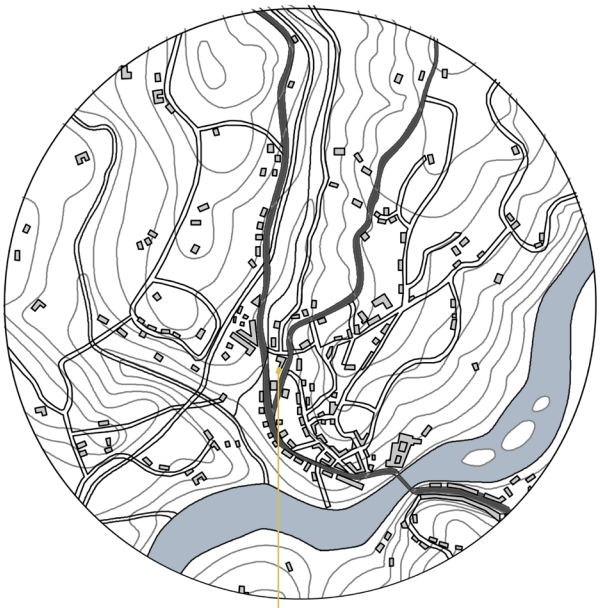


Figura 2. Fotografias da estação ferroviária de Amarante. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

Mais tarde, Rodrigo abandonou o setor ferroviário e passou a trabalhar como serralheiro na oficina do seu sogro Alexandrino Melo. Esta oficina foi construída na garagem de sua casa, localizada na Avenida Joaquim Leite de Carvalho, no centro histórico da vila de Amarante (Figura 3) e marcou o início da atividade industrial da família.

7 Informação recolhida do cartaz informativo de nome "Oficinas Rodrigo Matias Magalhães", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante. Inserido em anexo na página 96.
8 Ciclovia. s.d. (https://www.ciclovia.pt/ecopistas/norte/braga/ecopista-do-tamega/ecopista-do-tamega.php.)



INTERPRETAÇÃO DA PLANTA MILITAR DE 1938

1920/1930

RODRIGO TRABALHA COMO SERRALHEIRO NA OFICINA DO SEU SOGRO, ALEXANDRINO MELO, ABAIXO DE SUA CASA, NA AVENIDA JOAQUIM LEITE DE CARVALHO - SEIXEDO AMARANTE

1920's

RODRIGO TRABALHA NOS CAMINHOS-DE-FERRO





04/12/1899
NASCIMENTO DE RODRIGO MATIAS MAGALHÃES

31/10/1978
FALECIMENTO DE RODRIGO MATIAS MAGALHÃES

Figura 3. Localização da oficina situada na casa de Alexandrino Melo

Esta pequena unidade familiar, tal como muitas outras oficinas associadas à agricultura e ao setor da metalurgia e metalomecânica, surgiram num período de industrialização tardia e irregular em Portugal, no início do século XX, condicionado por fragilidades estruturais da economia e, também, porque não existia o apoio de uma reforma agrária. Ou seja, "faltava um mercado nacional viabilizador do arranque, faltava comida, matéria-prima e mão de obra abundante e barata, faltavam consumidores, em resumo, as condições de base que só a reforma agrária podia fornecer a um crescimento industrial sustentado e viável."[9] Deste modo, a industrialização manifestou-se, sobretudo, com pequenos avanços, muitas vezes aproveitando situações de crise internacional[10]. Assim, a oficina de Alexandrino Melo surge numa época em que o tecido industrial português era marcado por pequenas empresas, descapitalizadas, tecnologicamente rudimentares, com baixos índices de produção e produtividade, e dependentes de capitais estrangeiros[11].

Apesar deste início difícil, a partir do ano de 1930, Portugal começou a abraçar a industrialização, apoiado na formação progressiva de profissionais qualificados nos setores industriais, comerciais e financeiros. Este processo gerou, ao longo das décadas seguintes, uma "dinâmica própria de industrialização autóctone"[12], que refletia uma verdadeira mudança de mentalidade quanto ao papel da indústria no panorama económico nacional. Em Amarante, o espírito da "indústria autóctone" manifestou-se através da oportunidade de explorar os recursos naturais da serra do Marão, nomeadamente a madeira, a magnetite, o estanho e o volfrâmio[13]. A exploração destes recursos naturais permitiu o desenvolvimento de setores como a extração de calcário, a produção de lanifícios, a metalurgia e a construção civil, para além da agricultura e da serração. Entre as empresas que se destacaram na região, além da "Fábrica dos Matias", surgiram: a Oficina metalúrgica do Alberto Marinho, a Fábrica de madeira aglomerada TABOPAN, a empresa Mota e Companhia, a Empresa AMC e a Oficina Metalocar. (Figura 4).

> "A empresa do Alberto Marinho situava-se no centro histórico de Amarante e depois foi deslocalizada para a periferia. Também foi uma grande escola, ainda antes do Rodrigo Matias Magalhães. Algumas pessoas que estavam no Alberto Marinho passaram para o Rodrigo Matias. (...) Aqui, o CENFIM, é uma escola industrial, mas grande parte dos empresários e muita gente aprendeu nas diversas empresas. A antiga Metalocar, já extinta, recentemente, também foi a escola de muita gente – desenhadores, serralheiros, etc. E é de escola em escola, a passagem de conhecimentos, do legado de testemunho que é importante. Aqui, tentamos conservar grande parte do conhecimento e transmiti-lo à geração atual e futura."[14]
>
> Sr. José Silveira - Diretor do Centro de Formação CENFIM

9 Mattoso, José. *"História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)"* . Vol. 7. Editorial Estampa, 1998. pág.61

10 Crise de 1890-1891, a I Guerra Mundial e a crise de 1929

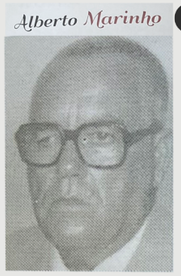
11 Mattoso, José. *"História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)"*. Vol. 7. Editorial Estampa, 1998. pág.75)

12 Braña, Celestino Garcia; Landrove, Susana; Tostões, Ana. *"A arquitetura da indústria 1925-1965: registo docomomo ibérico"*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. pág.14

13 Abreu, José Gonçalves de. *"A industrialização e os seus reflexos na vida económica do país. Tabopan: Boletim cultural e informativo"*. Amarante, 1971. pág.10

14 Entrevista realizada ao Sr. José Silveira. Inserida em anexo na página 157.

INDUSTRIAS LOCAIS



1. OFICINA ALBERTO MARINHO

Empresa iniciou atividade em 1926 e encerrou na última década do século XX.



4. METALOCAR Indústria de metalomecânica, s.a.

Empresa dedicada ao setor da metalomecânica, iniciou atividade em 1978 e encerrou recentemente.



2. TABOPAN Fábrica de madeiras aglomeradas

Empresa que iniciou atividade em 1929 e encerrou em 1997, encontrando-se hoje parto do complexo industrial em ruínas.



5. AMC Alexandrino Matias & Companhia S.A.

Empresa dedicada à metalurgia, iniciou atividades em 1982 e encontra-se ainda hoje em funcionamento.



3. MOTA & COMPANHIA, sa.

A empresa iniciou atividade em 1946 e encontra-se em funcionamento até aos dias de hoje. Está associada a várias obras e é reconhecida pelo nome "Mota Engil".



6. Fábrica dos Matias / SAITAM Oficina Rodrigo Matias Magalhães

Empresa dedica à metalurgia e metalomecânica, iniciou atividade em 1936 e encerrou em 2011, encontrando-se hoje o edifício em ruínas.



Figura 4. Industrias relevantes que surgiram no século XX em Amarante.

Foi neste contexto que, por volta do ano de 1936[15], Rodrigo Matias decidiu fundar a sua própria oficina, a "Oficina Metalomecânica Rodrigo Matias Magalhães" com a sigla SAITAM[16], mais tarde conhecida também como "Fábrica dos Matias". O local escolhido para a construção da fábrica, foi a antiga "Quinta do Tapado" (Figura 5), situada junto do centro da vila de Amarante, até então dedicada a atividades agrícolas. Embora a compra formal do terreno (4412m2) só tenha ocorrido a 26 de fevereiro de 1975[17], acredita-se que desde 1936 uma parcela tenha sido arrendada ou cedida a Rodrigo para a instalação da fábrica.

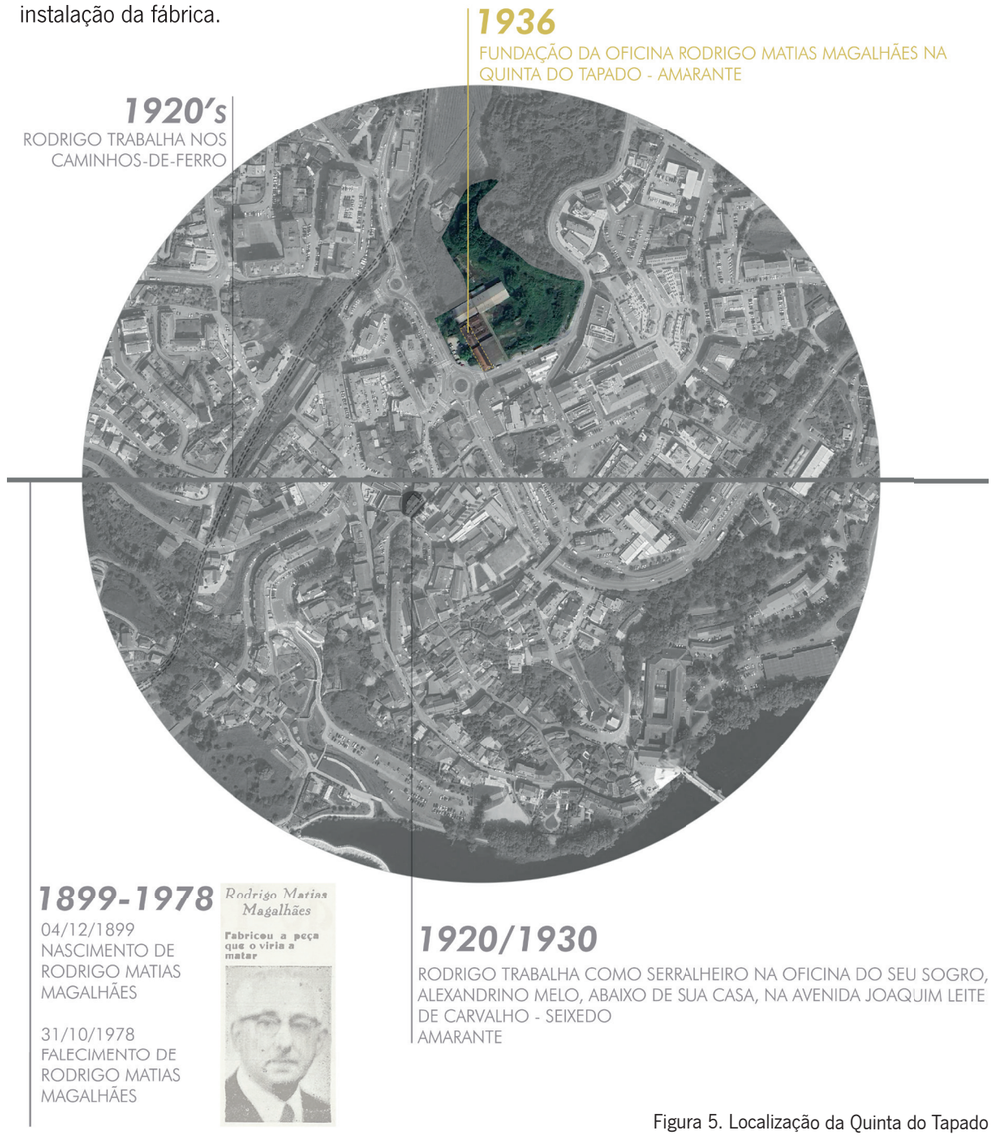


Figura 5. Localização da Quinta do Tapado

15 Informação recolhida do cartaz informativo de nome "Oficinas Rodrigo Matias Magalhães", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante. Inserido em anexo 1 na página 96.

16 SAITAM (palavra Matias invertida). Consultar entrevista realizada a Alexandrina Matias (neta de Rodrigo Matias Magalhães) localizada em anexo na página 158.

17 Consultar ata inserida em anexo nas páginas 97, 98 e 99.

Através das entrevistas realizadas a antigos funcionários da fábrica e a familiares de Rodrigo, bem como através das visitas ao local, concluímos que a construção do primeiro edifício, erguido por volta do ano de 1936, foi uma construção em pedra, com dois pisos e um telhado de duas águas. O piso superior (piso 0) acolhia as secções de mecânica, de serralharia e de escritório, enquanto o rés-do-chão (piso -1) albergava a secção da fundição e o armazém (Figura 6). As primeiras atividades desenvolvidas centravam-se "na fundição e separação de minérios – volfrâmio e estanho – e à serralharia de vagonetas, carrinhos de mão e similares"[18] , destinados essencialmente ao setor agrícola e ferroviário.

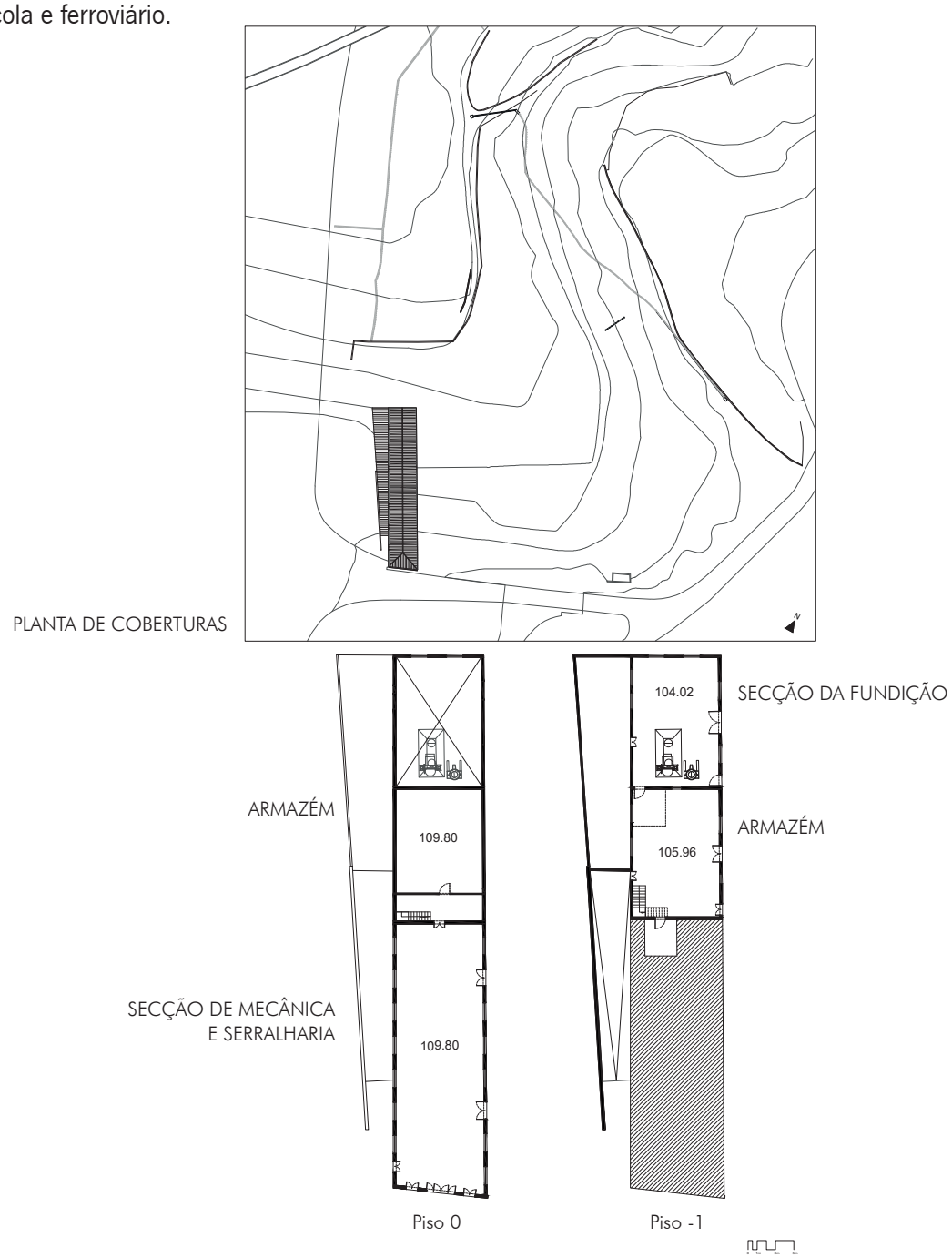


Figura 6. 1ª fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1936

18 Informação recolhida do cartaz informativo de nome "Oficinas Rodrigo Matias Magalhães", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante. Consultar anexo da página 96.

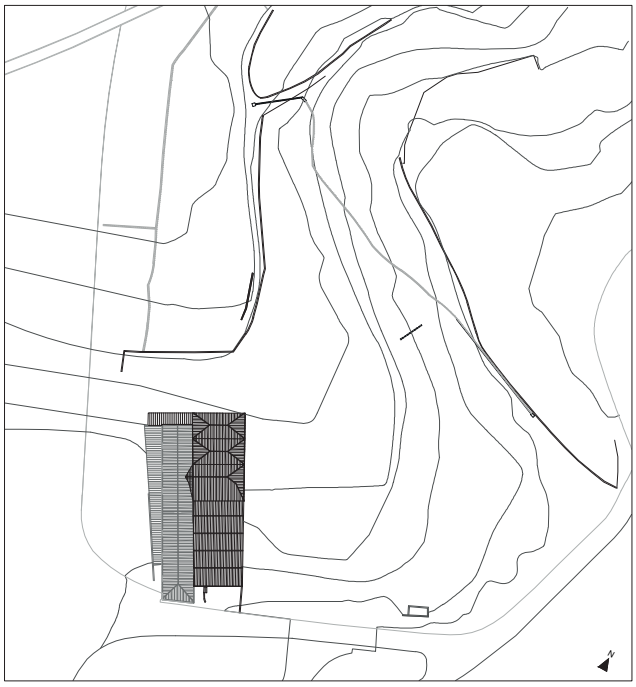
A entrada de Alexandrino Matias, filho do fundador, marcou uma viragem significativa na trajetória da empresa. Para além de impulsionar o progresso técnico dos produtos fabricados, Alexandrino foi decisivo na ampliação da rede de clientes[19], em sintonia com a expansão nacional da construção civil e das obras públicas. Esse dinamismo refletiu-se, nomeadamente, durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando, em 1943[20], a fábrica sofreu a sua primeira grande expansão, acompanhando a dinâmica industrial portuguesa que, apoiada na formação de mão de obra qualificada, começou a consolidar-se.

Esta expansão consistiu na construção de um novo edifício adjacente ao original (Figura 7), com dois pisos compartimentados, que permitiu a criação de novas secções produtivas, incluindo a britagem, a forja, os tornos e a carpintaria (Figura 8). Nesta fase, destacou-se a produção de máquinas para betão destinadas à empresa Mota & Companhia, "inclusivamente, o maior cliente da empresa (...)."[21], bem como a produção de máquinas de britagem, destinadas a pedreiras e grandes empreitadas. Este cenário ilustra a necessidade da integração entre a atividade fabril e as necessidades de modernização do país.



Figura 7. Localização do 2º edifício da Fábrica dos Matias entre 1939-1945

19 Excerto da entrevista do antigo funcionário José Sidónio, consultar anexo na página 153..
20 Consultar ata em anexo das páginas 100 - 108.
21 Excerto da entrevista do antigo funcionário José Sidónio, consultar anexo na página 153.



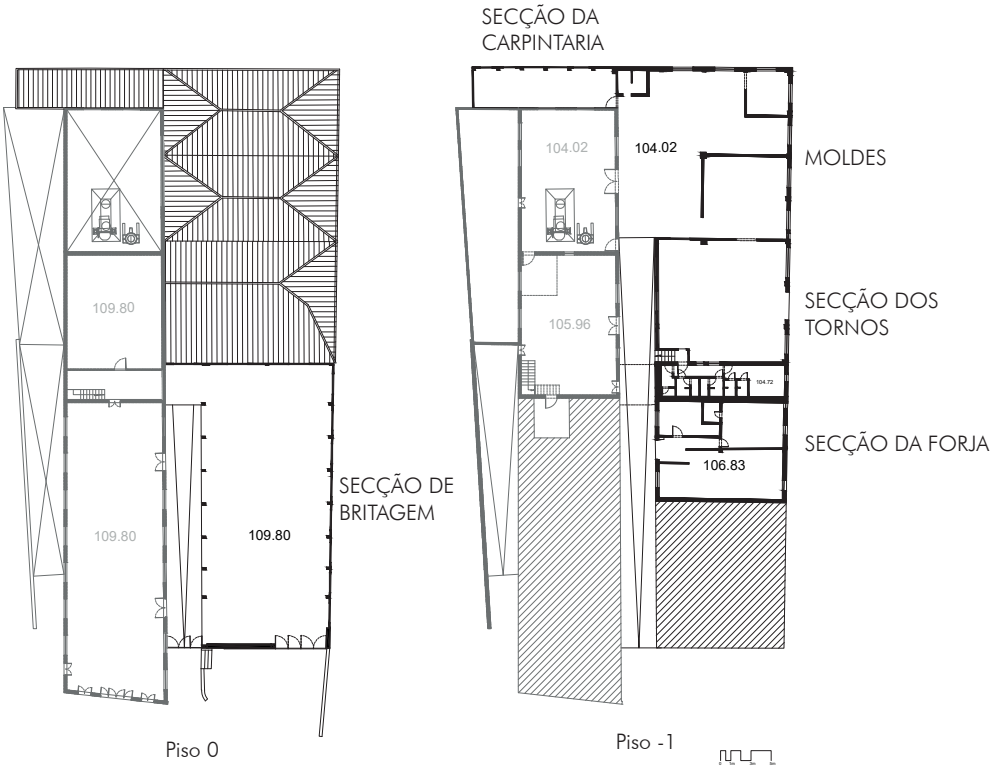


Figura 8. 2ª fase do edifício da Fábrica dos Matias entre 1939 e 1945

O verdadeiro ponto de viragem, contudo, ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando o Estado português lançou políticas industriais com o objetivo de impulsionar a produção e desenvolver a economia, levando à expansão da malha industrial por todo o país. Este contexto proporcionou novas oportunidades de crescimento para a empresa, que soube adaptar-se às exigências de um mercado em transformação e consolidar a sua posição no setor industrial.

Na década de 1970, a "Fábrica dos Matias" expandiu novamente as suas instalações, adquirindo mais uma parcela da "Quinta do Tapado", onde foi construído um pavilhão de grandes dimensões, planta livre, paredes de alvenaria e sem cobertura.

José Sidónio, ex-funcionário da fábrica, recorda:

> Quando entrei para lá, em 1968, trabalhei na secção de mecânica e depois fui para a serralharia, que ficava no lugar desse pavilhão. Antes da construção do pavilhão, trabalhávamos num campo grande junto ao ribeiro e ao túnel, a que chamávamos 'praia'. Trabalhávamos ao sol, que incidia intensamente durante o verão, por isso é que chamávamos a este sítio "praia". Com o tempo, construíram uma cobertura porque precisávamos de trabalhar com melhores condições e havia também a necessidade de instalar pontes rolantes para movimentar toneladas de material. Era o espaço ideal para outro tipo de maquinaria.[22]

Através deste testemunho, percebemos que esta expansão permitiu melhorar as condições de trabalho, albergar novas máquinas e aumentar a capacidade de produção. Mais tarde, com a construção da cobertura do pavilhão em estrutura metálica de duas águas (Figura 9), foi também construído o escritório de Alexandrino Matias, a uma cota elevada do chão e localizado na lateral esquerda do pavilhão (Figura 10).

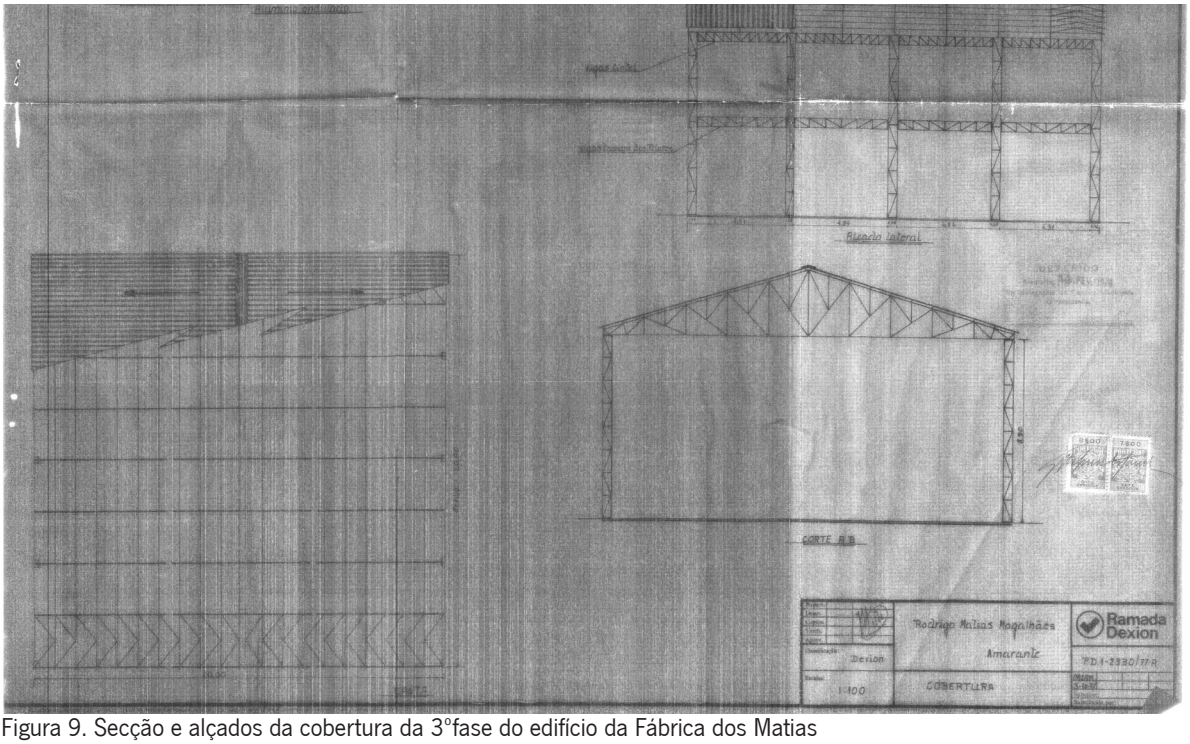


Figura 9. Secção e alçados da cobertura da 3ºfase do edifício da Fábrica dos Matias

22 Excerto da entrevista do antigo funcionário José Sidónio. Consultar anexo na página 153.

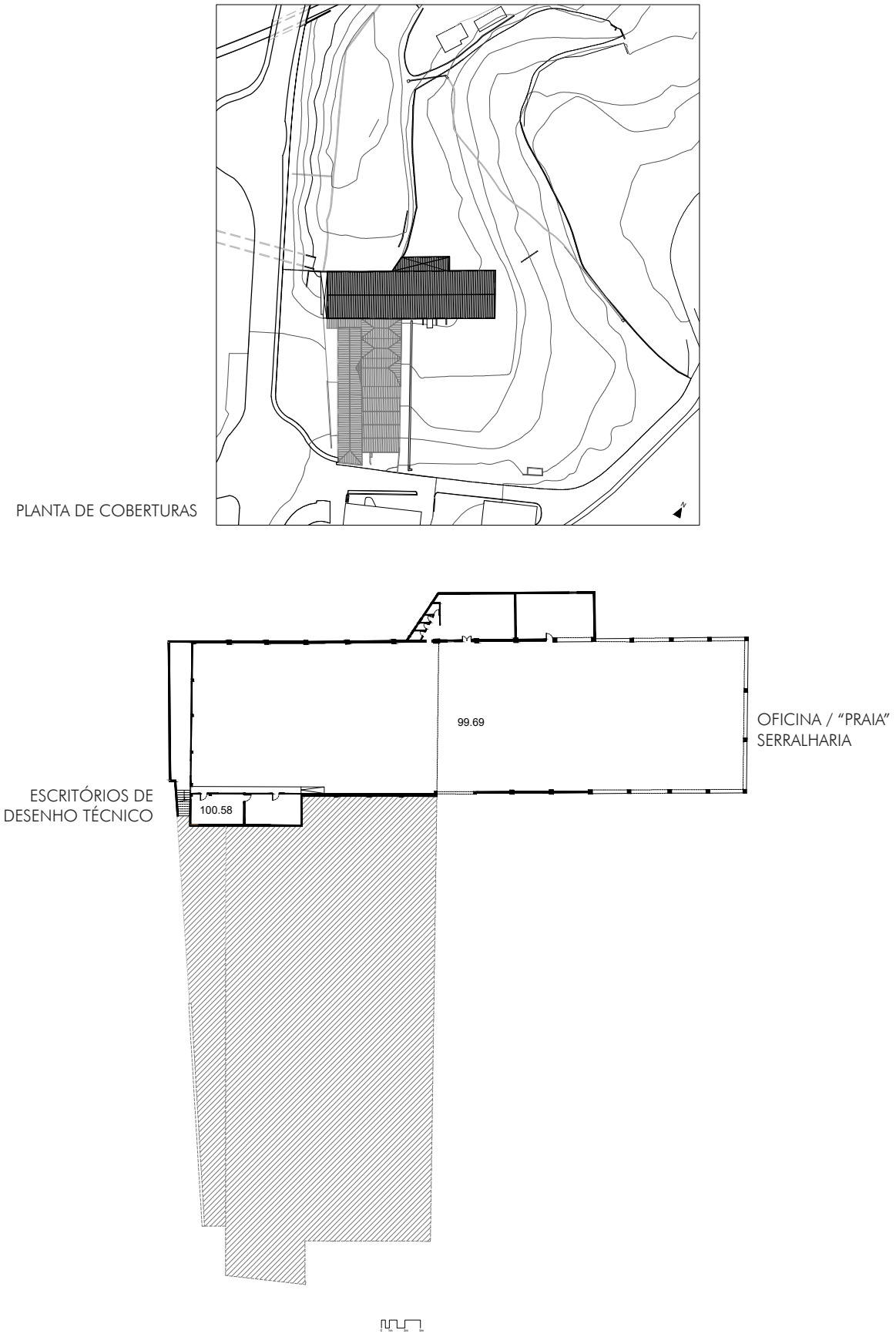
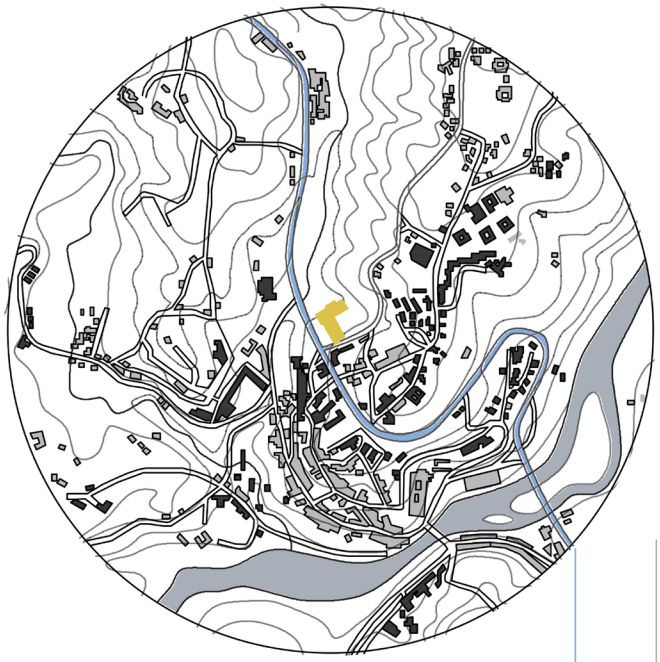


Figura 10. 3ª fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1970



INTERPRETAÇÃO DA PLANTA MILITAR DE 1982

1936
FUNDAÇÃO DA OFICINA RODRIGO MATIAS MAGALHÃES
NA QUINTA DO TAPADO - AMARANTE

1939 - 1945
CONSTRUÇÃO DE UM NOVO VOLUME COM DOIS PISOS

1967
INAUGURAÇÃO
ESTRADA NACIONAL 15

1970
CONSTRUÇÃO DE UM PAVILHÃO

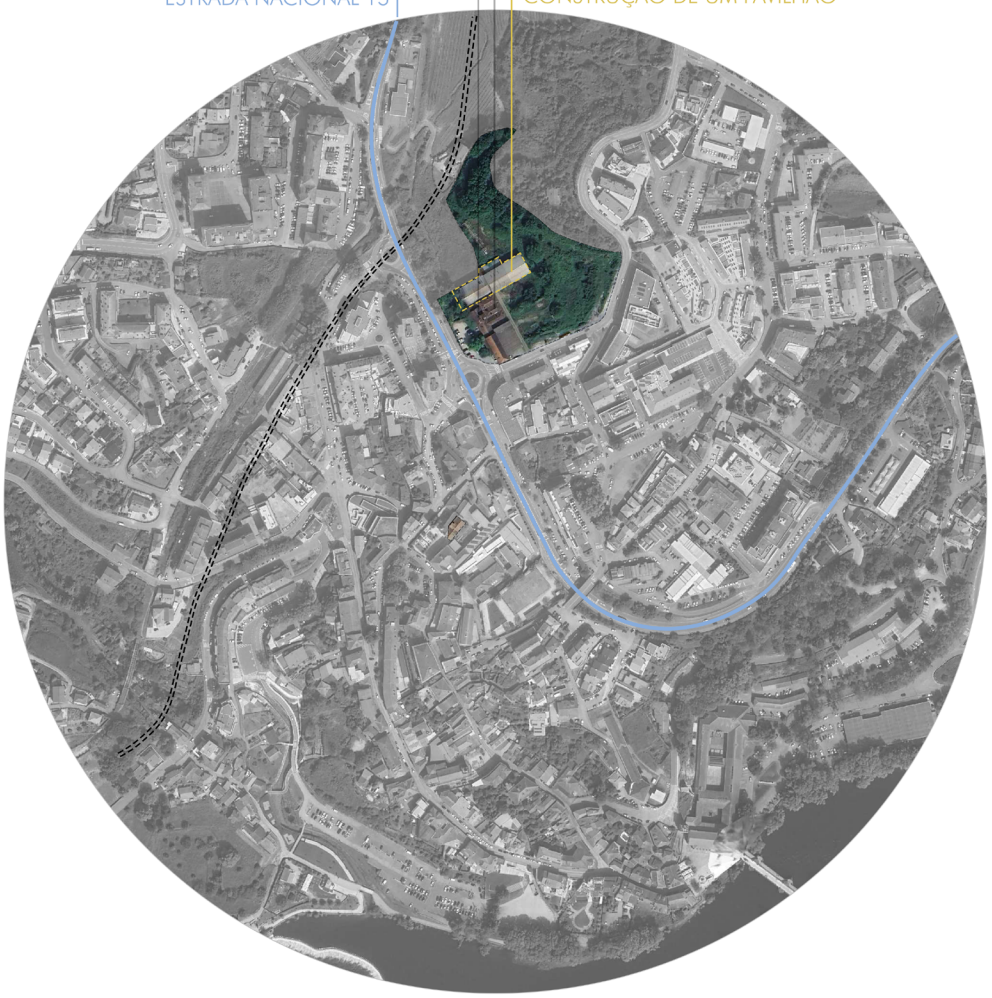


Figura 11. Mapa representativo da estrada nacional 15 como orientadora da expansão da cidade e da Fábrica

Esta expansão não só modernizou a fábrica, como acompanhou o crescimento urbano de Amarante, que começava a estender-se para além das margens do rio Tâmega, impulsionado pela melhoria das infraestruturas viárias (Figura 11). Um marco importante neste processo foi a inauguração da "Estrada Nacional 15", a 24 de novembro de 1967 (Figura 12 e 13), concebida para responder "há necessidade, cada vez maior, de desviar o trânsito, sobretudo de veículos pesados, da parte central da Vila"[23]. Conhecida como "Estrada do Douro e Trás-os-Montes", esta via tornou-se o principal eixo estruturante do território, facilitando a ligação entre as cidades do Porto e Bragança. A acessibilidade proporcionada pela "Estrada Nacional 15", em conjunto com a construção da Ponte Nova, que unia as duas margens do rio Tâmega, não só favoreceu o aumento da população, como também orientou a expansão urbana e industrial da cidade. O tecido urbano, anteriormente concentrado junto às margens do rio, começou a estender-se em direção às novas vias de entrada e saída da cidade, refletido o impacto direto destas infraestruturas no desenvolvimento local[24]. Estre troço viário revelou-se fundamental para o crescimento do setor industrial, consolidando Amarante como um ponto estratégico na rede económica e territorial da região.

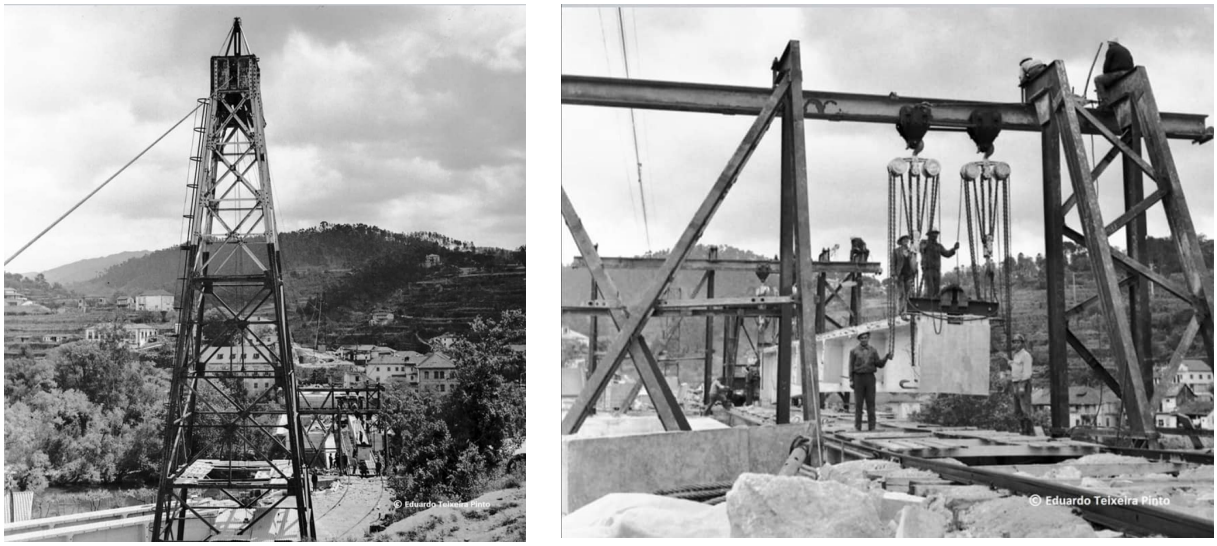


Figura 12. Fotografias da construção da ponte nova de Amarante. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

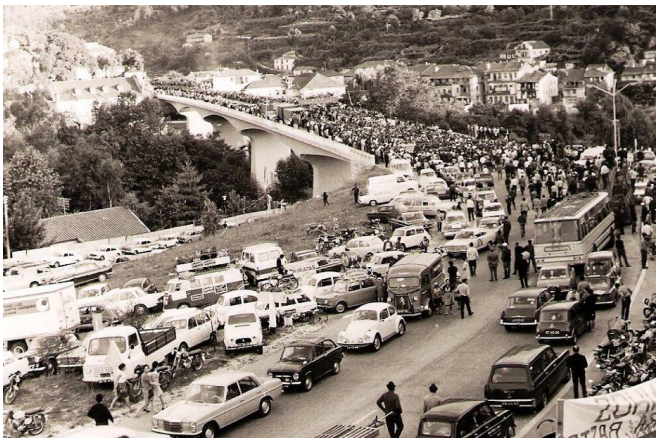


Figura 13. Fotografia da inauguração da Ponte nova de Amarante a 24 de novembro de 1967.
Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

23 Macedo, Luís. *"Pequena história de Amarante".* 1993. pág.22
24 Amarante Congresso Histórico 98 : Actas-vol.1, tomo 2: História Política, Sociedade e Economia 2001, pág. 596

> Nesta altura, Rodrigo Matias Magalhães era o proprietário da fábrica, mas os filhos é que já geriam a empresa. Para além do Sr. Alexandrino Matias, que era responsável pela área da construção civil, a área laboral e o contacto com os clientes, havia também o Sr. Artur Matias (também ex comandante dos bombeiros) que fazia a parte do escritório e o Sr. Joaquim Matias que estava responsável pela área do armazém.
>
> Excerto de entrevista realizada a um antigo funcionário, José Sidónio

Em 1978, com o falecimento de Rodrigo Matias Magalhães, a fábrica foi herdada pelos seus filhos, que já participavam na gestão da empresa. No entanto, sofre uma transformação quando Alexandrino Matias decide afastar-se da empresa familiar e inaugura a sua própria empresa, a "AMC" (Alexandrino Matias & Companhia), em 1982, localizada na Lomba, em Amarante. Estas transformações internas acompanharam também as dificuldades das décadas de 1970 e 1980, geradas pela crise industrial nacional e pela perda de competitividade face ao contexto europeu. No entanto, a fábrica continuou a ser um importante polo empregador no concelho, transmitindo saberes técnicos que se disseminaram noutras empresas locais.

A "Fábrica dos Matias" manteve-se em funcionamento e, em 1984, foi alvo da sua última expansão[25] : um novo pavilhão de menor dimensão, de estrutura metálica e revestido com fibrocimento (Figura 14 e Figura 15). José Sidónio, relata: "este pavilhão servia para pintar as máquinas e também para arrecadação. Como era o espaço coberto mais limpo, confesso que até fazíamos lá jantares de Natal, almoços e lanches".[26]

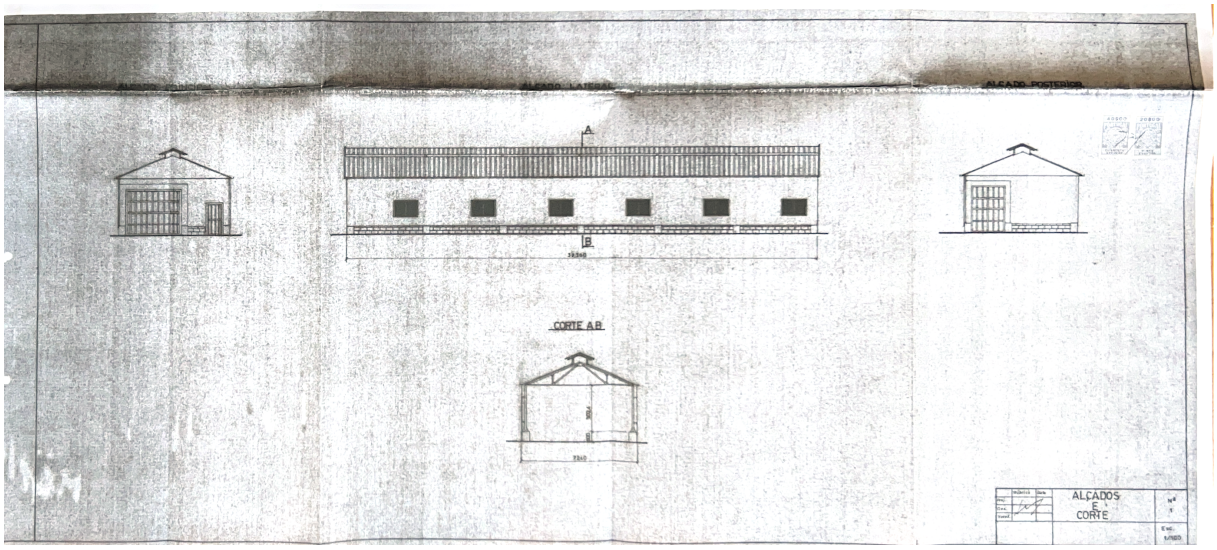
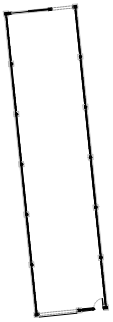
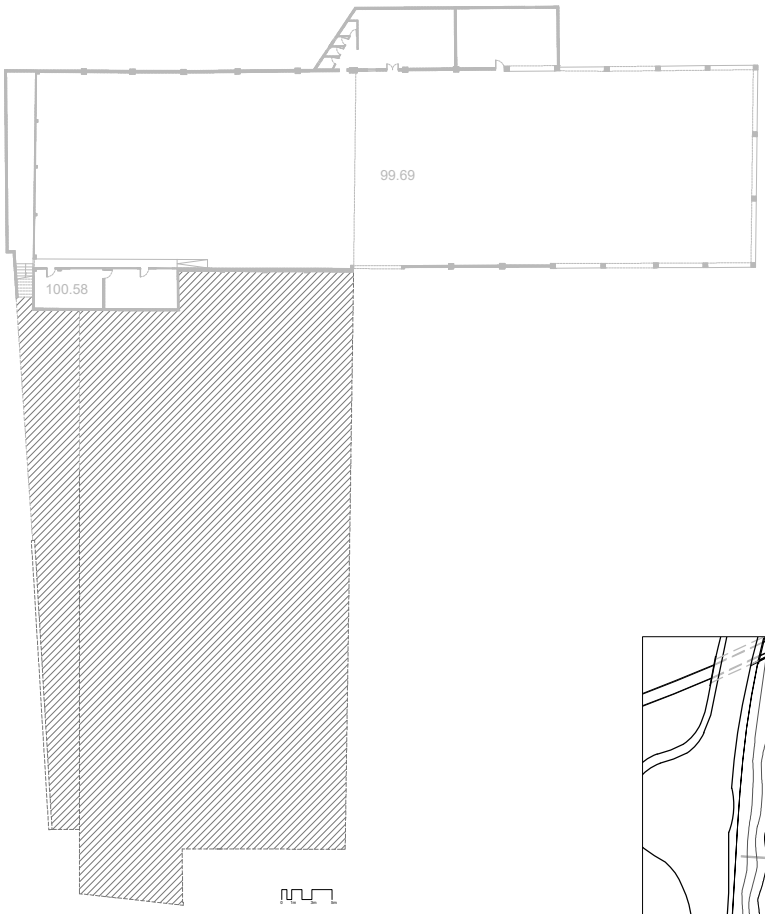


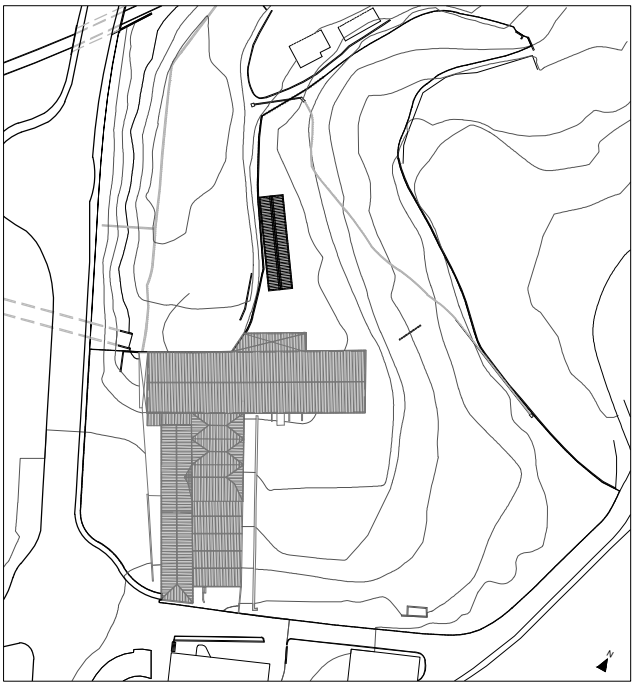
Figura 14. Secção e alçados da 4º fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1984

25 Consultar imagem do licenciamento em anexo das páginas 117-121.
26 Consultar entrevista completa a José Sidónio inserida em anexo na página 153.



SECÇÃO DE PINTURA / ARMAZÉM





PLANTA DE COBERTURAS

Figura 15. 4ª fase do edifício da Fábrica dos Matias em 1984

O dinamismo da fábrica contribuiu para a evolução da vila em direção ao estatuto de cidade, alcançado a 8 de julho de 1985. A qualidade e o impacto da produção industrial, da qual a "Fábrica dos Matias" foi um dos maiores expoentes, atraiu população, melhorou condições de vida e favoreceu a fixação de atividades complementares.

Contudo, a partir da década de 1990, a oficina (Figura 16) entrou num período de declínio. O afastamento de Alexandrino Matias, que detinha os principais contactos comerciais, nomeadamente com empresa Mota & Companhia, teve impacto direto na redução das encomendas. Apesar das tentativas de manter a atividade, a incapacidade de reestruturar o negócio ou diversificar a lista de clientes levou à progressiva perda de relevância no setor.[27]

Ainda assim, a estabilidade financeira acumulada permitiu à empresa manter os trabalhadores durante algum tempo, mesmo com uma significativa diminuição do volume de trabalho. Eventualmente, acabou por declarar insolvência e encerrou definitivamente em 2011 (Figura 11 e Figura 18). Parte dos seus ativos, como a sucata metálica, foi vendida com o objetivo de indemnizar os trabalhadores.

A "Fábrica dos Matias" foi, assim, não apenas um marco da industrialização local, como também foi considerada um verdadeiro "viveiro" de novos empresários e trabalhadores qualificados, responsáveis por dar continuidade à tradição metalúrgica de Amarante[28].

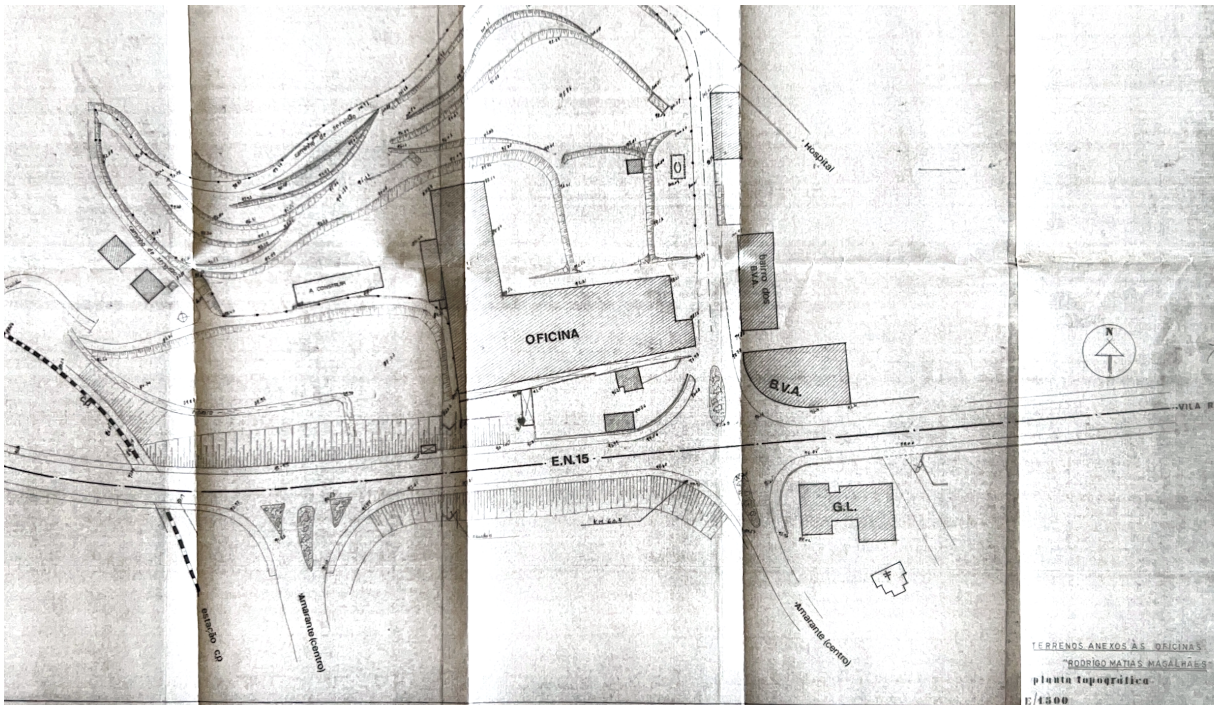


Figura 16. Planta topográfica do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias

27 Informação retirada das entrevistas realizadas a antigos funcionários da empresa.

28 Curiosidades Metalomecânicas Amarante - cartaz da Câmara Municipal de Amarante, consultar em anexo na página 130.

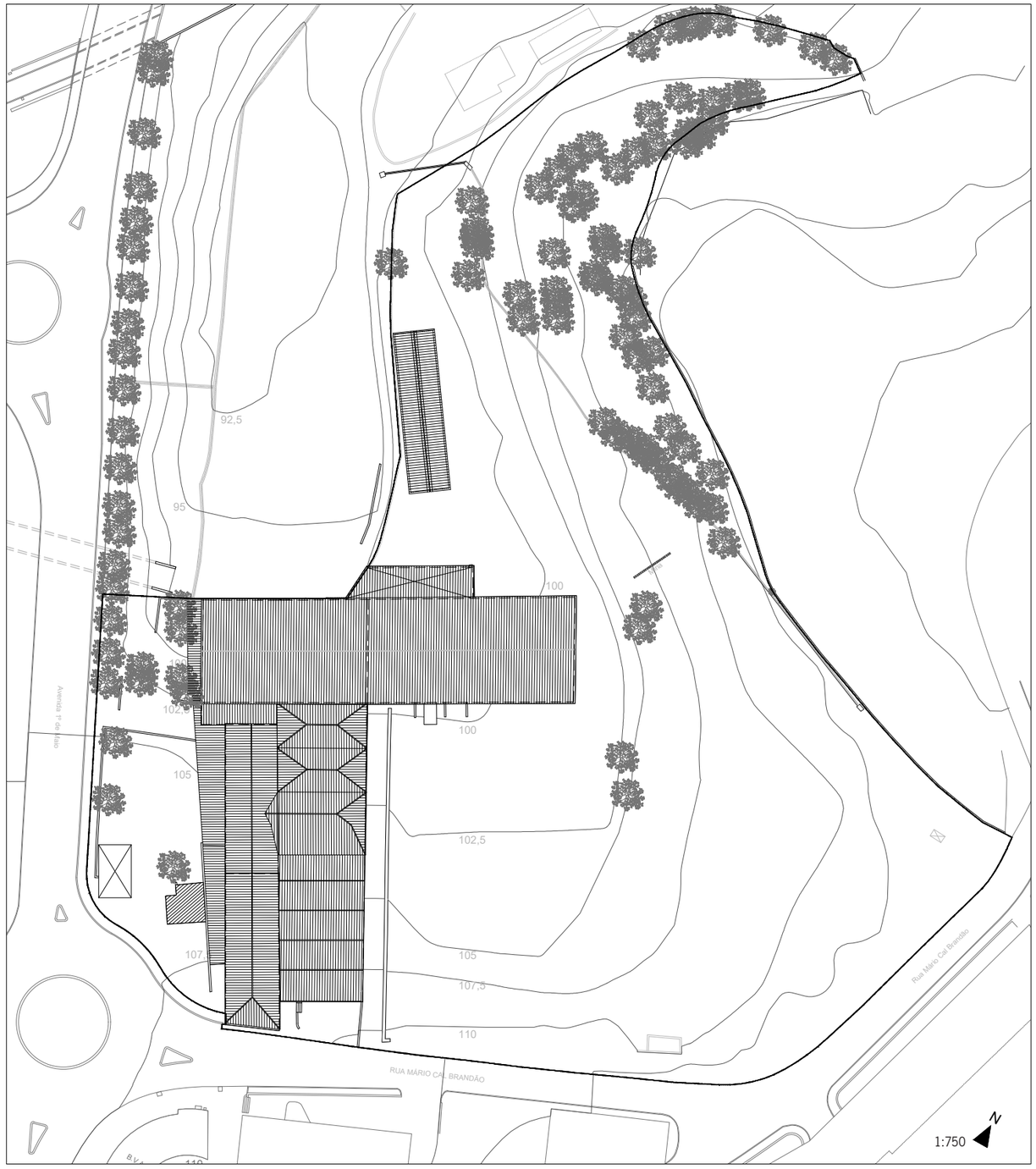


Figura 17. Planta de cobeturas do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias

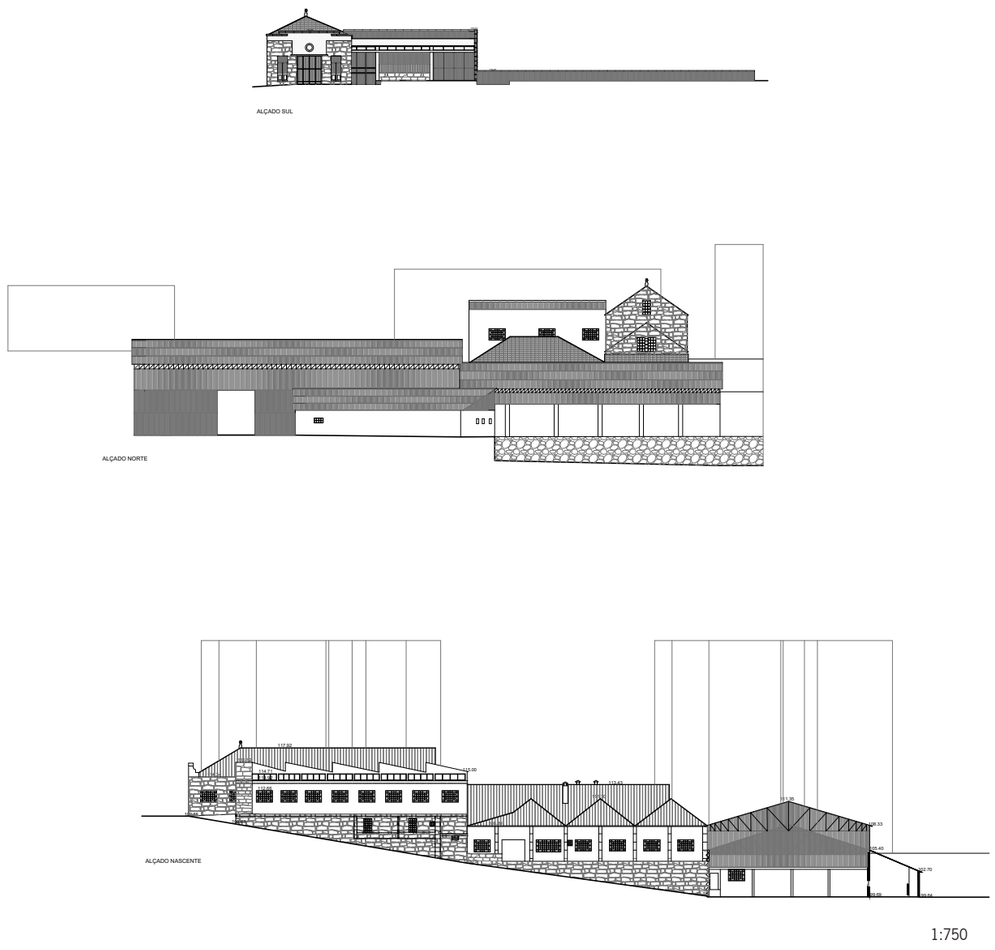


Figura 18. Alçados do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. Levantamento fornecido pela Câmara Municipal de Amarante

A FÁBRICA DOS MATIAS

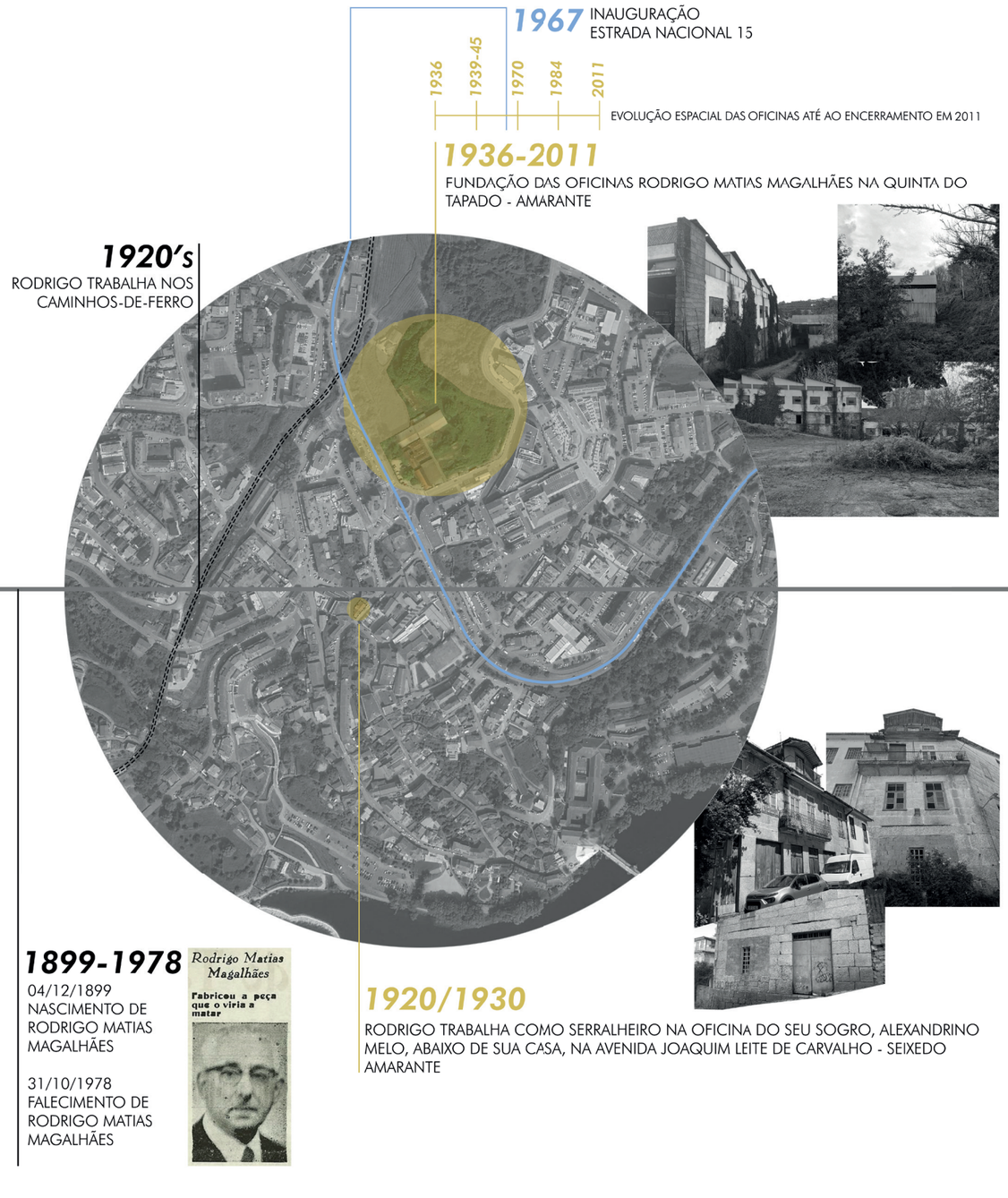
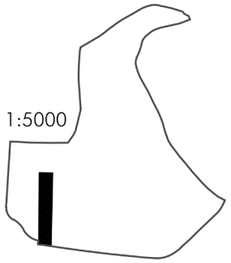
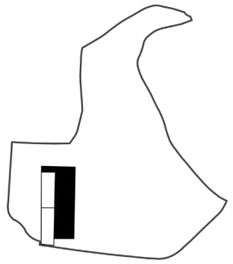
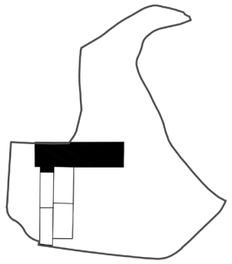
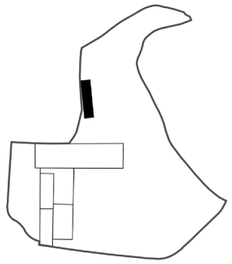


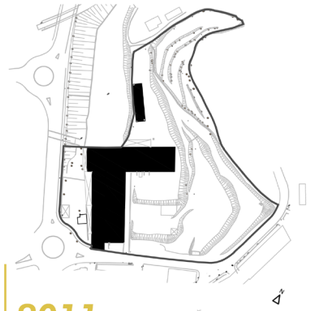
Figura 19. Esquema síntese da evolução espacial da Fábrica dos Matias.











1920/30

OFICINA NA GARAGEM DE CASA, NO SEIXEDO - AMARANTE

1ªFase 1936

FÁBRICA DOS MATIAS: CONSTRUÇÃO DE UM VOLUME COM DOIS PISOS

2ªFase 1939-45

CONSTRUÇÃO DE UM NOVO VOLUME COM DOIS PISOS

3ªFase 1970

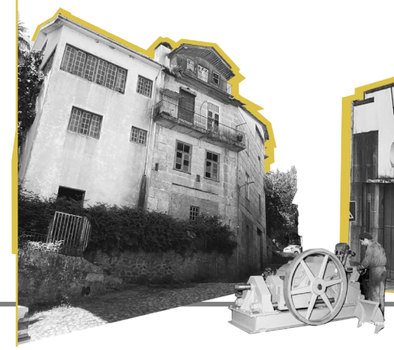
CONSTRUÇÃO DE UM PAVILHÃO DE PLANTA LIVRE

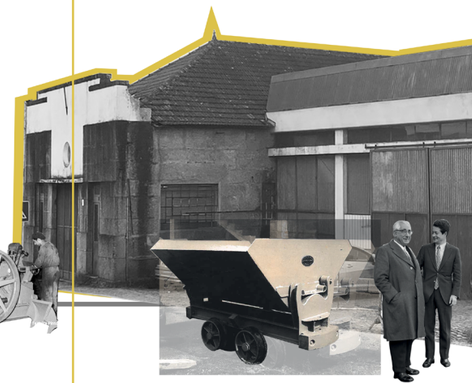
4ªFase 1984

CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PAVILHÃO

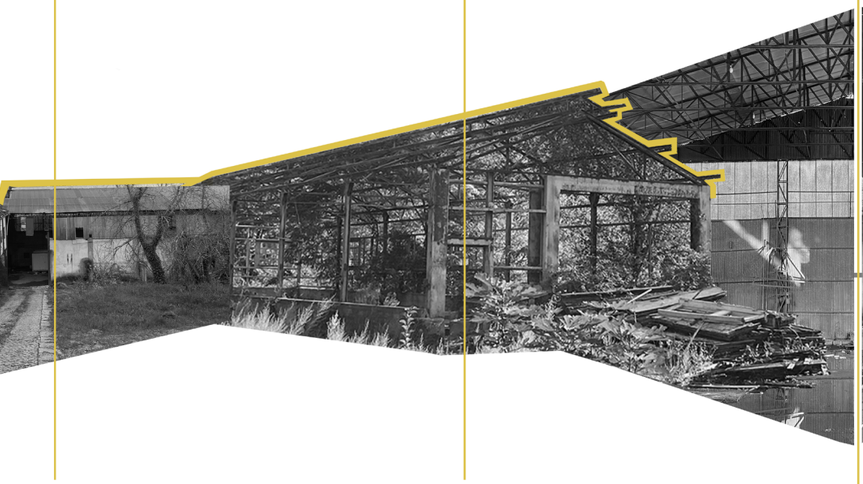
2011

FALÊNCIA E ENCERRAMANETO DA FÁBRICA



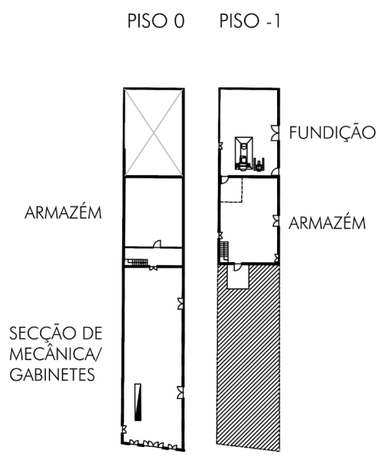


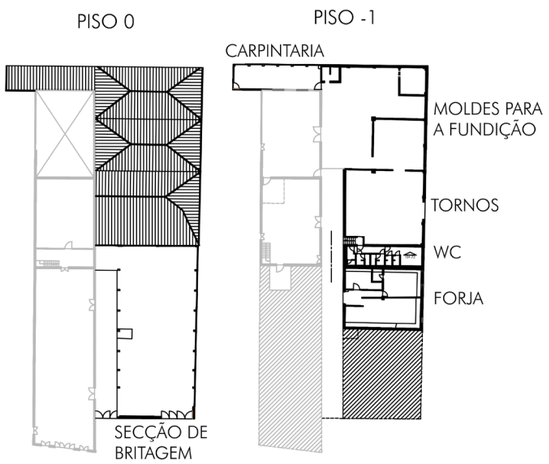


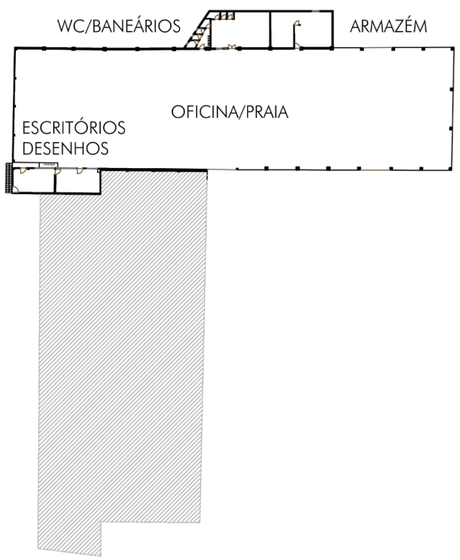




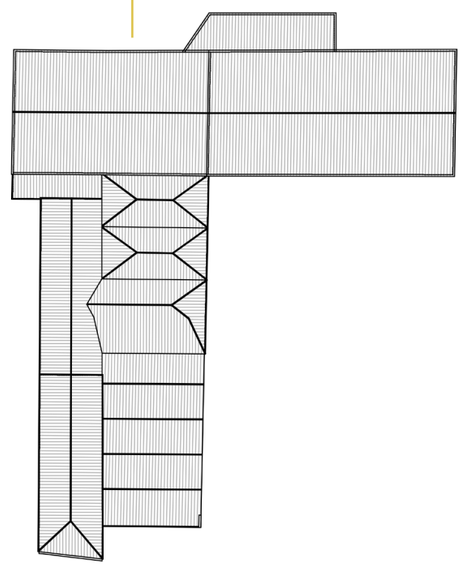
1:1000











1.2. A ATIVIDADE INDUSTRIAL

Depois de compreendermos a evolução histórica e construtiva da "Fábrica dos Matias", e após o seu encerramento definitivo em 2011, olhamos agora para o conjunto edificado como uma estrutura que foi construída e adaptada para responder às necessidades da produção industrial. Desta forma, as plantas da fábrica (Figuras 20,21 e 22) e os respetivos cortes (Figura 23) permitem-nos não só identificar onde se localizavam as antigas áreas de trabalho como também compreender como é que estas se articulavam entre si no processo de produção das peças, desde o desenho inicial até à montagem final das máquinas. Os testemunhos dos antigos funcionários tornam esta leitura mais concreta e vivida, permitindo associar os espaços desenhados às experiências de quem os utilizava diariamente.

José Sidónio descreve essa organização a partir da sua própria experiência:

> A "praia" era onde eu (Sidónio) trabalhava, era a secção da serralharia. Mas havia uma secção mais acima que era os tornos. Os torneiros, efetuavam trabalhos de torno e trabalhavam 10/12/15 pessoas com aquela profissão em específico. Depois ao lado, havia também a fundição, que também era fundamental na empresa. A secção da carpintaria servia para uso específico da empresa, fornecia caixas de madeira para fazer os moldes. Na área onde se fazem as atuais exposições, havia duas secções, o escritório e a secção de mecânica. A mecânica de uma maneira geral só servia para o uso interno, o conserto dos carros da empresa, salvo raras exceções. Também podia num ou outro caso, vir um mecânico permanente fazer algum trabalho para fora. Lá tem a entrada principal onde fazem as exposições, e no fundo tem uma porta que dá acesso ao armazém principal, abaixo das escadas de madeira à direita.[29]

Através deste testemunho, percebemos que a fábrica era composta por várias secções especializadas, distribuídas de acordo com as necessidades da produção. A "praia", associada à serralharia, os tornos, a fundição, a carpintaria, a mecânica, a britagem, o escritório e o armazém não existiam como espaços isolados, mas sim como partes de um mesmo sistema. A proximidade entre estas secções, localizadas lado a lado ou em contacto direto, tornava o trabalho mais fluído, o que facilitava a circulação das peças, dos materiais e dos próprios trabalhadores. Desta forma, a relação espacial interna da fábrica ajudava a tonar o processo produtivo mais contínuo e eficiente.

29 Consultar entrevista completa a José Sidónio inserida em anexo na página 153.

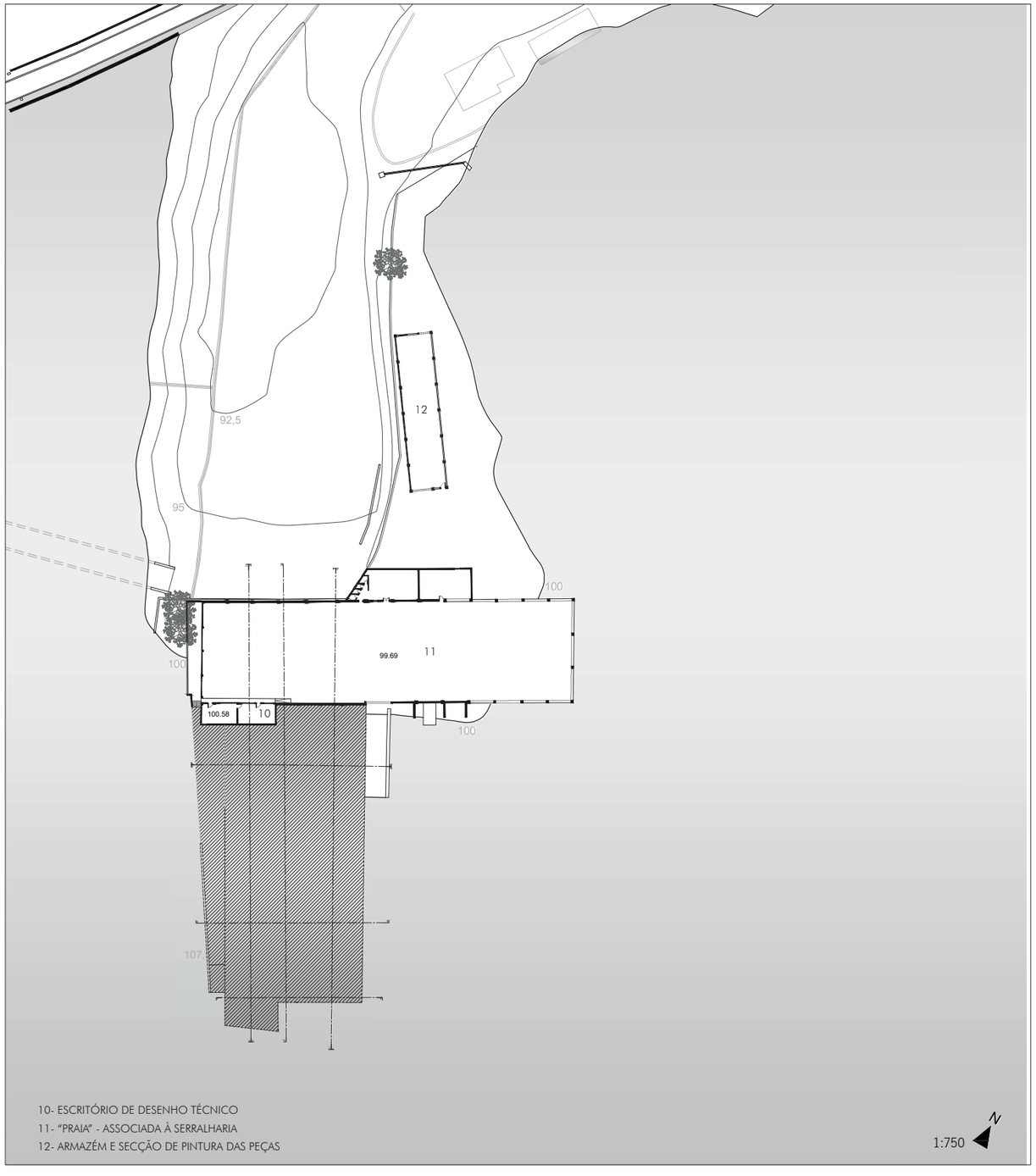


Figura 20. Planta de piso -2 da Fábrica dos Matias

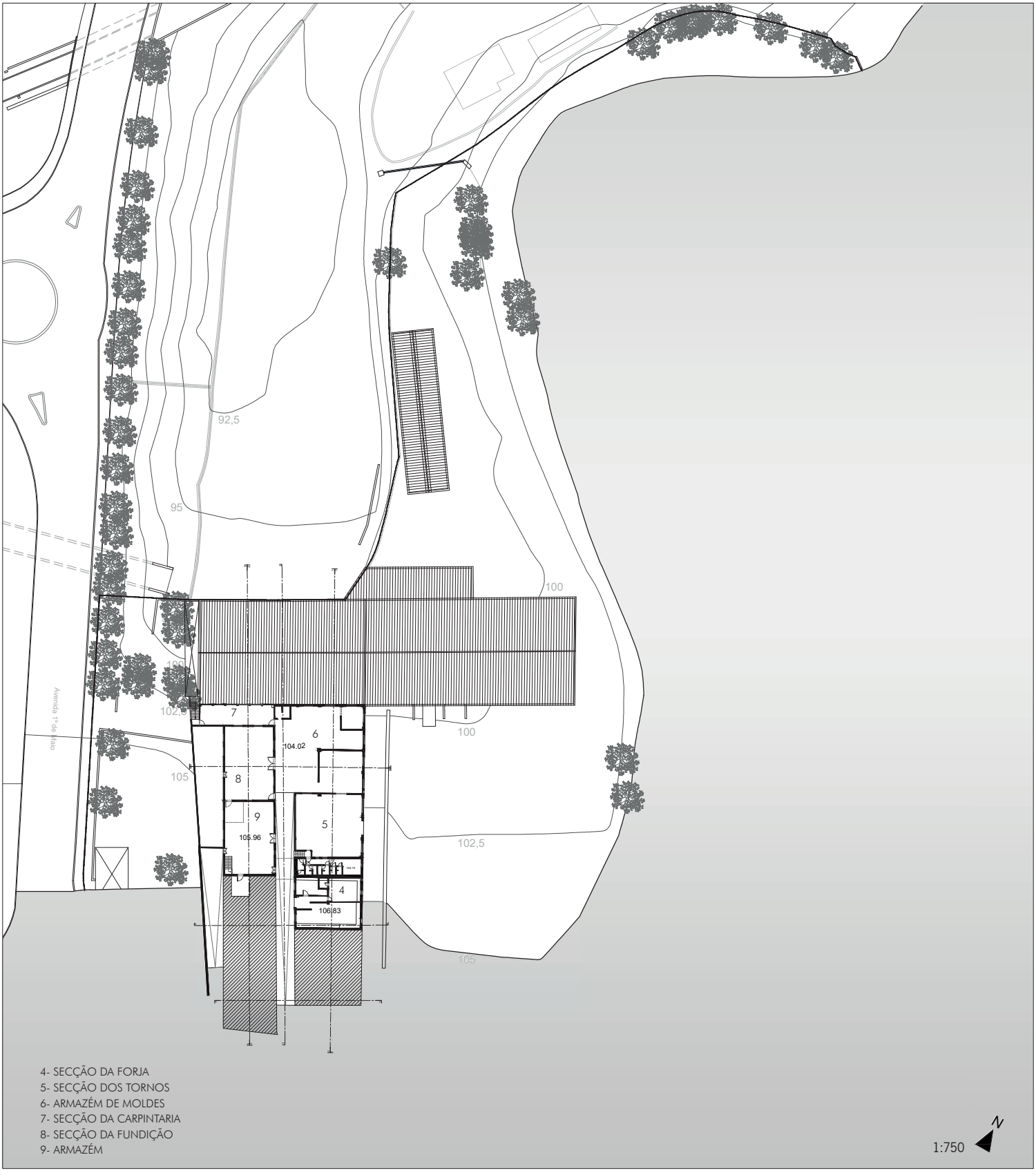


Figura 21. Planta de piso -1 da Fábrica dos Matias

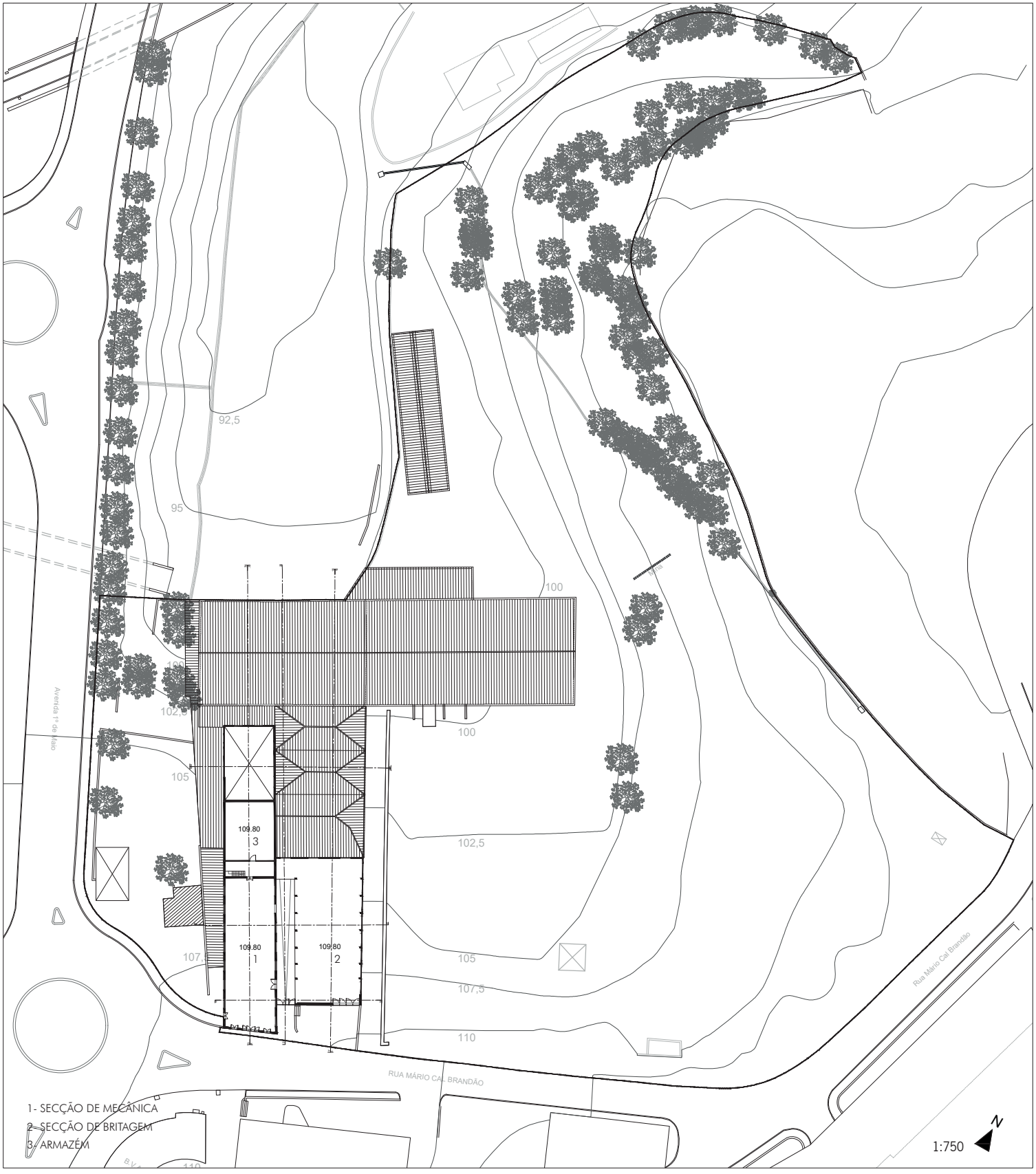
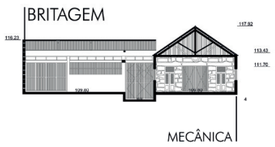
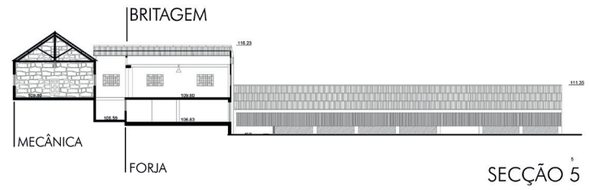


Figura 22. Planta de piso 0 da Fábrica dos Matias

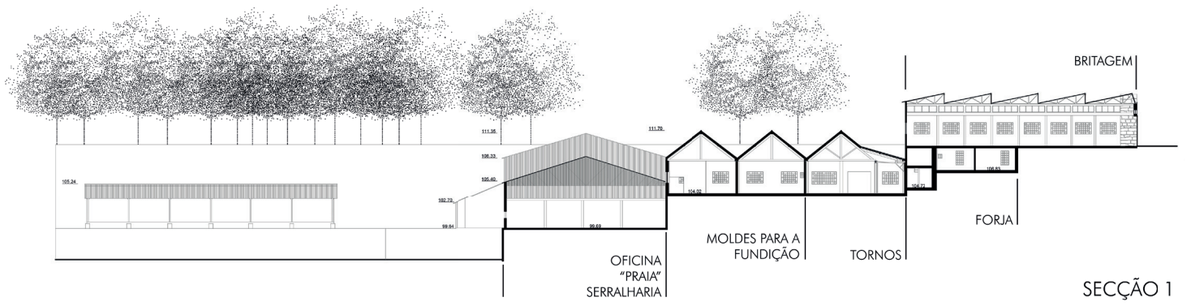




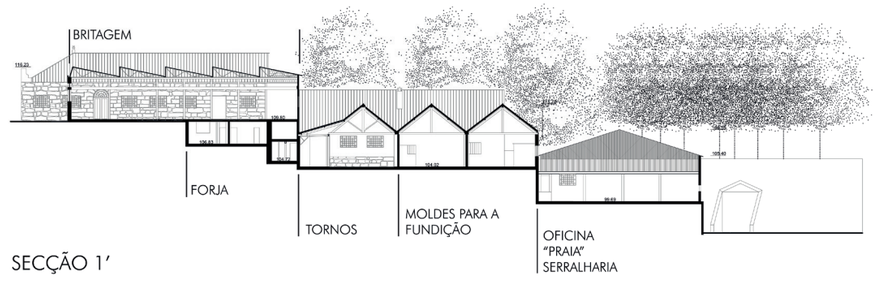
SECÇÃO 4



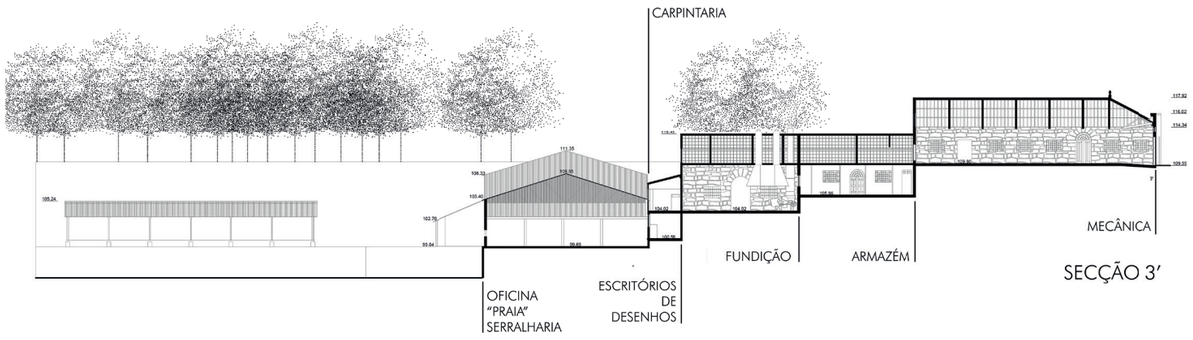
SECÇÃO 5



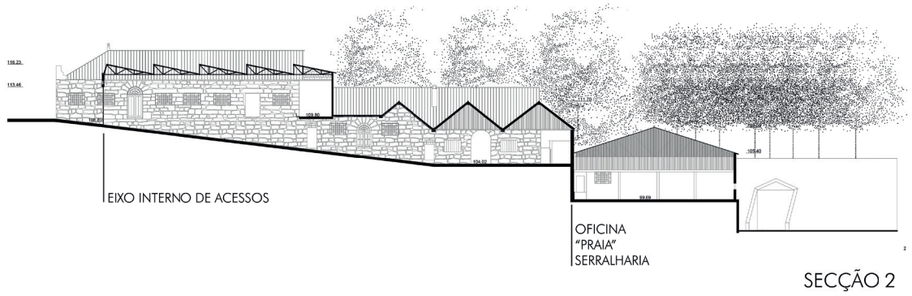
SECÇÃO 1



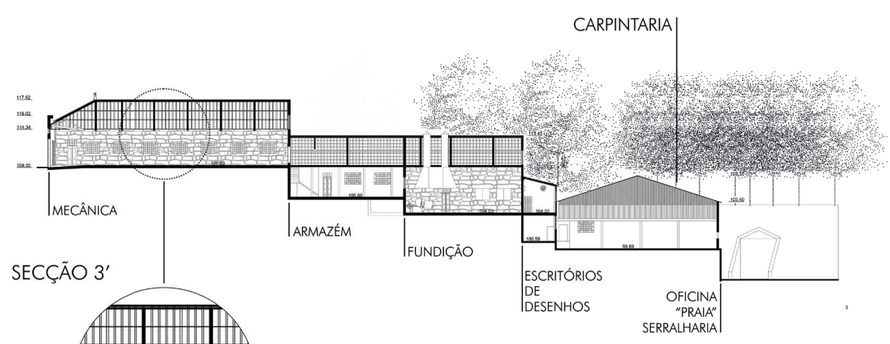
SECÇÃO 1'



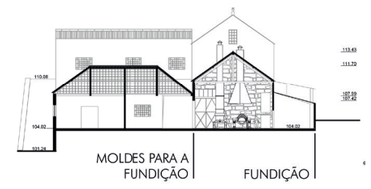
SECÇÃO 3'



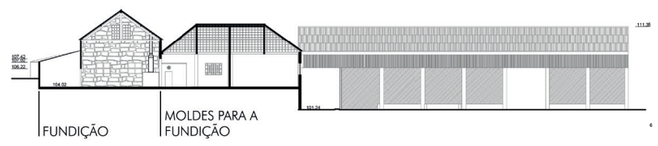
SECÇÃO 2



SECÇÃO 3'



SECÇÃO 6'



SECÇÃO 6

Figura 23. Cortes representativos das diferentes secções de trabalho da Fábrica dos Matias

Depois de compreendermos a organização espacial das secções, importa perceber de que forma o processo produtivo se desenvolvia. António Andrade, antigo funcionário da empresa, ajuda-nos a compreender melhor como funcionava esse processo:

> O processo iniciava com o engenheiro que tirava os apontamentos e falava com o desenhador
>
> para explicar a peça que era pretendida. O desenhador fazia os desenhos todos. Depois os desenhos das peças individuais eram entregues nas respetivas secções. As peças que precisavam de trabalho de torno, eram entregues nessa secção. Várias peças eram fundidas primeiro na secção da fundição. No espaço ao lado da fundição, os trabalhadores limpavam as peças e rebarbavam. As peças seguiam para os tornos para serem torneadas e seguiam para a montagem que podia ser tanto na secção de britagem como na "praia".[30]

Numa primeira fase, as peças eram desenhadas no gabinete de desenho técnico, onde o rigor era fundamental para garantir a viabilidade do produto final. Após a concretização dos desenhos, estes eram entregues na secção de carpintaria. Aqui eram construídos os moldes das peças em madeira, que seguiam posteriormente para a secção da fundição. Neste setor, era também necessária grande atenção ao detalhe, uma vez que qualquer erro comprometeria o processo de fundição e o encaixe das peças na fase seguinte. Na secção da fundição, o trabalho envolvia a fusão de metais como o ferro e o aço, que seriam depois vertidos nos moldes de madeira, originando peças com geometrias específicas.

Depois da peça construída, esta podia seguir para diversas secções, dependendo das suas necessidades específicas. Podia seguir para a secção dos tornos, onde os trabalhadores, com o auxílio de várias máquinas e ferramentas, davam os acabamentos finais às peças metálicas. A peça podia também seguir para o setor da serralharia, que representava uma área de grande dinamismo, dedicada ao corte, conformação e soldadura de estruturas metálicas. Era aqui que se produziam peças de suporte, chassis, grelhas, caixilharias e diversos componentes estruturais, essenciais para a montagem final dos equipamentos. Podia ainda seguir para a secção da forja, que por sua vez, era o espaço onde se moldavam metais a quente, com recurso a martelos e prensas, conferindo resistência e formas específicas a determinados componentes. Esta técnica tradicional, que exigia força física e conhecimento apurado da metalurgia, era utilizada sobretudo para fabricar peças que exigiam grande robustez e integridade estrutural (Figura 24).

30 Consultar entrevista completa realizada a António Andrade inserida em anexo na página 155.



Figura 24 . Pratica de soldadura na Fábrica dos Matias.
Fotografia dos anos 60 da autoria de Eduardo Teixeira Pinto



Figura 25 . Auto - Silo para transporte de betão.
Fábrica dos Matias localizada na lateral esquerda.
Fotografia dos anos 60 da autoria de Eduardo Teixeira Pinto.



Figura 26.. Catálogos das máquinas que eram construídas na empresa SAITAM (Fábrica dos Matias)

Após a criação das peças individuais, estas eram reunidas na secção de mecânica ou na secção de britagem, onde eram realizadas as operações de montagem, afinação e manutenção dos componentes. Era aqui que as peças fundidas, cortadas ou moldadas noutras áreas da fábrica ganhavam forma definitiva e funcionalidade. Este setor era essencial para garantir o rigor técnico dos produtos e a sua durabilidade, sobretudo em equipamentos destinados à construção civil, mineração e britagem de pedra (Figura 25 e 26).

Segundo José Sidónio, um dos antigos funcionários da empresa, "o setor da mecânica assegurava também o funcionamento interno da empresa, nomeadamente através da manutenção dos seus próprios veículos. Em alguns casos pontuais, podia ainda realizar trabalhos para clientes externos."[31]

A britagem, precisamente, representava uma das áreas mais importantes da produção, uma vez que a fábrica era "especializada no fabrico de instalações e máquinas de britagem, como britadeiras, crivos e tapetes rolantes, destinadas ao setor das pedreiras e das obras públicas"[32]. Estas máquinas de grandes dimensões (Figura 27) exigiam não só robustez estrutural, como também precisão mecânica, sendo montadas em várias fases dentro da fábrica.

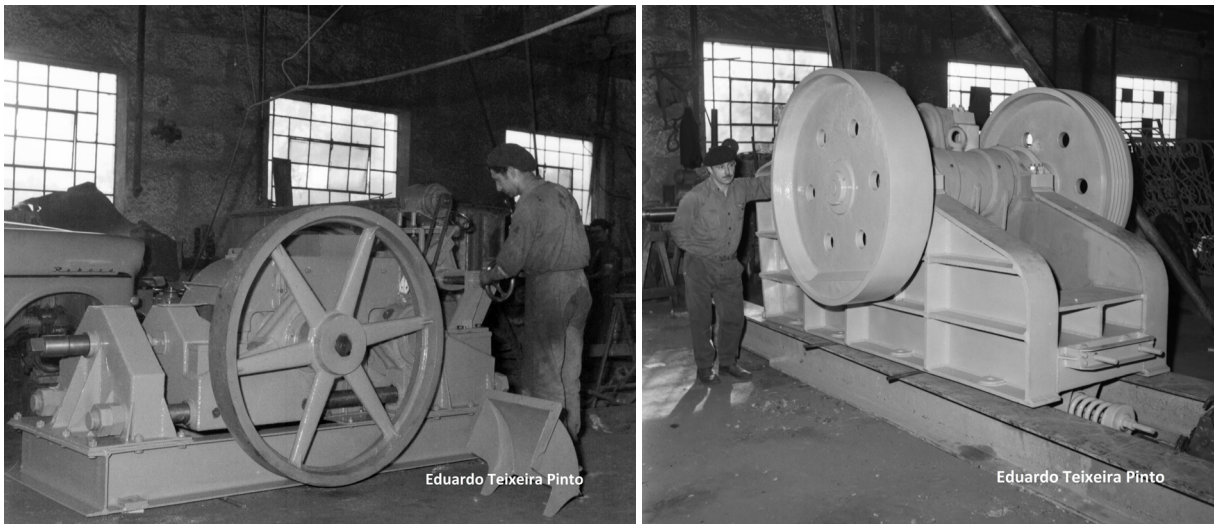


Figura 27. Montagem de uma britadeira na secção de mecânica da Fábrica dos Matias. Na imagem da esquerda nos anos 50. Na imagem da direita nos anos 60.
Autoria do fotografo Eduardo Teixeira Pinto

A complementaridade entre estas áreas fazia da "Fábrica dos Matias" uma estrutura industrial completa e eficiente. Como refere um dos ex-funcionários: "Foi uma empresa fundamental no concelho de Amarante pela sua empregabilidade. (...) Os Matias eram muito completos, porque tinham a capacidade de controlar internamente todas as fases da produção, desde o desenho à moldagem, e da fundição à montagem, era um dos grandes trunfos desta oficina"[33].

31 Consultar entrevista completa a José Sidónio inserida em anexo na página 153.
32 *Ibidem*
33 *Ibidem*

2. PRESENTE:
o abandono da “Fábrica dos Matias”

2.1. A RUÍNA

Após o encerramento definitivo da Fábrica dos Matias em 2011, o complexo industrial permaneceu inativo e ao abandono. Através da ata municipal de 28 de dezembro de 2016[34] e da ata municipal de 09 de janeiro de 2017[35], percebemos que a Câmara Municipal de Amarante demonstrou intenção de adquirir os edifícios da antiga "Fábrica dos Matias", bem como o respetivo terreno, reconhecendo que a sua localização sempre foi tida como uma área estratégica da cidade. No seguimento deste processo, a ata municipal de 30 de julho de 2019[36], confirma a escritura de aquisição da antiga "Fábrica dos Matias" pela Câmara Municipal de Amarante.

Apesar da mudança de proprietário, até à data da elaboração deste trabalho, não observámos intervenções significativas de recuperação do complexo industrial. Identificamos apenas pequenas ações de reparação em alguns elementos arquitetónicos de um dos edifícios. Desta forma, através das visitas realizadas ao local, percebemos que o conjunto do edificado apresenta um estado de conservação desigual, marcado nos sinais de abandono, alterações pontuais e permanência de elementos associados à sua antiga função industrial. Ainda assim, a estrutura principal dos edifícios aparenta manter-se estável, embora tenhamos identificado alguns elementos com degradação mais acentuada, sobretudo ao nível das coberturas e dos vãos. Deste modo, para melhor compreender e apresentar estas diferenças de conservação, optámos por fazer o levantamento fotográfico do estado atual do edifício em articulação com as plantas de piso.

Conforme se verifica no levantamento fotográfico do piso 0 (Figura 28), o bloco A destaca-se por ter recebido pequenas ações de reparação na cobertura e nos vãos. As vigas e as asnas em madeira distinguem-se das restantes por apresentarem um melhor estado de conservação, como se pode observar na "Vista 1" e na "Vista da cobertura". A permanência da estrutura principal do edifício em bom estado permitiu que estas intervenções contribuíssem para a reativação pontual do espaço, que tem vindo a acolher, de forma esporádica, atividades informais promovidas pela Câmara Municipal de Amarante, como exposições de arte, feiras do livro, concertos e outros eventos culturais (Figura 29).

No bloco B, localizado no mesmo piso, identificamos já o crescimento de vegetação espontânea nas paredes, causada pela ausência de alguns envidraçados nos vãos, visível na "Vista 10" do levantamento fotográfico. Apesar disso, este espaço tem sido utilizado de forma pontual, como apoio aos Bombeiros Voluntários de Amarante, nomeadamente para o estacionamento de camiões-cisterna e ambulâncias.

34 Ata da Câmara Municipal de Amarante, sessão de dia 28 de dezembro de 2016. Consultar anexo pág. 131-132.
35 Ata da Câmara Municipal de Amarante, sessão de dia 09 de janeiro de 2017. Consultar anexo pág. 133-134.
36 Ata da Câmara Municipal de Amarante, sessão de dia 30 de julho de 2019. Consultar anexo pág.139.



VISTA 1
16.02.2024



VISTA 2
16.02.2024



VISTA 3
16.02.2024



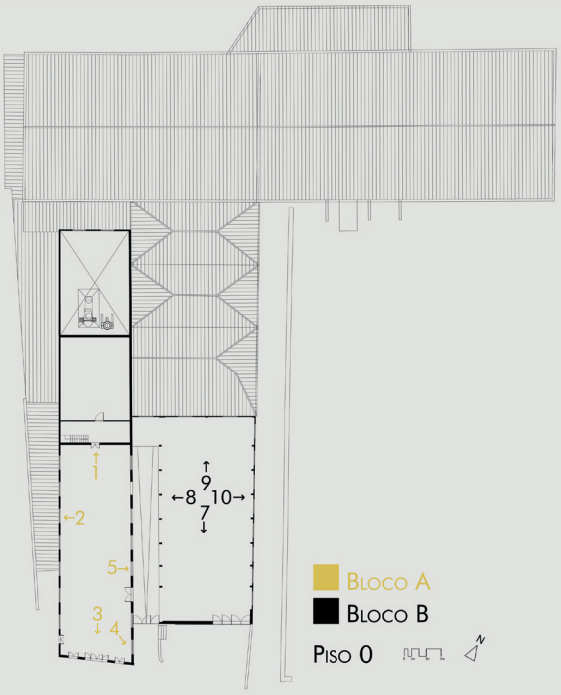
VISTA COBERTURA
16.02.2024



VISTA 4
16.02.2024



VISTA 5
16.02.2024





VISTA 7
16.02.2024



VISTA 8
16.02.2024



VISTA 9
16.02.2024



VISTA 10
16.02.2024

Figura 28. Levantamento fotográfico da planta de piso 0 da ruína da Fábrica dos Matias

EXPOSIÇÃO A FORÇA DO METAL



Fotografias da autoria da Câmara Municipal de Amarante

FEIRA DO LIVRO



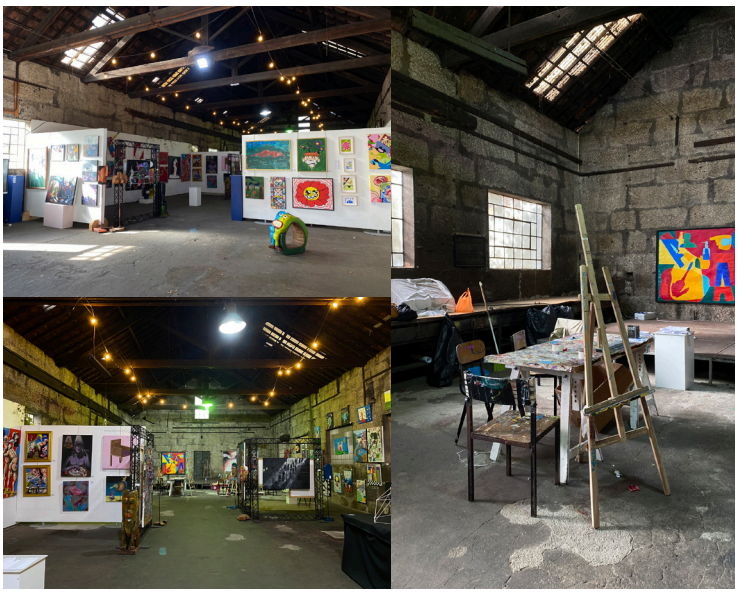
Fotografias da autoria própria

OFICINA DA GATILHO CONCERTO



Fotografias da autoria de João Duro

OFICINA DA GATILHO EXPOSIÇÃO DE ARTE



Fotografias da autoria própria

Figura 29. Levantamento fotográfico das atividades informais realizadas no piso 0 do bloco A da Fábrica dos Matias, promovidas pela Câmara Municipal de Amarante e pela associação Gatilho.

De um modo geral, alguns sinais de degradação repetem-se em diferentes áreas dos três edifícios, como podemos verificar nas Figuras 28, 30 e 31. Registam-se indícios de humidade e infiltrações, particularmente nas zonas de cobertura e junto às paredes. Algumas coberturas encontram-se com telhas em falta, o que expõe os interiores à ação direta da chuva e das condições climatéricas. As vigas e as asnas das estruturas de madeira apresentam sinais evidentes de apodrecimento, o que aumenta o risco de colapso em determinadas zonas. Tal como se observa na "Vista 8, 9 e 10" do levantamento fotográfico do piso -1 (Figura 30). Na primeira visita realizada a esta área (16 de fevereiro de 2024) verificamos que parte do telhado já havia colapsado. Mais tarde, na visita realizada a 23 de janeiro de 2025, verificamos o colapso total desse telhado, incluindo os equipamentos da antiga secção da fundição que ainda aí se encontravam instaladas.

Relativamente aos vãos, muitos encontram-se partidos ou ausentes, o que facilita a entrada de animais, vegetação e lixo, mais visível no levantamento fotográfico do piso -1 (Figura 30) e no piso -2 (Figura 31). Ainda no levantamento fotográfico da Figura 31, verificamos a presença da estrutura metálica do Bloco D. Na primeira visita ao local fomos acompanhados por um engenheiro da Câmara Municipal de Amarante que nos explicou que este bloco se encontra neste estado, uma vez que todo o revestimento das paredes e da cobertura haviam sido removidos devido à presença de amianto.



Figura 30. Levantamento fotográfico da planta de piso -1 da ruína da Fábrica dos Matias



VISTA 4
16.02.2024



VISTA 5
16.02.2024



VISTA 6
16.02.2024



VISTA 7
16.02.2024



VISTA 8
16.02.2024



VISTA 9



VISTA 10
16.02.2024



VISTA 11
23.01.2025



VISTA 12
23.01.2025







23.01.2025



VISTA 13
23.01.2025



VISTA 14
23.01.2025



VISTA 18
16.02.2024



VISTA 17
23.01.2025



VISTA 16
23.01.2025



VISTA 15
23.01.2025



Figura 31. Levantamento fotográfico da planta de piso -2 da ruína da Fábrica dos Matias



REGISTOS APROXIMADOS DA ESTRUTURA
16.10.2025



VISTA 5
16.10.2025



VISTA 6
16.10.2025



VISTA 7
16.10.2025



VISTA 8
16.10.2025



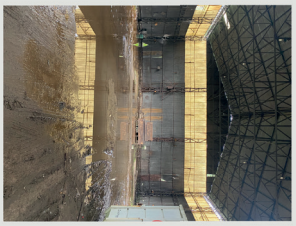
VISTA 9
23.01.2025



VISTA 10
23.01.2025



VISTA 11
16.10.2025





VISTA 17
23.10.2025



VISTA 16
16.10.2025



VISTA 15
23.01.2025



VISTA 14
23.01.2025



VISTA 13
16.02.2024



VISTA 12
16.02.2024

2.2. A ENVOLVENTE DA RUÍNA

Para além do conjunto edificado, consideramos importante olhar também para a envolvente da antiga "Fábrica dos Matias", uma vez que esta área nos ajuda a compreender melhor a forma como o complexo foi implantado no território e como é hoje a sua apropriação. Através da Figura 33, percebemos que a área exterior do terreno da fábrica é ampla, marcada pela presença intensa da vegetação, por diferenças de nível acentuadas e por elementos naturais que dão identidade ao lugar.

Atualmente, esta envolvente encontra-se também em estado de abandono, embora sejam realizadas limpezas pontuais do terreno, geralmente uma ou duas vezes por ano. Ainda assim, estas ações parecem apenas interromper temporariamente esse abandono, uma vez que a vegetação volta rapidamente a crescer e a dificultar a circulação. Nas visitas realizadas ao local, verificámos que algumas zonas só foram acessíveis (16 de outubro de 2025) depois de uma dessas limpezas, pois, caso contrário, a densidade da vegetação tornava praticamente impossível percorrer e fazer o levantamento fotográfico de grande parte do terreno.

A dimensão da área exterior e a topografia irregular são aspetos que se fazem sentir durante a visita ao local. O terreno apresenta várias diferenças de nível, plataformas e ladeiras acentuadas. Em alguns momentos, a fábrica surge de forma imponente, pela escala dos edifícios. Noutros, é a vegetação que domina e quase esconde partes do conjunto edificado.

Do ponto de vista do espaço natural, destacamos na Figura 33, a presença de vários sobreiros, de uma linha de água e de um elemento que poderá corresponder a uma antiga mina (como vinha referenciado no levantamento topográfico fornecido pela Câmara Municipal de Amarante). Estes elementos mostram que a envolvente não deve ser entendida apenas como uma área sobrante ou abandonada em torno da fábrica, mas como uma parte importante da identidade do lugar.

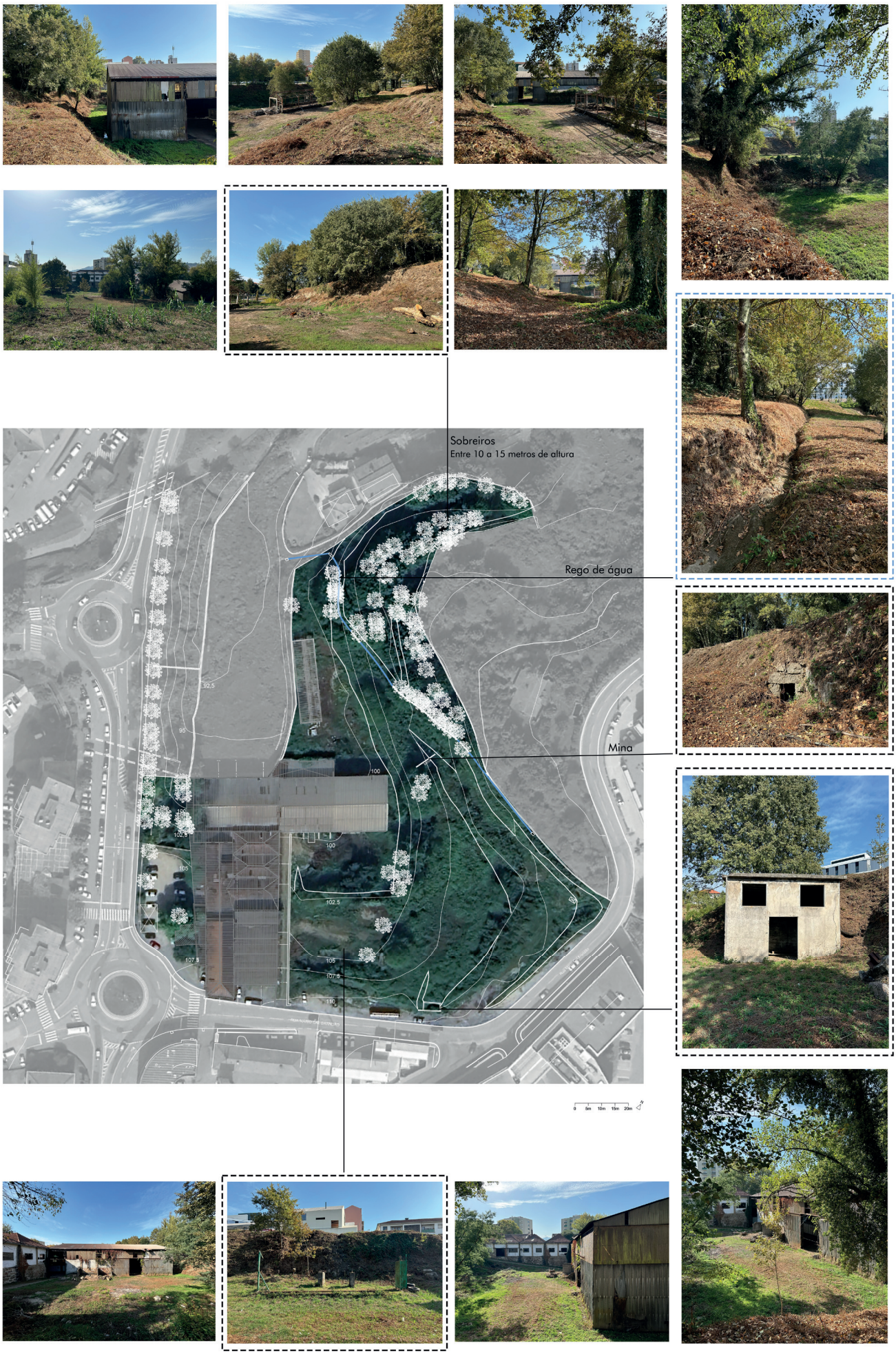


Figura 32. Levantamento fotográfico da envolvente da ruína da Fábrica dos Matias realizado a 16 de outubro de 2025.

2.3. A RUÍNA NO CONTEXTO URBANO ATUAL

Atualmente, a ruína da "Fábrica dos Matias" continua a ter uma presença marcante no território, não só pela dimensão do conjunto edificado, mas também pelo contraste que estabelece com a malha urbana envolvente. Se, no momento da sua construção, a fábrica se encontrava numa zona periférica da vila, ainda muito associada a campos agrícolas, caminhos secundários e áreas pouco urbanizadas, hoje percebemos que a sua posição mudou completamente. Com o crescimento de Amarante ao longo das últimas décadas, este antigo complexo industrial acabou por ficar praticamente integrado no centro urbano da cidade.

Esta transformação ajuda-nos a compreender o motivo pelo qual a Câmara Municipal de Amarante passou a considerar este território como uma área de interesse estratégico. A antiga fábrica deixou de ser apenas um espaço industrial abandonado e passou a representar uma oportunidade urbana. A sua localização, a dimensão do terreno e a proximidade a vias estruturantes, equipamentos públicos e zonas habitacionais fazem deste lugar um ponto importante para pensar a continuidade da cidade e a possível reativação de uma área atualmente desvalorizada.

Como podemos observar na Figura 33, a ruína localiza-se junto a um dos principais acessos ao centro da cidade, na proximidade da Estrada Nacional 15, principal via de ligação ao centro histórico e à margem esquerda do rio Tâmega. Encontra-se também junto à Rua Mário Cal Brandão, que estabelece ligação com infraestruturas fundamentais, como escolas e equipamentos de saúde. Esta posição confere ao antigo complexo industrial uma grande visibilidade urbana, tornando-o um elemento presente no quotidiano da cidade, mesmo encontrando-se desativado. Em relação à malha edificada envolvente (Figura 34), percebemos que esta área é marcada, sobretudo, pela presença de edifícios habitacionais (Figura 35), mas também pela proximidade ao centro histórico de Amarante. Para além disso, quando analisamos um raio de distância entre 400 e 800 metros em torno da fábrica, identificamos vários equipamentos fundamentais para o quotidiano da cidade, como escolas, edifícios de cuidados de saúde, espaços religiosos e culturais, polos desportivos, serviços públicos e áreas comerciais (Figura 36).

Neste sentido, percebemos que este território não se resume apenas à recuperação de um edifício em ruína. O seu valor está também na possibilidade de voltar a fazer parte da cidade, criando relações com a habitação, os equipamentos, as vias de circulação e os espaços públicos que o envolvem. Pela sua localização, a antiga "Fábrica dos Matias" pode funcionar como um ponto de encontro entre diferentes zonas de Amarante, onde a memória industrial cruza com novas possibilidades de uso público. Deste modo, consideramos que a ruína da "Fábrica dos Matias" não deve ser entendida apenas como um vestígio do passado industrial. É também um espaço com potencial para voltar a ter presença e uso na cidade. O seu estado de abandono mostra-nos essa tensão entre aquilo que o lugar foi, aquilo que é atualmente e aquilo que ainda poderá vir a ser. E é precisamente essa tensão, entre memória, ruína e potencial urbano, que torna este território tão relevante no contexto atual da cidade.

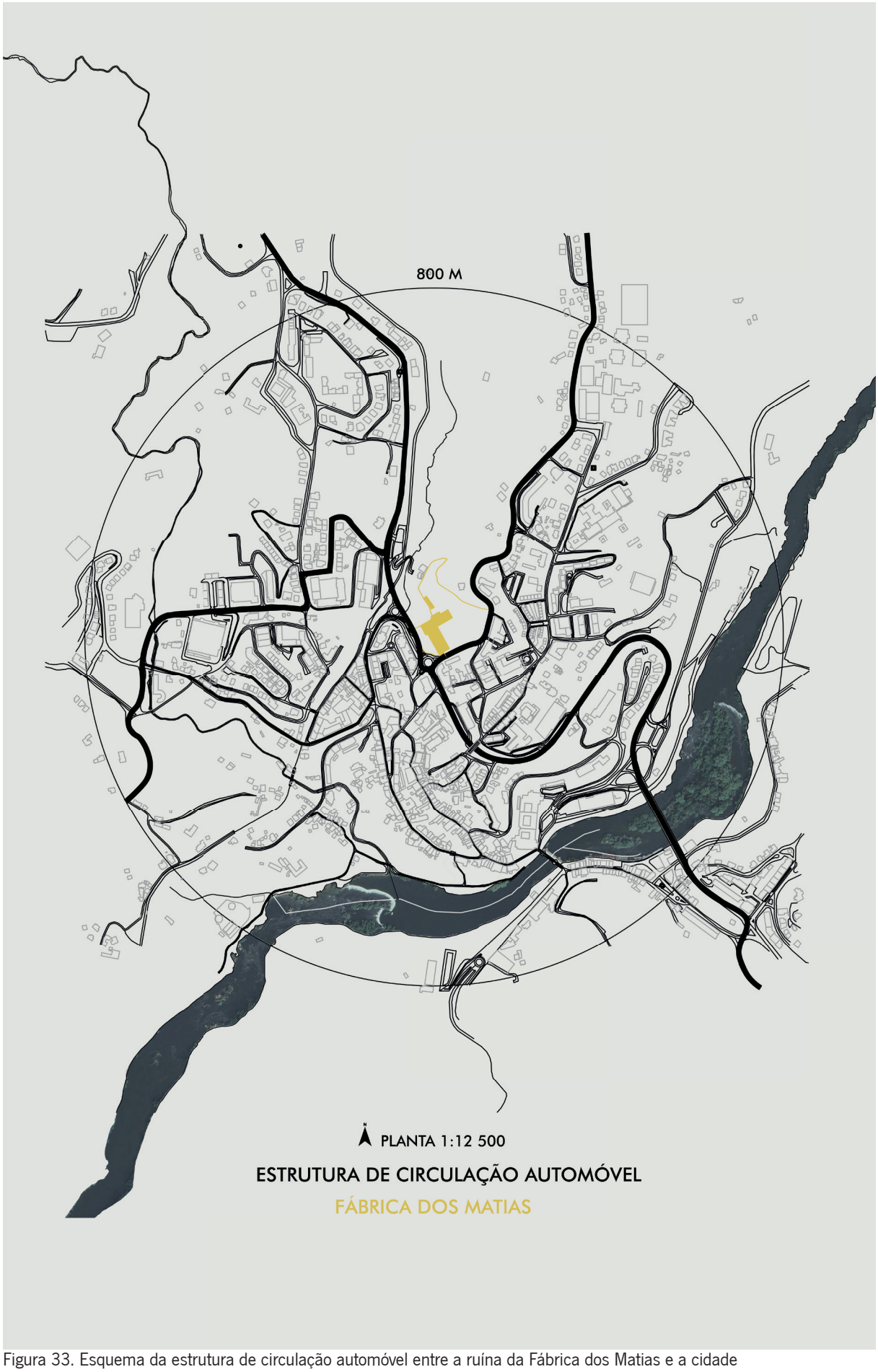


Figura 33. Esquema da estrutura de circulação automóvel entre a ruína da Fábrica dos Matias e a cidade



Figura 34. Esquema da mancha edificada em torno da ruína da Fábrica dos Matias



Figura 35. Esquema da mancha habitacional em torno da ruína da Fábrica dos Matias



Figura 36. Esquema de programas próximos da ruína da Fábrica dos Matias

EDIFÍCIOS EDUCATIVOS



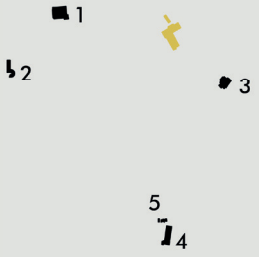
1- Escola Secundária de Amarante
2- Escola Básica 2/3 de Amarante
3- Escola EB1/JI S.Gonçalo
4- Biblioteca Municipal Albano Sardoeira

EDIFÍCIOS RELIGIOSOS (IGREJAS)



1- Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Amarante
2- Igreja de São Pedro
3- Igreja e Mosteiro de São Gonçalo de Amarante

EDIFÍCIOS DESPORTIVOS



1- Pavilhão Municipal de Amarante
2- Academia de Dança de Amarante
3- CCA - Centro Cultural de Amarante
4- Piscinas Municipais de Amarante
5- Skate Park de Amarante

EDIFÍCIOS DE SERVIÇO



1- Lidl
2- Continente
3- Intermarché
4- Minipreço

EDIFÍCIOS DE CUIDADOS DE SAÚDE



1- UCCI - Santa Casa da Misericórdia de Amarante
2- Lar Conselheiro António Cândido
3- Centro de Saúde de Amarante

EDIFÍCIOS CULTURAIS



1- Sala de Cinema Teixeira de Pascoaes
2- Casa da Memória
3- Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso
4- Cineteatro de Amarante
5- Casa da Granja - Espaço Cultural e Museológico

EDIFÍCIOS DE SERVIÇO



1- Guarda Nacional Republicana - Posto Territorial de Amarante
2- Bombeiros Voluntários de Amarante
3- Junta de Freguesias de Amarante
4- Arquivo Municipal de Amarante
5- Câmara Municipal de Amarante
6- Tribunal de Amarante

PLANTA 1:30 000

3. FUTURO:
a “Fábrica das Artes” substitui a “Fábrica dos Matias”

3.1. A "FÁBRICA DAS ARTES" DA CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

Com vista a transformar e requalificar a antiga "Fábrica dos Matias", a Câmara Municipal de Amarante solicitou um projeto de reabilitação ao grupo de arquitetos Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, que em dezembro de 2023, apresentaram um projeto de execução (disponibilizado pela Câmara Municipal de Amarante para a análise neste trabalho).

"Fábrica das Artes" é o nome atribuído ao projeto destinado a ser o Centro de Cultura Urbana de Amarante. O projeto é "(...) composto por volumes diversos na sua forma e função, mas que formam um todo funcional e coerente."[37]. É também fundamentado sobre a premissa de que "grande parte do que ainda existe será demolido, com as exceções adiante ressalvadas, constituindo praticamente um edifício novo, dado que, a qualidade construtiva do existente é muitíssimo fraca e completamente desajustada às necessidades e imperativos técnicos atuais."[38] Como podemos ver nos desenhos das Figuras 38, 39 e 40 e como citado anteriormente, percebemos que a intervenção deste projeto difere de volume para volume.

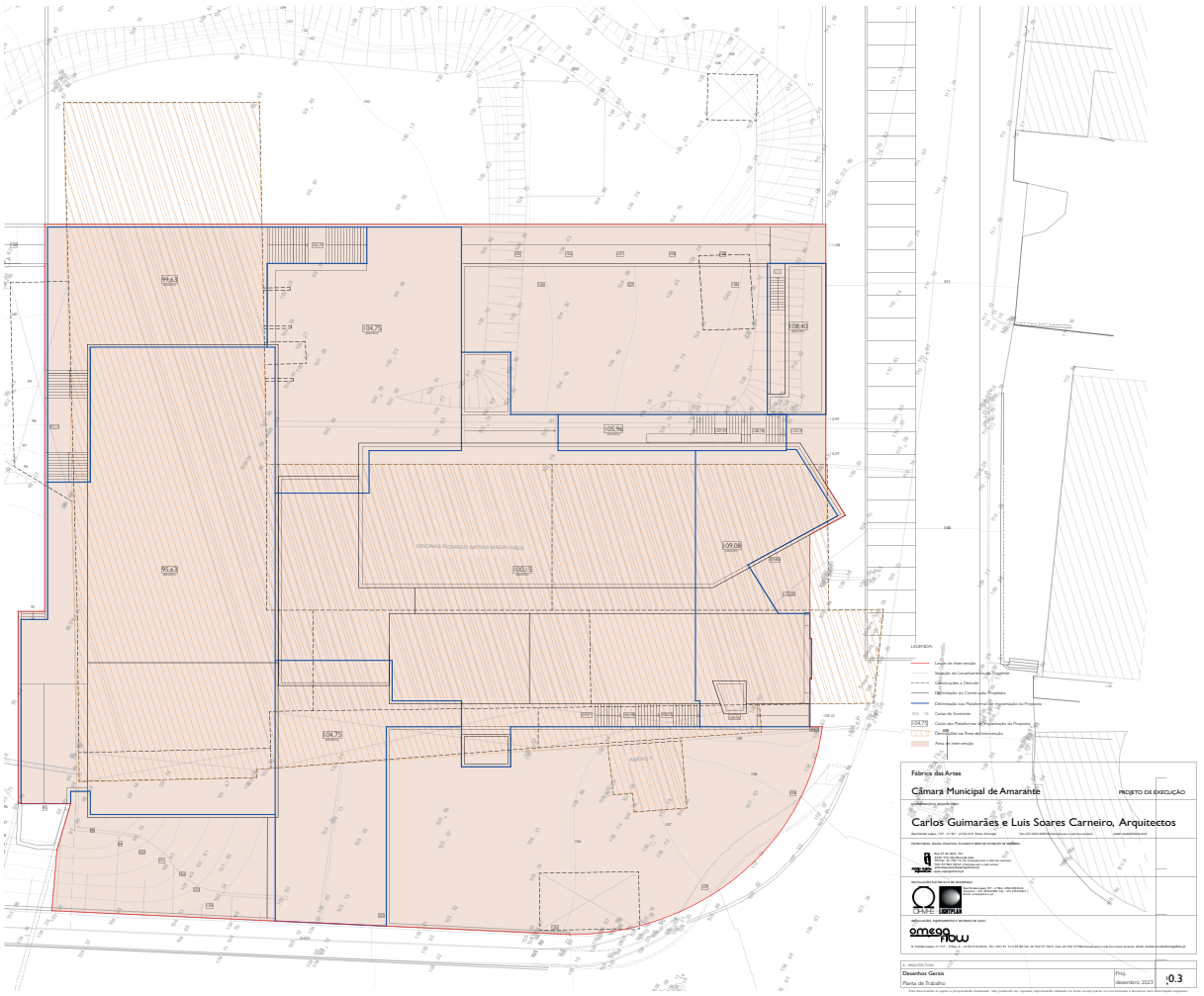


Figura 37. Planta de Trabalho da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos"

37 Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. *""Memória Descritiva." Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante"*, dezembro de 2023. pág.3. Inserida em anexo pág. 153-158.

38 *Ibidem*

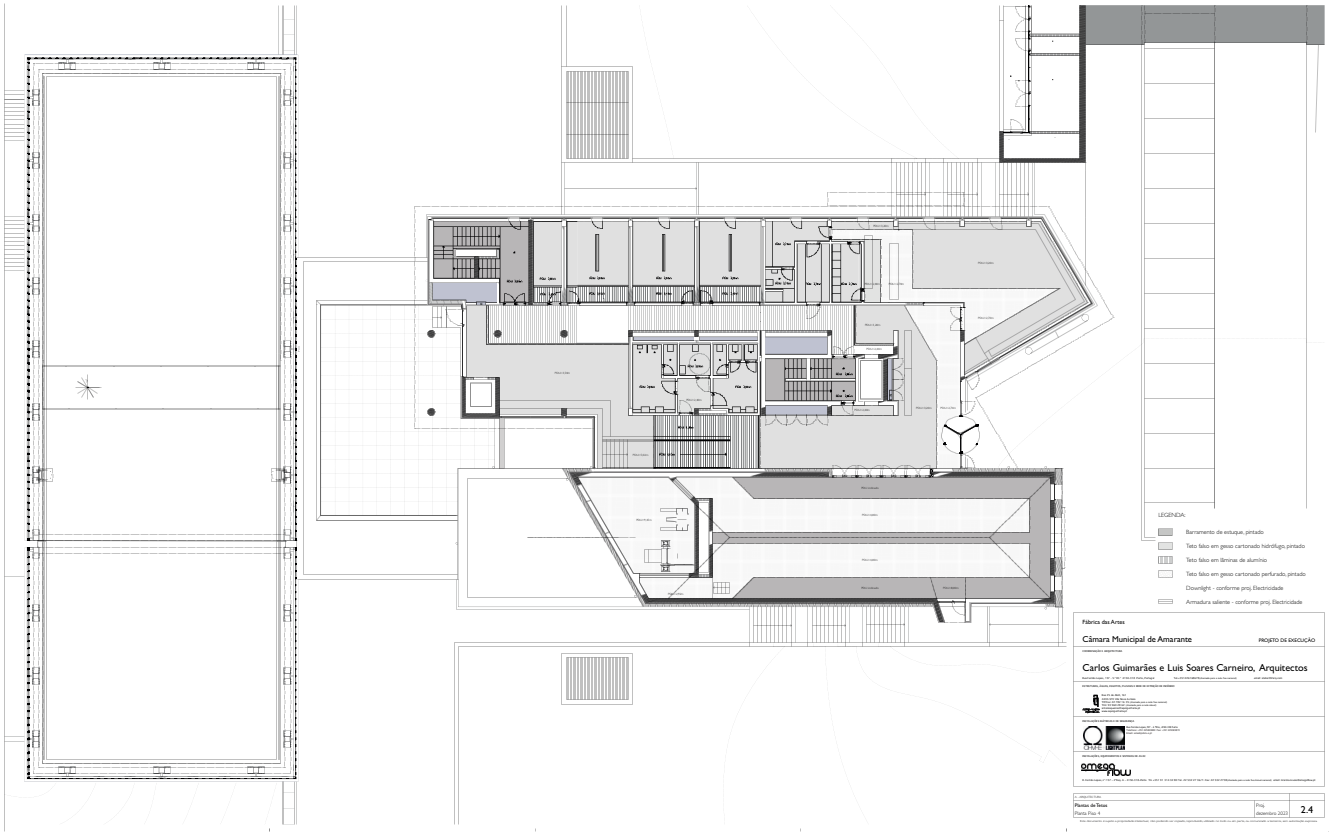


Figura 38. Planta Piso 4 da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos"

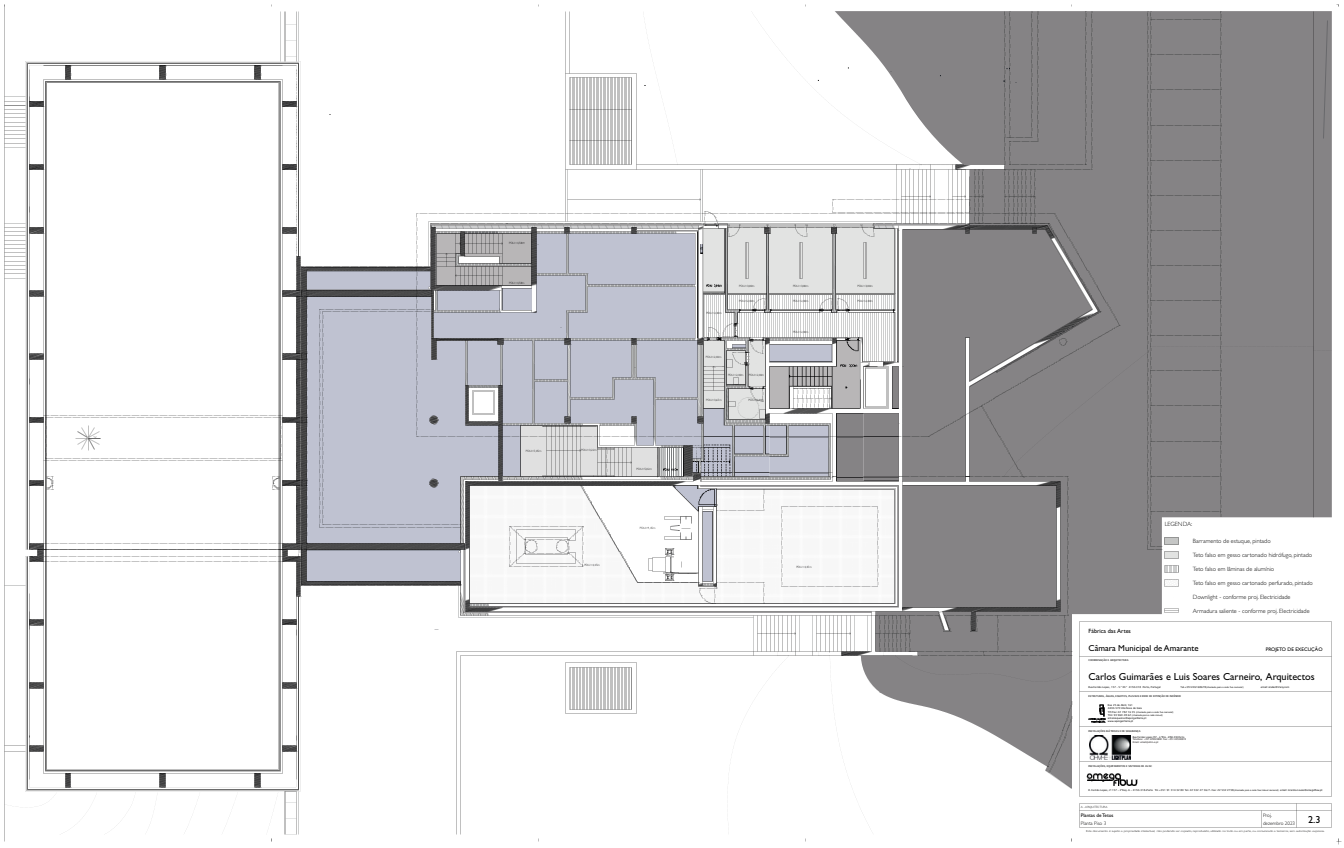


Figura 39. Planta Piso 3 da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos"

Deste modo, o volume A pretende ser uma:

> Reconstrução completa de uma edificação em pedra onde se situava a antiga fundição. (...) é uma construção quase inteiramente nova (...) Singulariza-o o facto de recuperar a fachada do topo da antiga fundição (face à rua Mário Cal Brandão) que deverá ser cuidadosamente desmontada e posteriormente remontada numa posição mais recuada em relação à rua para a qual se volta.(...)[39]

Este volume terá três pisos de planta retangular, onde serão instaladas a sala plana, o espaço da memória e a cave. No espaço da memória estarão presentes "*duas grandes máquinas pertencentes à antiga fundição que serão cuidadosamente retiradas, restauradas e repostas no seu lugar, depois da obra pronta. O mesmo se passa com a campânula da fundição*"[40] Ao nível estrutural trata-se de uma construção em betão com revestimento em pedra (no exterior), revestimento em pedra ou tijolo (no interior) e tetos falsos em gesso cartonado.[41]

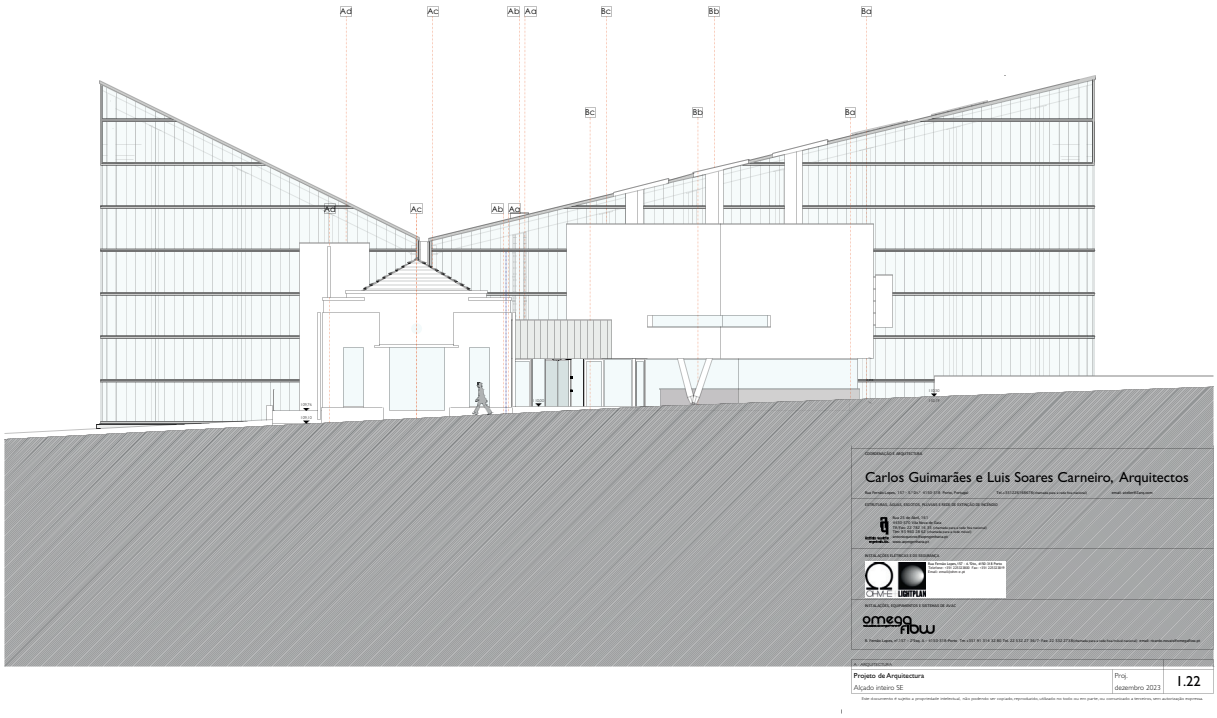


Figura 40. Alçado inteiro SE da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos".
A fachada do bloco A que pretendem recuperar.

39 Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. *""Memória Descritiva." Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante"*, dezembro de 2023. pág 4. Inserida em anexo pág. 153-158.

40 *Ibidem*

41 *Ibidem*

Por outro lado, o volume B, o volume C e o volume D serão construções novas.

O volume B terá cinco pisos. No primeiro piso em cave serão instaladas as "(...) diversas instalações técnicas do AVAC, ventilados por dois poços retangulares, um em cada lado da construção, interligados pela cave do Bloco A."[42]. O segundo piso será um piso térreo "(...) por onde se fazem as entradas na nave do Bloco C e ligações quer ao Bloco A quer aos restantes pisos do Bloco B(...)"[43]. No terceiro piso pretende-se construir um "(...) nível intermédio de menor área, onde se situa a zona administrativa."[44]. No quarto piso "(...) está prevista uma outra entrada principal, a partir da rua Mário cal Brandão"[45] que permite o acesso à receção, à cafetaria, a salas áudio visuais e ao lounge. No quinto piso espera-se construir "salas de atividades e um conjunto de vestiários/IS/Balneários"[46]. Prevê-se que este volume tenha uma "estrutura em betão (...) forrado quase integralmente com ETICS"[47], uma cobertura plana com um conjunto de claraboias. As paredes interiores serão "estucadas e pintadas, havendo também parte com lambris em MDF pintado"[48] e os "tetos falsos em gesso cartonado ou em lâminas metálicas"[49].

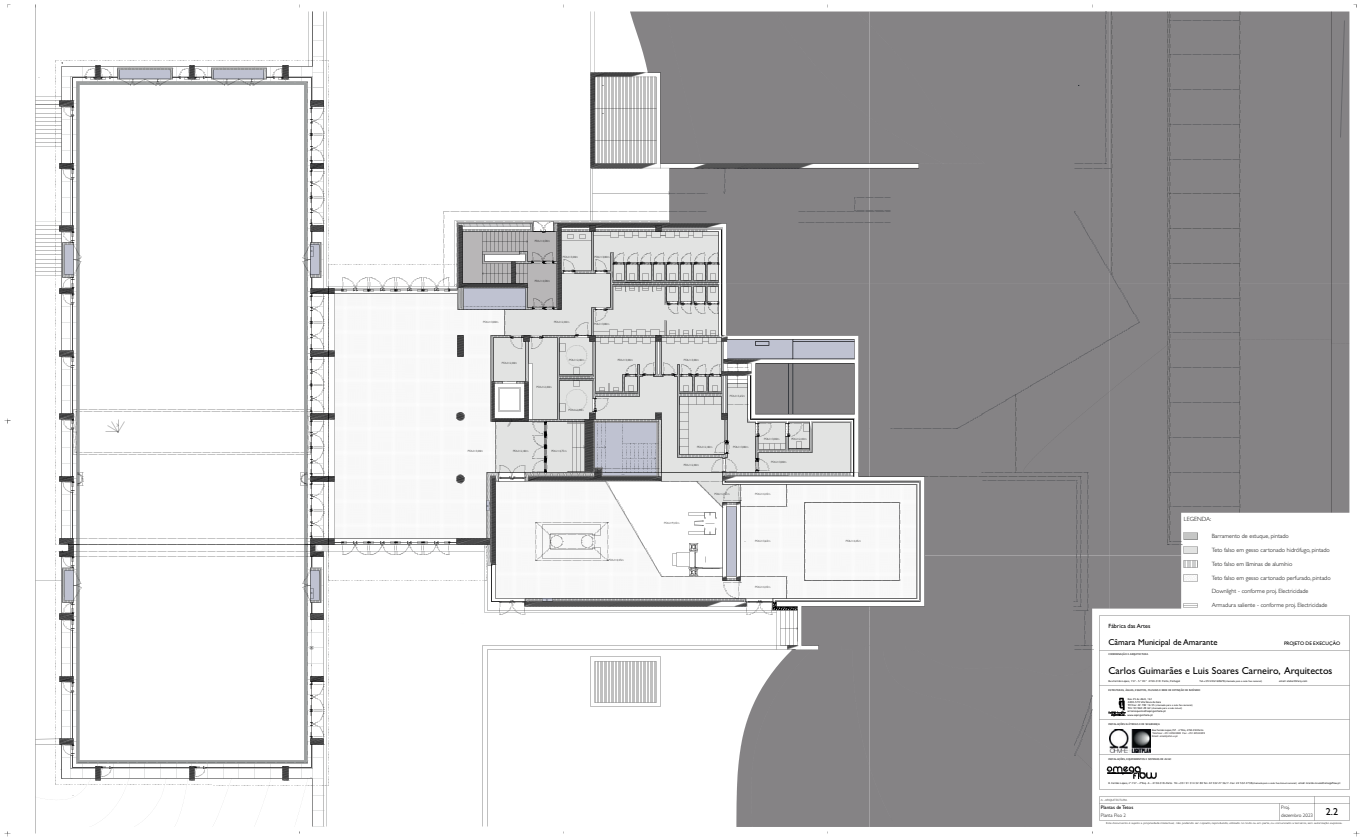


Figura 41. Planta de piso 2 da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos"

42 Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. *""""Memória Descritiva" Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante""*, dezembro de 2023. pág.4. Inserida em anexo pág. 153-158.

43 *Ibidem*

44 *Ibidem*

45 *Ibidem*, pág.5

46 *Ibidem*

47 *Ibidem*

48 *Ibidem*

49 *Ibidem*

O volume C terá três pisos e será uma construção de grandes dimensões. No primeiro e no segundo piso estarão as áreas do Arquivo Municipal de Amarante, salas de estudo de obras de arte e salas de laboratório de restauro de obras de arte. A construção destes andares será "(...) composta por estrutura e paredes em betão aparente (...), forros interiores destas paredes em alvenaria de tijolo(...)"[50]. As paredes interiores serão "estucadas e pintadas" com "tetos falsos em gesso cartonado ou em lâminas metálicas (...)"[51]. Já o terceiro piso, área dedicada para multiusos, caracteriza-se por ter "(...) um grande espaço amplo com grande altura interna, quase totalmente transparente (...)"[52]. Na estrutura do terceiro piso espera-se "na base um porticado em betão, mas toda a parte superior em estrutura metálica forrada pelo exterior com amplas superfícies em termoclear e grelhas de alumínio."[53].

O volume D será pequeno e albergará equipamentos elétricos. "O acabamento exterior é em reboco acrílico e a cobertura do tipo invertido"[54].

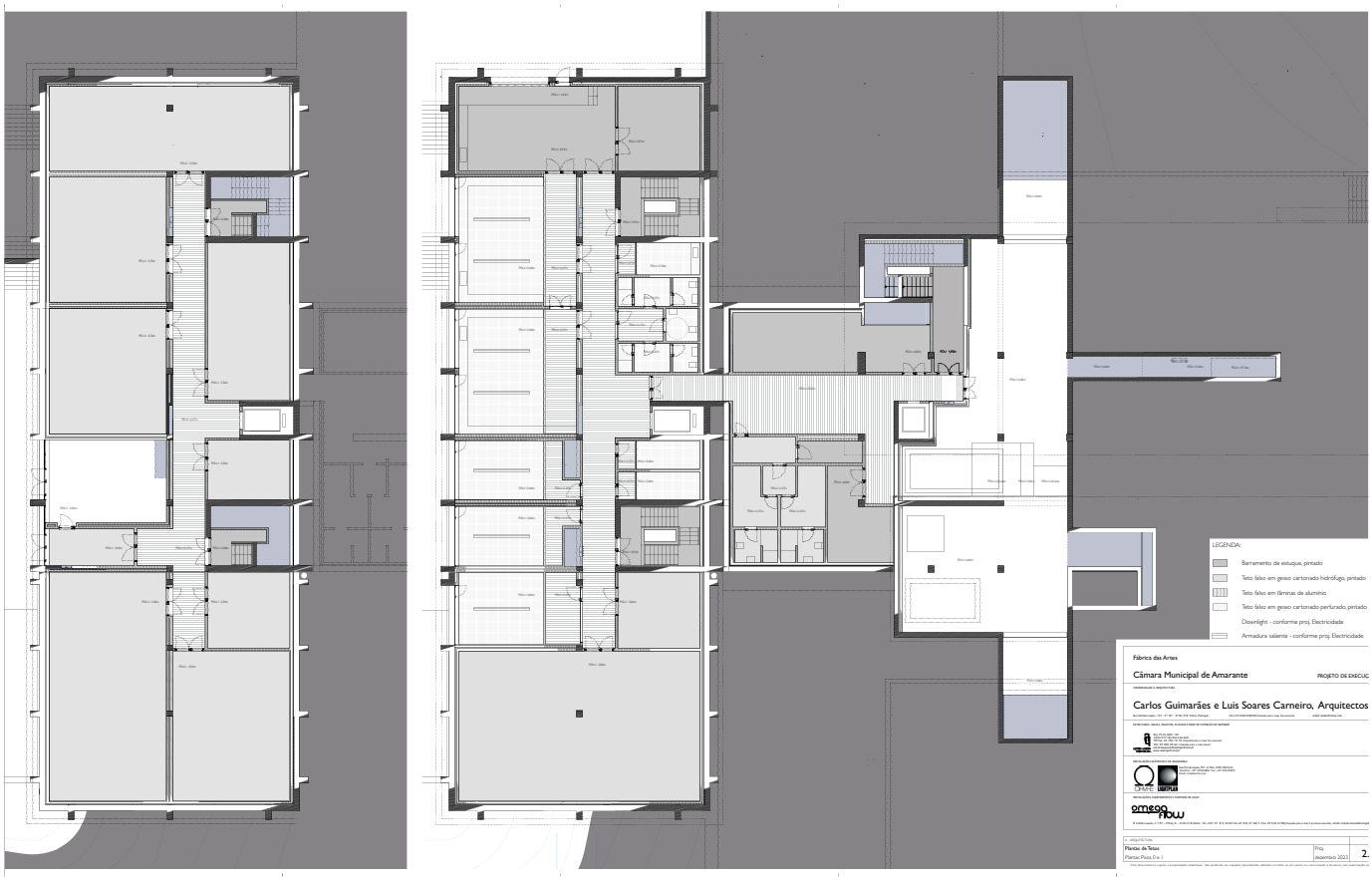


Figura 42. Planta de piso 0 e de piso 1 da proposta de projeto para a Fábrica das Artes do escritório "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos"

50 Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. "Memória Descritiva." Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante, dezembro de 2023. p.6. Inserida em anexo pág. 153-158.

51 *Ibidem*

52 *Ibidem*, p.5

53 *Ibidem*

54 *Ibidem*, p.6

A envolvente dos edifícios é transformada através da implementação de "muros, guias, guardas, pavimentos e revestimentos"[55] e espera-se a adição de áreas pavimentadas tanto em plataforma como em escadarias e rampas. O limite a norte do terreno é alterado com a adição de um aqueduto de circulação automóvel e os limites do terreno a Sul e a Este serão alterados para implementar passeios e parques de estacionamento. Já "os espaços verdes serão plantados"[56].

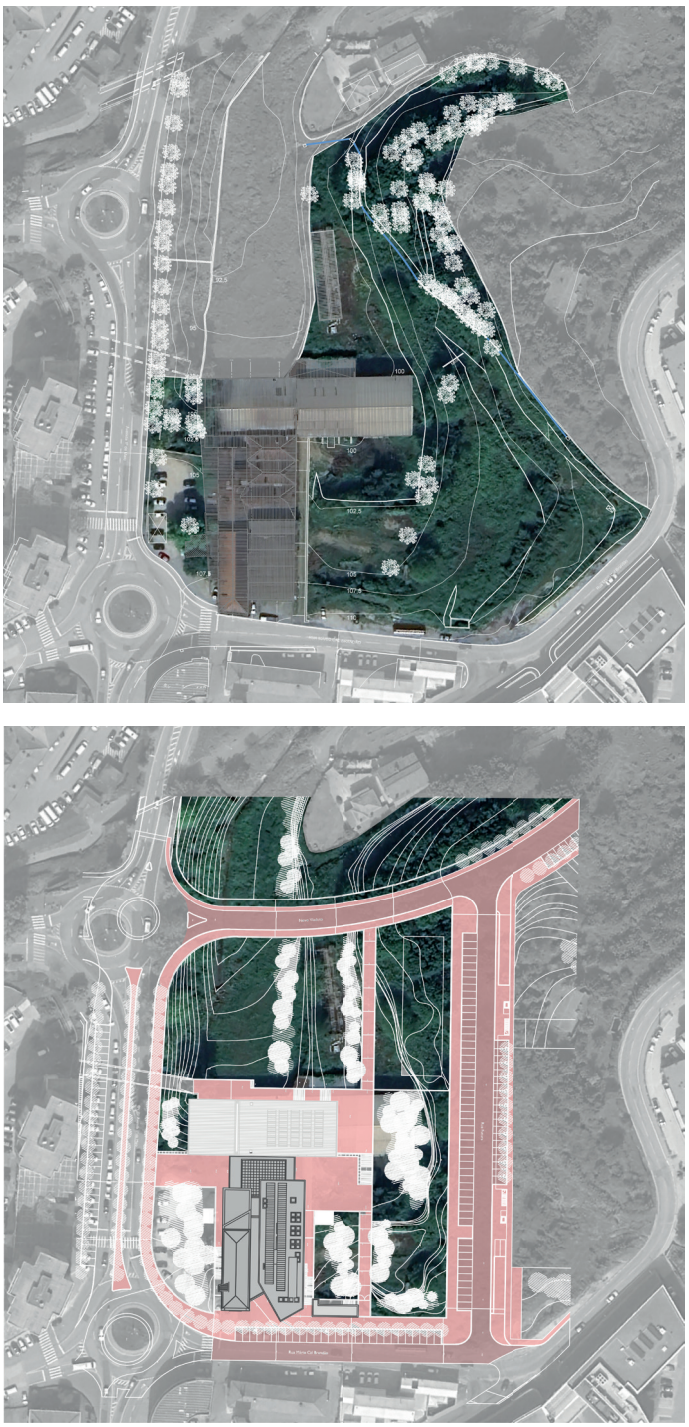


Figura 43. Esquema de análise da envolvente da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes.

55 Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. "Memória Descritiva." Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante, dezembro de 2023. p.6. Inserida em anexo pág. 153-158.

56 *Ibidem*

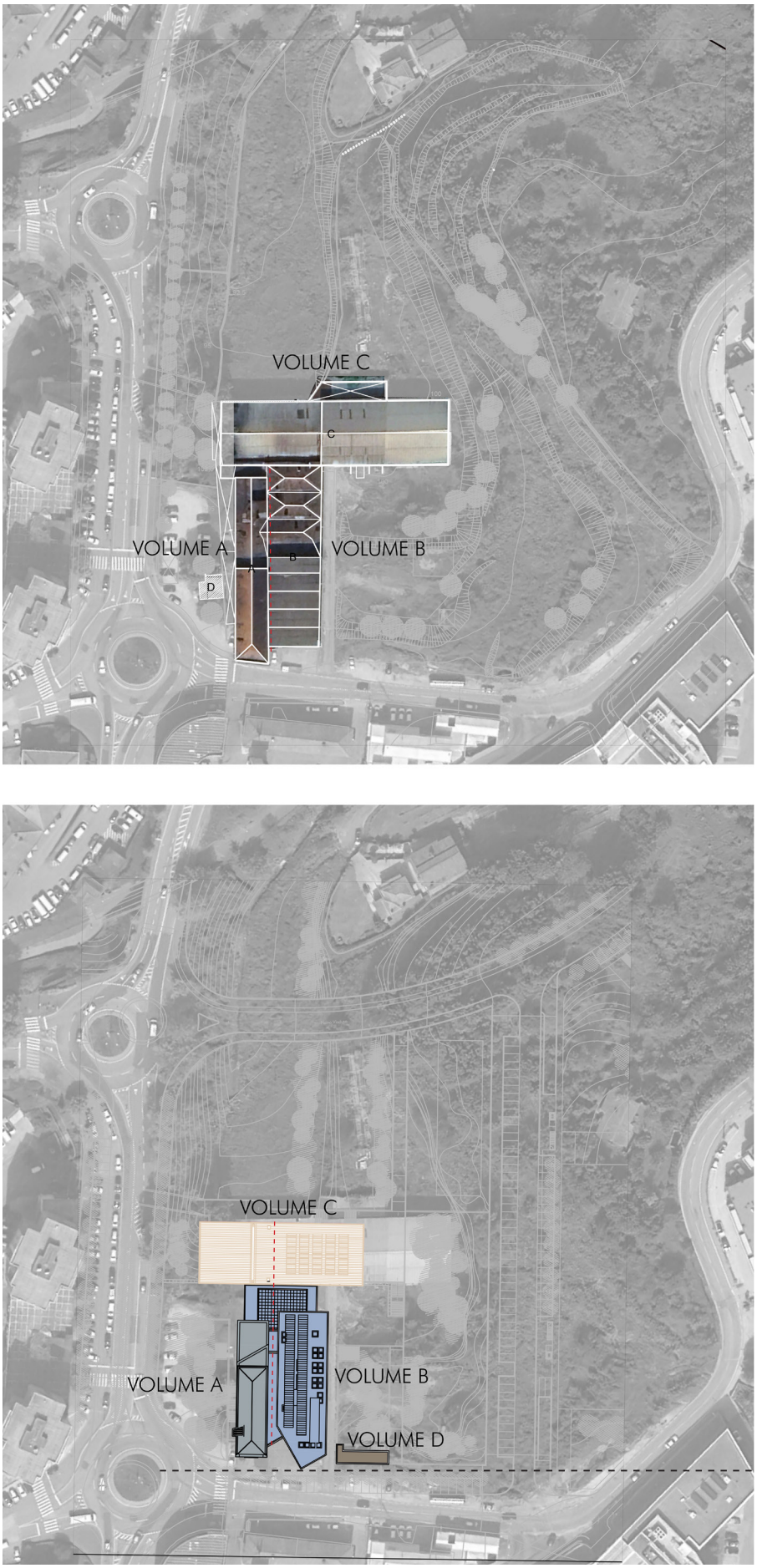


Figura 44. Esquema de análise da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes

Quando comparamos o projeto da "Fábrica das Artes" com as antigas instalações da "Fábrica dos Matias", percebemos que a proposta apresentada pela Câmara Municipal de Amarante procura dar uma nova vida ao antigo complexo industrial, através de um novo programa cultural. No entanto, essa nova vida parece surgir, sobretudo, através da substituição do edifício existente, e não tanto através da sua preservação. O projeto propõe a demolição quase integral das ruínas e a construção de um novo edifício, tentando, ainda assim, manter algumas referências à antiga fábrica.

Por um lado, compreendemos que o edifício existente apresenta limitações físicas e funcionais, principalmente quando se pretende adaptar o espaço a novos usos culturais, com exigências atuais de acessibilidade e segurança. Por outro lado, ao optar pela demolição quase total do conjunto, perde-se também uma parte significativa da matéria construída que ainda testemunhava a história industrial da "Fábrica dos Matias", como as paredes em pedra, os volumes, os percursos e os vestígios industriais.

Identificamos no projeto da "Fábrica das Artes" alguns traços formais que se aproximam da organização do antigo conjunto de edifícios da "Fábrica dos Matias". Essa aproximação é visível, por exemplo, na repetição dos três volumes A, B e C e na forma como estes se articulam entre si, como podemos observar nas plantas da Figura 44. Esta estratégia permite-nos reconhecer, de forma geral, a antiga lógica espacial da fábrica. No entanto, à medida que analisamos cada volume, percebemos que a relação com a pré-existência é realizada de forma desigual.

No volume A, a memória das antigas oficinas é trabalhada de forma mais clara. Por um lado, o projeto propõe recuperar a fachada modernista voltada para a Rua Mário Cal Brandão, o revestimento das paredes em pedra e parte da cobertura em telha (Figura 45). Por outro, prevê a instalação de um "espaço memória", onde serão integradas algumas das antigas máquinas da Fábrica dos Matias. Esta intenção é relevante, porque demonstra reconhecimento a cerca do valor simbólico e histórico do lugar. Ainda assim, reconhecemos que a memória industrial surge, principalmente, através da implementação de elementos pontuais, como a fachada, a pedra, a telha ou as máquinas, sem o reaproveitamento da estrutura pré-existente do antigo edifício.

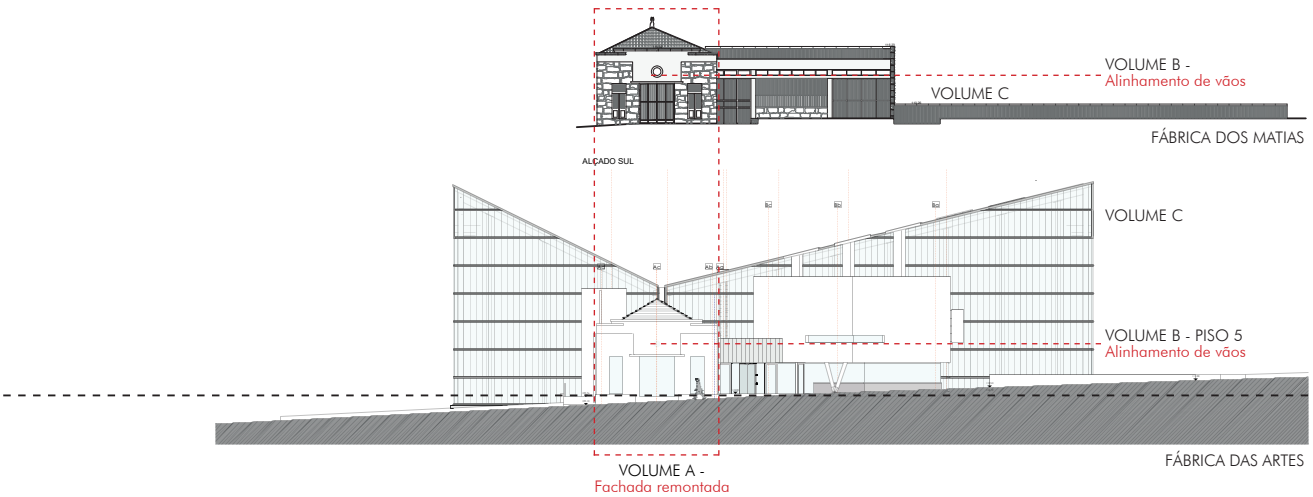


Figura 45. Comparação dos alçados virados a Sul da Fábrica dos Matias e da proposta de projeto da Fábrica das Artes.

Nos volumes B e C, a relação com a antiga fábrica torna-se menos evidente. Embora consigamos identificar algumas referências aos edifícios demolidos, estas não são desenvolvidas de forma clara na memória descritiva do projeto. Deste modo, através da análise do volume B (Figura 44), percebemos que se mantém a ideia de um volume retangular, prolongado abaixo da cota da Rua Mário Cal Brandão (Figura 46). O alinhamento dos vãos do piso 5 assemelham-se aos vãos superiores das antigas instalações, que nos remete para uma referência à estrutura anterior. Também o eixo de circulação interior, que conecta os diferentes volumes, parece evocar o antigo percurso interno da "Fábrica dos Matias", mantendo de alguma forma a memória da circulação entre secções.

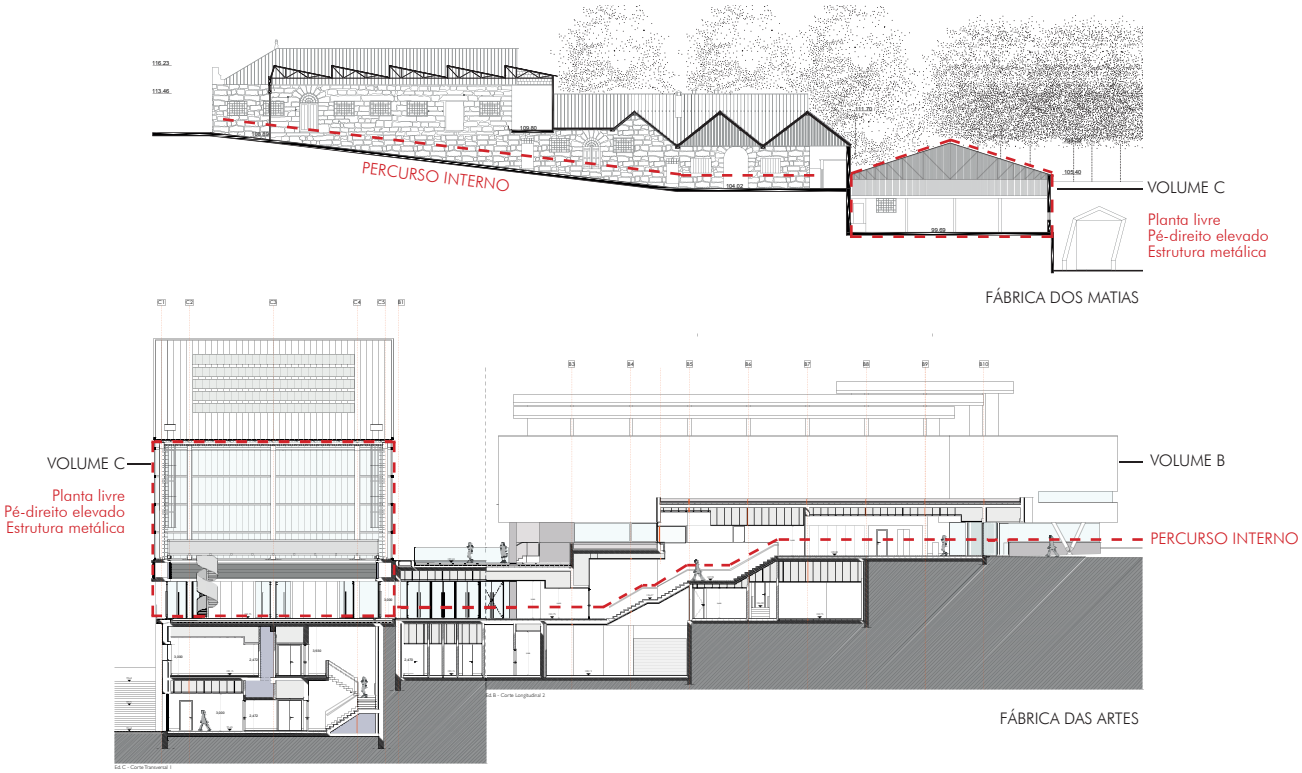


Figura 46. Comparação do eixo de circulação interior e das características do Volume C da antiga Fábrica dos Matias com a proposta de projeto da Fábrica das Artes.

No volume C, apesar das alterações serem mais expressivas, nomeadamente o aumento da altimetria, a adição de pisos e a redução da área de implantação, ainda identificamos alguns elementos que remetem para o antigo edifício. Ou seja, identificamos no piso 0 a planta livre, o pé-direito elevado e a presença de uma estrutura metálica como elementos que se aproximam da espacialidade do antigo pavilhão industrial, como se observa na Figura 46. Contudo, também aqui a relação com a memória da fábrica depende mais da reinterpretação de algumas características formais do que da preservação da pré-existência.

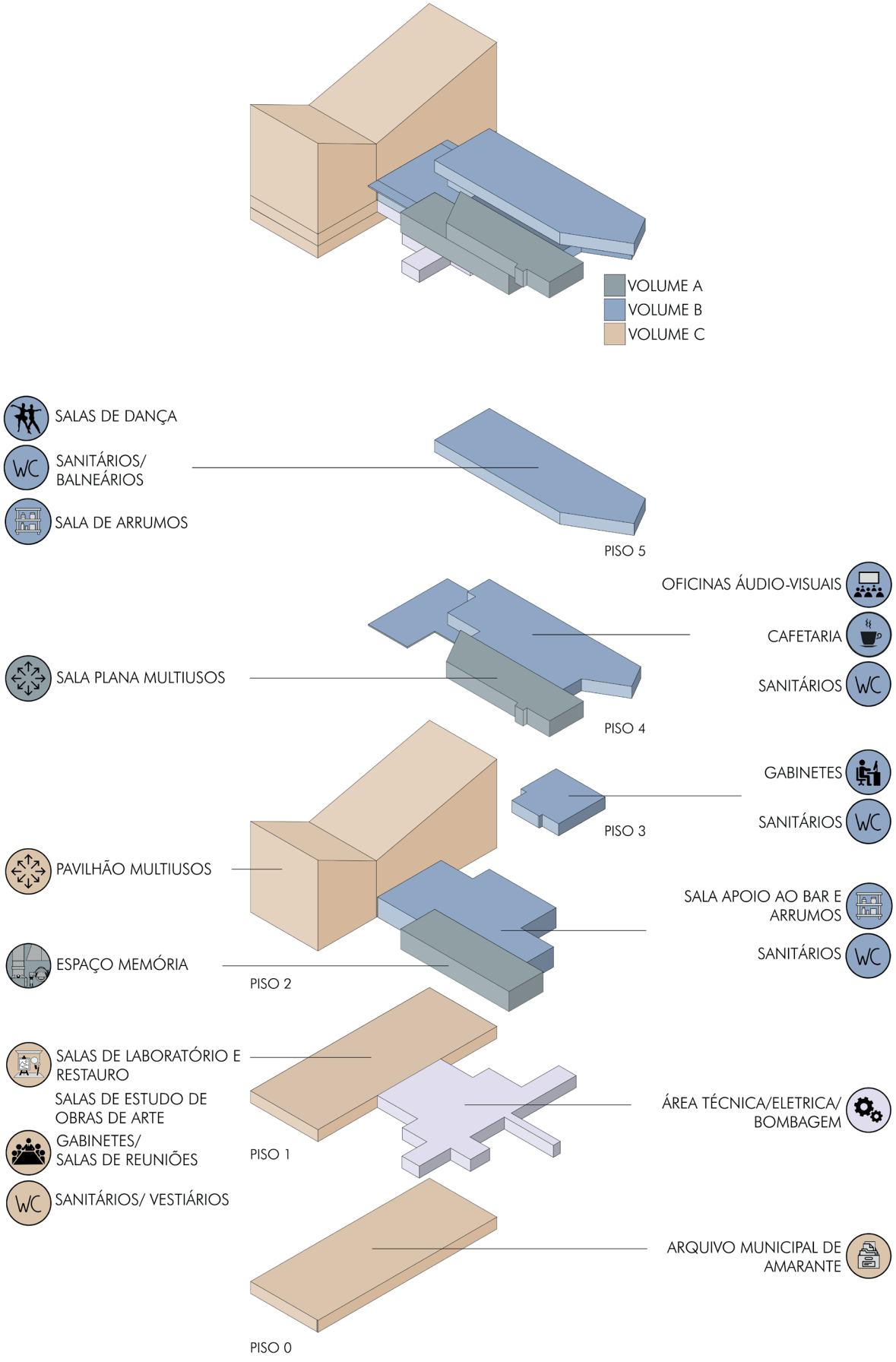


Figura 47. Esquema de análise da distribuição programática da proposta de projeto da Fábrica das Artes

Em relação à proposta programática para o Centro Cultural, identificamos uma estratégia tripartida na distribuição dos programas pelos três volumes, como podemos observar através da axonometria que realizamos (Figura 47). Tal como referimos anteriormente, a proposta de intervenção no volume A é aquela que estabelece uma relação mais direta com a memória do edifício pré-existente. Desta forma, a distribuição ao longo de dois pisos de uma "sala plana multiusos" e o "espaço memória" reforçam essa ideia.

O volume B, por apresentar uma organização espacial mais compartimentada, é dedicado fundamentalmente a áreas recreativas. Assim, ao longo de quatro pisos são distribuídas "oficinas audiovisuais", "gabinetes", "salas de dança" e uma "cafetaria", organizando no mesmo espaço um programa geral mais cultural e de usos quotidianos.

Já no volume C, o programa é distribuído por três pisos e assume funções distintas. O piso 2 está projetado para ser um espaço polivalente, designado como "pavilhão multiusos". Já os pisos 1 e 0 são dedicados a usos mais técnicos, como "salas de laboratório e restauro de obras de arte", "gabinetes", "salas de reuniões" e "arquivo municipal".

Assim, a proposta da "Fábrica das Artes" coloca-nos perante uma questão importante: **de que forma se pode transformar um lugar sem apagar aquilo que ele foi?** A futura "Fábrica das Artes" representa uma oportunidade relevante para reativar um espaço em desuso e devolvê-lo à população através de um programa cultural. Porém, ao propor a demolição quase integral das antigas oficinas, enfraquece-se a ligação com a história da "Fábrica dos Matias".

A antiga fábrica não é apenas uma construção degradada à espera de um novo uso. Foi um lugar de trabalho, de aprendizagem, de relações pessoais e de memórias acumuladas ao longo de várias gerações. Por isso, embora o projeto procure manter algumas referências ao passado, através da volumetria, dos materiais e da preservação das máquinas, permanece a sensação de que essa herança poderia ter sido trabalhada não apenas como imagem ou lembrança, mas como matéria ainda presente na elaboração do novo projeto.

3.2. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Perante a presença de vários edifícios industriais em estado devoluto, as medidas de intervenção a ser implementadas podem ser tão variadas quanto a natureza da estrutura industrial a ser abordada. Deste modo, podem emergir variadas soluções apropriadas e pertinentes para o mesmo projeto, dependendo das intenções dos intervenientes e das especificidades do edifício.

No campo dos projetos de intervenção podem ser explorados temas como "a reabilitação, o restauro, a conservação, a reconstrução, a reutilização, a renovação, a revitalização, a requalificação e a reconversão"[57]. Estas estratégias apesar de diferirem no seu modo de atuar no espaço, apresentam alguns objetivos em comum, dos quais: o reaproveitamento de estruturas arquitetónicas pré-existentes como uma estratégia de sustentabilidade e também como uma estratégia de respeito pelo passado histórico do lugar. Por um lado, durante o processo de requalificação e de reabilitação de edifícios devolutos, existe "menor desperdício de energia, menor desperdício de materiais e, também, menor produção de resíduos"[58]. Projetar edifícios de forma sustentável, não significa apenas produzir edifícios novos de acordo com os parâmetros da sustentabilidade, mas sim visualizar os edifícios em ruína como uma oportunidade para reutilizar e reaproveitar o que já existe. Segundo Carl Elefante:

> O edifício mais sustentável é aquele que já está construído. A reabilitação de edifícios existentes pode alcançar um desempenho de eficiência energética equivalente às de edifícios novos, reduzindo substancialmente as emissões operacionais e evitando ao mesmo tempo as imensas emissões incorporadas resultantes da construção de um novo edifício. Ocupar, manter, renovar e adaptar edifícios existentes é a abordagem mais ecológica e é especialmente crucial para cumprir as metas de redução de emissões carbónicas.[59]

Por outro lado, estas abordagens permitem que o projeto de intervenção assente numa filosofia de respeito para com as características da pré-existência, seguindo sobretudo, as recomendações presentes nas cartas internacionais[60] e, sempre que possível, melhorar os aspetos funcionais e de conforto.[61] Estas abordagens são também cada vez mais valorizadas, por permitirem manter uma ligação física e simbólica com o passado, sem comprometer as exigências funcionais do presente.

---

57 Serrano, Ana . *"Reconversão de espaços industriais: Três projectos de intervenção em Portugal."* Editado por Instituto Superior Técnico: Universidade Técnica de Lisboa. pág.54

58 Hewitt, Mark Alan. *"Por que o reuso de edifícios existentes pode (e deve) ser o principal foco dos arquitetos".*" ArchDaily Brasil. 2019

59 Elefante, Carl. *"The greenest building... is the one that is already built."* Carl Elefante. 2007.
Texto original em inglês: "The greenest building... is the one that is already built. Retrofitting existing buildings to improve their performance can achieve energy efficiencies equivalent to new buildings, substantially reducing operational emissions while avoiding the immense embodied emissions from constructing a new building. Occupying, maintaining, renewing, and adapting existing buildings is the greenest approach and is especially crucial for meeting emissions reduction".

60 Carta de Atenas (1931), Carta de Veneza (1964), Carta de Burra (1999) e Carta de Cracóvia (2000).

61 Silva, David. *"Reabilitação de Edifícios Antigos com Valor Patrimonial? Metodologia de Intervenção."* Editado por Instituto Superior de Engenharia do Porto. Julho de 2017.

Um exemplo projetual que aborda estas temáticas é o projeto "SESC Pompeia" (Figura 48), da arquiteta Lina Bo Bardi, inaugurado no ano de 1986 em São Paulo. Neste projeto, Lina Bo Bardi tira partido da reabilitação e da reconversão para transformar um antigo complexo industrial num centro cultural e desportivo. A arquiteta, defende que *"*é preciso se libertar das "amarras", não jogar fora simplesmente o passado e toda sua história; o que é preciso é considerar o passado como presente histórico. O passado, visto como presente histórico, é ainda vivo (...).*"*[62]. Com esta afirmação, Lina Bo Bardi apresenta-nos a ideia da transformação e da adaptação de edifícios pré-existentes como uma oportunidade para adaptar os edifícios às necessidades contemporâneas.

> Quando a Lina Bo Bardi visitou o complexo fabril pela primeira vez em 1976, ela ficou impressionada com a disposição racional dos armazéns e com as suas elegantes e inovadoras estruturas de betão armado. A Segunda visita foi realizada durante um fim de semana, e Lina deparou-se com uma atmosfera muito entusiasta, que a leva a afirmar: "Havia um grupo de crianças, mães, pais, pessoas mais velhas a atravessar de pavilhão em pavilhão. A chuva caia através dos telhados partidos, mas as crianças brincavam e os rapazes jogavam futebol enquanto riam e pisavam as poças... Eu pensei: tudo isto deve permanecer assim com esta alegria[63]

As qualidades formais e o ambiente observado nas visitas *in situ*, fundamentaram a decisão da arquiteta, que ao invés de demolir o conjunto existente, optou por preservar a estrutura original do edifício, respeitando a sua materialidade e a sua identidade. Deste modo, foram preservados os aspetos fundamentais do local, a sua implantação e a sua volumetria. São integrados, também, novos volumes que estabelecem um diálogo direto com o edifício pré-existente. A estratégia adotada reflete uma abordagem crítica e sensível à memória do lugar, onde a nova arquitetura não pretende esconder o passado, mas sim revelá-lo e (re)contextualizá-lo, criando uma relação entre o antigo e o novo.

Neste sentido, o SESC Pompeia torna-se um exemplo claro de como a reabilitação e a reconversão podem ser alternativas viáveis, e até preferíveis, à demolição, ao permitir a continuidade da história do lugar através da arquitetura. Esta obra não só reforça a importância da participação comunitária, como também promove a ideia de que é possível adaptar um edifício devoluto a novas funções contemporâneas, sem apagar a sua identidade original.

---

62 Rubino, Silvana; Grinover, Marina. *"Lina por Escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991"*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pág.165

63 Anelli, Renato, et al. *"Lina Bo Bardi 100: Brazil's Alternative Path to Modernism"*. Editado por Andres Lepik e Vera Simone Bader. Berlim: Hatje Cantz, 2014. pág. 265.

Texto original em inglês: When Lina Bo Bardi visited the site for the first time in 1976, she was impressed with the rational arrangement of the warehouses and their "elegant and innovative" reinforced concrete structures. When she went there a second time on a weekend, the atmosphere filled her with even more enthusiasm, as she wrote after leaving: "There was a happy crowd of infants, mothers, fathers, older people passing from one pavilion to another. The rain was dripping through the cracked roofs, but children were running around, and boys were playing soccer, laughing as they kicked the ball through the puddles... I thought all of this should continue like this: with all this happiness.



Figura 48. Fotografias do edifício SESC Pompeia, de Lina Bo Bardi

Outro exemplo paradigmático da valorização da pré-existência industrial no contexto da arquitetura contemporânea é o projeto do "Matadero Madrid" (Figura 49). Este projeto é um centro de criação contemporânea, administrado pelo Departamento de Cultura, Turismo e Desporto da Cidade de Madrid, fundado em 2006. Situa-se no antigo matadouro e mercado de gado da cidade, que é um local de grande relevância patrimonial e arquitetónica.[64]

Este projeto é relevante porque, em 2005, o antigo matadouro transformou-se num campo experimental para a arquitetura e para a cultura, através do desenvolvimento de projetos que reorganizaram os espaços existentes com o objetivo de os adaptar a novas atividades culturais. Estes projetos assentavam nas premissas de:

> (...)por um lado, preservar o envelope externo de cada uma das naves e, por outro, criar desenhos reversíveis que permitissem devolver os espaços ao seu estado original, se necessário. Dessa forma, tornou-se viável o desenvolvimento de vários projetos que preservaram os vestígios do passado e respeitaram integralmente o espaço patrimonial, promovendo simultaneamente o desenvolvimento de uma ampla variedade de ofertas culturais.[65]

As diferentes intervenções foram elaboradas por vários arquitetos e caracterizaram-se por uma abordagem faseada e flexível. A premissa do projeto não foi "corrigir" ou "embelezar" o passado, mas sim interpretá-lo e (re)utilizá-lo, através da preservação da estrutura original e inclusão de vários elementos pré-existentes, que concederam autenticidade e identidade ao espaço. Outro aspeto relevante destas intervenções é a flexibilidade e a polivalência dos espaços construídos, que foram pensados para acolher e adaptar-se a diferentes tipos de atividades. Deste modo, o Matadero tem capacidade de albergar várias programações que consistem em exposições, teatro, festivais, música ao vivo, projetos cinematográficos e audiovisuais, conferências, palestras e workshops, residências artísticas, programas educacionais e atividades familiares.

O projeto do Matadero reforça a ideia de que a memória de um lugar não se conserva apenas através da forma, mas também através da atmosfera e dos materiais. Esta abordagem demonstra que a reconversão pode ser uma estratégia dinâmica, que respeita o passado e, simultaneamente, permite a transformação e a adaptação do edifício às necessidades contemporâneas.

64 Matadero Madrid. Arquitectura/Matadero Madrid. s.d. (https://www.mataderomadrid.org/arquitectura)
65 *Ibidem*

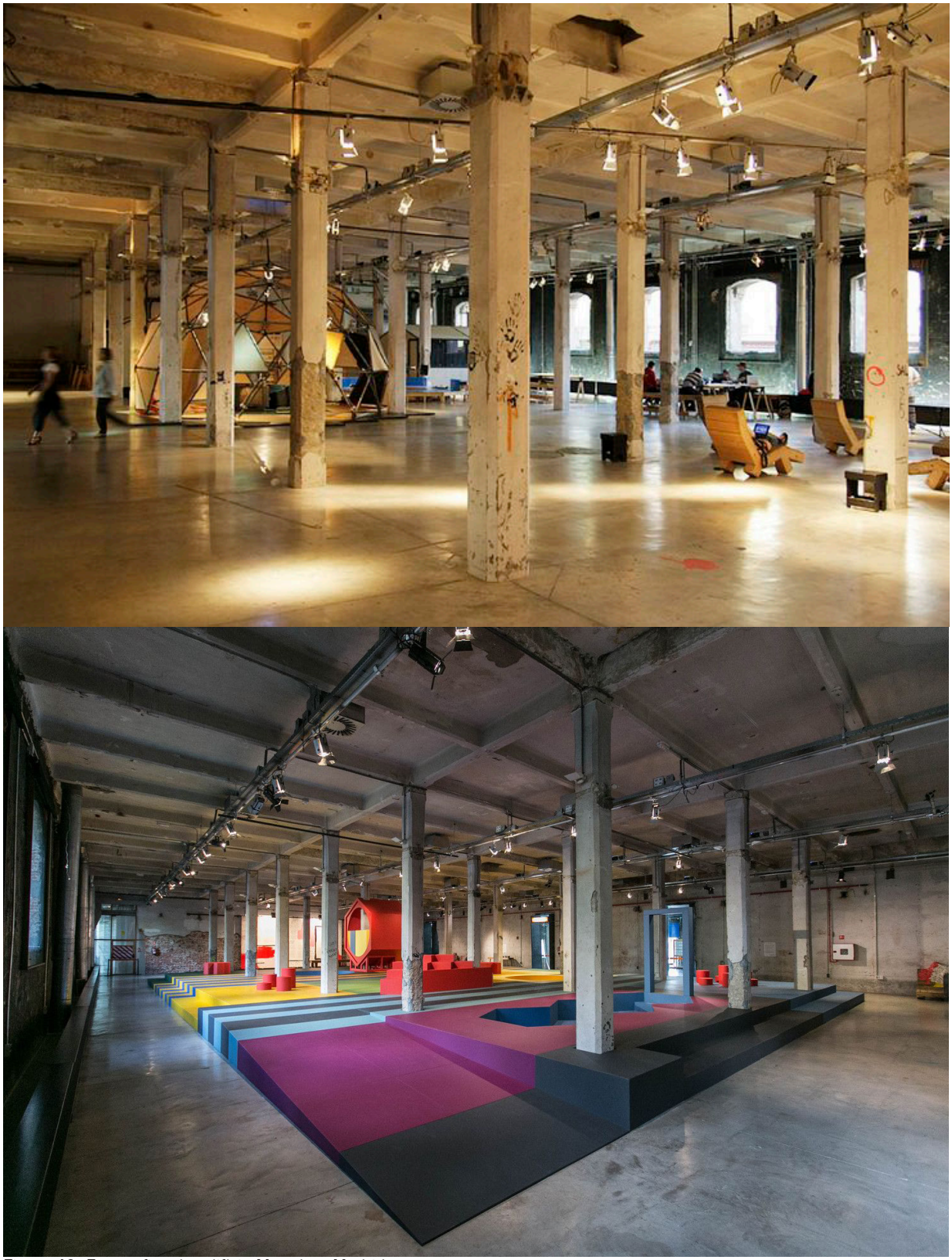


Figura 49. Fotografias do edifício Matadero Madrid.

Para além da valorização dos edifícios pré-existentes, também a colaboração da comunidade na estratégia é valorizada. Para Lina Bo Bardi: "Quando se projeta, mesmo como estudante, é preciso fazer uma obra que "sirva", que tenha uma conotação de uso, de aproveitamento. É preciso que essa obra não caia do céu sobre os "moradores", mas que exprima uma verdade, uma necessidade"[66] Deste modo, através das entrevistas[67] realizadas a vários habitantes amarantinos, percebemos a relevância que a ruína da "Fábrica dos Matias" teve e ainda tem no quotidiano das pessoas. Estas entrevistas foram realizadas a pessoas de diferentes gerações, com a intenção de ficarmos a conhecer diferentes perspetivas face à relação dos habitantes com a "Fábrica dos Matias".

A geração mais velha demonstrou ter uma ligação afetiva com o passado histórico da fábrica. Isto deve-se ao facto de que a maioria das pessoas desta geração aqui trabalharam ou presenciaram a fábrica em funcionamento. Desta forma, os antigos funcionários têm recordações muito vivas do ambiente vivido na fábrica e ainda vêm o edifício tal como ele foi um dia. Apesar desta relação direta e afetiva com o passado da fábrica, estas recordações não toldam a sua visão sobre o que poderá ser o seu futuro. Realçam que gostariam de ver a fábrica novamente no ativo, com as mesmas características construtivas que a definem. Não com o objetivo de (re)ativar a atividade industrial, mas sim como um espaço dinâmico e ativo na vida da comunidade.

Já a geração mais nova, demonstrou conhecer a "Fábrica dos Matias" devido a dois motivos diferentes. Por um lado, devido a familiares que em tempos trabalharam na fábrica e por outro lado, devido às atividades que atualmente lá têm sido realizadas. Apesar de já terem visitado a fábrica, confessam que conhecem apenas o espaço onde são realizadas as atividades e sentem curiosidade de percorrer as instalações na sua totalidade. Anteriormente à realização das atividades, a ruína da fábrica era só um edifício abandonado pelo qual passavam durante a circulação na cidade. Deste modo, antes das atividades realizadas, o estado de ruína em que se encontra o edifício levava a que a geração mais jovem especulasse um futuro em que edifício fosse demolido. No entanto, após terem visitado já mais do que uma vez o edifício, as pessoas entrevistadas desta geração acreditam que o edifício carrega consigo um valor identitário insubstituível, sendo comparado também com as antigas instalações do *Hard Club do Porto*[68]

66 Rubino, Silvana; Grinover, Marina. *"Lina por Escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991"*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pág. 165.
67 Consultar entrevistas presentes em anexo.
68 Entrevista realizada aos formadores da Galeria de Arte "Gatilho" presente em anexo pág. 165-168.

Posto isto, por um lado a essência da *"Fábrica dos Matias"* é compreendida pela população muito além da sua materialidade física. O edifício, marcado por uma longa história de produção metalomecânica, representa não apenas uma estrutura industrial, mas um repositório de memórias sociais e culturais. Por outro lado, as atividades e usos que têm vindo a ser promovidos na fábrica revelam-se um fator de atração para a comunidade. Mais do que incentivar a participação e a visita, estas iniciativas permitem que as pessoas conheçam o espaço e, a partir desse contacto, lhe atribuam valor e significado simbólico.

Por este motivo, não acreditamos que a musealização estática ou a rutura radical seja a solução indicada para este edifício. Mas acreditamos que é fundamental realizar uma intervenção equilibrada entre a permanência e a transformação, que preserve ao mesmo tempo a memória do passado industrial, a identidade do lugar e as necessidades contemporâneas.

Segundo Gracia:

> Intervenir equivale a actuar conscientemente en el proceso dinámico de la ciudad; debiendo añadirse que, en todo caso, habría de garantizarse la mínima estabilidad necesaria para que la forma urbana, en sus partes y en el todo, prolongue una identidad que ha sido conseguida lenta y trabajosamente. Como se ha dicho en otro pasaje, la ciudad es un patrimonio del pasado a transferir hacia el futuro y, si es posible, mejorando por el presente.[69]

No entanto, esta intervenção deve ser uma abordagem cuidadosa e crítica, que reconheça o valor das suas características construtivas e dos elementos que resistiram ao tempo. Deve-se "fazer tão pouco quanto seja necessário para cuidar do sítio e torná-lo utilizável mas, por outro lado, alterar tão pouco quanto seja possível para que o seu significado cultural fique retido."[70]

Desta forma, **acreditamos que a reconversão é a decisão mais indicada**, porque implica a alteração do programa, compreende um conjunto de ações para a preservação do edifício pré-existente e permite a introdução de novos materiais e elementos arquitetónicos contemporâneos, sem comprometer a linguagem original do edifício.[71] Assim, através da reconversão é permito intervir em espaços detentores de história, memória e identidade, como pretendemos no caso de estudo da "Fábrica dos Matias".

---

69 Gracia, Francisco de. "*Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*". Madrid: Nerea, 1992. pág. 179

70 ICOMOS Austrália. *"A Carta de Burra"*. 1999. pág. 4

71 Pinto Coelho, Maria João. *"Intervir no património: Conceitos e opções"*. Em Urbanidade e património, de João Couceiro. Lisboa: IGAPHE, 1998.

3.3. Projeto: a reconversão da antiga "Fábrica dos Matias".

Após o cruzamento de todos os dados analisados anteriormente, pretendemos realizar uma **proposta de reconversão da antiga "Fábrica dos Matias"**. Esta ideia surgiu como resposta direta às atividades temporárias promovidas no edifício pela Câmara Municipal de Amarante (exposições, cinema, feiras do livro e mercados comerciais) e pela Galeria de Arte Gatilho (exposições de arte e concertos). Através da análise destas iniciativas (Figura 50) foi possível perceber o potencial do espaço fabril para acolher diferentes programas de uso público. As características do edifício fabril, como as amplas dimensões e a planta livre, revelaram-se condições favoráveis à ocupação versátil e polivalente, onde a simples disposição de mobiliário definia e organizava o espaço.

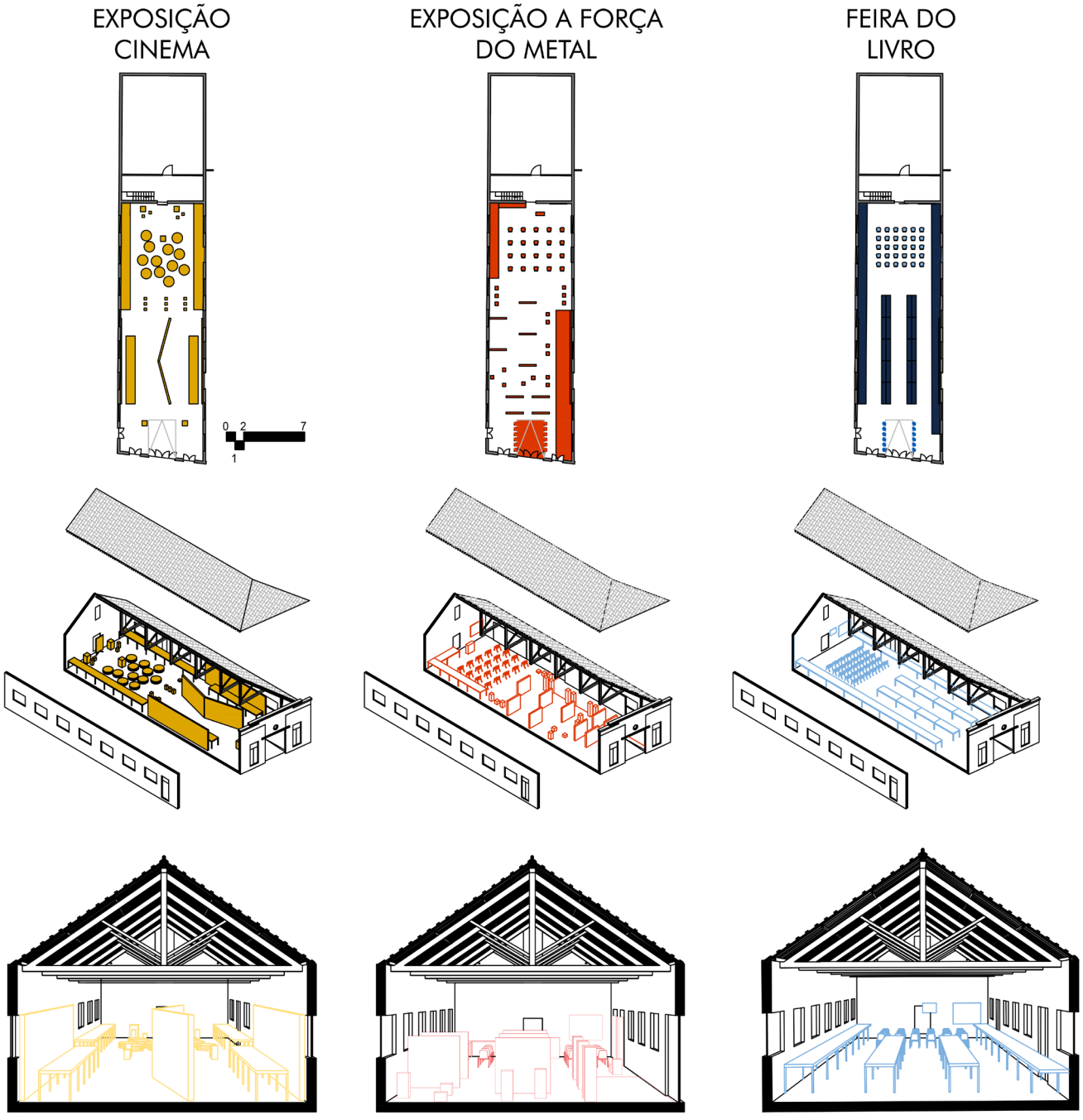
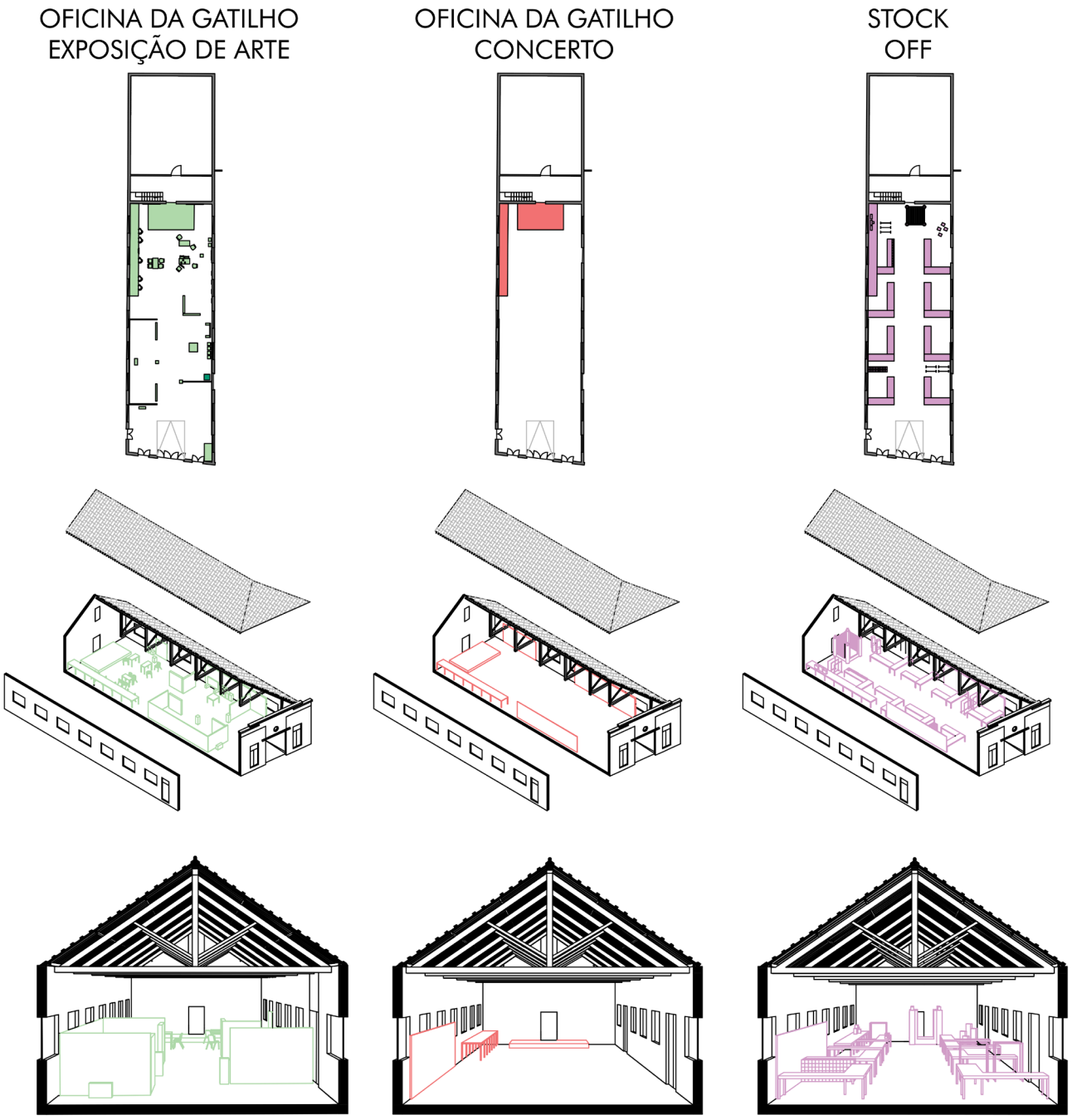


Figura 50. Esquemas representativos das atividades informais praticadas na Fábrica dos Matias.

Deste modo, através da reconversão pretendemos transformar a fábrica num espaço permanentemente habitável, flexível e adaptável, mantendo-se estruturalmente fiel à sua essência fabril. A essência da fábrica permanece, mas a sua função evolui. Esta estratégia é possível desde que baseada numa estratégia de requalificação criteriosa da sua estrutura e da introdução de sistemas arquitetónicos adaptáveis.[72] O objetivo é encontrar um equilíbrio entre o que existe e o que se propõe, permitindo que diferentes elementos do edifício coexistiam no mesmo lugar.



72 Serrano, Ana . *"Reconversão de espaços industriais: Três projectos de intervenção em Portugal."* Editado por Instituto Superior Técnico: Universidade Técnica de Lisboa. pág.69.

A estratégia selecionada para a definição do novo programa resulta da síntese de quatro fatores: das necessidades levantadas pela Câmara Municipal de Amarante, da capacidade espacial dos edifícios para acolher múltiplas funções como referido anteriormente, das entrevistas realizadas à comunidade amarantina e da localização da fábrica.

Desta forma, após a análise dos programas considerados na proposta de projeto do Centro de Cultura Urbana de Amarante, proposto pela Câmara Municipal de Amarante, pretendemos integrar alguns destes espaços neste projeto. Neste caso, foram selecionados: o Arquivo Municipal de Amarante, dado que o espaço onde se encontra atualmente não reúne as qualidades espaciais necessárias; Salas para o estudo e a conservação de obras de arte, que servirá de apoio ao Museu Amadeo de Souza Cardoso; um Pavilhão Multiusos e uma Cafetaria.

A capacidade espacial do edifício industrial, caracterizada pelas amplas dimensões, planta livre e áreas compartimentadas de grande área, permitem a flexibilidade na ocupação e na organização do espaço. Estas características espaciais permitem que o interior seja facilmente adaptável a diferentes funções, sem a necessidade de grandes demolições ou alterações estruturais, tornando o edifício dinâmico e responsivo às necessidades da comunidade.

Em relação, às entrevistas realizadas, estas direcionaram-se a pessoas residentes em Amarante e pertencentes a diferentes faixas etárias. Deste modo, foi questionado à comunidade quais os serviços que consideram estar em falta na cidade. As respostas centraram-se em: um pavilhão multiusos, um shopping, espaços cobertos para convívio, galerias, parques infantis interiores e espaços para praticar teletrabalho.

Por fim, a análise da envolvente da fábrica analisada no capítulo anterior, permitiu perceber que desde a fábrica até um raio de distância de 800m, estão localizadas escolas, postos de saúde, lares de idosos, serviços municipais, o centro histórico da cidade e, inclusive, a zona ribeirinha da cidade.

Através do cruzamento destas informações recolhidas, pretendemos definir este projeto como um "Centro de Cultura Urbana", tal como proposto pela Câmara Municipal de Amarante. Consideramos esta definição válida, visto que vai de encontro com os programas propostos pela comunidade. No entanto, para além dos programas anteriormente selecionados, pretendemos propor também a inclusão de espaços dedicados ao teletrabalho, ou seja, a inclusão de uma área de Coworking.

O Coworking, é um modelo de espaço de trabalho público, que possibilita a multifuncionalidade de atividades, combinando áreas de trabalho, espaços expositivos, zonas de convívio e salas polivalentes, dedicados a utilizadores autónomos, empreendedores, teletrabalhadores, pequenas empresas ou mesmo projetos colaborativos. Estes espaços são geralmente pensados para estimular a colaboração, a partilha de ideias, o networking e a criatividade.

Após a definição do programa, pretendemos apresentar a estratégia de requalificação estrutural da antiga Fábrica dos Matias, tendo como base quatro linhas de ações principais que se podem observar nas Figuras 51, 52, 53 e 54: os elementos a manter (cor preto), os elementos a recuperar (cor azul), os elementos a adicionar (cor vermelha) e os elementos a demolir (cor amarelo). A intervenção procura respeitar a memória material e construtiva do edifício, através da adoção de uma abordagem cautelosa, que privilegia a recuperação sempre que possível. A introdução de novos elementos pode assumir duas abordagens distintas: uma intervenção reversível, que permite manter intactas as características originais do edifício ou uma intervenção definitiva, que transforma o existente e deixa visíveis no edifício as marcas das diferentes fases da sua história[73]

Inicialmente, propomos manter (cor preto) grande parte da estrutura das paredes existentes do conjunto de edifícios, tanto exteriores como interiores, intervindo apenas em algumas situações pontuais onde a sua demolição se torne necessária. Relativamente aos elementos a recuperar (cor azul), no caso dos volumes A e B, pretendemos requalificar os principais elementos identitários, como as asnas de madeira, as coberturas em telha cerâmica e as paredes em pedra ou em alvenaria, estas últimas marcadas por sinais evidentes de infiltração. No volume C, pretendemos recuperar as coberturas em estrutura metálica e a lateral direita do edifício também em estrutura metálica revestido com chapa. Já no conjunto de edifícios pretendemos recuperar ou substituir elementos de caixilharias e envidraçados com formas e cores idênticas às originais, sempre que necessário. Quando inexistentes, pretendemos introduzir novos elementos, assumidamente contemporâneos.

Em relação aos elementos a subtrair (cor amarelo), nos volumes A e B, temos como objetivo demolir algumas paredes divisórias em alvenaria, com a intenção de reorganizar o espaço, tornando-o mais funcional e flexível. No volume C não encontramos necessidade de realizar este tipo de intervenção.

No conjunto de edifícios, os elementos que propomos construir (cor vermelho), são paredes divisórias em alvenaria para as novas instalações sanitárias. Estas adições tornam-se necessárias, visto que as instalações sanitárias existentes possuem áreas e dimensões insuficientes para auxiliar o novo programa proposto. É proposto também a montagem de estruturas metálicas modulares e desmontáveis, sobrelevadas, que aproveitam o pé-direito generoso dos espaços interiores e possibilitam o uso de diferentes cotas, reforçando a versatilidade vertical.

Na proposta pretendemos ainda integrar os elementos industriais pré-existentes, como os fornos da antiga fundição. Apesar do seu estado de ruína, causado pelo colapso da cobertura, pretendemos a recolha e a reconstituição dos fragmentos, permitindo a sua reinstalação no interior da fábrica. Estes elementos, enquanto testemunhos materiais da função original do edifício, tornam-se peças centrais na construção da sua nova identidade, preservando a coexistência entre o passado e o presente num mesmo espaço.

73 Serrano, Ana . *"RECONVERSÃO DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS: Três projectos de intervenção em Portugal."* Editado por Instituto Superior Técnico: Universidade Técnica de Lisboa. Outubro de 2010. pág. 68

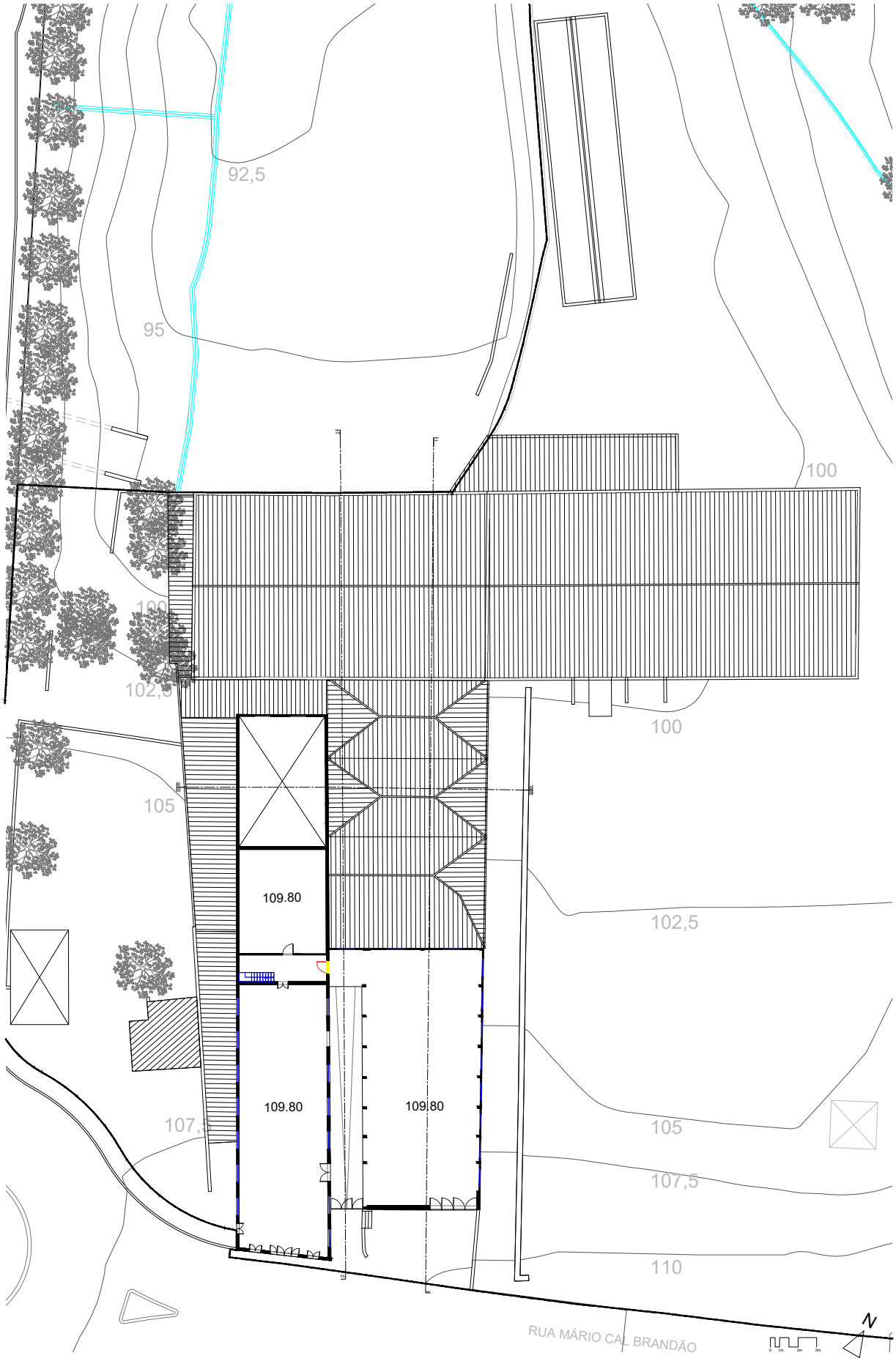


Figura 51. Planta de estratégia de intervenção no piso 0. Elementos a manter (cor preta), elementos a recuperar (cor azul), elementos a adicionar (cor vermelha), elementos a demolir (cor amarela).

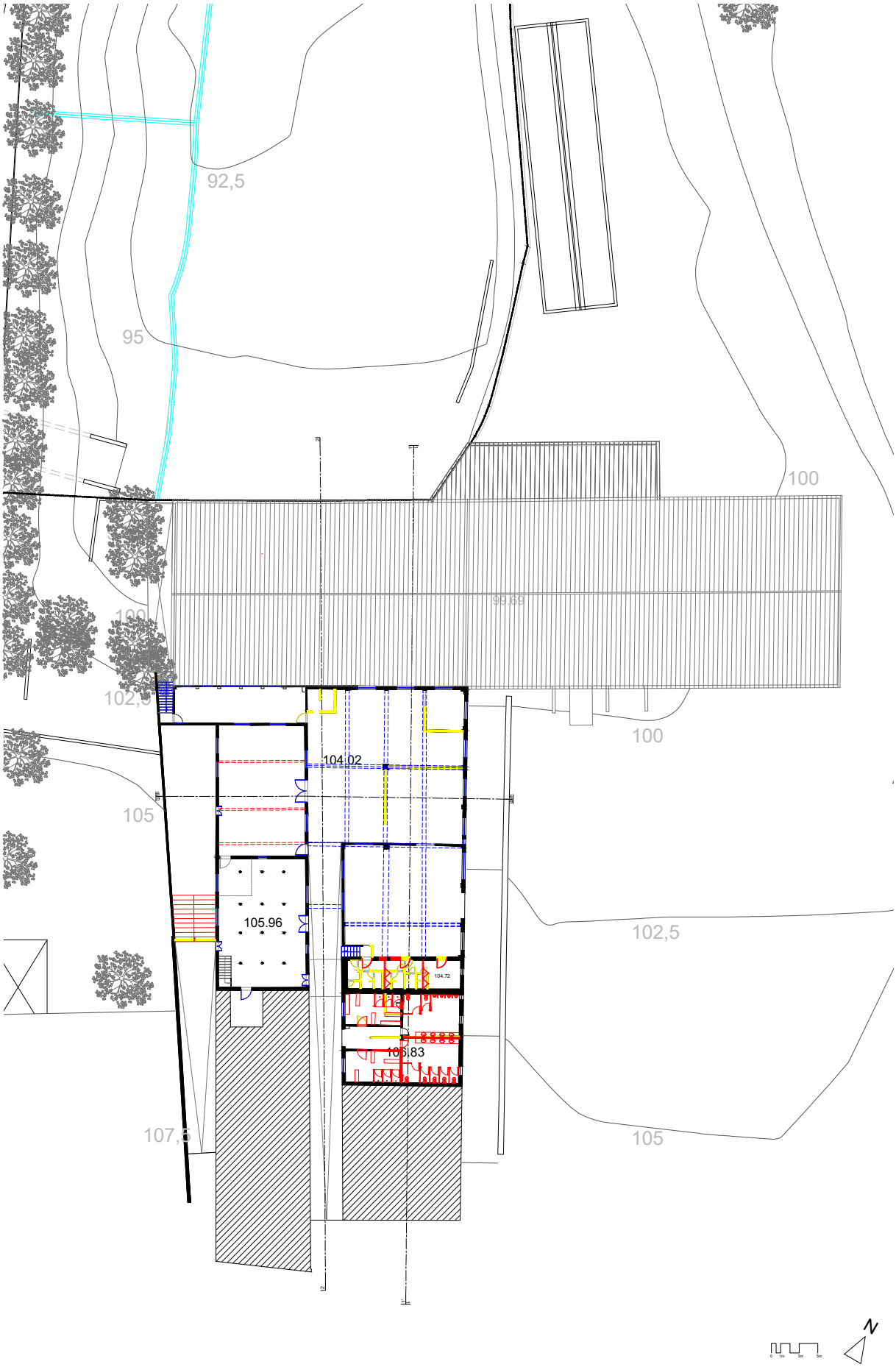


Figura 52. Planta de estratégia de intervenção no piso -1. Elementos a manter (cor preta), elementos a recuperar (cor azul), elementos a adicionar (cor vermelha), elementos a demolir (cor amarela).

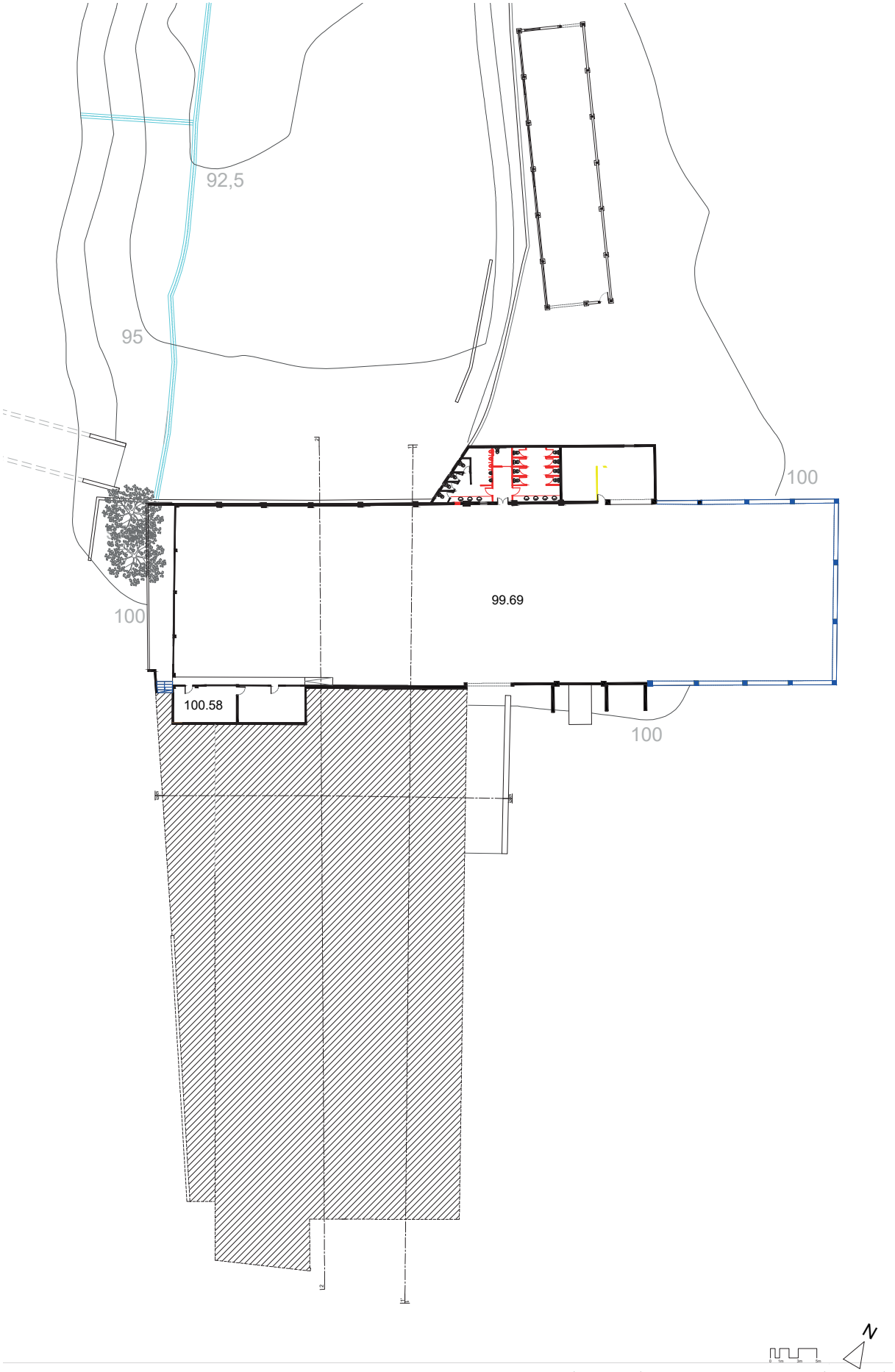


Figura 53. Planta de estratégia de intervenção no piso -2. Elementos a manter (cor preta), elementos a recuperar (cor azul), elementos a adicionar (cor vermelha), elementos a demolir (cor amarela).

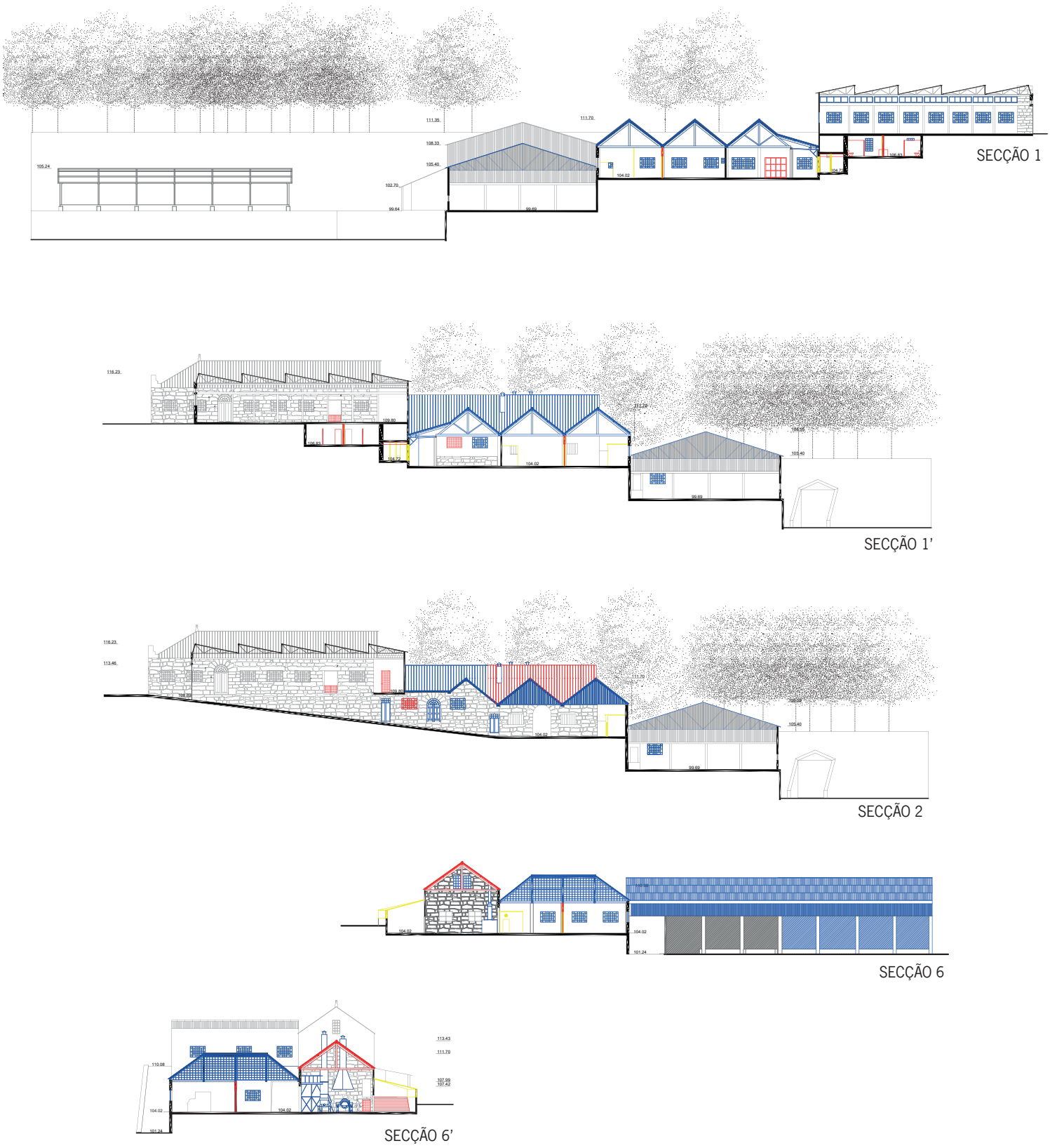


Figura 54. Secções de estratégia de intervenção no conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias. Elementos a manter (cor preta), elementos a recuperar (cor azul), elementos a adicionar (cor vermelha), elementos a demolir (cor amarela).

Concluída a definição do programa e das estratégias de intervenção, apresentamos a proposta final de reconversão da antiga Fábrica dos Matias. Tal como anteriormente referido, propõe-se transformar as antigas oficinas da fábrica num Centro de Cultura Urbana para a cidade de Amarante, um equipamento público aberto a toda a comunidade. O projeto baseia-se numa abordagem informal e flexível, pensada para se adaptar a diferentes usos e promover a apropriação criativa dos espaços pela comunidade.

A reconversão respeita os três volumes originais das antigas oficinas e a estrutura fabril existente, preservando os seus elementos estruturais e identitários. O edifício organiza-se em três pisos, e a descrição será feita de forma tripartida, acompanhando a estrutura vertical do conjunto.

No piso 0 (Figura 54), ao nível da rua Mário Cal Brandão, o piso térreo é composto por duas áreas amplas interiores, caracterizadas por planta livre e um pé-direito favorável, oferecendo um potencial elevado para usos versáteis.

No volume A, com robustas paredes de pedra e cobertura em telha sustentada por asnas de madeira, propomos um espaço polivalente destinado à galeria de arte, complementado por uma sala de arrumos. Este ambiente poderá acolher exposições, oficinas, aulas ou outros eventos culturais, aproveitando a flexibilidade da planta.

O volume B, de estrutura em pilares de betão, paredes de alvenaria e cobertura metálica, continuará a ser explorado pelos Bombeiros Voluntários de Amarante, mantendo o uso atual com uma proposta funcional adequada. É também neste piso que se localiza a rampa interior de acesso aos pisos inferiores.

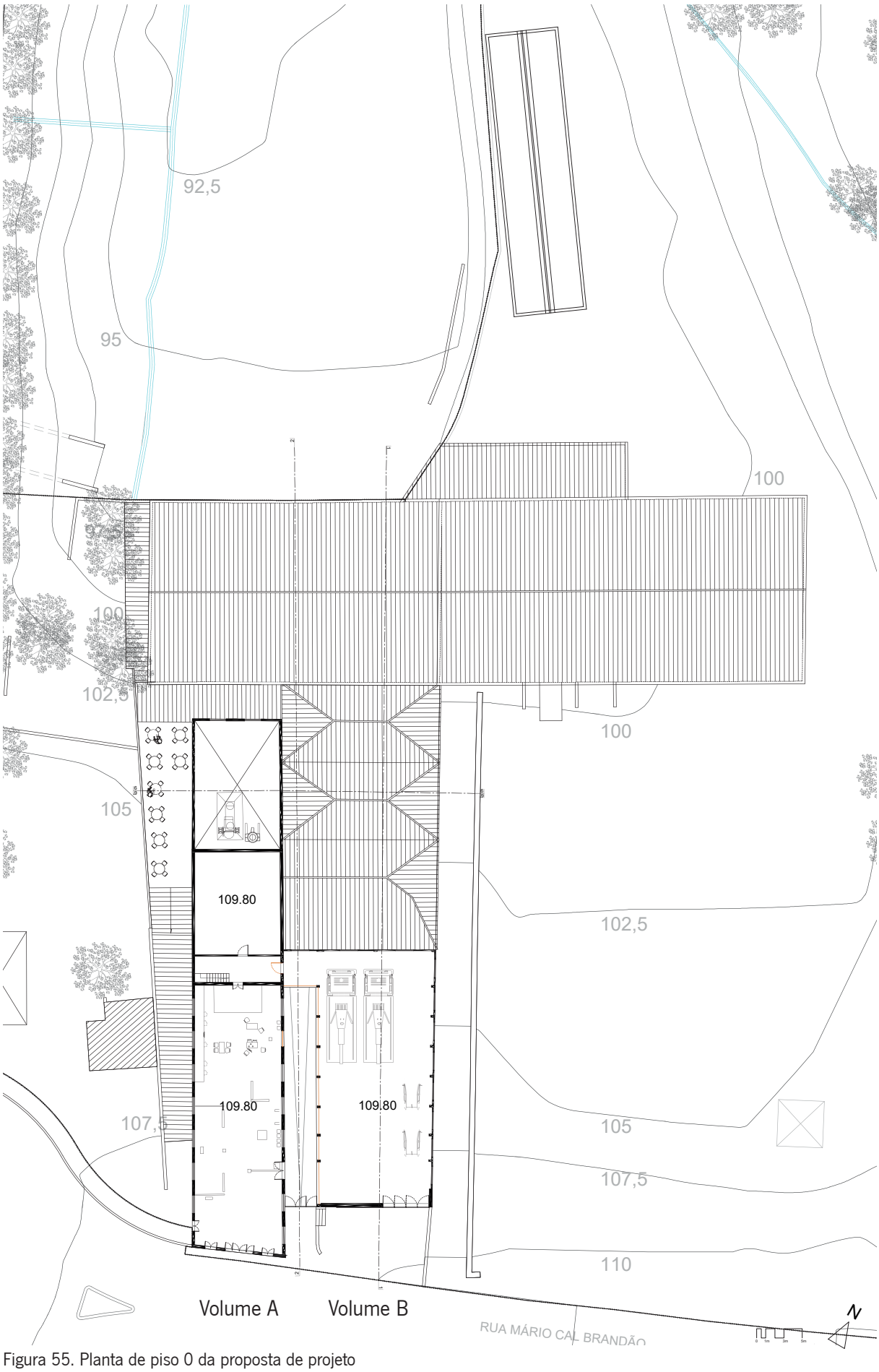


Figura 55. Planta de piso 0 da proposta de projeto

No piso -1 (Figura 56), mantemos várias divisões interiores que contribuem para uma ocupação flexível e organizada, respeitando a escala dos espaços existentes.

No volume A, são instalados os gabinetes de gestão do centro cultural e uma reprografia, acessíveis tanto do interior como do exterior do edifício. A compartimentação poderá ser ajustada por meio de paredes móveis e mobiliário versátil, promovendo a flexibilidade. Na antiga fundição, serão recuperadas e remontadas tanto as antigas máquinas como a campânula. Com vista a aproveitar o pé direito de 9m e a minimizar intervenções na estrutura original, propomos a instalação de uma estrutura móvel metálica com dois pisos. Esta estrutura albergará a cafetaria no piso inferior e a distribuição de um conjunto de mesas e cadeiras no piso superior.

No volume B, relocalizamos as instalações sanitárias. As antigas divisórias foram mantidas e serviram de base para a nova distribuição. As canalizações serão visíveis, evitando intervenções intrusivas na estrutura original.

Para aproveitar de melhor forma a área existente, introduzimos no projeto sistemas de portas móveis e portas acordeão, capazes de permitir criar diferentes configurações espaciais interiores, de acordo com a necessidade.

Ainda neste piso, desenvolve-se o principal espaço de coworking, com mesas, cadeiras e mobiliário funcional. As antigas instalações sanitárias são reaproveitadas para criar salas privadas, compartimentáveis com paredes em acordeão. O espaço comum será igualmente equipado com portas de correr e elementos modulares, permitindo adequar a configuração a diversas atividades.

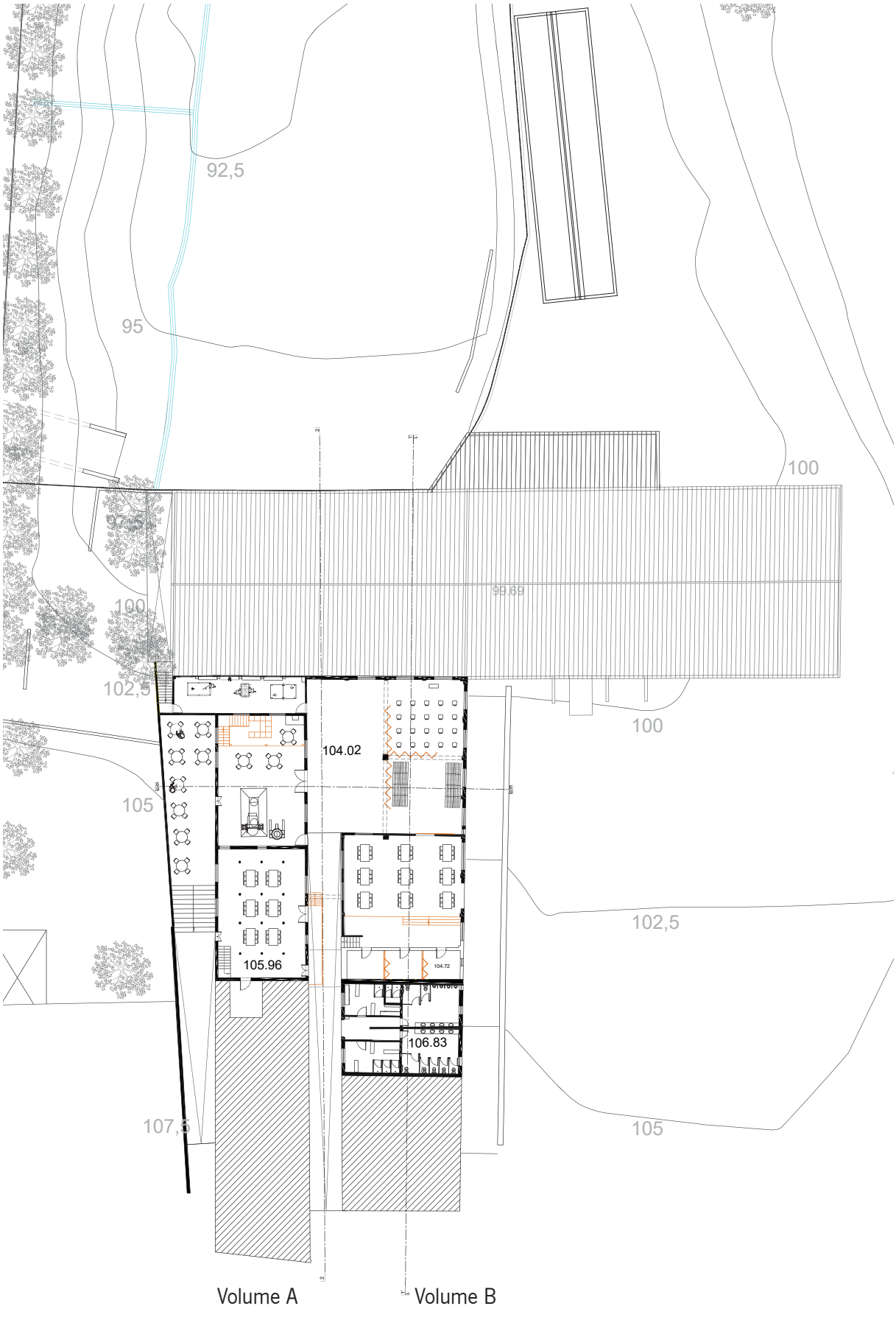


Figura 56. Planta de piso -1 da proposta de projeto

No piso -2 (Figura 57), o volume C será adaptado para funcionar como um pavilhão multiusos, capaz de acolher atividades distintas em simultâneo. Para tal, além das reparações já previstas, propomos a introdução de uma estrutura metálica elevada que permite o acesso e a circulação numa cota superior. Este novo nível receberá escritórios modulares, destinados ao Arquivo Municipal de Amarante e a salas de estudo e conservação de obras de arte. No piso térreo serão inseridos também pequenos edifícios modelares que podem servir de salas e gabinetes polivalentes.

A versatilidade deste espaço com área de 1373m2, aliada ao pé direito que oscila entre 5m e 8m, permite uma distribuição dinâmica e ajustável às necessidades de cada programa, tornando o pavilhão apto a receber diferentes atividades culturais, académicas ou institucionais, bem como a inserção de equipamentos infantis ou desportivos.

O volume D, não sofre intervenção, mantendo-se a estrutura metálica tal como existe. Inserimos neste espaço mobiliário exterior, como mesas e bancos, para promover o usufruto do lugar. Tal como faziam os antigos funcionários.

No seu todo, este projeto assume um carácter informal, versátil e aberto à experimentação, propondo uma organização espacial que se adapta aos diferentes contextos e necessidades de uso. Com este projeto, pretendemos preservar a memória industrial do local, enquanto abre espaço para novas dinâmicas sociais, culturais e criativas, incentivando uma apropriação ativa e contínua por parte da comunidade.

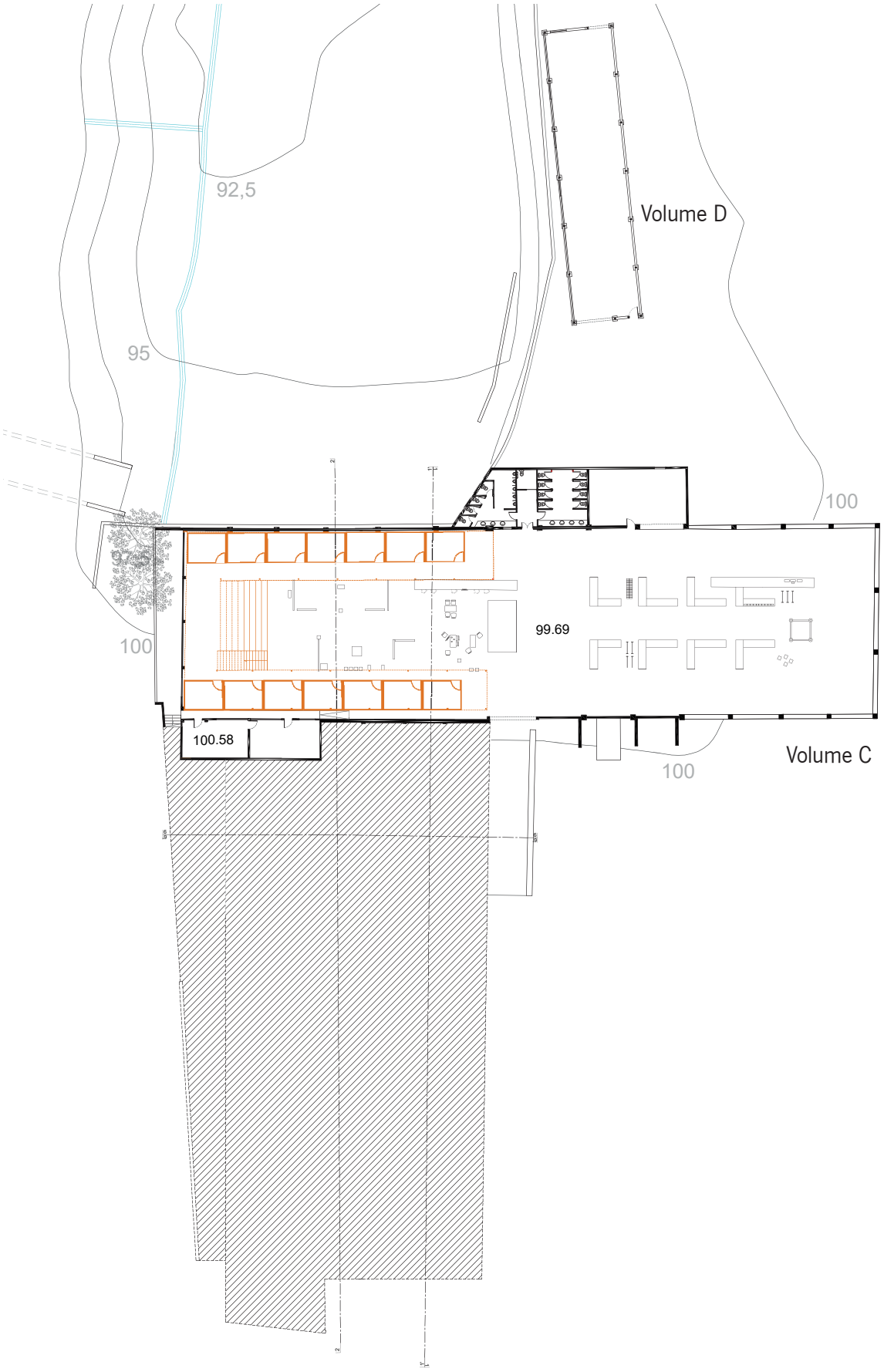


Figura 57. Planta de piso -2 da proposta de projeto

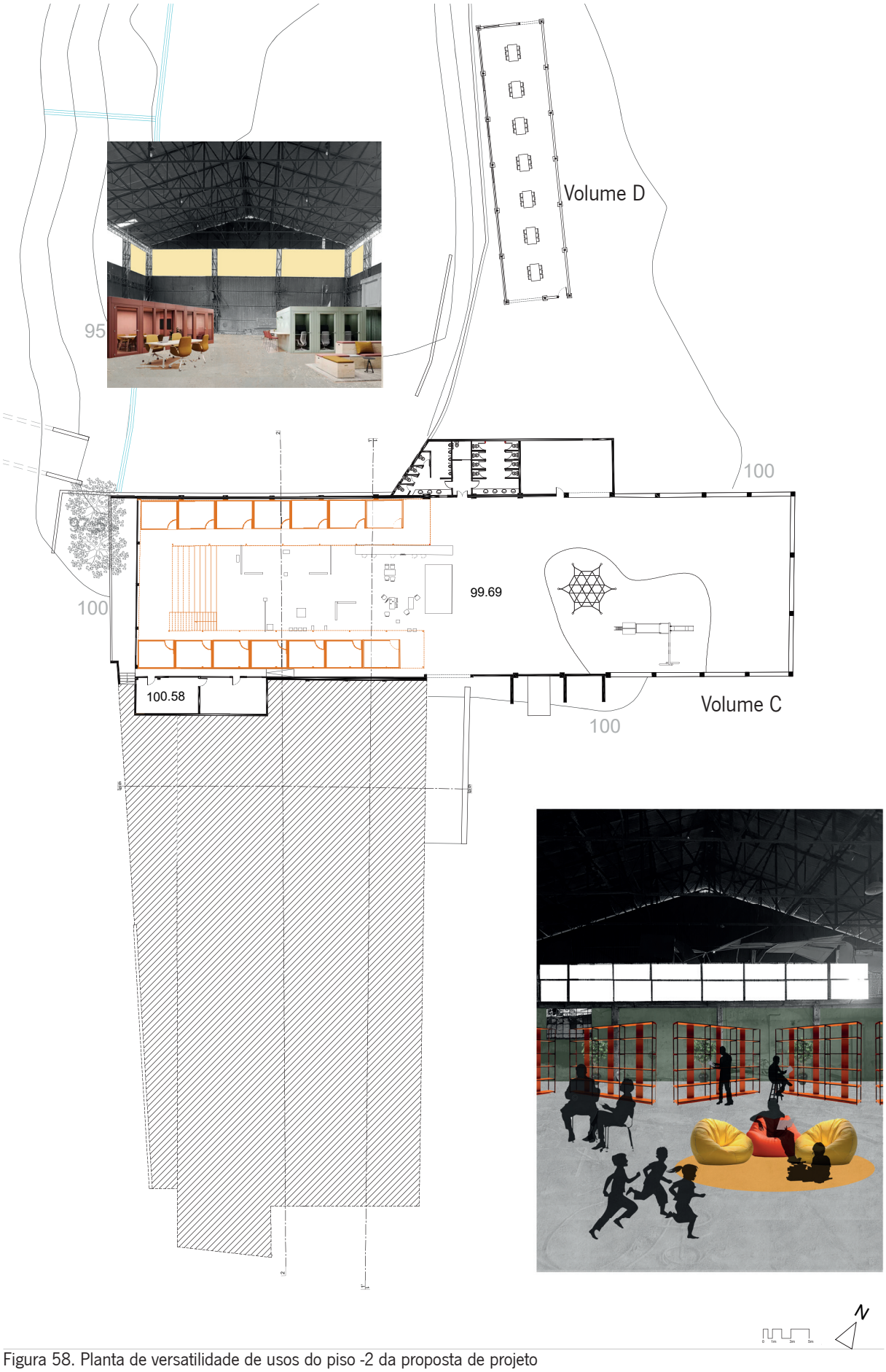


Figura 58. Planta de versatilidade de usos do piso -2 da proposta de projeto

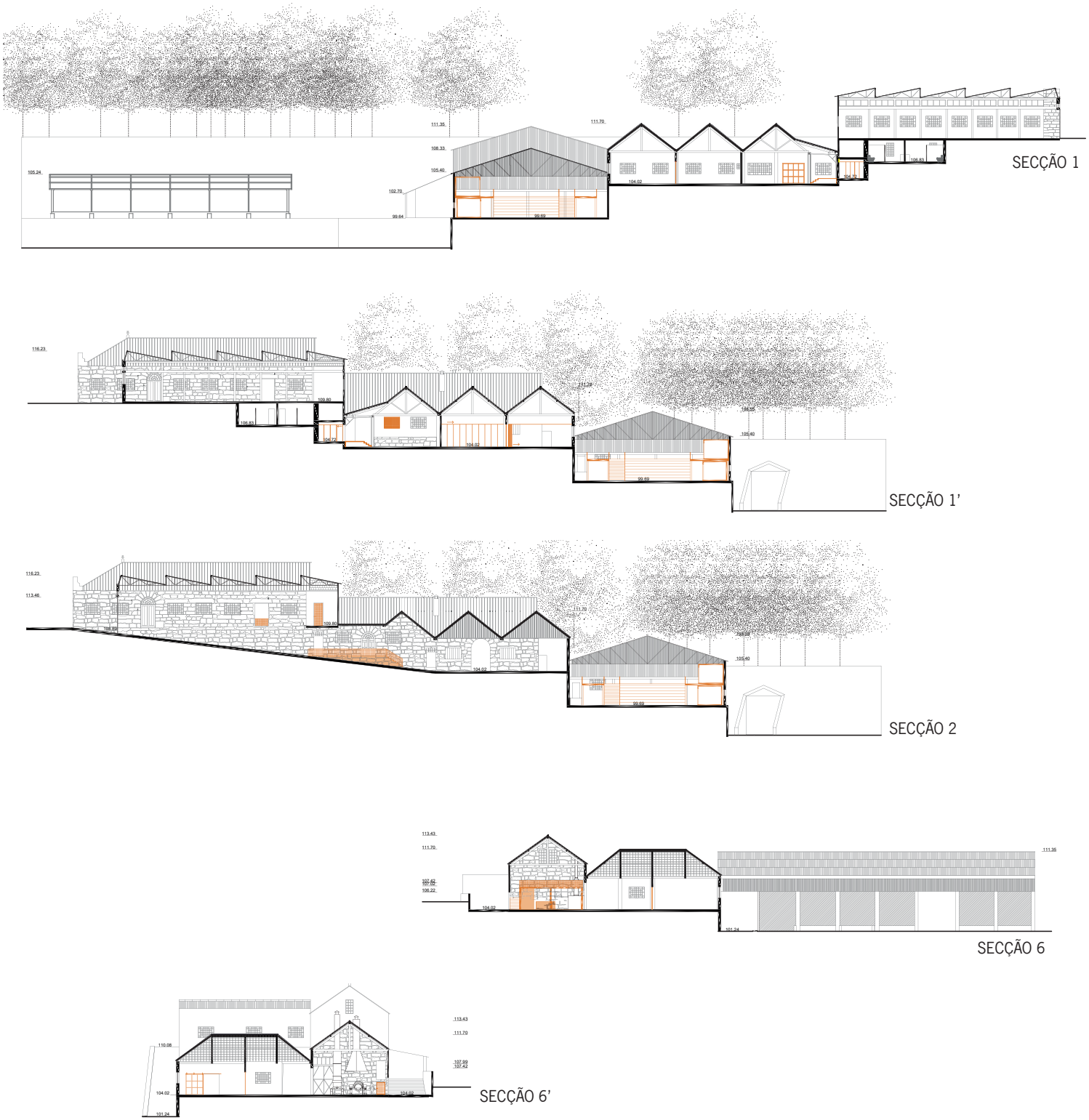


Figura 59. Secções da proposta de projeto

3.4. A RELAÇÃO COM A CIDADE

Para além da intervenção no conjunto edificado, consideramos também importante perceber como podemos voltar a ligar a "Fábrica dos Matias" à cidade. Através da Figura 60, observamos que esta ligação pode ser feita a partir dos percursos pedonais já existentes, criando continuidade entre a antiga fábrica, o centro histórico e a zona ribeirinha de Amarante. Este percurso (assinalado a vermelho) foi o selecionado uma vez que permite à população passar também pela antiga casa da família Matias, onde foi iniciada a atividade industrial e analisamos no primeiro capítulo.

Esta relação permite aproximar a fábrica de espaços que já fazem parte do uso quotidiano da população, como a ecopista da antiga Linha do Tâmega, o percurso junto ao rio, o Parque da Cidade e outros trilhos pedonais existentes, como os passadiços das Azenhas e o Trilho da Nossa Senhora do Vau. Desta forma, a reativação da fábrica não fica limitada apenas ao interior dos edifícios, mas passa também pela forma como este lugar pode ser novamente atravessado, reconhecido e integrado nos percursos da cidade.

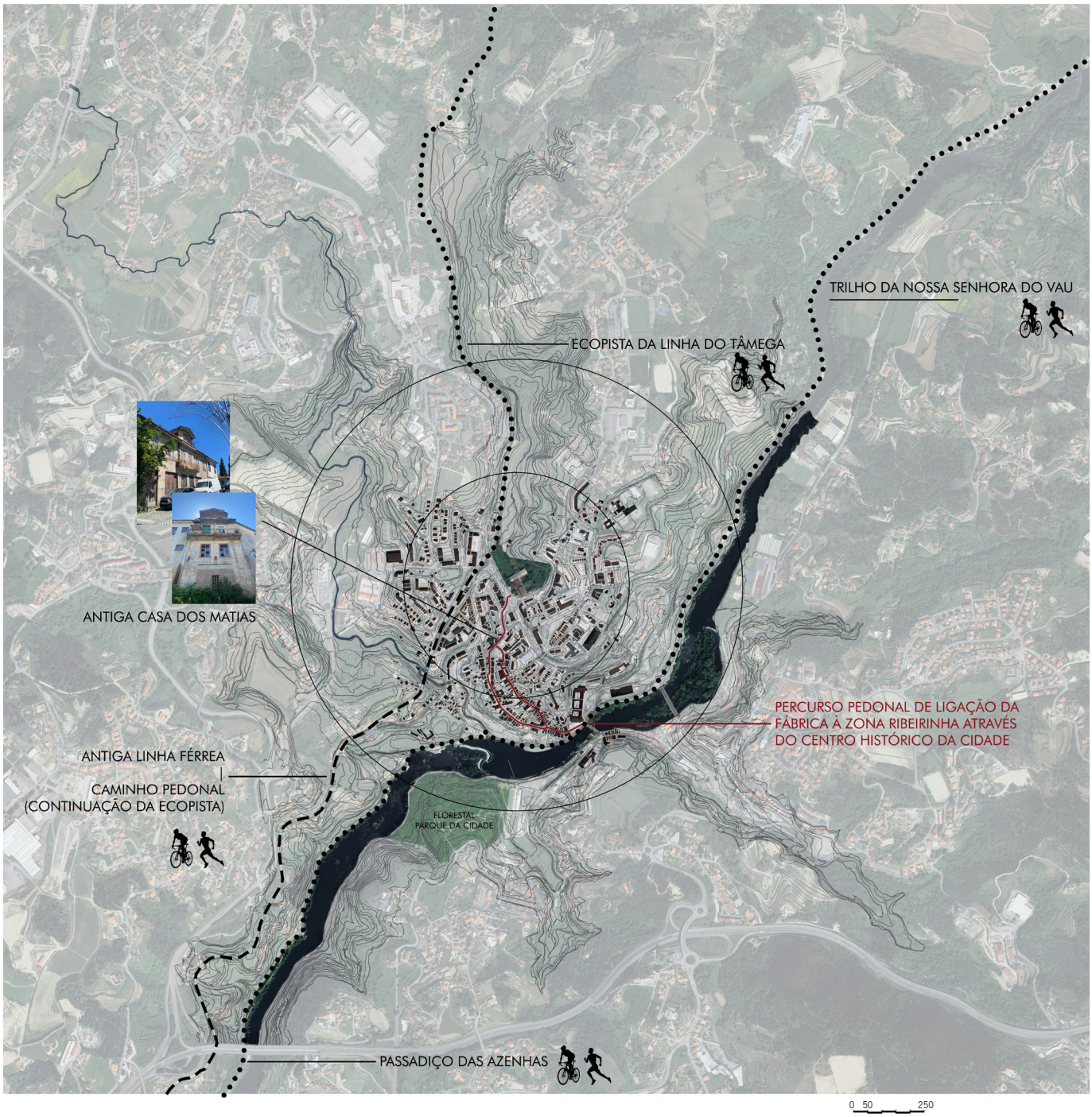


Figura 60. Conexão da Fábrica com a zona ribeirinha. Percurso através da ecopista do Tâmega até ao passadiço das azenhas e ao trilho da nossa Senhora do Vau.

A antiga Fábrica dos Matias.
Reconversão do património industrial em ruína.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, percebemos que intervir sobre uma ruína industrial não implica encontrar uma resposta única ou definitiva. Cada edifício devoluto apresenta uma história própria, um determinado estado de conservação e uma relação específica com o território onde se situa. No caso da "Fábrica dos Matias", essa leitura tornou-se particularmente importante, porque a antiga fábrica ainda conserva elementos capazes de contar parte da sua história.

A proposta desenvolvida partiu precisamente daquilo que permanece. Em vez de entender a ruína como um obstáculo a substituir, procurámos trabalhá-la como matéria de projeto. As características industriais como as paredes existentes, os espaços amplos, os vestígios construtivos e os antigos fornos foram considerados elementos importantes para manter uma ligação visível com a antiga atividade industrial. Neste sentido, a reconversão surge como uma alternativa à demolição, permitindo adaptar o complexo a novas funções sem apagar completamente a sua presença material. A introdução de novos programas, como o coworking e alguns espaços culturais e comunitários, procurou responder às necessidades atuais da cidade, sem impor uma ocupação demasiado rígida. A própria natureza dos edifícios, marcada por áreas amplas e estruturas resistentes, permitiu pensar numa intervenção flexível, capaz de se adaptar a diferentes usos e apropriações ao longo do tempo.

Assim, este trabalho procurou demonstrar que a antiga "Fábrica dos Matias" pode voltar a fazer parte da vida urbana de Amarante sem deixar de ser reconhecida como lugar de memória. A proposta não pretende estagnar o edifício no passado, nem transformá-lo numa construção totalmente nova, mas encontrar um equilíbrio possível entre permanência, transformação e uso contemporâneo.

Bibliografia

Livros:

Abreu, José Gonçalves de. A industrialização e os seus reflexos na vida económica do país. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante, 1971.

Amarante Congresso Histórico 98: Actas-vol. 1, tomo 2: História Política, Sociedade e Economia. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2001.

Anelli, Renato, et al. Lina Bo Bardi 100: Brazil's Alternative Path to Modernism. Editado por Andres Lepik e Vera Simone Bader. Berlim: Hatje Cantz, 2014.

Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. (1989). I Encontro Nacional sobre o Património Industrial: actas e comunicações (1.ª ed., Vol. I). Coimbra, Portugal: Coimbra Editora.

Cardoso, António. Marânus: Analogia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes. 1ª edição. Amarante: Câmara Municipal, 1979.

Dias, A., Severo, C., Umbelino C., Folgado, D., Reis, D., Móran, E. Mestre, V. (2001). "Património/ Estudos Arquitetura" (Vol. n°1). Lisboa, Portugal: IPPAR.

Folgado, D. (2001). "Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda patrimonial", Margens e Confluências (Vol. n°3 Dezembro). Guimarães, Portugal: Escola Superior Artística do Porto.

Gracia, Francisco de. Construir en lo construido: la arquitectura como modificación. Madrid: Nerea, 1992.

Macedo, Luís. Pequena história de Amarante. 1993.

Mattoso, José. História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974). Vol. 7. Editorial Estampa, 1998.

Pinto Coelho, Maria João. "Intervir no património: Conceitos e opções." Em Urbanidade e património, de João Couceiro. Lisboa: IGAPHE, 1998.

Pinto, Ricardo, e Paulino Gomes. Amarante: uma ponte entre a História e a Natureza. 1ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1997.

Rubino, Silvana, e Marina Grinover. Lina por Escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Sampaio, M. (2003). Reconversão e Musealização de Espaços Industriais: Actas do Colóquio de Museologia Industrial (1ª ed.). Porto, Portugal: AMCI.

Santos, Carlos. Construir uma vida: a história de Manuel Mota e da Mota & Companhia. Porto: Mota Engil, 2006.

Documentos Institucionais:

Amarante Tourism: De Via Romana à Vila que se tornou Princesa do Tâmega / Amarante Tourism s.d.: amarantetourism.com/poi/de-via-romana-a-vila-que-se-tornou-princesa-do-tamega/ (acedido em 2025 de maio de 01).

Câmara Municipal de Amarante: https://recrutamento.cm-amarante.pt/

Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitetos. "Memória Descritiva." Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante, dezembro de 2023: 7.

Conferência Internacional sobre Conservação, (2000). Carta de Cracóvia 2000 Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído, Cracóvia.
(Consultado em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/cartas-e-convencoes/)

Ciclovia. s.d. https://www.ciclovia.pt/ecopistas/norte/braga/ecopista-do-tamega/ecopista-do-tamega.php (acedido em 20 de novembro de 2024).

Cimtamegaesousa. Amarante/cimtamegaesousa. s.d. https://www.cimtamegaesousa.pt/article/amarante (acedido em 23 de abril de 2025).

ICOMOS, (1964). Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios, Veneza.
(Consultado em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/cartas-e-convencoes/)

ICOMOS Australia, (1999). The Burra Charter, The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance.
(Consultado em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31_10_2013.pdf)

Matadero Madrid. Arquitectura/Matadero Madrid. s.d. https://www.mataderomadrid.org/arquitectura (acedido em 19 de abril de 2025).

Serviço Internacional de Museus, (1931). Carta de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, Atenas.
(Consultado em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/cartas-e-convencoes/)

TICCIH, (2003). Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, Nizhny Tagil.
(Consultado em: (https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf)

Trabalhos Académicos:

Cunha, Eduarda (outubro de 2022). 6 aproximações ao abandono // o caso da Fábrica Sarotos Metalúrgicos, Lda: A apropriação poliedricamente especulada. Universidade do Minho. Acedido em 02 de janeiro de 2024

Ferreira, Ricardo. "Trainspotter." A linha do Tâmega 22 anos depois. 15. outubro de 2011.

Ferreira, Rui (outubro de 2018). Fábrica das Histórias. A narrativa como ferramenta para a reconversão de espaços abandonados. O exemplo da fábrica têxtil Belcor. Universidade do Minho. Acedido em 27 de dezembro de 2023.

Medeiros, Eduardo. "Desindustrialização e Cidades Pós-Industriais na Península Ibérica." Instituto Universitário de Lisboa, 2018.

Morais, Rui Jorge. "Património Industrial e Museologia em Portugal - Uma relação dialética." Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016

NOVOID, Equipa (outubro 2016). Newsletter 01 / Ruínas e Terrenos Vagos nas Cidades Portuguesas, Universidade do Minho e Universidade de Lisboa.

Serrano, Ana (outubro de 2010). Reconversão de espaços industriais: Três projectos de intervenção em Portugal. Instituto Superior Técnico de Lisboa. Acedido em 02 de janeiro de 2024.

Silva, David. (Julho de 2017). Reabilitação de Edifícios Antigos com Valor Patrimonial? Metodologia de Intervenção. Instituto Superior de Engenharia do Porto. Acedido em 6 de novembro de 2023

Artigos:

Braña, Celestino Garcia, Susana Landrove, e Ana Tostões. A arquitetura da indústria 1925-1965: registo docomomo ibérico. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005.

Borges, T. (2016). Restauro e Reconversão do Património Histórico - Palacete Jorge Lobato. ed. C.U.Uniseb. Acedido em 8 de novembro de 2023.
Link: https://issuu.com/thaisaborges6/docs/restauro_e_reconvers__o_de_patrim__

Elefante, Carl. (2007). The greenest building...is the one that is already built, ed. Forum Journal. Obtido em 04 de janeiro de 2024.

Hewitt, M. A. (27 de janeiro de 2019). Por que o reuso de edifícios existentes pode (e deve) ser o principal foco dos arquitetos. ArchDaily Brasil. Acedido em 04 de janeiro de 2024. Link:. https://www.archdaily.com.br/br/910021/por-que-o-reuso-de-edificios-existentes-pode-e-deve-ser-o-principal-foco-dos-arquitetos

Moreira, Inês (março 2014). Após a fábrica, novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais. ed. Revista Arqa, Arte e Arquitetura #112 (Ruínas revisitadas), Portugal. Acedido em 04 de janeiro de 2024.

Rosali, H., & Dodebei, V. (2011). Os museus e os novos patrimônios. ed. ANPUH. Acedido em 08 de novembro de 2023.

FONTES DAS FIGURAS

Figura 1. Realizada pela autora.

Figura 2. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

Figuras 3 - 8. Realizadas pela autora.

Figura 9. Arquivo do departamento de urbanismo da Câmara Municipal de Amarante.

Figuras 10 - 11. Realizadas pela autora.

Figuras 12 - 13. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

Figura 14. Arquivo do departamento de urbanismo da Câmara Municipal de Amarante.

Figura 15. Realizada pela autora.

Figura 16. Arquivo do departamento de urbanismo da Câmara Municipal de Amarante.

Figura 17 - 18. Desenhos base fornecido pelo departamento de urbanismo da Câmara Municipal de Amarante, com edições e adaptações gráficas realizadas pela autora.

Figura 19. Realizada pela autora.

Figura 20 - 22. Desenhos base fornecido pelo departamento de urbanismo da Câmara Municipal de Amarante, com edições e adaptações gráficas realizadas pela autora.

Figura 23. Realizada pela autora.

Figura 24 - 25. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

Figura 26. Catálogos das máquinas que eram construídas na empresa SAITAM (Fábrica dos Matias).

Figura 27. Autoria do fotógrafo Eduardo Teixeira Pinto.

Figuras 28. Realizada pela autora.

Figura 29. Realizada pela autora. Imagens da exposição "A força do metal" da autoria da Câmara Municipal de Amarante. Imagens do concerto organizado pela Oficina Gatilho da autoria de João Duro.

Figuras 30 - 36. Realizadas pela autora.

Figuras 37 - 42. Autoria do escritório Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro, Arquitectos.

Figuras 43 - 47. Realizadas pela autora.

Figura 48. Primeira imagem retirada do site: https://www.berlin.de/ausstellungen/archiv/5646711-3238788-bauhaus-imaginista.html. Segunda imagem retirada do site: https://www.berlin.de/ausstellungen/archiv/5646711-3238788-bauhaus-imaginista.html.

Figura 49. Primeira imagem retirada do site: https://app.gopopup.com/en/madrid-la-chopera/corporate-event/bjchm. Segunda imagem retirada do site: https://www.metalocus.es/en/news/landscape-play-a-playground-aberrant-architecture-matadero.

Figuras 50 - 60. Realizadas pela autora.

ANEXOS

OFICINAS RODRIGO MATIAS MAGALHÃES

Rodrigo Matias, ferroviário de profissão, deixou os caminhos-de-ferro e começou a trabalhar com o seu sogro, Alexandrino Melo, na serralharia que este tinha abaixo de casa. Algum tempo depois, por volta do ano de 1936, montou as oficinas Rodrigo Matias Magalhães.

Rodrigo Matias was a railwayman by profession, he left the railways and started working with his father-in-law in the metalwork workshop he had beneath his house. After some time, around 1936, he set up Oficinas Rodrigo Matias Magalhães.

Inicialmente dedicou-se à fundição e separação de minérios - volfrâmio e estanho – e à serralharia de vagonetas, carrinhos de mão e similares. Durante a Segunda Guerra Mundial a empresa conhece o seu primeiro momento de expansão.

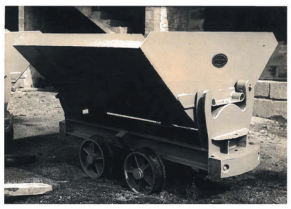
Initially, it was dedicated to the metal casting and separation of ores – tungsten and tin – and to the metalworking of wagons, wheelbarrows and similar. During World War II, the company experienced its first expansion phase.

Quando Alexandrino Matias, o filho de Rodrigo Matias, começou a trabalhar nas oficinas, iniciaram a produção de materiais de britagem. Os primeiros exemplares que produziram foram máquinas de betão, para o Mota & Companhia, e deixaram assim de produzir as vagonetas, carrinhos de mão e similares.

When Alexandrino Matias, the son of Rodrigo Matias, started working in the the company, they started producing crushing materials. The first examples they produced were concrete machines, for Mota & Companhia, and thus stopped producing wagons, wheelbarrows and similar.



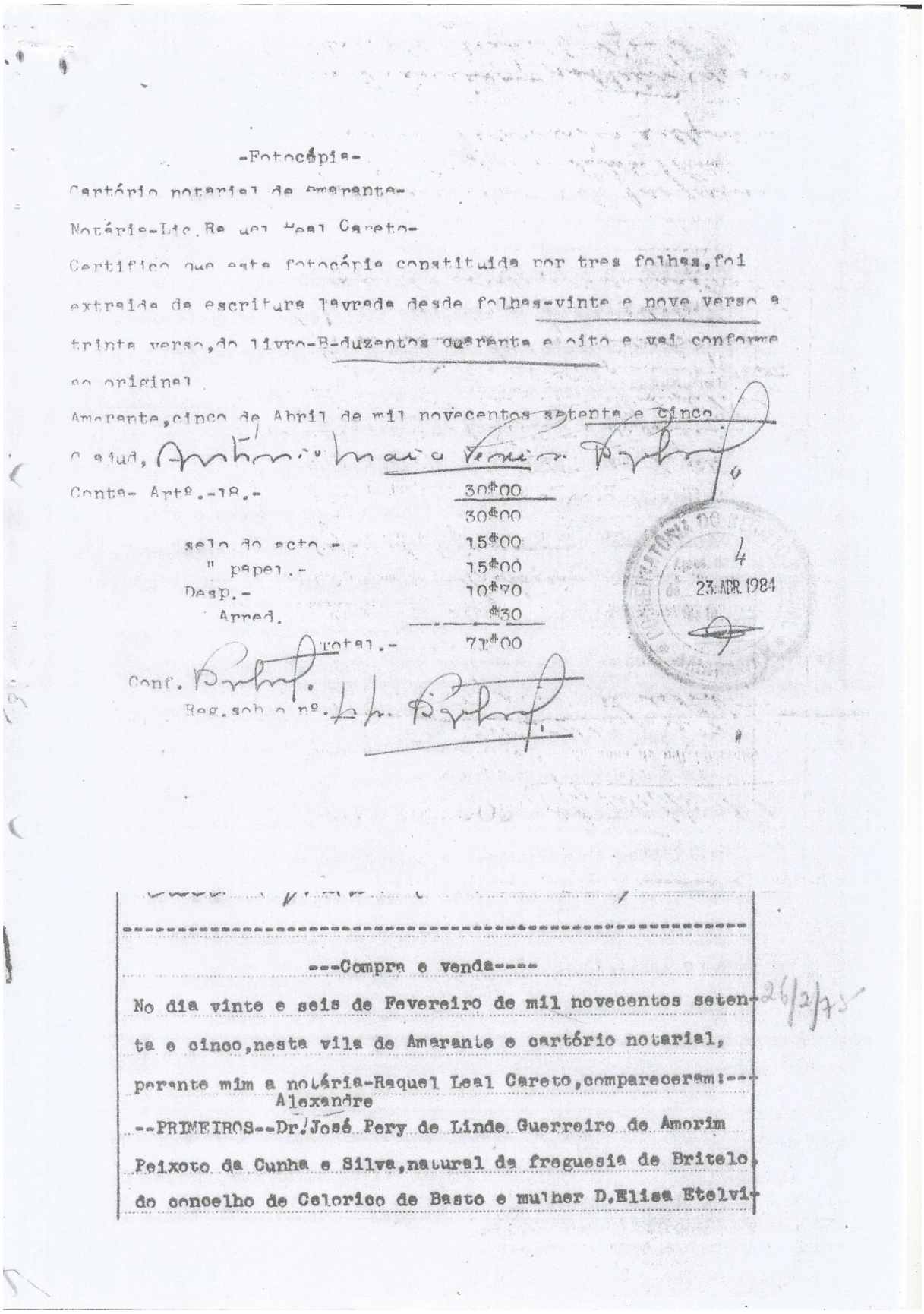
Rodrigo Matias
à esquerda







Anexo 1. Cartaz informativo de nome "Oficinas Rodrigo Matias Magalhães", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante.



-Fotocópia-

Cartório notarial de Amarante-

Notária-Lic.Ra uel Leal Careto-

Certifico que esta fotocópia constituida por tres folhas,foi extraida de escritura lavrada desde folhas-vinte e nove verso a trinta verso,do livro-B-duzentos quarenta e oito e vai conforme ao original

Amarante,cinco de Abril de mil novecentos setenta e cinco

O aju[illegible]

Conta- Artº.-18.-

	30$00
	30$00
selo do acto.-	15$00
" papel.-	15$00
Desp.-	10$70
Arred.	$30
Total.-	71$00

Conf.

Reg.sob o nº.

23 ABR 1984

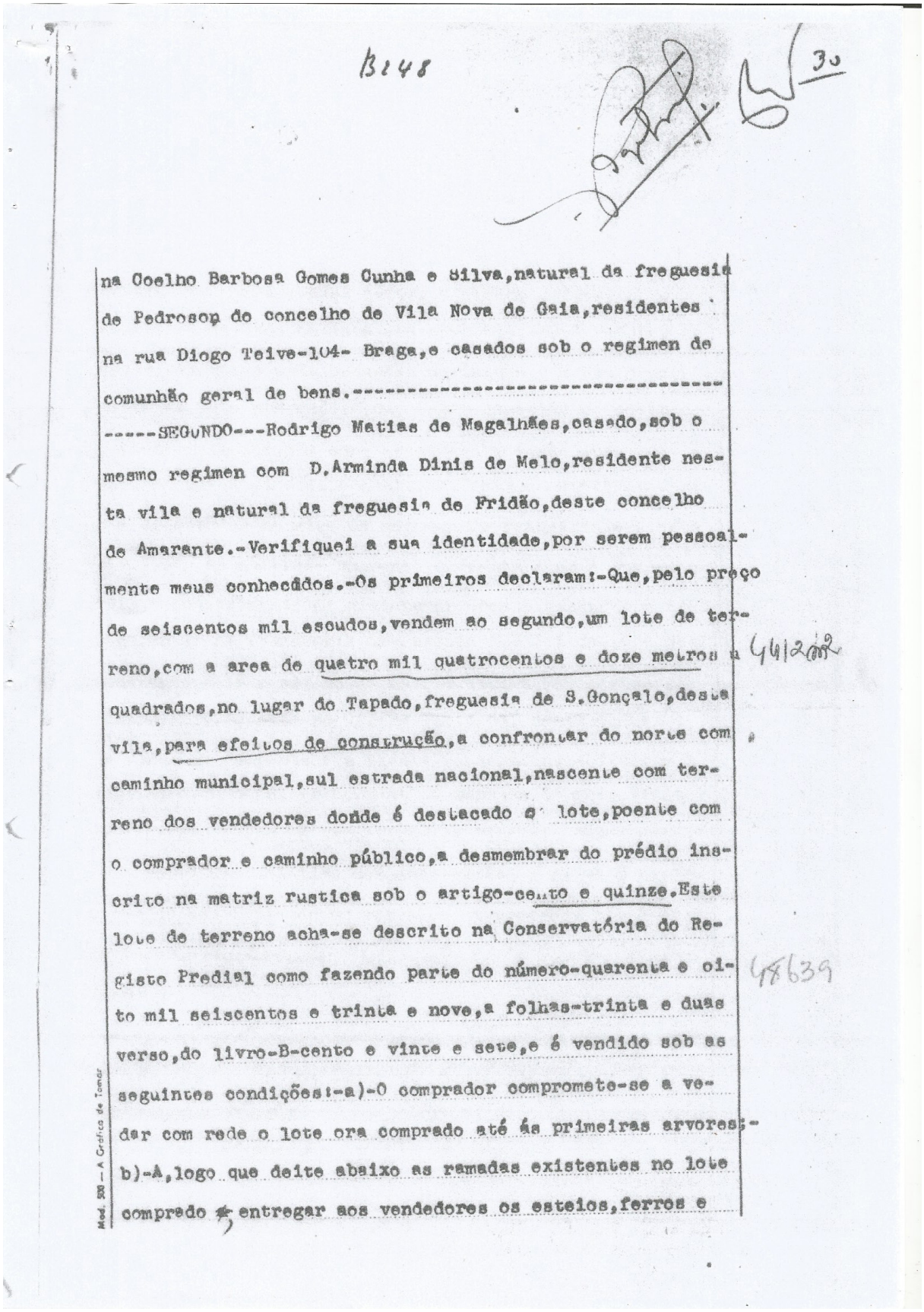
---Compra e venda----

No dia vinte e seis de Fevereiro de mil novecentos setenta e cinco,nesta vila de Amarante e cartório notarial, perante mim a notária-Raquel Leal Careto,compareceram:---

--PRIMEIROS--Dr.José Pery de Linde Guerreiro de Amorim Alexandre Peixoto da Cunha e Silva,natural da freguesia de Britelo, do concelho de Celorico de Basto e mulher D.Elisa Etelvi-

26/2/75

Anexo 2. Registo de compra e venda do terreno da Quinta do Tapado.



B148

30

na Coelho Barbosa Gomes Cunha e Silva,natural da freguesia de Pedroso do concelho de Vila Nova de Gaia,residentes na rua Diogo Teive-104- Braga,e casados sob o regimen de comunhão geral de bens.----------

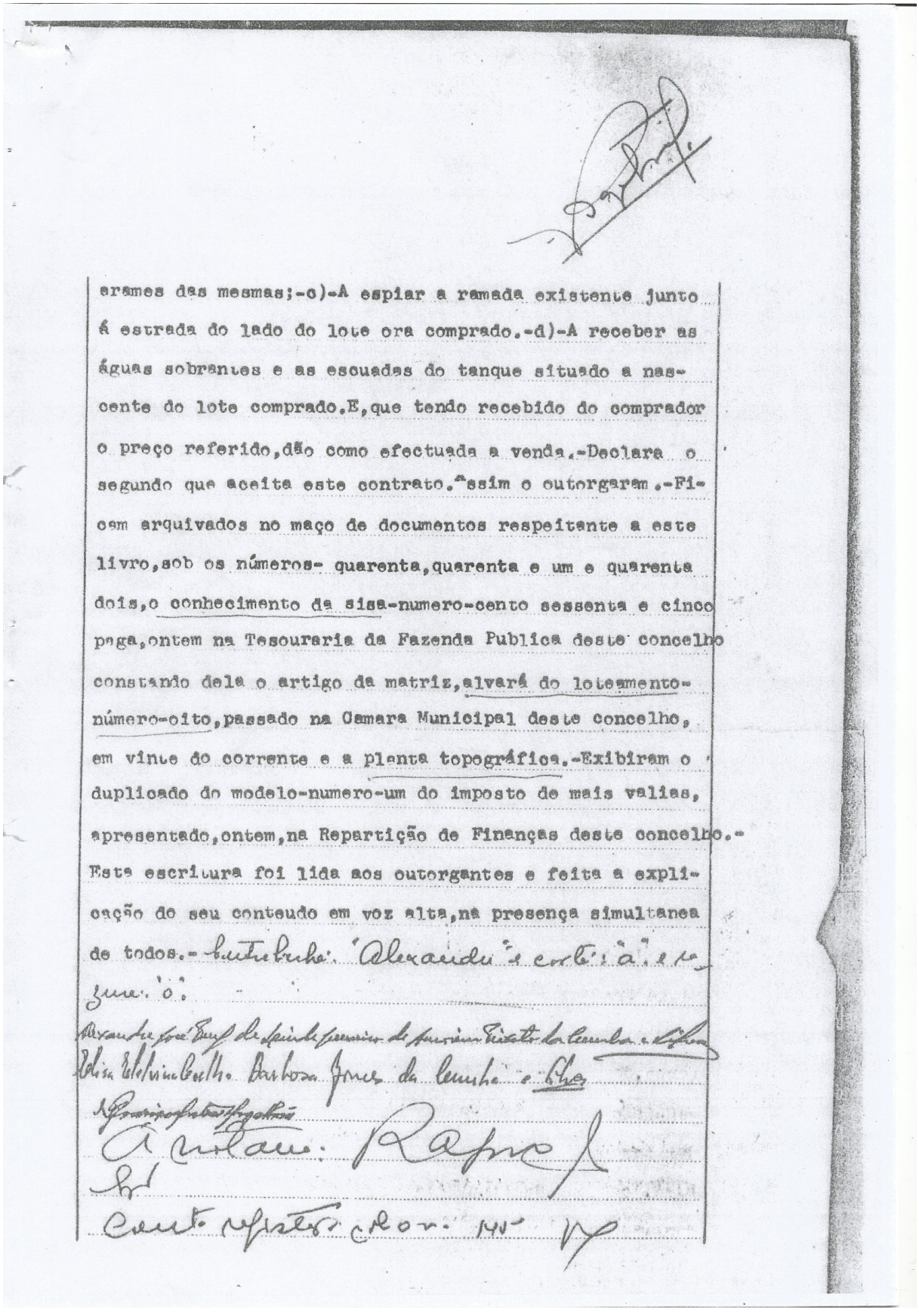
-----SEGUNDO---Rodrigo Matias de Magalhães,casado,sob o mesmo regimen com D.Arminda Dinis de Melo,residente nesta vila e natural da freguesia de Fridão,deste concelho de Amarante.-Verifiquei a sua identidade,por serem pessoalmente meus conhecidos.-Os primeiros declaram:-Que,pelo preço de seiscentos mil escudos,vendem ao segundo,um lote de terreno,com a area de quatro mil quatrocentos e doze metros quadrados,no lugar do Tapado,freguesia de S.Gonçalo,desta vila,para efeitos de construção,a confrontar do norte com caminho municipal,sul estrada nacional,nascente com terreno dos vendedores donde é destacado o lote,poente com o comprador e caminho público,a desmembrar do prédio inscrito na matriz rustica sob o artigo-cento e quinze.Este lote de terreno acha-se descrito na Conservatória do Registo Predial como fazendo parte do número-quarenta e oito mil seiscentos e trinta e nove,a folhas-trinta e duas verso,do livro-B-cento e vinte e sete,e é vendido sob as seguintes condições:-a)-O comprador compromete-se a vedar com rede o lote ora comprado até ás primeiras arvores;-b)-A,logo que deite abaixo as ramadas existentes no lote comprado, entregar aos vendedores os esteios,ferros e

4412m2

48639

Mod. 500 — A Gráfica de Tomar

Anexo 2. Registo de compra e venda do terreno da Quinta do Tapado.



ramos das mesmas;-c)-A espiar a ramada existente junto á estrada do lado do lote ora comprado.-d)-A receber as águas sobrantes e as escoadas do tanque situado a nascente do lote comprado.E,que tendo recebido do comprador o preço referido,dão como efectuada a venda.-Declara o segundo que aceita este contrato.Assim o outorgaram.-Ficam arquivados no maço de documentos respeitante a este livro,sob os números- quarenta,quarenta e um e quarenta dois,o conhecimento da sisa-numero-cento sessenta e cinco paga,ontem na Tesouraria da Fazenda Publica deste concelho constando dela o artigo da matriz,alvará do loteamento-número-oito,passado na Camara Municipal deste concelho, em vinte do corrente e a planta topográfica.-Exibiram o duplicado do modelo-numero-um do imposto de mais valias, apresentado,ontem,na Repartição de Finanças deste concelho.- Este escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu conteudo em voz alta,na presença simultanea de todos.- Luiz Ribeiro Alexandre e cortês à e ro zure ô.

Alexandre José Bruno de Sousa Ribeiro Cortês e Silva
Adelia Adelaide Coelho Barbosa Jones da Cunha e Silva

Anulam: Raposo

Cunt. registos Con. 140 VP

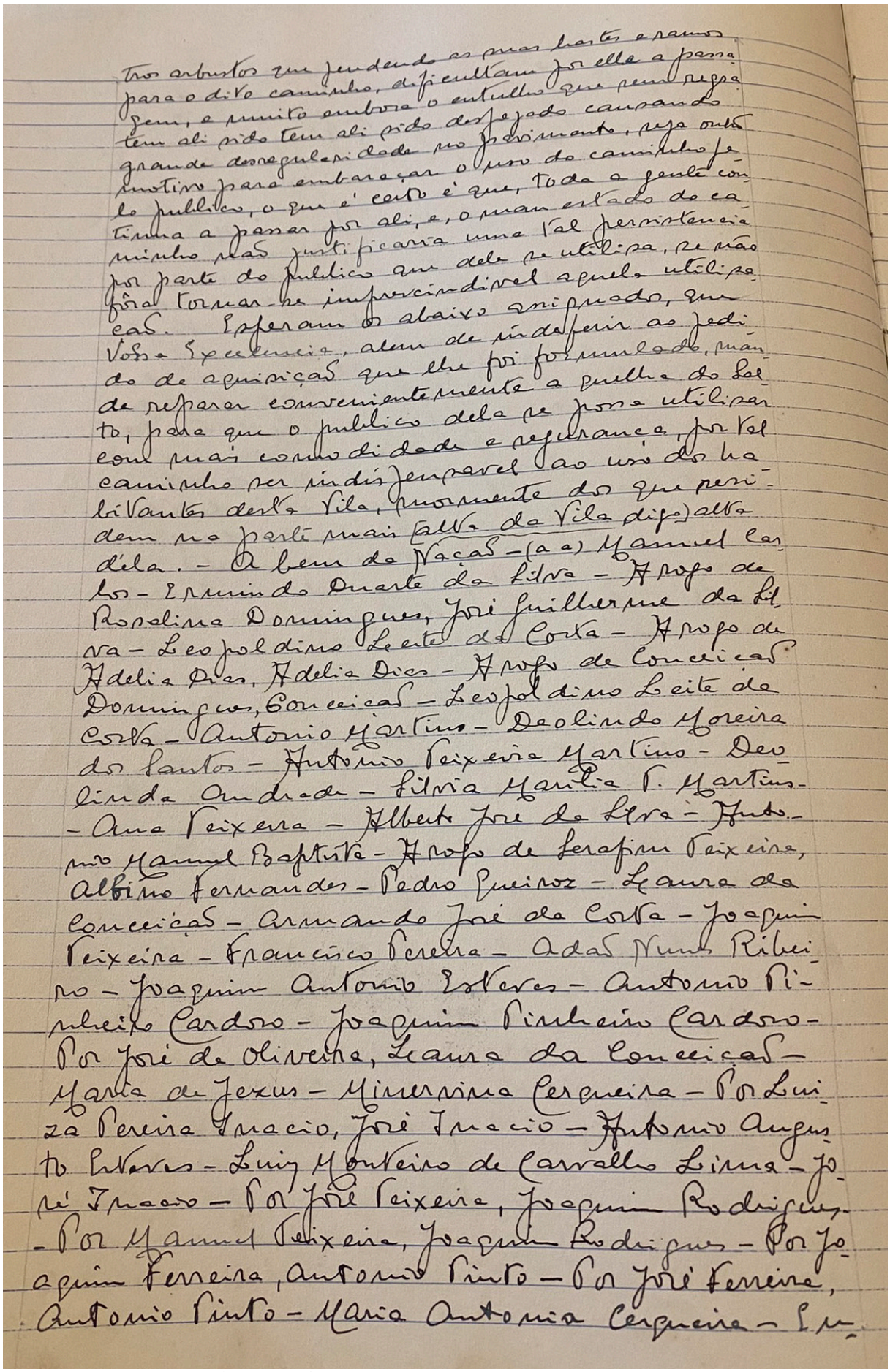
Anexo 2. Registo de compra e venda do terreno da Quinta do Tapado.

ello vem com residencia na Capital para fazerem
parte do Conselho Provincial da referida Colectividade.
O Sr. Presidente diz que attendendo á urgencia
indicou telegraphicamente os Srs. Dr. Henrique
Manuel Rocha e Brandão, Juiz auditor dos
Tribunaes Militares, e Celestino Ribeiro da Silva
armazemista de fazendas, ambos residentes em Lisboa.
"Concordado".
Lidas tambem cartas destes Exmos Srs. agradecendo
as referidas nomeações.
REQUERIMENTOS lidos e despachados da
forma abaixo indicada:
Nº 241, de D. Maria Teixeira Amarante,
de Calos, queixando-se de uma declamação contra
uma conducção de agoas no logar de Vallinhos
freguezia referida.
Nº 256, de José Joaquim Pereira de Abreu,
para mais pedir deferida a pertenção de Junta
daquella freguezia, para construir um pedaço
no largo da feira, da freguezia referida, pois o
terreno é da Camara e não da Junta, e a construcção
deste pedaço vir prejudicar o pequeno
e outros ao terem serventia ali estabelecidos.
"Informar".
Nº 279, de Rodrigo Matias de Magalhães,
Industrial, desta Villa, para adquirir por compra
a chamada "Quelha do Salto" ou do "Tapado",
sendo posta em hasta publica com a obrigação
pelo arrematante de prolongar o
esgoto de agoas ali estabelecido em todo o cumprimento
da mesma Quelha, e obrigando-se
o mesmo requerente a fazer dentro de um
de 3.000$00, reservando-se o direito de em licitação
concorrer á mesma e pedindo um
prazo para a conclusão da mesma obra.
"Averigue-se se é dispensavel de ser publicado.
Procede-se á medição, demarcação, confrontações
e avaliação. Para peritos Alipio
Arnaldo de Souza Soares e Manuel Teixeira
Maia, empregados municipais. Para a
vistoria o dia 11 de março, pelas 16 horas.
Intime-se".
Nº 284, de Alberto Rosa Pereira Carvalhal,
de Pegarinhos de Fazenda, para licença de recons-

Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".

guesia de Candemil, deste concelho.
- Apresentado o processo relativo ao pedido feito por Rodrigo Matias de Magalhães, desta Vila, para ser posto em hasta publica o terreno ocupado pela Quelha do Salto. Lido o requerimento junto aos autos com o nº 331 de entrada em 25 de Março findo, do teor seguinte: "Excelentissimo senhor Presidente da Camara Municipal do Concelho de Amarante - Os abaixo assinados, Todos residentes nesta Vila, vem, nos termos do Edital de Vossa Excelencia de um de março de mil novecentos e quarenta e tres, apresentar a seguinte reclamação contra a expropriação do caminho publico conhecido por QUELHA do SALTO ou do TAPADO, requerida por Rodrigo Matias de Magalhães: Os abaixo assinados são uns proprietarios, residentes no Largo Teixeira de Carvalho e imediações, isto é, na parte alta da Vila. Para estes, e para quem pretenda dirigir-se da parte alta da Vila para o caminho da Corporação, o antigo caminho conhecido por Quelha do Salto ou do Tapado, é a unica via de communicação que se lhe apresenta pois que, embora exista um outro caminho mais ao norte, e que costuma estar sempre franqueado ao publico, todavia, este outro é um caminho particular que durante o tempo de verão o seu proprietario não deixa utilizar pelo publico. Sabido é tambem que os moradores da parte alta da Vila, se utilizam de um lavadouro existente no ribeiro de Santa Luzia, proximo da Praça da Corporação e que outro caminho não tem para ali, a não ser que não dar a volta ao Leixedo, para tomarem o caminho do Bairro do Rêgo. Pelo que acima se diz, se depreende que o terreno constituido pelo caminho publico a que desde ha muito foi dado publico denominado Quelha do Salto, não deverá ser dispensado do uso publico a que desde ha muito foi destinado. Acresce que, embora os proprietarios confinantes com o caminho tenham deixado crescer, nos seus terrenos, bastantes silvas e ou-

Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".

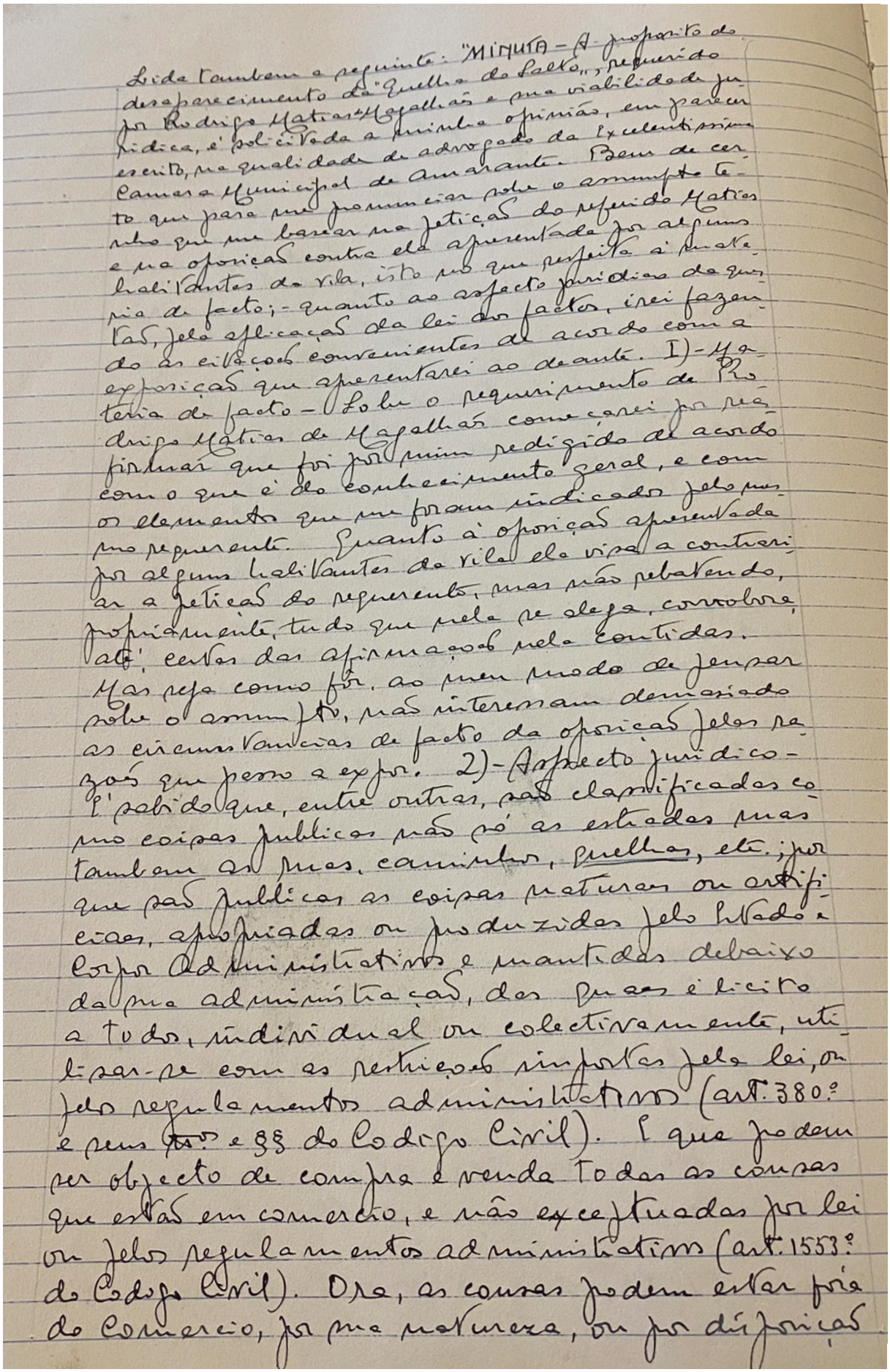


Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".

guia de Vasconcellos - Manuel Mendes de Vasconcellos - Maria da Praça de Vasconcellos - Laura Cerqueira de Magalhães - Bernardo Barto - Eduardo Augusto Teixeira Martins - Eduardo Augusto Teixeira Martins de Laura Guilherme da Silva - Antonio Guilherme da Silva - Francisco Monteiro - Armando Ferreira da Costa - Manuel Teixeira - Abel da Costa Neto - Fernando Martins - Manuel José Coelho Ribeiro (?) - Fernando Cerqueira - Antonio Brito Nogueira - Manuel da Silva Junior - Pedro Manuel da Silva, Manuel da Silva Junior - Adelino da Silva - A pp. de Maria de Jesus Teixeira, Antonio Martins - Adão Ribeiro.

Lida uma representação do teor seguinte; com o Nº 354 de entrada em 24 do corrente: - Exmo. Ilustrissimo Senhor Presidente da Camara Municipal de Amarante - Os abaixo assinados, moradores na parte alta da Vila de Amarante, tendo tido oportunamente conhecimento de que o Senhor Rodrigo Matias de Magalhães havia requerido à Excelentissima Camara a concessão da chamada "Quelha do Salto", no logar deste nome, limites desta Vila, não duvidam contra essa pretensão a oposição que a Todos foi facultada por editais e annuncios, porque sempre entenderam que a requerida concessão se impunha como medida de saneamento não só contra a immundicie patente daquela "quelha" mas tambem por nella uma utilidade justificada natural mente sustentavel em razão do abandono a que ha muito foi votada. Mas, como, e contra Toda a expectativa, se pretenden dar a impressão de que havia munícipes que sinceramente se opunham ao requerido desaparecimento da dita "Quelha", os abaixo assignados veem reforçar a pretensão do Snr. Rodrigo Matias de Magalhães, solicitando que ela seja atendida. Amarante, 15 de Abril de 1943. (a.a) Francisco Lopes de Miranda - Pedro Queiroz - Antonio Manuel Baptista - Manuel Bento Moraes - Maximo Ribeiro Duarte - Alvaro Baptista Pinto - Antonio Cerqueira - Manuel da Silva - José Maria de Almeida - José Mauricio Andrade Sampaio - Luiz Teixeira Pinto - Augusto C. dos Santos - Manuel de Vasconcellos.

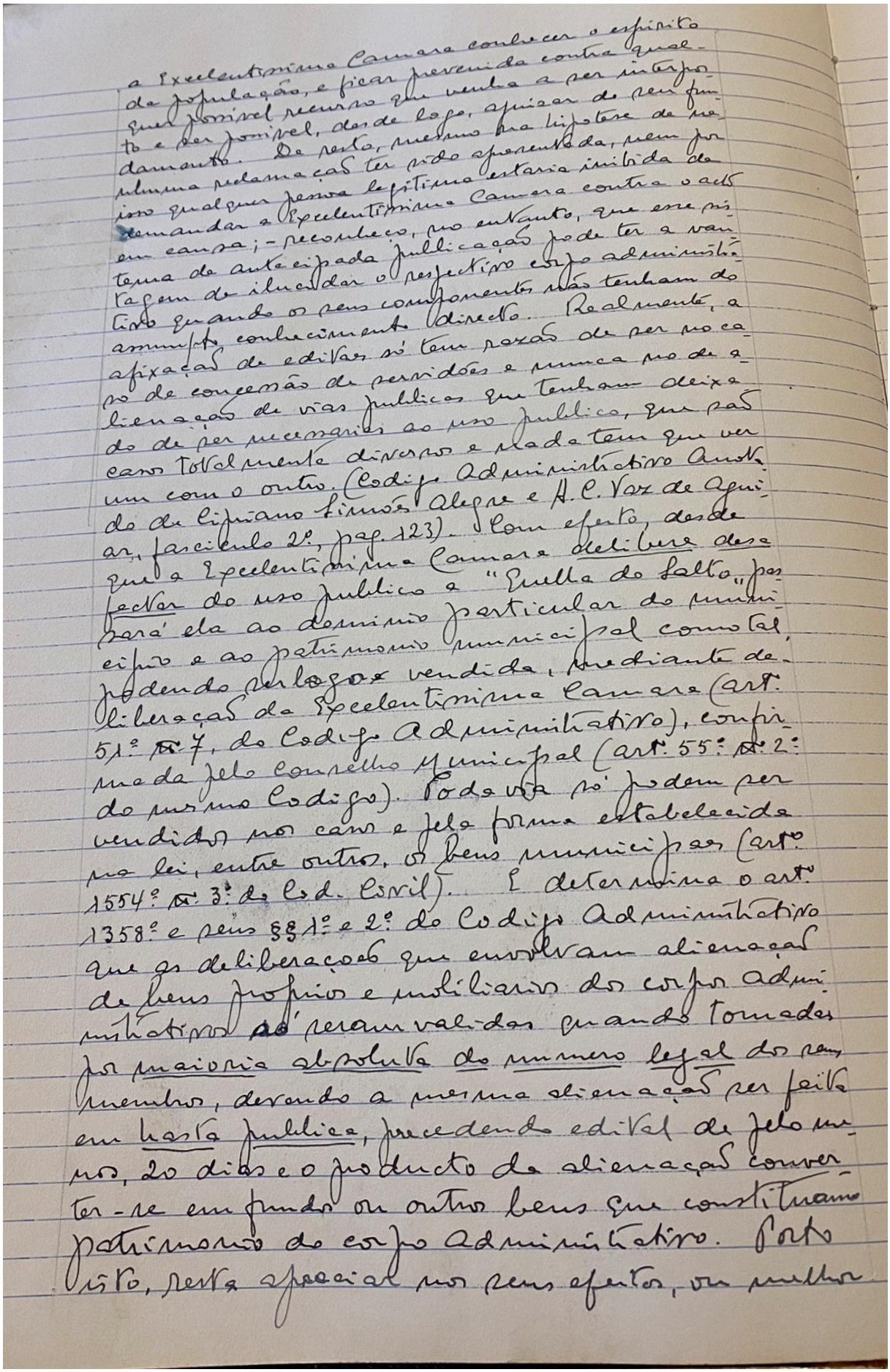
Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".



Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".

da lei (art. 371 do Codigo Civil). E estão fóra do commercio, por sua natureza, aquellas que não podem ser possuidas por algum individuo exclusivamente; e, por disposição da lei, aquellas que a mesma lei declara irreduziveis a propriedade particular (art. 372º do Codigo Civil). Portanto, e emquanto fôr considerada cousa publica mas poderá a "Quelha do Salto", constituir objecto de compra e venda por estar fóra do commercio. Mas poderá a dita Quelha perder a natureza de cousa publica? Sem duvida, como passamos a demonstrar. As cousas publicas sómente e emquanto se encontram affectadas ao uso publico o qual se caracterisa pela utilisação que delas a todos é licito fazer com as restricções enumeradas no citado art. 380º do Codigo Civil. Ora, desde que desapparece a affectação ao uso publico implicitamente desapparece a natureza publica, mas coisas abrangidas pela classificação. Mas em que casos se póde verificar a desaffectação ao uso publico, da referida Quelha? Primeiro, pelo seu total e completo abandono por mais de 30 annos e a correspondente apropriação por qualquer particular; e em segundo logar, a desaffectação póde ter origem em deliberação do corpo administrativo sob cuja administração a mesma Quelha se encontre, que é a hipotese em apreço (Cunha Gonçalves, Tratado, Vol. III pagina 55 e 56, e Vol VIII pag. 621). Mas entrará essa deliberação de Vendedor de, em devido aviso, ser communicada aos municipes por fórma a que a opposição de qualquer delles possa impedir a Excellentissima Camara de deliberar no sentido de se supprimir a referida Quelha? De fórma alguma; é que a ser affirmativa a resposta poderia a Excellentissima Camara a defender de qualquer municipe em logar de todos os municipes defenderem dela. Tendo consultar a legislação especial sobre o assumpto, não encontrei que obrigue a fazer a publicação formalidade de edictos e annuncios para o effeito de apresentação de reclamações. Como comprehendo-la, de perto, como indice de orientação para

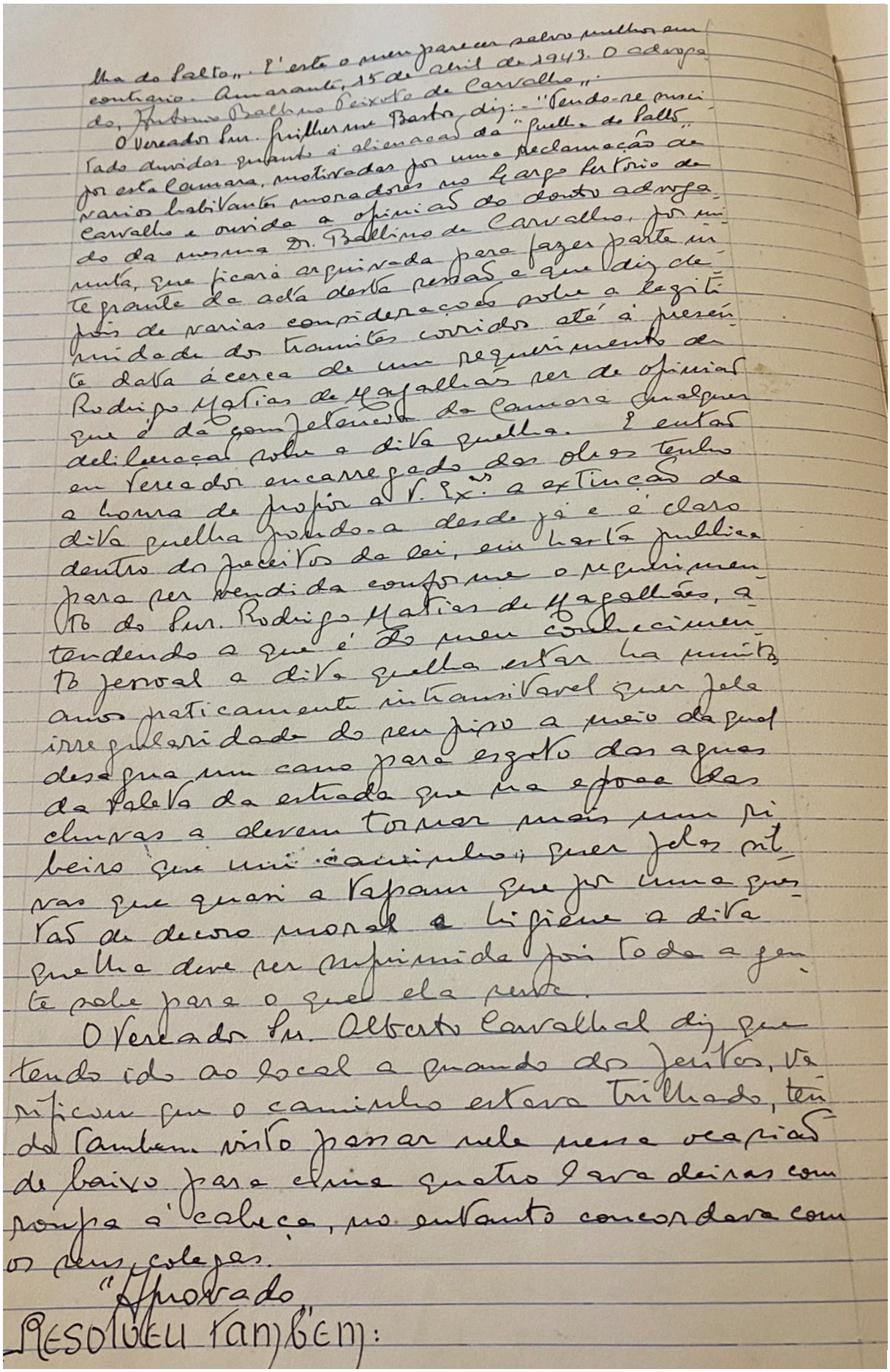
Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".



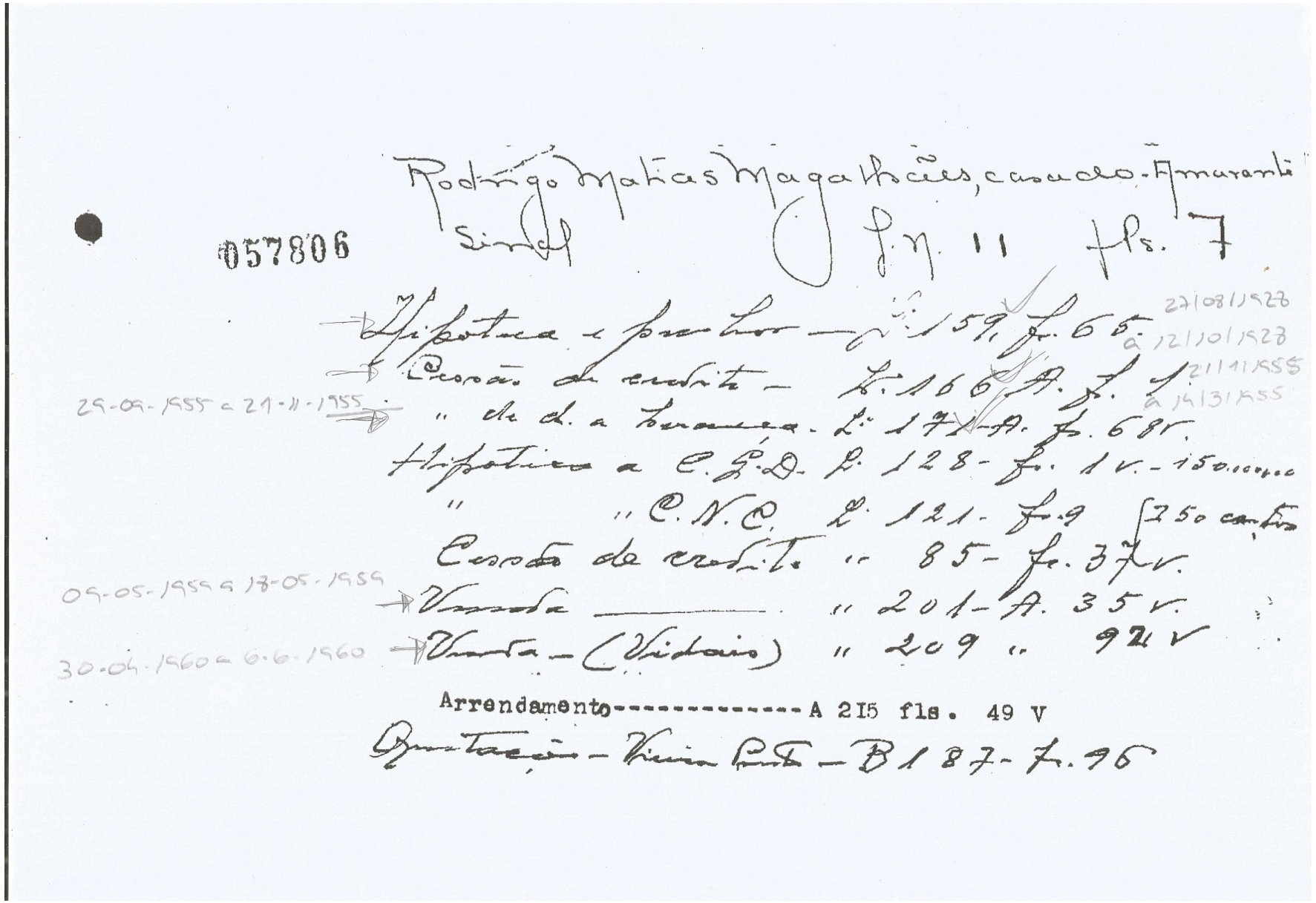
Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".

digendo nas suas consequencias quando a Exce-
lentissima Camara a deliberação que vote
a suspensão da "Quelha do Salto" pode ser anula-
da? Dispõe o art.º 364.º do Codigo Administrati-
vo que são anulaveis pelos Tribunais do Corpo Ad-
ministrativo viciados de incompetencia, excesso de
poder e violação da lei, regulamento ou contra-
to administrativo; e que as deliberações anula-
veis só podem ser impugnadas em recurso conten-
cioso dentro do prazo legal (§ 1.º do mesmo art.).
Este prazo legal é de 3 mezes (art.º 828.º do dito
Codigo) e a competencia para a sua interposição
é a conferida pelos art.ºs 821.º e 822.º do mesmo Co-
digo Administrativo. Concluindo - Estabeleci-
dos os principios anteriormente expostos e volvi-
do ao caso concreto da "Quelha do Salto" e á
legalidade da deliberação que vote a sua sus-
pensão cumpre-me aqui a oportunidade
transcrever o seguinte, que se lê a pag. 267 do
Codigo Administrativo Anotado pelo Dr. Jai-
me Lopes Dias: "Deve anular-se a deliberação
que tomou por base a existencia de certos
factos que se verifique não terem existido".
-Ac. do Sup. Trib. Adm. de 12 de março de
1937, Diario do Governo de 15 de março de
1937 - Direito, 69, pag. 118). Por conseguinte, a
Excelentissima Camara em vez estabelecer
os factos certos que em seu criterio justifiquem
a suspensão da "Quelha do Salto" e não foram
por desmentidos ou destruidos em futuro litigio
por qualquer especie de prova; e desde que o
Corpo Administrativo são independente den-
tro da orbite das suas atribuições as suas de-
liberações só podem ser suspensas, modifica-
das ou anuladas pela forma e nos casos previs-
tos no Codigo Administrativo (art.º 343.º) a recla-
mação ou oposição apresentada por alguns mu-
nicipes tem que ser considerada como se não
existisse e a Excelentissima Camara compe-
te deliberar, deferindo ou indeferindo a pe-
tição de Rodrigo Matias de Magalhães, confor-
me entenda ou não justificada a sua pretensão,
e por via dela deliberar necessario ou desneces-
sario à utilização do publico a mencionada "Que-

Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".



Anexo 3. Ata nº 279 de 25 de fevereiro de 1943. Rodrigo Matias de Magalhães Industrial, para adquirir ou comprar a designada "Quelha do Salto" ou "Tapado".


Rodrigo Matias Magalhães, casado - Amarante

057806

Sindº f.n. 11 fls. 7

Hipoteca e penhor — L.º 159 f. 65 a 27/08/1928 a 12/10/1928

Cessão de crédito — L.º 166 A. f. 1 a 21/11/1955

29-09-1955 a 21-11-1955 " de d.a hipoteca. L.º 171 A. f. 68.

Hipoteca a C.G.D. L.º 128 - f.º 1 v. - 150.000$00

" " C.N.C. L.º 121 - f.º 9 250 contos

Cessão de crédit. " 85 - f.º 37 v.

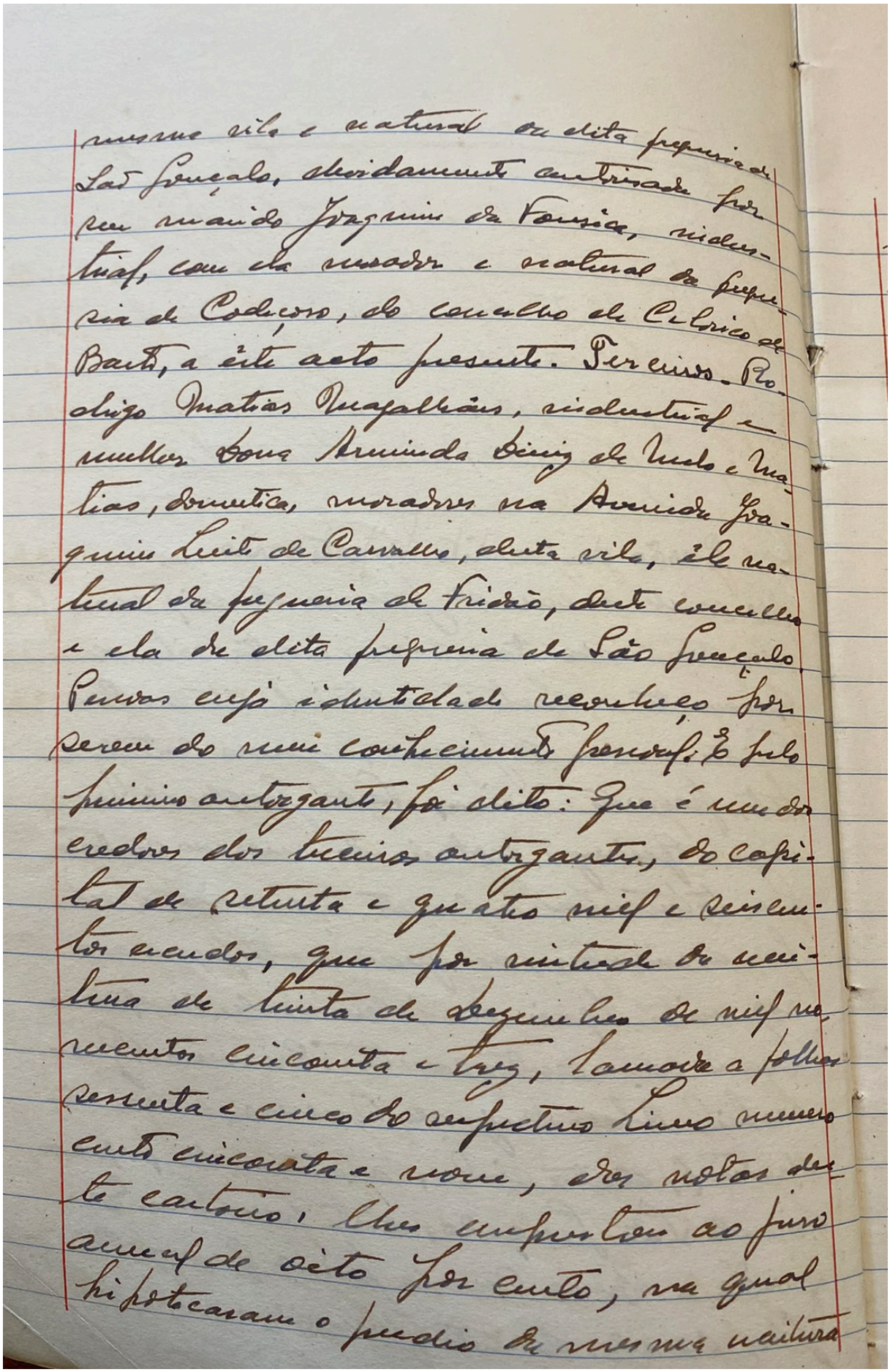
09-05-1959 a 18-05-1959 Venda _____ " 201 - A. 35 v.

30-04-1960 a 6-6-1960 Venda - (Vidraria) " 209 " 92 v

Arrendamento ---------- A 215 fls. 49 v

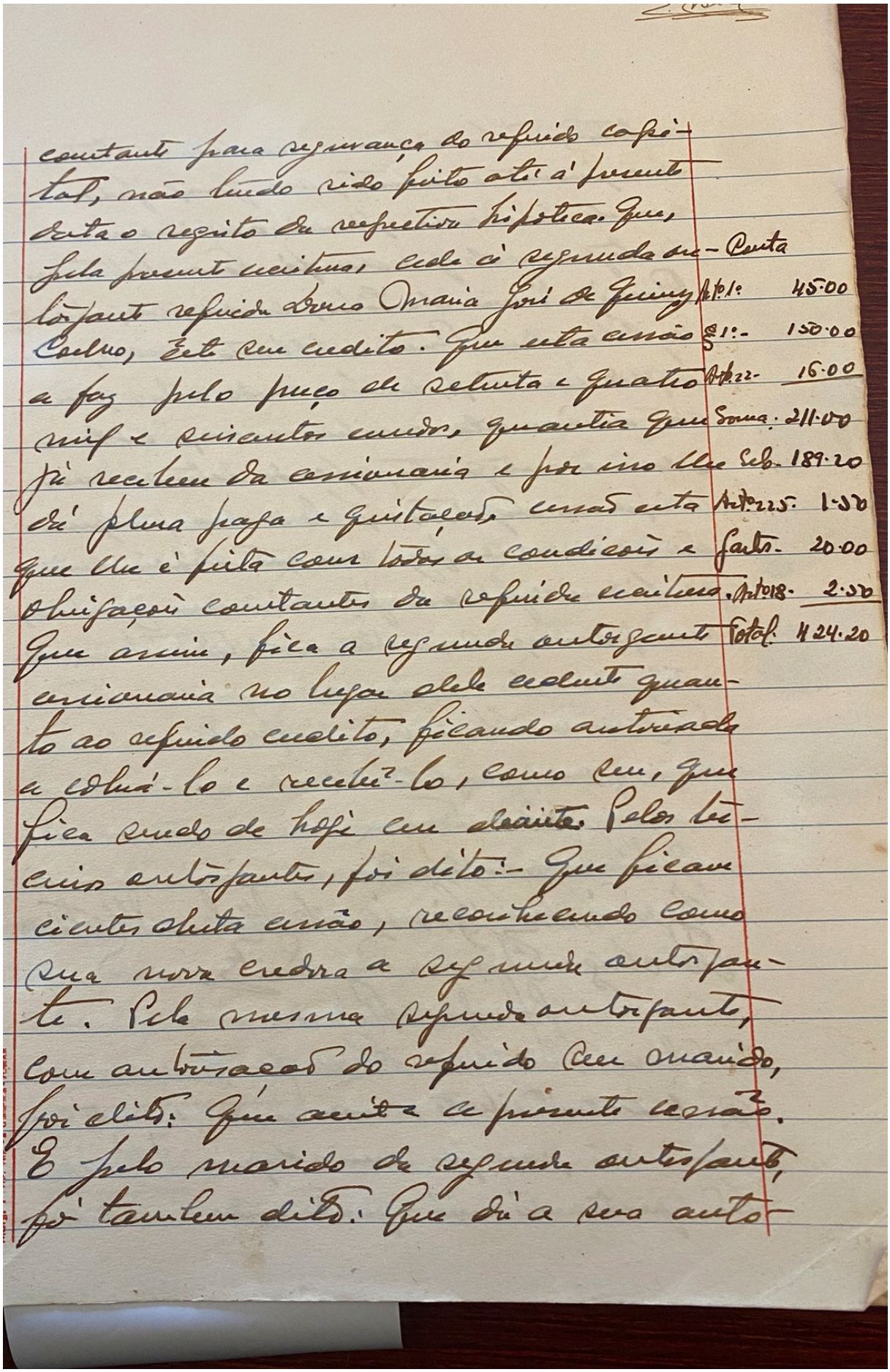
Quitação - Vinhos Ltd - B 187 - f. 96

Anexo 4. Registos em nome de Rodrigo Matias Magalhães para consulta de atas no Arquivo Municipal do Porto.



mesma vila e natural da dita freguesia de São Gonçalo, devidamente autorizada por seu marido Joaquim da Fonseca, residencial, com ela casada e natural da freguesia de Codeçoso, do concelho de Cabeceiras de Basto, a este acto presente. Primeiro Outorgante disse Matias Magalhães, residencial em mulher Dona Armanda Diniz de Melo e Matias, domestica, moradores na Avenida Joaquim Leite de Carvalho, desta vila, ele natural da freguesia de Fridão, deste concelho e ela de dita freguesia de São Gonçalo. Pessoas cuja identidade reconheço por serem do meu conhecimento pessoal. E pelo primeiro outorgante, foi dito: Que é um dos credores dos terceiros outorgantes, do capital de setenta e quatro mil e seiscentos escudos, que por virtude de escritura de trinta de dezembro de mil novecentos cinquenta e três, lavrada a folhas sessenta e cinco do respectivo Livro número cento cinquenta e nove, das notas deste cartório, lhes emprestou ao juro anual de oito por cento, na qual hipotecaram o prédio de mesma natureza

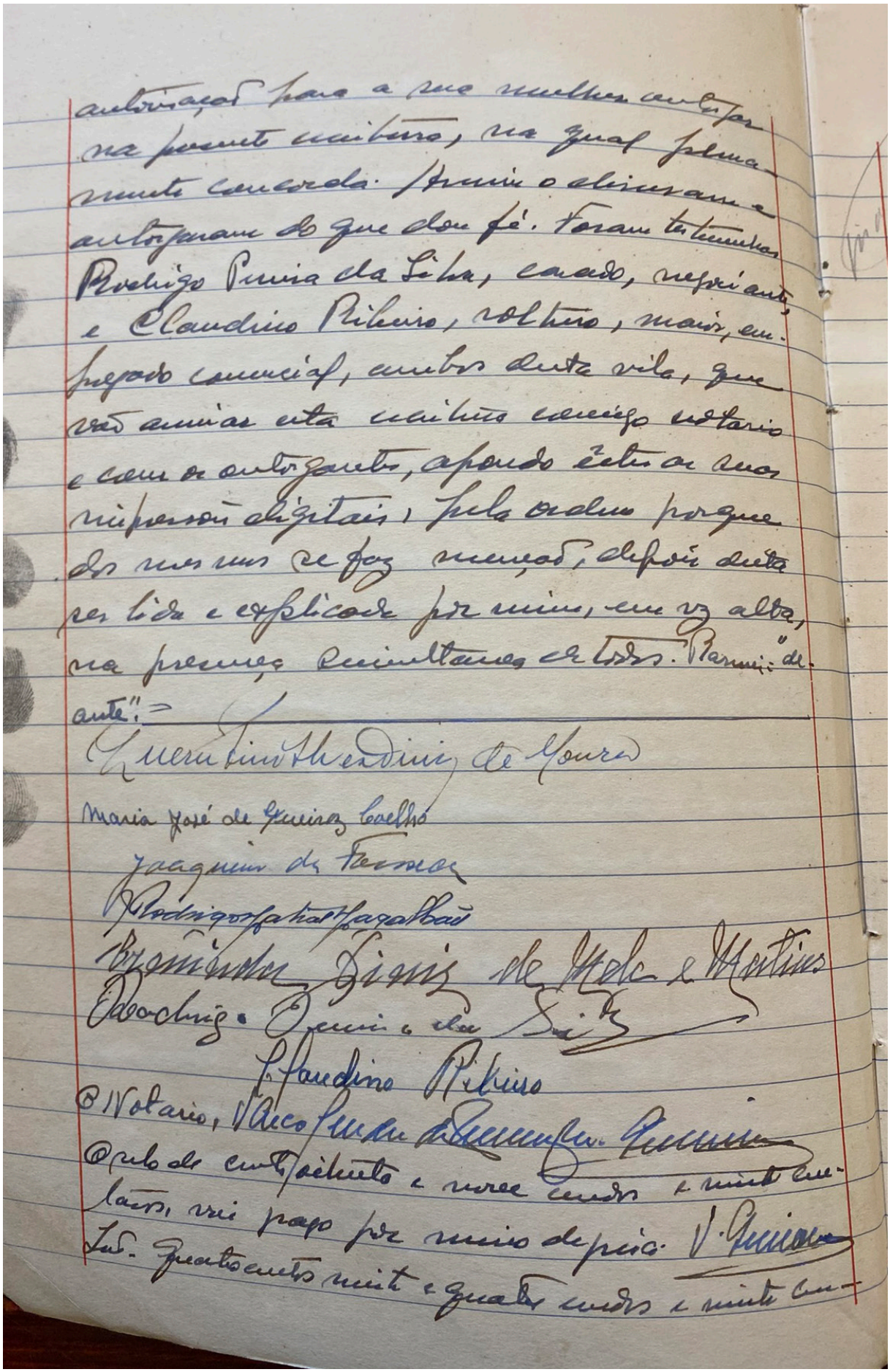
Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.



constante para segurança do referido capi-
tal, não tendo sido feito até à presente
data o registo da respectiva hipoteca. Que,
pela presente escritura, cede à segunda out.ª Parte
interessante referida Dona Maria José de Freitas
Coelho, este seu crédito. Que esta cessão
a faz pelo preço de setenta e quatro
mil e oitenta escudos, quantia que
já recebeu da cessionária e por isso lhe
dá plena quitação e quitação, cessão esta
que lhe é feita com todas as condições e
obrigações constantes do referido escritura.
Que assim, fica a segunda outorgante
cessionária no lugar dele cedente quan-
to ao referido crédito, ficando autorizada
a cobrá-lo e receber-lo, como seu, que
fica sendo de hoje em diante. Pelos tes-
temunhos outorgantes, foi dito:- Que ficam
cientes desta cessão, reconhecendo como
sua nova credora a segunda outorgan-
te. Pela mesma segunda outorgante,
com autorização do referido seu marido,
foi dito: Que aceita a presente cessão.
E pelo marido da segunda outorgante,
foi também dito: Que dá a sua anto-

Rtº 1:	45.00
Sº 1:-	150.00
Rtº 22-	16.00
Soma:	211.00
Sob.	189.20
Rtº 225:	1.50
Rtº 18-	2.50
Total	424.20

Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.

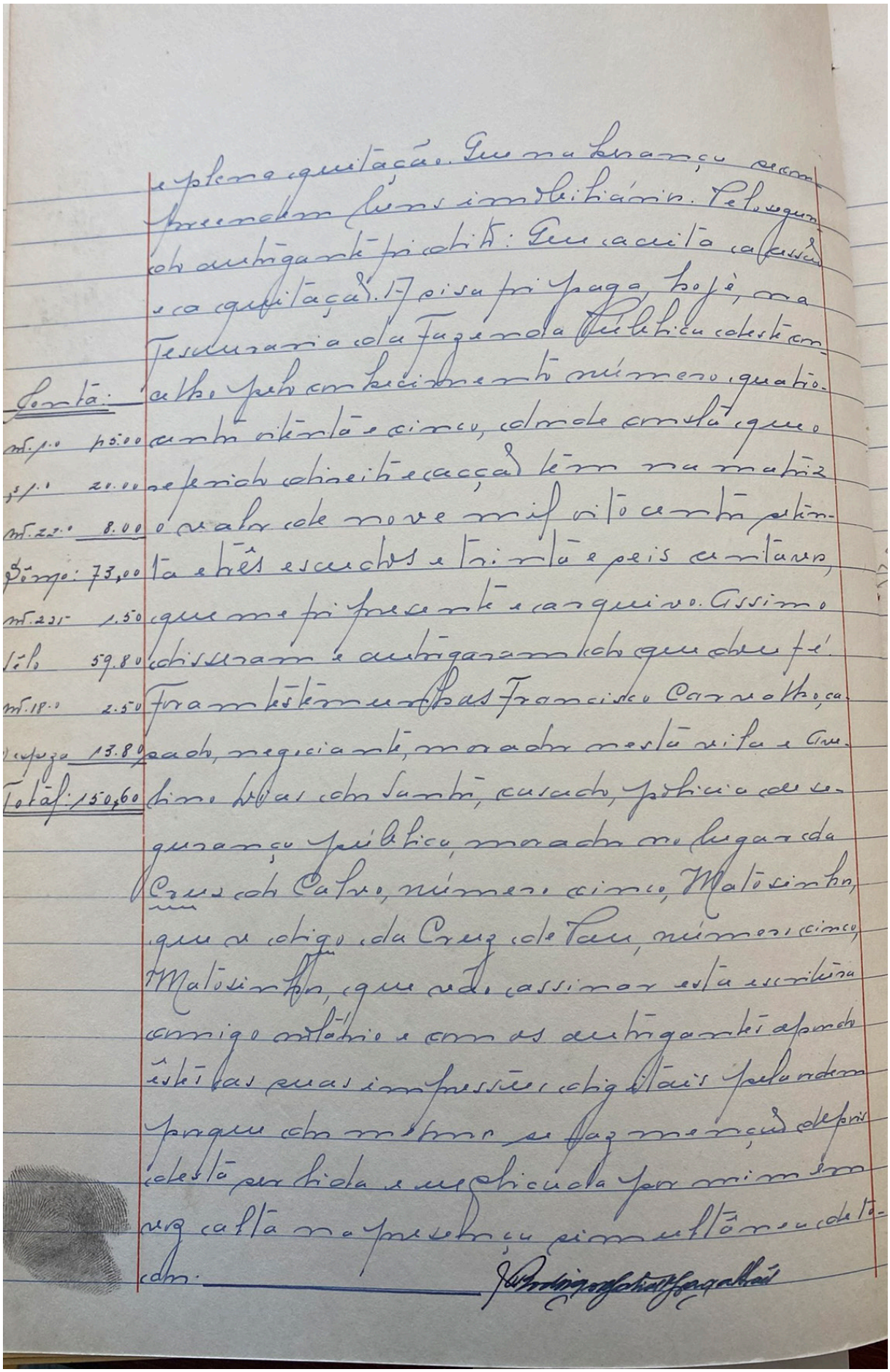


Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.

satisfazem aos requisitos legais da idoneidade, compareceram como outorgantes: = Primeiro = António Teixeira de Melo e mulher Maximiana de Oliveira Melo, proprietário, moradores nesta vila e naturais da freguesia de São Gonçalo, deste concelho = Segundo = Rodrigo Matias Magalhães, casado, industrial, morador nesta mesma vila e natural da freguesia de Fridão, deste mesmo concelho. Pessoas cuja identidade de artífice por serem de meu conhecimento pessoal E pelos primeiros outorgantes foi dito: — Que, por escritura de hoje deste dito: Que eles são uns dos bens herdados de seu falecido pai e sogro Alexandrino Teixeira de Melo, doente, morador que foi nesta mesma vila. Que, pela presente escritura, vendem ao segundo outorgante todos os referidos bens que eles têm à referida herança. Que esta venda a fazem pelo preço de cinco mil quatrocentos e vinte e cinco escudos e cinquenta centavos quantia que já receberam de que passam o respectivo recibo e da qual por isso, lhe dão completa

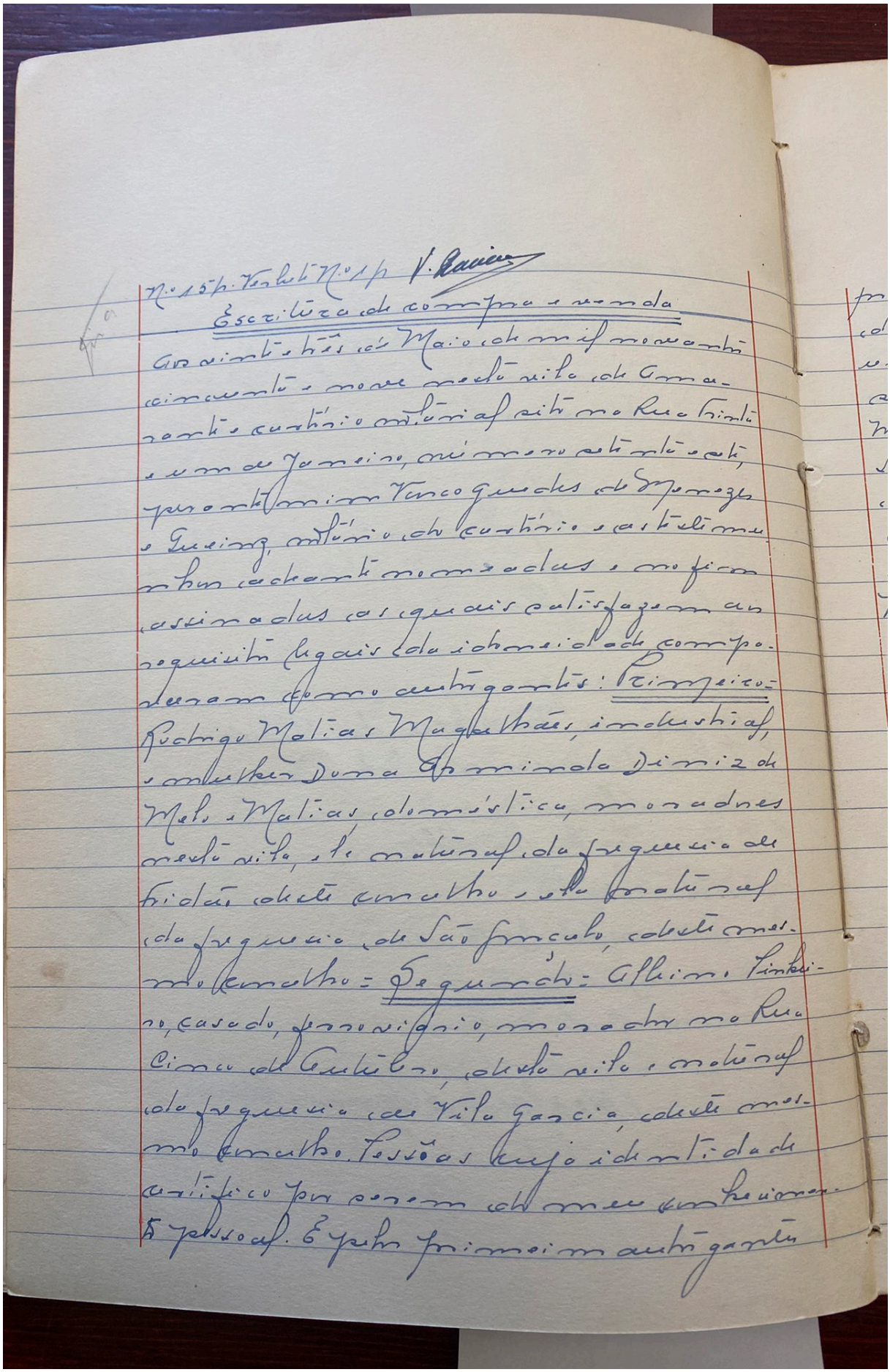
Marg. 1 TIP. PAP. A GRÁFICA DE TOMAR

Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.

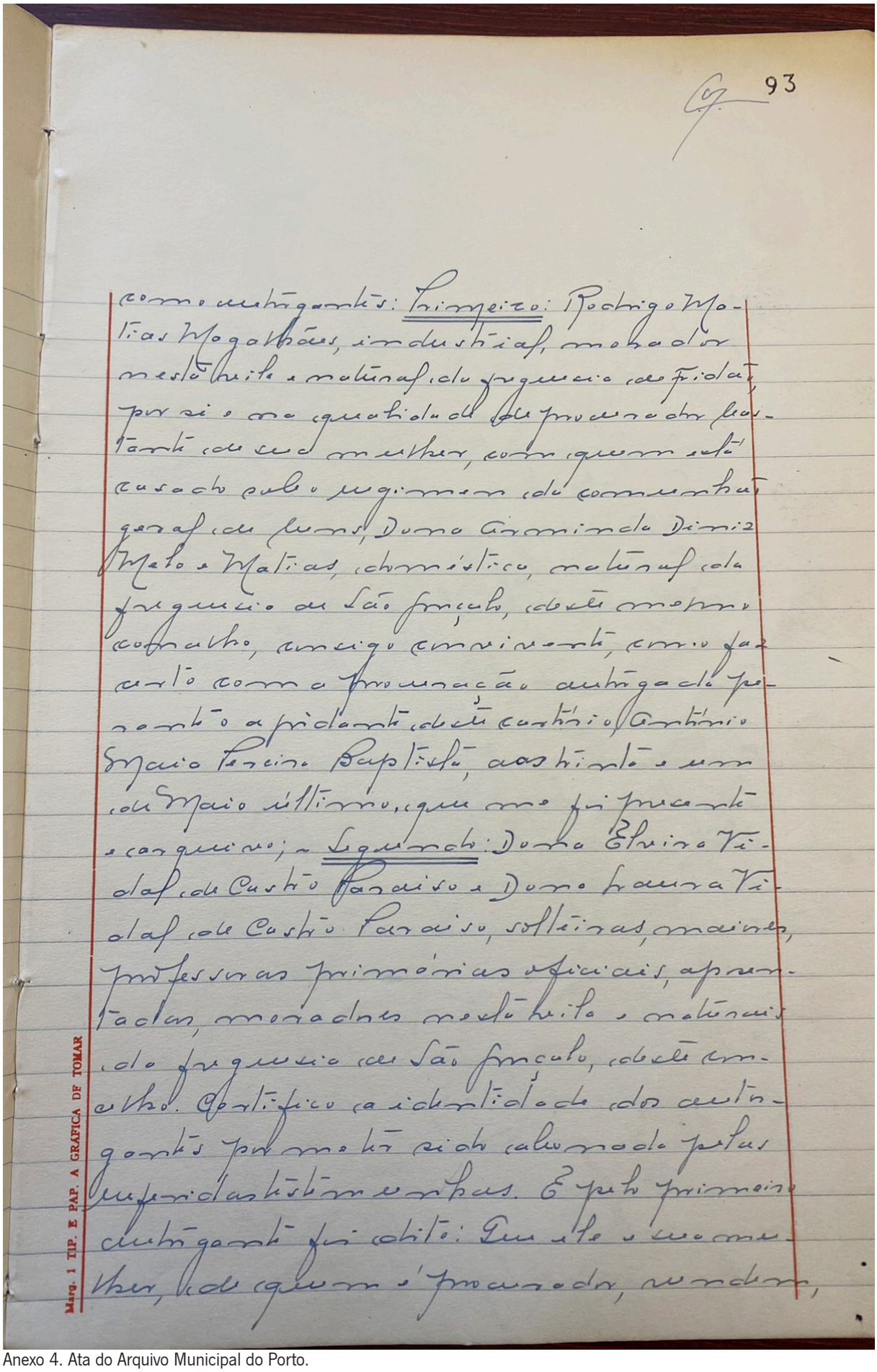


e plena quitação. Eu na Branca como
presente fui interpelado. Pelo que
ele outorgante foi dito: Que aceita a escritura
e a quitação. E logo foi paga, hoje, na
Tesouraria da Fazenda Pública deste Con-
celho pela contribuinte número quatro-
centos e cinco, do selo em falta que o
referido cheque de caução tem na matriz
o valor de nove mil e cento e sete-
nta e três escudos e trinta e seis centavos,
que me foi presente e arquivo. Assim o
disseram e outorgaram ele que eu fé.
Foram testemunhas Francisco Carvalho, ca-
ixeiro, negociante, morador nesta vila e Ma-
nuel Dias de Sousa, casado, polícia de se-
gurança pública, morador no lugar da
Cruz do Calvo, número cinco, Malveira,
que a rogo da Cruz do Calvo, número cinco,
Malveira, que não sabe assinar esta escritura
comigo outorgante e com as outorgantes apondo
estas suas impressões digitais perante
mim e as testemunhas e feita a leitura
em voz alta na presença simultânea de todos.

Conta:
mf. 1.º 5.00
3/1 20.00
mf. 22.º 8.00
Sêlo: 73,00
mf. 231 1.50
Sêlo 59.80
mf. 18.º 2.50
Sêlo 13.80
Total: 150,60



Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.


93

como outorgantes: Primeiro: Rodrigo Matias Magalhães, industrial, morador nesta cidade e natural da freguesia de Fidalgar, por si e na qualidade de procurador bastante de sua mulher, com quem vive casado pelo regimen da comunhão geral de bens, Dona Amanda Diniz Melo e Matias, doméstica, natural da freguesia de São Fins, deste concelho, maior e vacinada, como verifiquei pela procuração outorgada pelo primeiro aos vinte e cinco de Outubro findo, que me foi presente e arquivo; e Segundo: Dona Elvira Vidal de Castro Paraiso e Dona Laura Vidal de Castro Paraiso, solteiras, maiores, professoras primárias oficiais, aposentadas, moradoras nesta cidade e naturais da freguesia de São Fins, deste concelho. Identifico a identidade dos outorgantes por mim ser dada pelas testemunhas. E pelo primeiro outorgante foi dito: Que ele e sua mulher, de quem é procurador, vendem,

Marq. 1 TIP. E PAP. A GRAFICA DE TOMAR

Anexo 4. Ata do Arquivo Municipal do Porto.

CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

SERVIÇOS TÉCNICOS DE URBANIZAÇÃO E OBRAS

OBRAS PARTICULARES

INFORMAÇÃO :

Requerente Rodrigo Matias Magalhães

Residente Lafado - Amarante (S. Gonçalo)

Especificação da Obra (dizendo se se trata de edifícios de habitação de um ou mais fogos, para estabelecimentos comerciais ou industriais, etc.

Construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.

Situação .....

Alinhamento da obra, referido ao eixo da estrada, largo ou caminho público .....

Alinhamento das construções visinhas, referido ao eixo da estrada, largo ou caminho público .....

INDICADORES:

DEFERIDO

Amarante, 9 FEV 1978

Por delegação da Câmara Municipal

O PRESIDENTE

A) — Pela inscrição de técnicos :

a) .....

b) .....

B) — Registo do termo de responsabilidade técnica de obras : .....

C) — Em função no prazo :

30 dias.

..... meses.

D) — Em função de superfície :

— Novas edificações ou quaisquer obras de construção civil . . . 400 m2

— Reconstrução m2

— Ampliação m2

— Alteração m2

— Reparação m2

— Demolição m2

— Trabalhos que impliquem a alteração da topografia m2

Acrescentamento a edifício existente

Parte existente m2

Parte acrescentada m2

Escalão m2

E) — Especiais :

I - Pela construção de janela de sacada, balcões ou varandas corridas que projectem sobre a via pública : .....

II - Pela construção de marquises ou corpos salientes projectando-se sobre a via pública, por andar abrangido e por metro linear ou fracção : .....

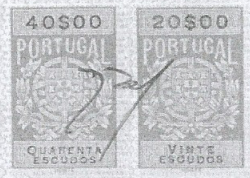
III - Pela construção de alpendres, por metro linear ou fracção : .....

IV - Pela construção de terraços no prolongamento dos pavimentos de edifícios ou servindo-lhes de cobertura utilizável como logradouros, esplanadas, etc. .....

Anexo 5. Requerimento para a construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

ESTRUTURAS



1 - OBJECTO

A presente memória tem em vista a justificação da estabilidade da estrutura resistente do pavilhão que a firma Rodrigo Matias Magalhães pretende realizar em terreno próprio, no Campo do Tapado, nesta vila de Amarante.

2 - BREVE DESCRIÇÃO DA OBRA

Todo o edificio será térreo, apresentando em planta a forma rectangular.

A estrutura resistente será composta por pilares metálicos HEB 120, sobre os quais descarrega a estrutura de cobertura. Esta última será constituida por asnas metálicas executadas por associação de perfis, sendo o banzo inferior construido com perfis 40.40.5, o banzo superior com perfis UNP4, as diagonais em perfis 40.40.4 e os montantes com perfis 40.40.4 em cruz.

A cobertura será de duas águas em chapa ondulada "Lusalite" normal, perfil 6, sendo a sua fixação às madres em perfis IPE 100, com grampos L normais equipados com anilhas de tela betuminosa para a necessária vedação do furo. A ventilação será conseguida por elevação da linha de cumieira.

Nos revestimentos verticais irá ser utilizado o mesmo tipo de chapas de fibrocimento, sendo a sua fixação aos perfis UNP8 idêntica à da cobertura.

3 - BASES DE CÁLCULO

3.1 - REGULAMENTAÇÃO

Na elaboração do presente projecto teve-se em conta a regulamentação portuguesa aplicável, nomeadamente os seguintes documentos:

- Regulamento de Estruturas de Aço para Edificios
- Regulamento de Solicitações de Edificios e Pontes
- Regulamento de Estruturas de Betão Armado
- Regulamento de Betões e Ligantes Hidráulicos.

../.

Anexo 5. Requerimento para a construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.

3.2 - MATERIAIS

Os diversos materiais terão, pelo menos, as características minimas exigiveis pela legislação aplicável, que aqui se dão por reproduzidas, ou as que melhor convenham aos fins em vista.

O aço a utilizar em pilares e estrutura de cobertura será o aço macio corrente comercial St 33, satisfazendo as normas oficiais próprias. Na armadura das sapatas e fixação dos pilares utilizar-se-á o aço A 24.

Os betões, preparados e vibrados mecânicamente, terão a dosagem minima de 300 kg de cimento por m3 de betão colocado em obra e granulometrias adequadas às partes da obra a que se destinam. A sua resistência caracteristica aos 28 dias de endurecimento será, no minimo, de 180 kg/cm2. No betão das zonas enterradas (fundações e linteis), será incorporado um hidrófugo do tipo Super Barra 05, segundo as indicações do fornecedor.

O cimento a empregar em toda a obra será do tipo Porteland Normal, de fabricação nacional recente e acondicionado de modo a estar protegido contra a humidade.

A água e os inertes para o betão armado deverão satisfazer as disposições impostas pelo Regulamento de Betões e Ligantes Hidráulicos.

3.3 - SOLICITAÇÕES

As cargas permanentes foram avaliadas tendo em conta as dimensões reais das diferentes partes da obra e os pesos especificos correspondentes.

As solicitações acidentais habituais consideradas, obedeceram ao artigo 5º do RSEP. Como sobrecargas de utilização adoptou-se o especificado nos artigos 13º e 14º e, relativamente ao vento lateral, digo, habitual e à neve, seguiram-se as especificações dos respectivos artigos do Regulamento acima referido. Quanto às solicitações acidentais excepcionais, teve-se em consideração o vento excepcional.

As hipóteses de solicitação I e II, a actuar na referida estrutura, foram obtidas pela combinação das solicitações permanentes com as solicitações acidentais.

3.4 - TABELAS DE CÁLCULO AUXILIARES

Os cálculos foram realizados dentro dos processos habituais da Resistência de Materiais e apoiaram-se em tabelas de uso generalizado, nomeadamente:

- Tabelas Técnicas, por Vicente Ferreira e Brazão Farinha
- Normas DIN 4114
- Manual de Betão Armado, por J. D'Arga Lima

../.

Anexo 5. Requerimento para a construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.

4 - CÁLCULOS

4.1 - MADRES

Foram calculadas como vigas simplesmente apoiadas, com um vão l = 5,00 m. e constituidas por perfis IPE 100.

4.2 - ASNAS

Como foi referido anteriormente, as forças actuantes nas asnas, resultantes da combinação de solicitações, provocam esforços nas barras, os quais foram obtidos através da resolução de Cremonas, perfeitamente definidos em desenho anexo.

As asnas encontram-se perfeitamente definidas e justificadas em quadro anexo e em pormenores desenhados.

4.3 - PILARES

No cálculo dos pilares foi considerada a acção do vento sobre o conjunto da estrutura, para as solicitações do tipo I e tipo II e as cargas que neles descarregam as referidas asnas.

Os pilares serão constituidos por perfis HEB 120, encontrando-se perfeitamente ancorados à fundação através de uma chapa metálica e por quatro varões de Ø 16 mm, em aço A 24, aparafusados à chapa e terminados em gancho, conforme pormenores desenhados. O contraventamento dos pilares será efectuado com tubos metálicos de Ø 80 mm.

4.4 - SAPATAS

Foram calculadas pela fórmula de Labelle, considerando para tensão de segurança do terreno o valor de 2 kg/cm2.

As secções e respectivas armaduras encontram-se em desenho anexo.

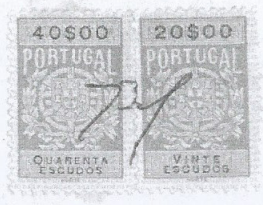
Amarante, 1 de 8 de 1985

O Engenheiro Civil

José Alexandrino Matias de Vila Real

a) José Alexandrino de Melo Matias Faria de Vila Real

Anexo 5. Requerimento para a construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.



ESTIMATIVA ORÇAMENTAL

Refere-se esta estimativa orçamental à obra que a firma Rodrigo Matias Magalhães pretende executar no lugar do Campo do Tapado, freguesia de S. Gonçalo, concelho de Amarante, sendo a mesma estimada em 2.500.000$00, (dois milhões e quinhentos mil escudos).

Amarante, 1 de Agosto de 1985

O Engenheiro Civil

José Alexandrino Matias da Vila Real

Anexo 5. Requerimento para a construção de um pavilhão com estrutura em cantoneira perfurada Dexion.

Proc. N.º ...../.....

CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

SERVIÇOS TÉCNICOS DE OBRAS

SECÇÃO DE URBANIZAÇÃO

OBRAS PARTICULARES

INFORMAÇÃO

Requerente Rodrigo Matias Magalhaes

Residente Lajedo - S. Gonçalo

Especificação da Obra (dizendo se se trata de edifícios de habitação de um ou mais fogos para estabelecimentos comerciais ou industriais, etc.

Legalização de um armazem

Situação .....

Alinhamento da Obra, referido ao eixo da estrada, largo ou caminho público

Alinhamento das construções vizinhas, referido ao eixo da estrada, largo ou caminho público .....

INDICADORES:

A) — Pela inscrição de técnicos:

a) .....

b) .....

B) — Registo do termo de responsabilidade técnica de Obras .....

C) — Em função do prazo:

30 dias

..... meses

D) — Em função de superfície:

— Novas edificações ou quaisquer obras de construção civil . . 210 m2

— Reconstrução m2

— Ampliação m2

— Alteração m2

— Demolição m2

— Trabalhos que impliquem a alteração da Topografia m2

Acrescentamento a edifício existente

Parte existente m2

Parte acrescentada m2

Escalão m2

E) — Especiais:

I — Pela construção de janela sacada, balcões ou varandas corridas que projectem sobre a via pública:

II — Pela construção de marquises ou corpos salientes projectando-se sobre a via pública, por andar abrangido e por metro linear ou fracção:

III — Pela construção de alpendres, por metro linear ou fracção:

IV — Pela construção de terraços no prolongamento dos pavimentos de edifícios ou servindo-lhes de cobertura utilizável como logradouros, esplanadas, etc.

Anexo 6. Licenciamento de um armazém da Fábrica dos Matias.

V - Pela construção de muros e grades de vedação definitivo confinantes com a via pública

VI - Pela construção de vedações de madeira (não compreendendo tapumes para obras) ou quaisquer outras vedações mesmo de carácter provisório, de sistema ligeiro, confinantes com a via pública

VII - Pelos terrenos anexos, logradouros e jardins, confinantes com a via pública

VIII - Pela construção de telheiros, capoeiros e congéneres em logradouros, quintais ou jardins

IX - Pela modificação das fachadas principais dos edifícios:

Tapumes, andaimes, amassadouros e caldeiras de asfalto

1 - Tapumes:

2 - Andaimes:

3 - Amassadouros e depósitos de entulho:

4 - Depósitos de materiais:

5 - Caldeiras destinadas a derreter asfalto e outros produtos:

DIVERSOS:

a) - Há lugar a redução das taxas a metade por se tratar de hangares, barracões fechados ou abertos e alpendres de construção ligeira?

b) - Trata-se de prédios idênticos, de caracter económico até 2 pavimentos reunidos no mesmo projecto e cuja construção seja feita simultâneamente?

c) - Tem varanda na fachada da frente?

d) - A obra foi ou está sendo executada sem licença? .....

Obras não especificadas e quaisquer outras informações:

Indicar: Número e data da licença da Direcção de Estradas, na hipótese de ser devida:

Idem, dos Monumentos Nacionais, idem:

Condições especiais a impor:

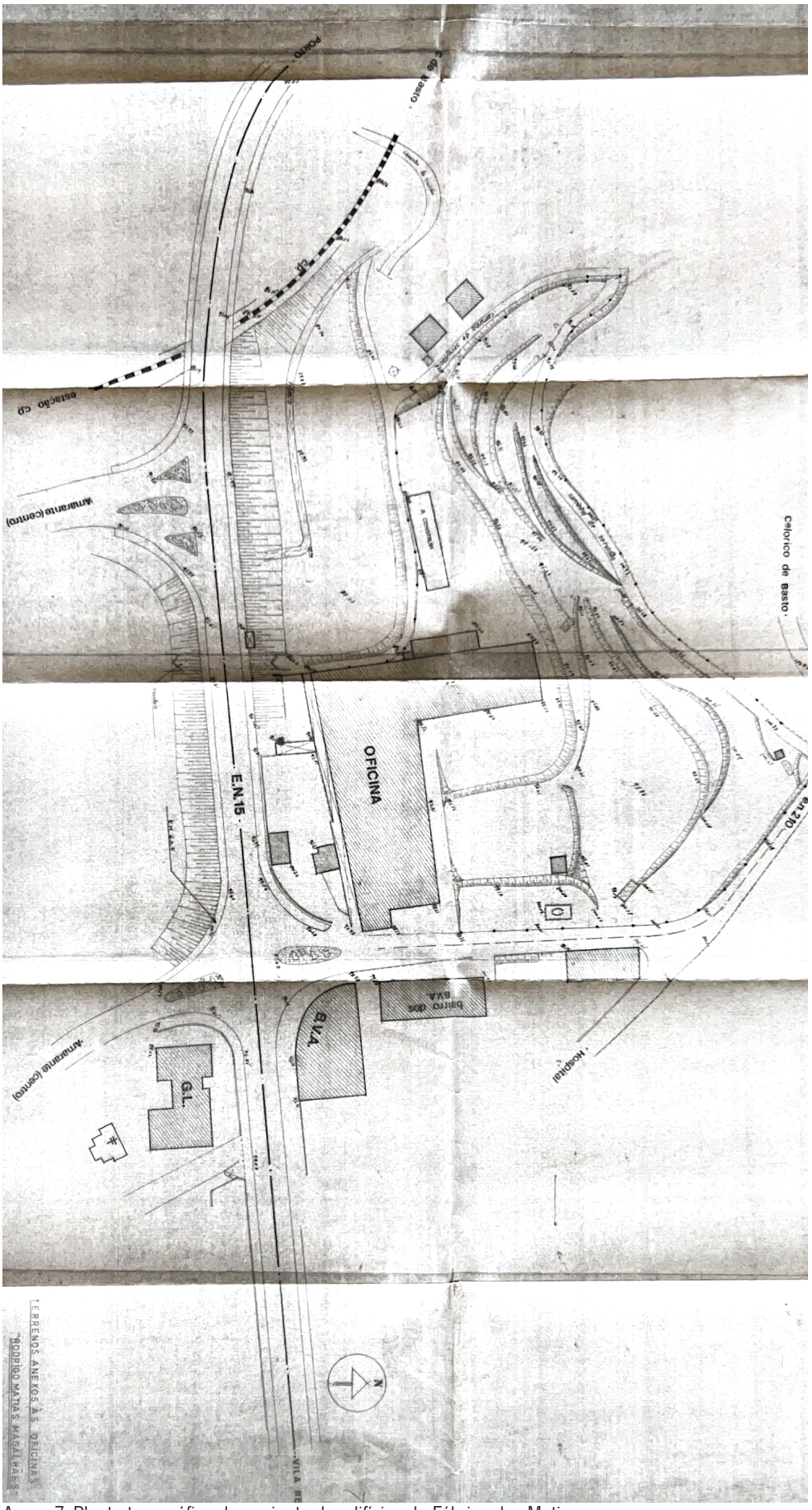
Assim sou de parecer que ..... há inconveniente na concessão desta licença.

Amarante, ... de ..... de 19.....

O CHEFE DOS SERVIÇOS,

.....

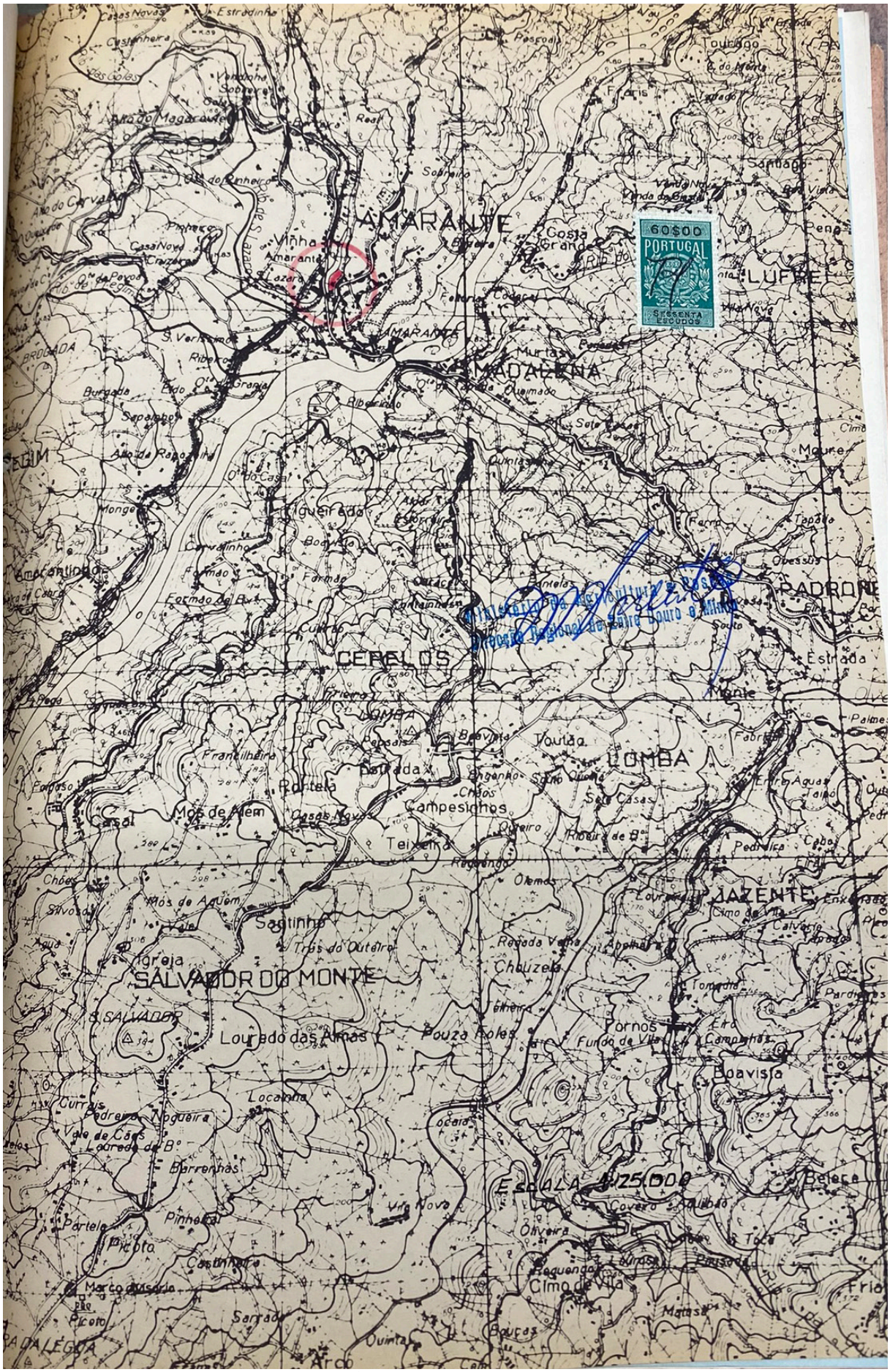
Anexo 6. Licenciamento de um armazém da Fábrica dos Matias.



Anexo 7. Planta topográfica do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias



Anexo 8. Planta de localização do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias



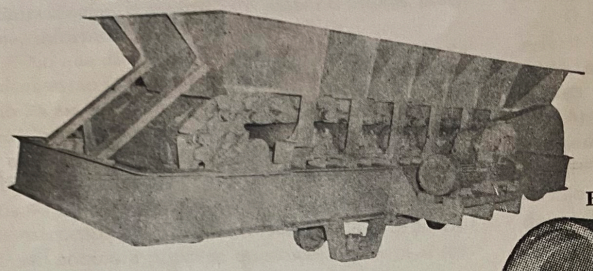
Anexo 9. Planta de localização do conjunto de edifícios da Fábrica dos Matias

SAITAM MÁQUINAS FUNDIÇÃO

Rodrigo Matias Magalhães

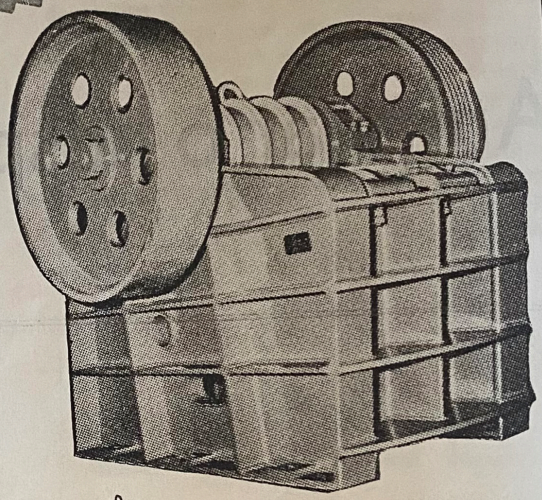
Apartado 1 — End. Teleg. SAITAM — Telef. 43061
4600 AMARANTE — Portugal

ALIMENTADORES DE LAGARTAS

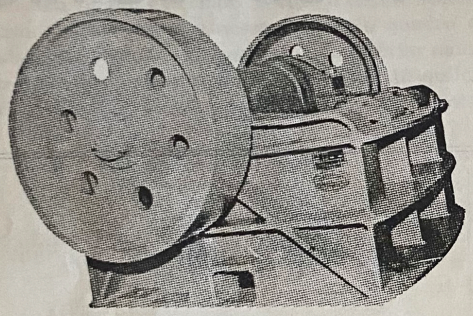


Instalações de Britagem

BRITADEIRAS PRIMÁRIAS



BRITADEIRAS SECUNDÁRIAS



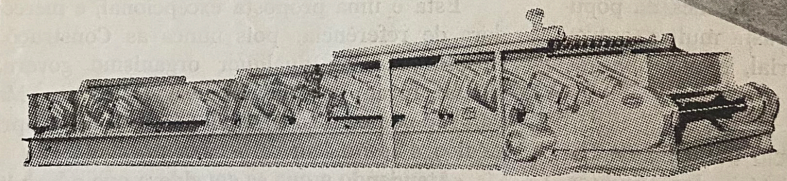
CRIVOS VIBRANTES



OUTROS EQUIPAMENTOS :

* LAVADORES DE BRITAS
* LAVADORES DE AREIAS
* GRANULADORES DE CILINDROS
* MOINHOS DE BARRAS
* TAPETES TRANSPORTADORES
* SILOS METÁLICOS
* ALIMENTADORES VIBRANTES

CRIVOS DE RESSONÂNCIA



Anexo 10. Cartaz da empresa SAITAM.



Anexo 11. Imagem antiga do caminho para a antiga casa dos Matias (localizada à direita).



Gala Internacional do Móvel-1978, em Valencia (Espanha) — A TABOPAN foi chamada para receber o trofeu com que foi distinguida entre doze países. O comendador José de Abreu, que se vê na gravura, ao lado da esposa, dirige-se para a mesa de honra

Greve contra a greve... — E porque não ? !

Neste tempo do cair da folha, em que as árvores ficam quase despidas e o solo parece avivar-se mais com o «peso» daquilo que fôra ultrapassado, o comum dos mortais sente-se de tal maneira atrofiado e minimizado que parece morrer a prestações !...

A falta de produção e a alta do custo de vida são factores determinantes que inibem os mais conscienciosos de enfrentar o dia-a-dia com confiança, a despeito da sua luta tenaz e preserverante, não obstante ainda estar possuído de alguma fé nos destinos do quotidiano.

Dizia-nos alguém, com certa lógica e a razão que a verdade impõe, que se devia fazer greve contra as greves — que só têm prejudicado o Povo e, consequentemente, o País.

Os que se deixam manipular e os que querem uma vida fácil e sem trabalho mais não fazem do que sustentar a destabilização, orientada por uns tantos que têm patenteado ser inimigos da ordem, do progresso e da paz, da riqueza e do amor.

Trilhando uma linha mais ou menos anárquica, não respeitando o que a cada um pertence, os fautores da desordem e das paralisações contribuem para um mal-estar que se repercute no verdadeiro trabalhador —isto é, naquele que aposta no cumprimento dos seus deveres perante o Estado e a entidade patronal, pois só assim poderá ganhar direito a um amanhã mais feliz e compensador.

Perante o rosário de pobreza porque estamos a suportar, quem nos garante ser a greve o meio mais flexível ou resolutivo para operar uma metamorfose de efeito ?

Cremos bem que ninguém — já que a paralização do trabalho apresenta-se-nos como uma faca com dois gumes.

Por princípio não aderimos à greve. Em consciência, não podemos admitir que tudo se faça para diminuir a produção dum País.

Para nós, o que é do patrão não é nosso e só ele é que tem o direito de mandar no que lhe pertence.

Todo este nosso pensar, este nosso sentir, não briga com a pergunta que alguma gente nos tem posto — se devemos ganhar pelo que merecemos ou pelo que necessitamos...

A prejudicar o País e a arruinar a entidade patronal é que não nos conduz ao melhor caminho.
Quem quiser pôr em despique os direitos contra os deveres saberá, depois, que traindo os deveres não poderá ganhar direitos.

Greve contra a greve... é, em nosso entender, a forma mais qualitativa para desarmar aqueles que, sem querer, (?) aderem aos «comandos» que não querem nem Honra — nem Trabalho !

J. R.

«Hoja Del Lunes»

Deu notícia — surpresa para os Portugueses

O jornal valenciano «Hoja del Lunes» surpreendeu os portugueses radicados naquela urbe mediterrânica, divulgando a notícia de que Mário Soares queria derrubar o Presidente Ramalho Eanes !

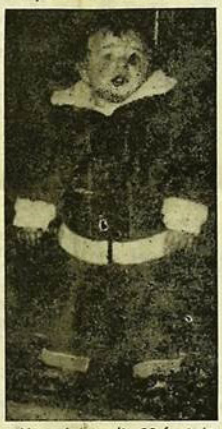
O «despacho» foi datado de Lisboa pela EFE e referia-se a uma informação dada à TV-2 pelo ex-ministro e ex-deputado socialista eng.º António Barreto.

x—x

Depois desta notícia surgiu aquela afirmação, lá longe, no Canadá, feita pelo antigo Primeiro Ministro de que... a descolonização fôra corajosa !...

Se tivesemos de responder a pergunta tão alusiva diríamos que tinha sido... criminosa !

Joaquim Manuel Pinto



No próximo dia 22 festeja o seu primeiro aniversário o menino Joaquim Manuel Pinto, filho do nosso assinante sr. Fernando Pinto e de sua esposa D. Maria Teixeira Pinto, ausentes no Luxemburgo.

Os seus avós enviam-lhe muitos beijos desejando uma longa vida muito feliz.

ABILIO TEIXEIRA

Deste nosso assinante, a residir na Alemanha, recebemos a importância correspondente a 31 de Dezembro próximo.

Rodrigo Matias Magalhães

Fabricou a peça que o viria a matar



No passado dia 31, cerca das 17 horas, o conhecidíssimo industrial de metarlugia, Rodrigo Matias de Magalhães, encontrou-se trágicamente com a morte.

Quando assistia ao carregamento de várias estruturas metálicas, saídas do fabrico da sua empresa e destinadas a um batelão para a firma de Construções Mota & C.a, uma dessas peças saiu da plataforma da camioneta colhendo-o, tendo o seu corpo ficado dividido em duas partes.

O industrial Rodrigo Matias de Magalhães, que em 1939 iniciou a sua actividade como industrial de metalurgia, dando-lhe a expansão que todos os amarantinos conhecem, gozava da maior simpatia em toda a vila dado o seu fino trato. Até para as crianças.

Era casado com D. Arminda Dinis de Melo Matias, a quem «Flor do Tâmega» endereça os mais profundos sentidos pêsames, extensivos também a seus filhos e outros familiares.

Eng. Nobre da Costa

No espaço de 24 horas faleceram em Espanha e em Cascais o eng.º Alfredo Andersen Nobre da Costa e o dr. Carlos Andersen da Costa, respectivamente pai e tio do Primeiro Ministro Nobre da Costa — a quem «Flor do Tamega» manifesta a expressão sincera do seu pesar.

José Augusto Taborda de Pinho

Falecimento

Faleceu inesperadamente no passado dia 27 do corrente, em Lisboa, onde era Chefe de Secção da Secretaria de Estado da Cultura. O falecido era filho do nosso amigo e conterrâneo sr. Augusto de Miranda Pinho e de D. Celeste Augusta de Abreu Taborda e irmão do também nosso amigo sr. Augusto Taborda de Miranda Pinho.

À Família enlutada apresentamos as nossas condolências.

INFORMAÇÕES

FARMÁCIAS DE SERVIÇO HOJE

PONTE

SEXTA — CENTRAL
Sábado — COSTA
Domingo — AMARANTE
Segunda — ARQUINHO
Terça — AMARANTE
Quarta — CENTRAL

o-o-o

HORÁRIO DAS MISSAS

Sábado:
Igrejas de:
MADALENA — às 18 horas
Domingo:
S. Gonçalo — às 7 e 11 horas
Misericórdia — às 9 horas
Madalena — às 10 horas

o-o-o

TELEFONES DE TAXIS

Rádio Táxi — Central de Taga (Dia e noite) 42404
Rádio Taxi — 42510
Praça do Arquinho — 42418
Praça de S. Gonçalo — 42310
Praça junto ao «Nosso Café» — 42468
Praça de Telões — 42978
Praça do Hospital — 42986
Rádio Táxi do Arquinho — 42984
Rádio Táxi de Praça do Hospital — 42986
Rádio Táxi de Praça de S. Gonçalo — 42782
Rádio Táxi de Vila Garcia - dia — 43394
noite — 42816
Rádio Táxi de Pidre — 42145 e 42990
Rádio Táxi - Central de Padronelo - dia — 43293
noite — 42791

o-o-o

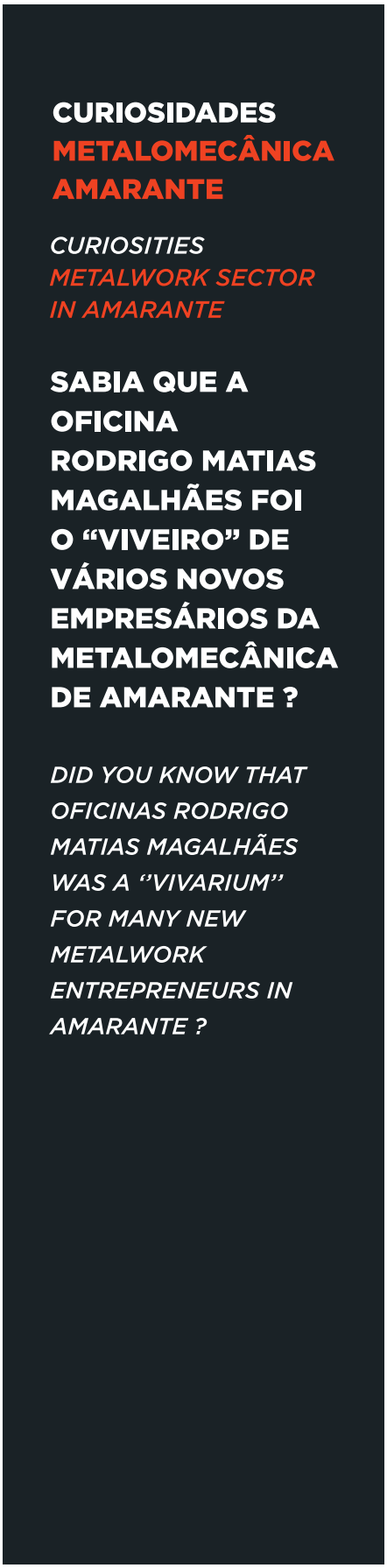
AMARANTE CINE TEATRO
Hoje
Quinta feira às 21,30 hs.
A Noite do Terror Rastejante
m/18 anos
Sexta feira, às 21,30 hs.
EL MACHO
m/13 anos
Sábado — às 21,30 horas
DR. JIVAGO
m/6 anos
Domingo às 15,30 e 21,30
O TRITURADOR
m/13 anos
Terça feira, às 21,30 hs.
A NOITE DO PECADO
m/18 anos
Quinta feira às 21,30 hs.
Paríso Carnal
m/18 anos

o-o-o

TELEFONES MAIS ÚTEIS

BOMBEIROS — 42718
HOSPITAL — 42091
P. S. P. — 42444
G. N. R. — 42015

Anexo 12. Publicação da noticia do falecimento de Rodrigo Matias Magalhães no Jornal "Flor do Tâmega", 09-11-1978.



Anexo 13. Cartaz informativo de nome "Curiosidades Metalomecânica Amarante", exposto na exposição "A força do Metal", realizada em 2021 pela Câmara Municipal de Amarante.

O presente subsídio será entregue num só momento, após a entrega dos documentos acima indicados, do documento contabilístico de cada Tuna – fatura/recibo – e até ao final do ano em curso.

O Presidente da Câmara,

José Luís Gaspar Jorge"

------- A Câmara deliberou **aprovar a proposta do Senhor Presidente da Câmara e agir em conformidade.**----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO.- "**Antigas Instalações da Metalúrgica Matias, Ldª.".- Proposta do Senhor Presidente da Câmara – (Registo nº. 12669/2016/12/23).-----

------- O Senhor Presidente referiu que esta área do concelho sempre foi tida como uma área estratégica da cidade e, consequentemente o interesse, por parte da Câmara, de aquisição daqueles espaços. Acrescentou ainda que, os herdeiros da família Artur de Freitas, mediante a avaliação realizada, mostraram-se disponíveis de proceder à sua venda.----------

------- O Senhor Vereador Pedro Barros observou o seguinte:- "Todos os terrenos com boa localização, havendo critérios, são importantes para o Município. Este terreno é importante. E já era importante quando se decidiu construir o hospital. O esbanjamento de dinheiro que se fez na construção do hospital, com enorme prejuízo para o Município poderia ter sido ultrapassado se tivéssemos tido uma solução muito mais equilibrada que passasse pela utilização, recuperação e ampliação do espaço existente e que poderia ser perfeitamente neste espaço que aqui temos. É evidente, que estando na malha urbana concentrado, como está, é um terreno de grande importância para o Município.- Este é o meu entendimento. Fica esta declaração relativamente a esta situação, sendo certo que, há muitos outros terrenos que são importantes.- É preciso que haja critério. E o critério tem a ver com uma definição daquilo que nós pretendemos fazer, quer na malha urbana quer no Município e espero que o PDM- Plano Diretor Municipal nos ajude a dar algumas indicações e algumas soluções relativamente ao desenvolvimento de Amarante. Esta é a primeira questão e é aqui que eu fico nesta primeira abordagem.- Este processo não está a ser bem encaminhado. Este agendamento é desnecessário.- leu:- "*...Esta avaliação resultou dos montantes constantes agora do relatório anexo...* " O Relatório não está na documentação"----------

Anexo 14. Ata nº51 de 28 de Dezembro de 2016 - folha 8

------- O Senhor Presidente mostrou-se surpreendido pela inexistência do referido relatório de avaliação na documentação enviada aos Senhores Vereadores, concluindo ter havido uma falha administrativa por parte dos Serviços, atendendo a que o mesmo era fundamental para a discussão e deliberação deste assunto.- Disse:- "Foi uma falha administrativa, tinha de estar anexo e sendo assim não vale a pena continuar com a discussão:- Os Senhores já sabem o propósito, e o que interessa agora, é saber, qual o vosso pensamento quanto à aquisição do terreno.- O relatório de avaliação aponta para € 2. 350.429,85 mas convém que sejam analisados os critérios de avaliação.- Não quero que isto seja discutido sem que os Senhores Vereadores não estejam na posse de toda a informação".----------

------- O Senhor Vereador Pedro Barros observou que, no próximo agendamento, não deviam ser distribuídas as propostas dos vendedores.----------

------- O Senhor Presidente respondeu que era necessário saber-se se todos os vendedores estavam disponíveis para vender.----------

------- Sob proposta do Senhor Presidente da Câmara, este assunto foi retirado da Ordem do Dia pelos motivos acima invocados.----------

------- Não participou o Senhor Vereador Dinis de Mesquita por motivos profissionais e pessoais.----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO.**- "Aquisição de Bem Imóvel – sito Real, freguesia de Vila Meã- Amarante.- Proposta do Senhor Presidente da Câmara – (Registo nº. 12670/2016/12/23)

"Concluída a empreitada de remodelação da P3 de Real, afigura-se necessário encontrar solução para instalação do Jardim de Infância (JI).

Trata-se de um processo que tem vindo a ser pensado no sentido de obtermos o máximo aproveitamento de recursos e, se possível, construir esse JI próximo da escola P3 de Real.

Isto porque, desde logo, permitiria operar de forma direta e imediata uma partilha de espaços coletivos. Em termos de construção serão, a priori, necessárias três salas e um espaço polivalente, garantindo-se poupança em termos de custo, quando comparada com a construção de um edifício de raiz. Ainda nesta componente a partilha de recursos humanos também se afigura de considerar. Acresce que, cumpre ainda resolver a questão de limitação de espaço do cemitério (sob administração da Junta de Freguesia), e, por último, mas não de menos resolver-se definitivamente a questão da

Anexo 8.

qualidade, assinado o Tratado de Adesão à Comunidade Económica Europeia - e Presidente da República.

Perante o desaparecimento deste enorme vulto, que se constitui como referência maior da história da República Portuguesa, o Município de Amarante associa-se a este momento de luto nacional e manifesta a toda a família, assim como ao Partido Socialista, o profundo pesar pelo falecimento do Dr. Mário Soares".----------

------- A Câmara, por unanimidade, deliberou aprovar o seguinte ***voto de pesar***:----------

------- *"Guilherme Manuel Lopes Pinto, Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, nasceu em Matosinhos a 21 de abril de 1959. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi professor do ensino secundário e exerceu a profissão de advogado. No plano político, foi deputado na Assembleia da República e na Assembleia Municipal de Matosinhos.*

Exercia desde ano de 2005 o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos depois de ter sido Vereador e Vice-presidente.

O Dr. Guilherme Pinto foi um político que trouxe coisas novas à gestão autárquica, tendo sido um dos pioneiros no reconhecimento da importância das câmaras municipais na atração de investimento para a economia.

O Município de Amarante manifesta a toda a família, assim como ao Município de Matosinhos, o profundo pesar pelo falecimento do Dr. Guilherme Pinto, um homem de convicções e um autarca de méritos reconhecidos".----------

------ ***PERÍODO DA ORDEM DO DIA***:----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO** – "Antigas Instalações da Metalúrgica Matias, Lda." – Proposta do Senhor Presidente da Câmara – (Registo n.º 12669/2016/12/23).----

As instalações da antiga Metalúrgica Matias, Lda, situam-se numa área estratégica da cidade e abrangem três prédios com áreas e configurações diferenciadas.

Por se tratar de uma zona a merecer intervenção programada, solicitamos autorização aos proprietários para podermos avaliar esses ditos imóveis.

Essa avaliação resultou nos montantes constantes do relatório ora anexo.

Importa referir que em meados de Abril deste ano, reunimos com os proprietários mas estes não chegaram a acordo entre si, o que impossibilitou trazer proposta concreta a esta Câmara.

Neste momento, temos o acordo formal dos proprietários em que estes aceitam receber um preço de acordo com o resultado da avaliação apurada.

Anexo 15. Ata n°1 de 9 de Janeiro de 2017 - folha 2

Fl.

Por outro lado, o valor em causa é elevado e dependerá de um recurso a empréstimo para financiar um eventual investimento na aquisição dos três prédios em causa.

Contudo, sem prejuízo da questão dos limites de endividamento para a qual temos margem para o efeito, não se pode olvidar que um empréstimo deste montante exige, nos termos da lei, uma maioria qualificada no órgão deliberativo e, nesse sentido, é fundamental colher a sensibilidade do Executivo para não corrermos o risco de praticarmos atos inúteis e não causarmos expetativas no lado de quem está de acordo para vender.

Além dessa condição é indispensável que os imóveis se encontrem livres de ónus ou encargos, aqui se incluindo as questões que correm termos em tribunal.

Assim, como ato instrutório e de preparação da decisão a tomar, propõe-se que a Exma. Câmara delibere promover consulta junto das instituições bancárias sediadas no concelho para obtermos cotação de preço para eventual contratação de empréstimo até ao montante de Eur. 2.350.429,85 (dois milhões trezentos e cinquenta mil quatrocentos e vinte e nove euros e oitenta e cinco cêntimos).

Paços do Município de Amarante, 23 de dezembro de 2016.

O Presidente da Câmara

José Luís Gaspar Jorge"

------- O Senhor Presidente da Câmara observou que este assunto vinha na sequência do ponto agendado na passada reunião de 28 de dezembro em que o mesmo não foi votado, atendendo a que relatório de avaliação não acompanhou os documentos enviados. Acrescentou ainda que a presente avaliação foi realizada há já algum tempo e como já havia referido, só agora, é que os proprietários se mostraram disponíveis de proceder à sua venda.- Reiterou que aquele espaço é uma área estratégica da cidade e, consequentemente, o interesse por parte da Câmara Municipal de aquisição do mesmo. Posteriormente, o uso e a sua fruição, deverá ser refletido numa segunda fase, não deixando contudo de observar que aí venha a ser construído um equipamento de índole cultural e artístico que possa receber espetáculos, exposições e outros eventos.----------

Anexo 15. Ata nº1 de 9 de Janeiro de 2017 - folha 3

Anexo 9.

Fl. 281

ATA N.º 29/2018 DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL, REALIZADA NO DIA QUINZE DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E DEZOITO.

------- Aos quinze dias do mês de novembro de dois mil e dezoito, no Edifício dos Paços do Concelho e Sala de Reuniões da Câmara Municipal, compareceram os excelentíssimos Senhores:----------

------- Presidente: José Luís Gaspar Jorge, e----------

------- Vereadores: Octávia Manuel da Rocha e Freitas Morais Clemente, António Manuel Pinto Ribeiro, Lucinda Silva Fonseca Moreira, Raimundo de Magalhães Carvalho, Nuno Miguel Oliveira de Sousa Queirós, Ana Rita Brochado Marinho Bastos Batista e André da Silva Ribeiro e Costa Magalhães.----------

------- Faltou, por motivo justificado, o Senhor Vereador Adriano Teixeira Alves dos Santos.----------

------- Secretariou o Senhor Diretor do Departamento de Administração Geral, Sérgio Martins Vieira da Cunha.----------

------- Quando eram dez horas, o Exmo. Senhor Presidente deu início aos trabalhos.-----

------- ***PERÍODO DA ORDEM DO DIA*** ----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO** – Deliberação n.º 466/2018 – **Aquisição das "Antigas Instalações da Metalúrgica Matias, Lda."** – Processos n.ºs 3637/2017 e 3638/2017 – minutas de promessa de compra e venda – retificação – Tribunal de Contas – (Registo n.º 10737/2018/11/11).----------

------- A Senhora Vereadora Octávia Clemente disse que, perante a documentação constante no processo, o Tribunal de Contas solicitou que os atuais proprietários fizessem prova da situação regularizada junto da Segurança Social e da Autoridade Tributária e Aduaneira. Contudo, depois de analisar o processo, verificou ainda que existem algumas execuções e penhoras em nome de alguns dos herdeiros. Perguntou, se a existência dessas dívidas, poderá constituir uma impossibilidade objetiva e, consequentemente, inviabilizar a aquisição?----------

------- O Senhor Presidente respondeu que os mandatários foram informados que os atuais proprietários, aquando da celebração do contrato deverão fazer prova da situação

regularizada junto da Segurança Social e da Autoridade Tributária e Aduaneira, requisito que deverá ser verificado pelo Notário.----------

------- A Câmara deliberou aprovar a retificação às minutas de promessa de compra e venda relativamente aos prédios identificados como "Área 1" e "Área 2", que pelo Tribunal de Contas correm termos pelos Processos n.ºs 3637/2017 e 3638/2017, nos termos e de acordo com o parecer do Senhor Diretor do DAG de 11 de novembro de 2018, que se dá por reproduzido para todos os efeitos legais.----------

------- A deliberação tomada foi aprovada em minuta para surtir efeitos imediatos.-------

------- E nada mais havendo a tratar, o Exmo. Senhor Presidente declarou encerrada a reunião, quando eram dez horas e quinze minutos, da qual para constar, se lavrou a presente ata, que eu Secretário a subscrevo e assino.------

ATA N.º 32/2018 DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL, REALIZADA NO DIA TREZE DE DEZEMBRO DE DOIS MIL E DEZOITO.

------- Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito, no Edifício dos Paços do Concelho e Sala de Reuniões da Câmara Municipal, compareceram os excelentíssimos Senhores:----------

------- Presidente: José Luís Gaspar Jorge, e----------

------- Vereadores: Octávia Manuel da Rocha e Freitas Morais Clemente, Lucinda Silva Fonseca Moreira, Raimundo de Magalhães Carvalho, Joana Filipa Seixas Magalhães, Ana Rita Brochado Marinho Bastos Batista e André da Silva Ribeiro e Costa Magalhães.----------

------- O Senhor Vereador Nuno Miguel Oliveira de Sousa Queirós requereu, nos termos do artigo 79.º, n.º 1, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, a sua substituição, tendo sido convocada a Senhora Joana Filipa Seixas Magalhães para estar presente nesta reunião.--

------- Faltaram, por motivo justificado, os Senhores Vereadores António Manuel Pinto Ribeiro e Adriano Teixeira Alves dos Santos.----------

------- Secretariou o Senhor Diretor do Departamento de Administração Geral, Sérgio Martins Vieira da Cunha.----------

------- Quando eram catorze horas e trinta minutos, o Exmo. Senhor Presidente deu início aos trabalhos.----------

------- ***PERÍODO DA ORDEM DO DIA*** ----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO** – Deliberação n.º 508/2018 – **Processos n.ºs 3637/2017 e 3638/2017** (minutas de promessa de compra e venda) – Tribunal de Contas – Aquisição das "Antigas Instalações da Metalúrgica Matias, Lda." – (Registo n.º 30962/2018/11/30).----------

------- A Senhora Vereadora Octávia Clemente disse: – "Para que não restem dúvidas, a questão prende-se com a alteração da minuta relativamente aos titulares, pois na última reunião em que se discutiu o assunto, foi colocado genericamente em todas as áreas, e agora o Tribunal de Contas levanta essa questão. No que respeita ao pagamento, o ajuste foi feito na última alteração ao contrato."----------

------- O Senhor Vereador Raimundo Magalhães alertou para a referência à falta de documentos de prova da situação regularizada, junto da Segurança Social e da Autoridade Tributária e Aduaneira.----------

------- O Senhor Presidente deu a palavra ao Senhor Diretor do Departamento de Administração Geral, Dr. Sérgio Cunha, que disse que os documentos foram coligidos, pois a sociedade apenas tem dívidas perante os trabalhadores.----------

------- A Senhora Vereadora Octávia Clemente perguntou qual a urgência do assunto.---

------- O Senhor Presidente respondeu que importa concretizar a aquisição e celebrar a escritura, até ao próximo dia 31 de dezembro. De forma a resolver o assunto e, pela questão do limite do endividamento, que poderá inviabilizar futuros investimentos.------

------- A Câmara deliberou aprovar a alteração das minutas dos contratos-promessa de compra e venda, no que se refere ao prédio identificado como "Área 1", que correm termos no Tribunal de Contas pelos Processos n.ºs 3637/2017 e 3638/2017, nos termos e de acordo com o parecer do Senhor Diretor do DAG de 11 de dezembro de 2018, que se dá por reproduzido para todos os efeitos legais.----------

------- A deliberação tomada foi aprovada em minuta, para surtir efeitos imediatos.-------

------- E nada mais havendo a tratar, o Exmo. Senhor Presidente declarou encerrada a reunião, quando eram quinze horas, da qual para constar, se lavrou a presente ata, que eu Secretário a subscrevo e assino.----------

Fl. 203

ATA N.º 18/2019 DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL, REALIZADA NO DIA TRINTA DE JULHO DE DOIS MIL E DEZANOVE.

------- Aos trinta dias do mês de julho de dois mil e dezanove, no Edifício dos Paços do Concelho e Sala de Reuniões da Câmara Municipal, compareceram os excelentíssimos Senhores:----------

------- Presidente: José Luís Gaspar Jorge, e----------

------- Vereadores: Hugo Jorge Carvalho Peixoto, Lucinda Silva Fonseca Moreira, Raimundo de Magalhães Carvalho, Adriano Teixeira Alves dos Santos, Nuno Miguel de Sousa Queirós, Ana Rita Brochado Marinho Bastos Batista e André da Silva Ribeiro e Costa Magalhães.----------

------- Faltou, por motivo justificado, o Senhor Vereador António Manuel Pinto Ribeiro, bem como a Senhora Vereadora Octávia Manuel da Rocha e Freitas Morais Clemente, tendo esta última requerido a substituição, nos termos do artigo 79.º, n.º 1, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, tendo sido convocado o Senhor Hugo Jorge Carvalho Peixoto, para estar presente nesta reunião, face à indisponibilidade da Senhora Joana Filipa Seixas Magalhães.----------

------- Secretariou o Senhor Chefe da Divisão de Serviços Jurídicos e Fiscalização, José António Rodrigues Gonçalves.----------

------- Quando eram dez horas, o Exmo. Senhor Presidente deu início aos trabalhos.-----

------- A Câmara tomou conhecimento do resumo diário de tesouraria referente ao dia 29 de julho de 2019.----------

------- ***PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA*** ----------

------- O Senhor Presidente deu conhecimento da celebração da escritura de aquisição das "Antigas Instalações da Metalúrgica Matias, Lda.".----------

------- O Senhor Presidente informou não ter havido qualquer incidente durante a quarta edição do MIMO Festival Amarante, evento que foi um enorme sucesso e contou com "casa cheia".----------

------- A Câmara, sob proposta dos Senhores Vereadores do Partido Socialista aprovou, por unanimidade, o seguinte Voto de Congratulação sobre o MIMO Festival Amarante:-

------- A Senhora Dra. Rosário Machado agradeceu as palavras, disse esperar estar à altura das expectativas e manifestou toda a disponibilidade para apoiar o Executivo.----------

------- O Senhor Presidente convidou todos os membros do Executivo para participarem na cerimónia de atribuição das Medalhas de Honra do Município, a qual decorrerá no próximo dia 08.07.2021, nos Claustros do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.----------

------- O Senhor Vereador André Costa Magalhães convidou todos os membros do Executivo para estarem presentes no próximo dia 22.07.2021, na inauguração da exposição denominada "A Força do Metal", promovida pelo projeto CLDS, a realizar nas antigas instalações das oficinas metalomecânicas dos Matias. Deu conhecimento dos resultados do ato eleitoral para o IET – Instituto Empresarial do Tâmega, ocorrido no passado dia 02.07.2021, bem como, dos membros que compõem os respetivos órgãos sociais daquela instituição.----------

------- O Senhor Presidente desejou-lhe muito sucesso nessas novas funções, numa área que considera ser fulcral para os jovens amarantinos e para Amarante.---------

------- O Senhor Vereador Raimundo Magalhães desejou um bom trabalho. Espera que o IET tenha êxito no desenvolvimento da sua missão. Relativamente à perda do número de eleitores registada em diversos municípios, disse ter lido uma notícia num jornal de âmbito nacional, na qual consta que Amarante foi o quarto município que teve maior redução do número de eleitores. Demonstrou a sua preocupação perante esta perda e apelou para a consciencialização desta problemática, assim como à criação de novas medidas, para tentar inverter esta tendência, de forma a captar e fixar mais jovens e empresas. Acrescentou ser o momento ideal para que todos os agentes unam esforços e reflitam sobre esta temática, pois não se compreende que não se consiga fixar a população dada a boa localização e as acessibilidades do concelho.----------

------- O Senhor Presidente referiu que Amarante tem vindo a perder sucessivamente diversas indústrias, ao longo das últimas quatro décadas. Disse ser necessário inverter essa situação e apelou ao esforço conjunto, frisando ser importante delinear uma estratégia comum, que permita captar novos investimentos, desenvolver o setor industrial e fixar mais unidades industriais em Amarante.----------

------- PERÍODO DA ORDEM DO DIA ----------

------- **PRESIDÊNCIA E VEREAÇÃO** – Deliberação n.º 349/2021 – **Atribuição de subsídio extraordinário à Delegação de Amarante da Cruz Vermelha**

------- A Câmara, por maioria, deliberou aprovar condicionadamente o anteprojeto de "Reabilitação da Alameda Teixeira de Pascoaes", nos termos e de acordo com as informações técnicas da DTP e do DPPGT, ambas de 20 de agosto de 2021, bem como, da proposta subscrita pelo Senhor Presidente da Câmara, de 24 de agosto de 2021, que se dão por integralmente reproduzidas para todos os efeitos legais.------

------- Os Senhores Vereadores do Partido Socialista abstiveram-se na votação, nos termos e de acordo com os fundamentos invocados durante a discussão do ponto 21 da presente ordem do dia.----------

------- **ESTUDOS E PROJETOS** – Deliberação n.º 430/2021 – **Reabilitação do Mercado Municipal de Amarante – Anteprojeto –** Aprovação condicionada do anteprojeto – (Registo n.º 16488/2021/07/29).----------

------- A Câmara, por maioria, deliberou aprovar condicionadamente o anteprojeto de "Reabilitação do Mercado Municipal de Amarante", nos termos e de acordo com as informações técnicas da DTP e do DPPGT, ambas de 20 de agosto de 2021, bem como, da proposta subscrita pelo Senhor Presidente da Câmara, de 24 de agosto de 2021, que se dão por integralmente reproduzidas para todos os efeitos legais.------

------- Os Senhores Vereadores do Partido Socialista abstiveram-se na votação, nos termos e de acordo com os fundamentos invocados durante a discussão do ponto 21 da presente ordem do dia.----------

------- **ESTUDOS E PROJETOS** – Deliberação n.º 431/2021 – **Requalificação da Área Envolvente do Mercado Municipal de Amarante – Anteprojeto –** Aprovação condicionada do anteprojeto – (Registo n.º 16311/2021/07/28).---------

------- A Câmara, por maioria, deliberou aprovar condicionadamente o anteprojeto de "Requalificação da Área Envolvente do Mercado Municipal de Amarante", nos termos e de acordo com as informações técnicas da DTP e do DPPGT, ambas de 20 de agosto de 2021, bem como, da proposta subscrita pelo Senhor Presidente da Câmara, de 24 de agosto de 2021, que se dão por integralmente reproduzidas para todos os efeitos legais.----------

------- Os Senhores Vereadores do Partido Socialista abstiveram-se na votação, nos termos e de acordo com os fundamentos invocados durante a discussão do ponto 21 da presente ordem do dia.----------

------- **ESTUDOS E PROJETOS** – Deliberação n.º 432/2021 – **Fábrica das Artes de Amarante – Aprovação do *Master Plan* e Programa Base –** (Registo n.º 16640/2021/08/02).----------

------- A Câmara, por maioria, deliberou aprovar o *Master Plan* e o Programa Base relativo à "Fábrica das Artes de Amarante", nos termos e de acordo com as

informações técnicas da DTP e do DPPGT, de 18 e 23 de agosto de 2021, respetivamente, bem como, da proposta subscrita pelo Senhor Presidente da Câmara, de 25 de agosto de 2021, que se dão por integralmente reproduzidas para todos os efeitos legais.----------

------- Os Senhores Vereadores do Partido Socialista abstiveram-se na votação, nos termos e de acordo com os fundamentos invocados durante a discussão do ponto 21 da presente ordem do dia.----------

------- **ESTUDOS E PROJETOS** – Deliberação n.º 433/2021 – **Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Meã – Aprovação do Estudo Prévio de Arquitetura –** (Registo n.º 3723/2021/05/13).----------

------- A Senhora Vereadora Octávia Clemente salientou o facto de já terem sido aprovados diversos estudos, anteprojetos e projetos relativos ao Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Meã, e lamentou que a obra não tenha sido concluída durante o presente mandato.----------

------- A Câmara, por unanimidade, deliberou aprovar o estudo prévio de arquitetura do projeto do "Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Meã", nos termos e de acordo com as informações técnicas da DGU, DTP e do DPPGT, todas de 26 de agosto de 2021, bem como, da proposta subscrita pelo Senhor Presidente da Câmara, da mesma data, que se dão por integralmente reproduzidas para todos os efeitos legais.----------

------- **EMPREITADAS** – Deliberação n.º 434/2021 – **Adaptação de Edifícios Escolares para Instalações de Apoio aos Desportos de Natureza** – Aprovação do Plano de Segurança e Saúde – Ratificação do Despacho proferido pelo Senhor Presidente da Câmara – (Registo n.º 3236/2021/04/28).----------

------- A Câmara, por unanimidade, deliberou ratificar o despacho proferido pelo Senhor Presidente da Câmara, datado de 04 de agosto de 2021.----------

------- **EMPREITADAS** – Deliberação n.º 435/2021 – **Beneficiação e reabilitação do Bairro Cancela de Abreu** – Aprovação da prorrogação do prazo de execução – (Registo n.º 6071/2021/08/02).----------

------- A Câmara, por unanimidade, deliberou aprovar o pedido de prorrogação do prazo de execução da empreitada da obra "Beneficiação e reabilitação do Bairro Cancela de Abreu", pelo prazo de 91 (noventa e um) dias, nos termos e de acordo com a informação técnica da ETM, de 02 de agosto de 2021, que se dá por integralmente reproduzida para todos os efeitos legais.----------

fundamentos constantes das informações técnicas da DCT, de 03 de outubro de 2022, e da DFP, de 10 de outubro de 2022.----------

--------- **EMPREITADAS –** Deliberação n.º 450/2022 **– Elaboração do projeto de execução da Fábrica das Artes (Centro de Cultura Urbana) de Amarante –** Contratação – (Registo n.º 7145/2022/08/08).----------

---------O senhor Vereador Hugo Carvalho declarou que os vereadores do Partido Socialista têm todas as reservas quanto à legitimidade para recorrer ao ajuste direto neste ponto, motivo pelo qual iriam votar contra, por entenderem que as informações constantes do processo em nada esclarecem que possa ser desta forma. Pode-se questionar se é mais ou menos útil adjudicar o concurso à mesma entidade, admitindo que será mais útil. Mas, daí até a existência de um estudo prévio condicionar a adjudicação por ajuste direto dos projetos de arquitetura e de especialidades, vai um caminho muito longo, que extravasa os limites da legalidade. O que está em causa é o facto de o Município não ter competências para o fazer nestes termos. Esta situação abrirá um precedente: sempre que o município quiser adjudicar por ajuste direto pede um estúdio prévio e já o poderá fazer. Na sua opinião, o estudo prévio é da propriedade do Município e não do autor do mesmo. ----------

---------O Senhor Diretor do DAG, Dr. Rui Moutinho, informou que consta do processo um parecer que relata o entendimento de que é possível, por critérios materiais, o procedimento por ajuste direto. ----------

---------O Senhor Vereador Hugo Carvalho declarou que essa informação é muito ténue para se assumir um ajuste direto, com uma adjudicação na ordem do meio milhão de euros. ----------

---------A Câmara Municipal, por maioria, nos termos e pelos fundamentos constantes das informações técnicas dos serviços municipais, deliberou: ----------

---------a) Aprovar a necessidade de proceder à elaboração do projeto de execução da Fábrica das Artes (Centro de Cultura Urbana) de Amarante; ----------

---------b) Aprovar as respetivas peças do procedimento (convite, caderno de encargos, programa preliminar e respetivos anexos); ----------

---------c) Adotar o procedimento de contratação por Ajuste Direto, com o preço base de 435.000€ (quatrocentos e trinta e cinco mil euros), IVA excluído, ao abrigo da subalínea iii) da alínea e) do n.º 1 do artigo 24.º do CCP, fundado em critérios materiais;----------

---------d) Aprovar a entidade a convidar – Carlos Guimarães & Luís Soares Carneiro, Lda, contribuinte n.º 502072121; ----------

---------e) Nomear como Gestor de contrato, o Senhor Eng.º Miguel Gomes, Chefe da DTP. ----------

---------Os Senhores Vereadores do Partido Socialista votaram contra, nos termos e de acordo com os fundamentos anteriormente invocados durante a discussão do assunto. ----------

---------Perante o empate na votação, o Senhor Presidente da Câmara usou do voto de qualidade, nos termos do n.º 2 do artigo 54.º do Anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na sua atual redação.----------

--------- **EMPREITADAS –** Deliberação n.º 451/2022 **– Adaptação da Ex-Escola Primária de Vila Chã para Edifício de apoio aos Desportos de Natureza - lote 2 –** Revisão de preços definitiva – (Registo n.º 8116/2022/09/16). ----------

---------A Câmara Municipal, por unanimidade, deliberou aprovar a revisão de preços definitiva da empreitada da obra "Adaptação da Ex-Escola Primária de Vila Chã para Edifício de apoio aos Desportos de Natureza", nos termos ali mencionados e pelos fundamentos constantes das informações técnicas da DFP, de 10 e 12 de outubro de 2022.----------

AMARANTE
CÂMARA MUNICIPAL

---------**ESTUDOS E PROJETOS** – Deliberação n.º 482/2022 – **Elaboração do projeto de execução da Fábrica das Artes (Centro de Cultura Urbana) de Amarante** – Adjudicação e aprovação da minuta do contrato – (Registo n.º 7145/2022/08/08). ----------

---------A Câmara Municipal, nos termos e pelos fundamentos constantes nas informações técnicas do DAG, de 25 de outubro de 2022 e de 02 de novembro de 2022, da DCPA, de 28 de outubro de 2022 e 02 de novembro de 2022, da DTP, de 02 de novembro de 2022, da DSJF, de 02 de novembro de 2022, e da DFP, de 02 de novembro de 2022, por maioria, deliberou:----------

a) Adjudicar a elaboração do projeto de execução da Fábrica das Artes (Centro de Cultura Urbana) de Amarante à sociedade denominada "Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro - Arquitetos, Lda.", pelo valor da sua proposta, num total de 435.000€ (quatrocentos e trinta e cinco mil euros), acrescidos de IVA;----------

b) Aprovar a respetiva minuta do contrato e conferir poderes ao senhor Presidente da Câmara para o subscrever. ----------

---------Os Senhores Vereadores do Partido Socialista votaram contra, nos termos e de acordo com os fundamentos invocados aquando da discussão do assunto na reunião havida a 17 de outubro de 2022. ----------

---------**EMPREITADAS –** Deliberação n.º 483/2022 – **Adaptação da ex-Escola Primária de Gião para edifício de apoio aos desportos de natureza - Lote 4** – Aprovação da conta final – (Registo n.º 9471/2022/10/31). ----------

---------A Câmara Municipal, por unanimidade, deliberou aprovar a conta final da empreitada da obra "Adaptação da ex-Escola Primária de Gião para edifício de apoio aos desportos de natureza - Lote 4", nos termos e pelos fundamentos constantes

Campus de Azurém
4800-058 Guimarães - P

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

DECLARAÇÃO

A Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho declara para os devidos efeitos que Diana Filipa Gomes - a88158 é aluna do Mestrado Integrado em Arquitetura e está no momento a desenvolver um trabalho académico no âmbito da Unidade Curricular Laboratório de Investigação. O trabalho proposto incidirá sobre o tema "A antiga fábrica dos Matias. Reconversão do património industrial em ruina", pelo que solicitamos a V. Exa a cedência de fotografias do autor Eduardo Teixeira Pinto. Mais informamos que após a entrega do exercício de tese, as fotografias fornecidas (formato digital) serão eliminadas.

Os dados destinam-se a ser utilizados exclusivamente para estes fins académicos, comprometendo-se a aluna a não cedê-los, sejam quais forem os fins, a terceiras entidades.

Guimarães, 03 de maio de 2024

O Presidente do Conselho Pedagógico

Ivo Oliveira

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Verónica Teixeira Pinto

Anexo 23. Publicação da noticia do falecimento de Rodrigo Matias Magalhães no Jornal "Flor do Tâmega", 09-11-1978.

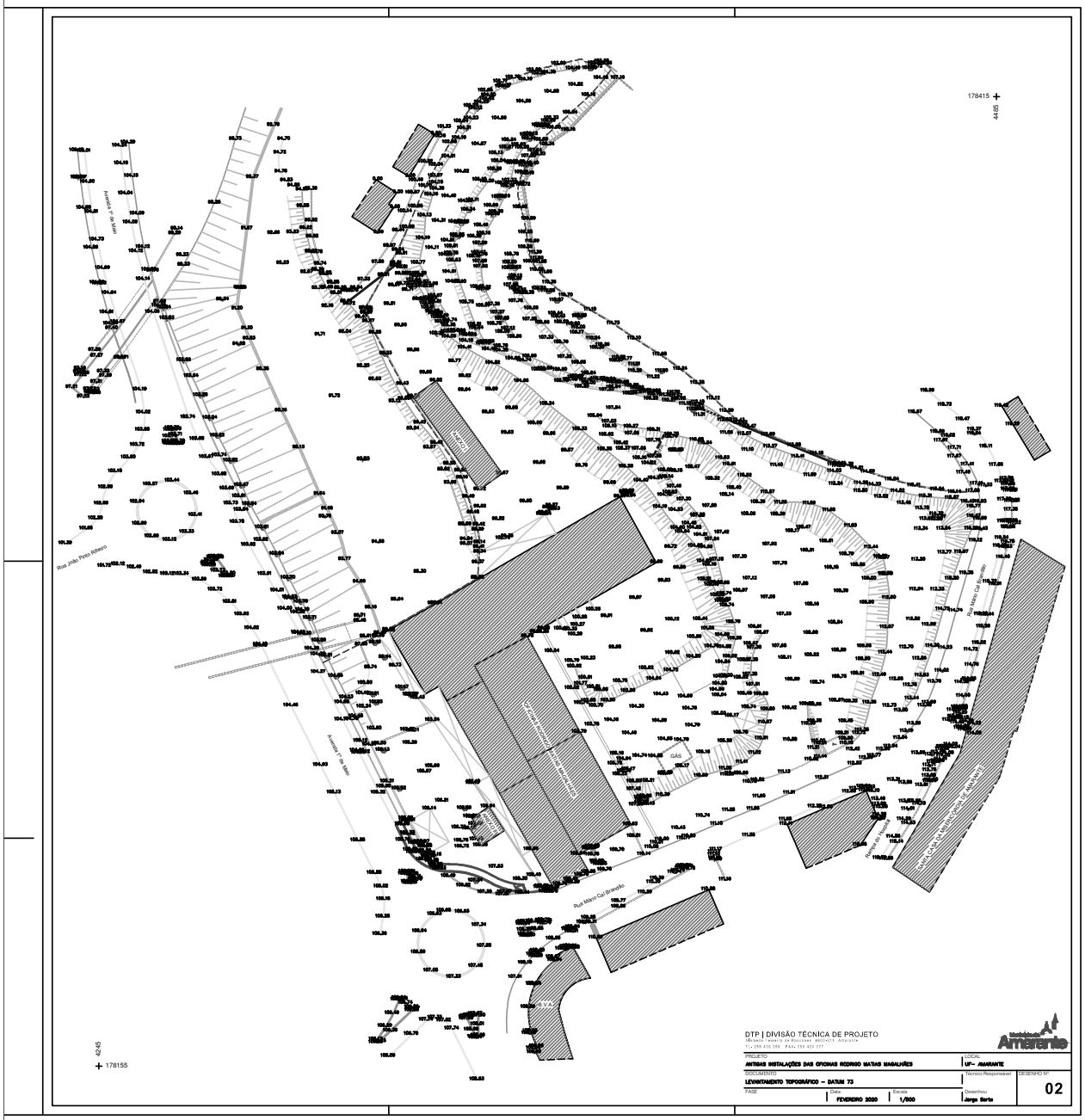


DTP | DIVISÃO TÉCNICA DE PROJETO
Alameda Teixeira de Pascoaes 4600-011 Amarante
TL. 255 420 258 FAX. 255 420 277

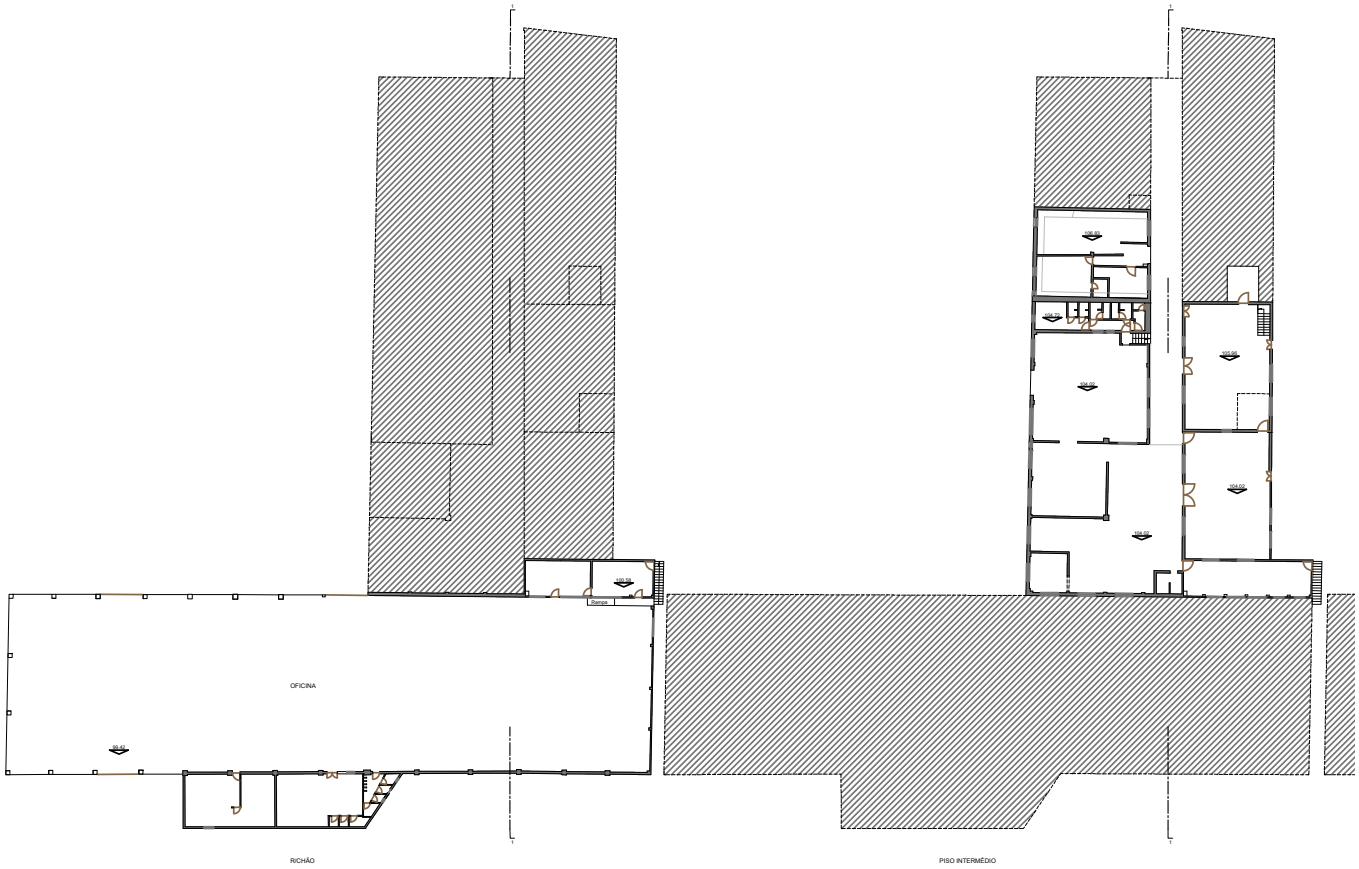
Município de Amarante

PROJETO	LOCAL		
LEVANTAMENTO ARQUITÉTONICO DA OFICINA RODRIGO MAGALHÃES MATIAS	S.GONÇALO		
DOCUMENTO		Técnico Responsável	DESENHO Nº.
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO			01
FASE	Data	Escala	Desenhou
PROJETO DE EXECUÇÃO	FEVEREIRO 2020	1/10.000	Silva

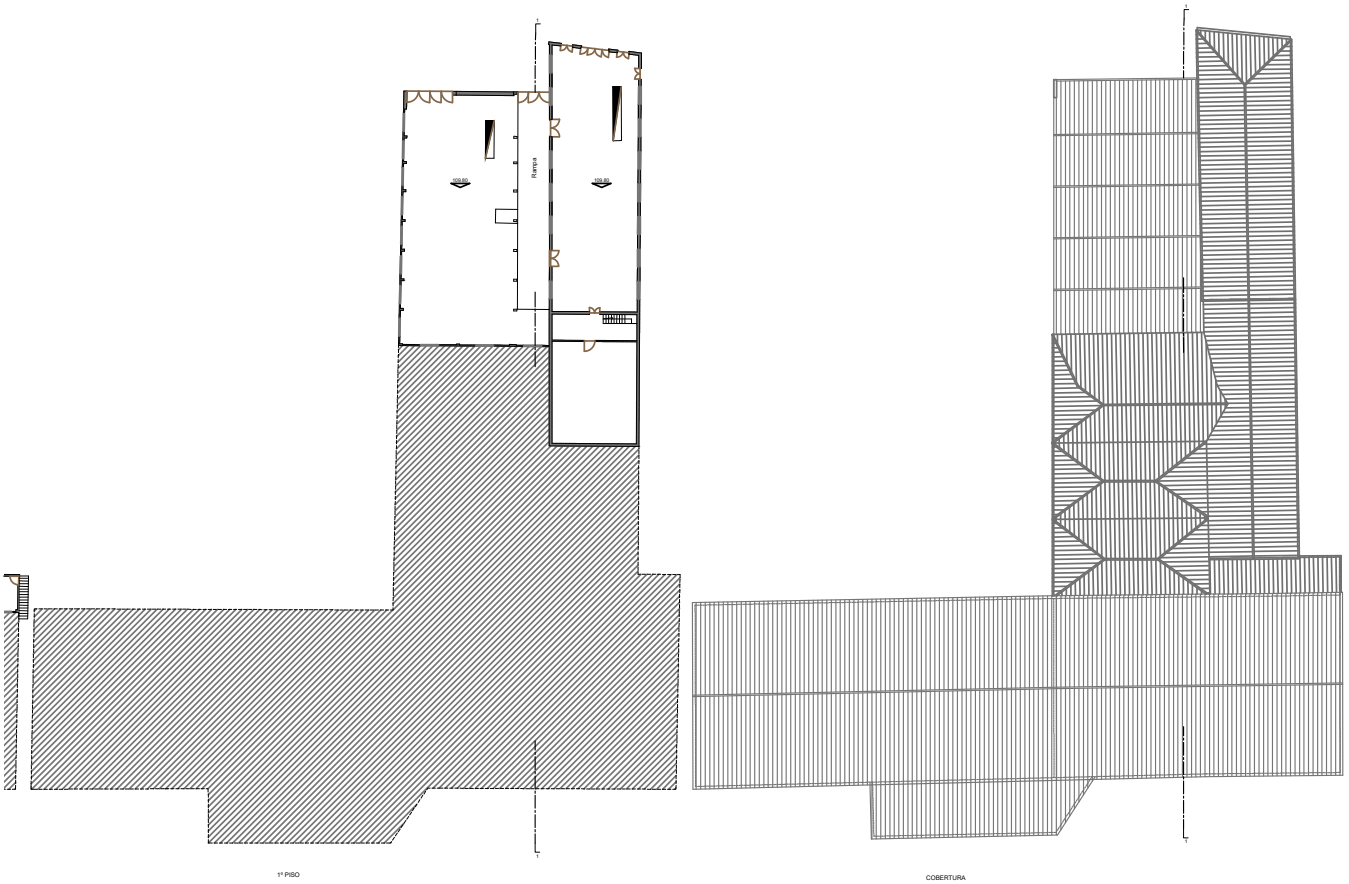
Anexo 24. Planta de localização de fevereiro de 2020 da Fábrica dos Matias.

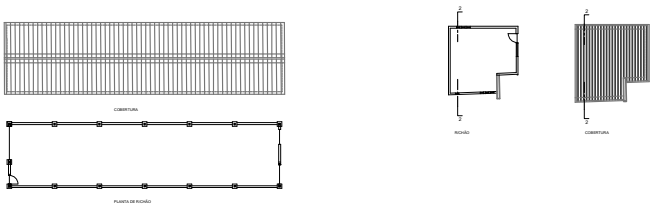


Anexo 25. Levantamento topográfico do terreno da Fábrica dos Matias de fevereiro de 2020.

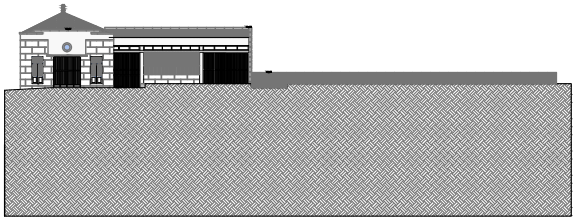


Anexo 26. Plantas da Fábrica dos Matias fornecidas pela Câmara Municipal de Amarante.

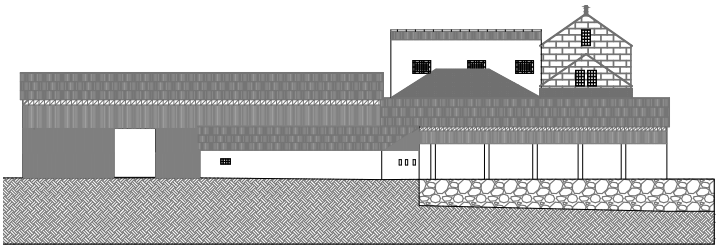




Anexo 26. Plantas da Fábrica dos Matias fornecidas pela Câmara Municipal de Amarante.



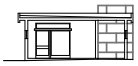
ALÇADO SUL



ÇADO NORTE

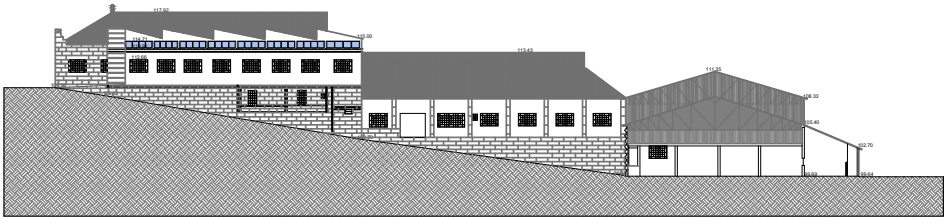


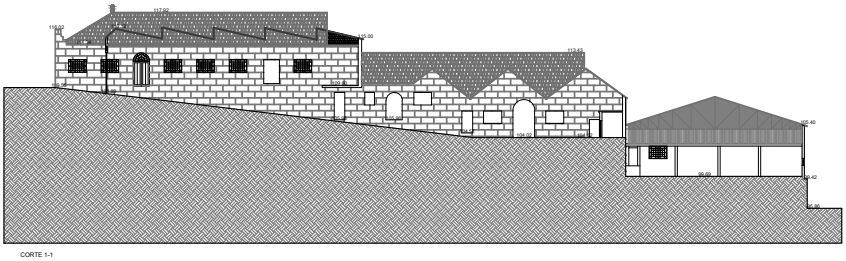
ALÇADO NORTE ALÇADO POENTE ALÇADO SUL



CORTE 2 - 2

Anexo 27. Alçados e Secção da Fábrica dos Matias fornecidos pela Câmara Municipal de Amarante.







Anexo 27. Alçados e Secção da Fábrica dos Matias fornecidos pela Câmara Municipal de Amarante.

CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE

Fábrica das Artes - Centro de Cultura Urbana de Amarante

Câmara Municipal de Amarante

ARQUITECTURA

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projeto de Execução
dezembro 2023

CARLOS GUIMARÃES E LUIS SOARES CARNEIRO, ARQUITECTOS
Rua Fernão Lopes, 157 5ºDtº
4150-318 PORTO

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

Introdução

A "Fábrica das Artes", a localizar em Amarante, é um projeto composto por volumes diversos na sua forma e função, mas que formam um todo funcional e coerente. Embora numa das suas partes retome formas de um dos edifícios existentes, será, na verdade, mesmo aí uma verdadeira reconstrução. É um edifício complexo na sua forma, com diversos acabamentos, vários sistemas estruturais e múltiplas diferenças de nível, incluindo alguns sistemas e equipamentos pouco usuais.

Grande parte do que ainda existe será demolido, com as exceções adiante ressalvadas, constituindo praticamente um edifício novo, dado que a qualidade construtiva do existente é muitíssimo fraca e completamente desajustada às necessidades e imperativos técnicos atuais.

Trata-se de uma edificação que compreende:

a) Bloco A - Reconstrução completa de uma edificação em pedra onde se situava a antiga fundição;
b) Bloco B - Uma nova construção com vários pisos destinada a usos vários nomeadamente: recepção, salas de atividades, cafetaria, etc.;
c) Bloco C - Uma nova construção de uma nave ampla destinada a servir para espetáculos ou exposições que se sobrepõe às instalações para o depósito dos Museus de Amarante;
d) Bloco D - Uma pequena construção junto à rua Mário Cal Brandão onde se localiza o PT e outras instalações técnicas;
e) Arranjos Exteriores de acesso e enquadramento.

A área total coberta é de 6.433m².

Bloco A

É uma construção quase inteiramente nova, com parte em cave (cota 100,15) mais dois pisos (cota 104,75 e cota 109,80), o primeiro dos quais parcialmente enterrado. Tem uma cobertura que é parte em telhado e parte plana. Possui uma planta de forma rectangular sendo que o piso superior é mais comprido que o inferior. E a parte da cave ainda mais reduzida.

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

Singulariza-o o facto de recuperar a fachada do topo da antiga fundição (face à rua Mário Cal Brandão) que deverá ser cuidadosamente desmontada e posteriormente remontada numa posição mais recuada em relação à rua para a qual se volta.

Será um volume quase integralmente forrado a pedra, quer pelo exterior (lados sudoeste, sudeste e noroeste) quer pelo lado interior, mesmo na parte que está voltada para o interior do Bloco B.

A construção terá a sua estrutura em betão, em parede contínua, forros em pedra ou em tijolo (pelo interior) e tectos falsos em gesso cartonado que incluirão instalações diversas.

No edifício atual existem duas grandes máquinas pertencentes à antiga fundição que serão cuidadosamente retiradas, restauradas e repostas no seu lugar, depois da obra pronta. O mesmo se passa com a campânula da fundição que será apeada e guardada de modo a ser posteriormente reconstruída e reaplicada.

O Bloco A fica encostado ao Bloco B, com uma junta de dilatação, pelo seu lado nordeste e Noroeste.

A sua área total de implantação é de cerca de 428m².

Bloco B

É um grande volume com 5 pisos, embora alguns deles ocupem apenas uma área parcial. Um piso em cave, piso 1 (cota 100,15) onde se encontram diversas instalações técnicas do AVAC, ventilados por dois poços rectangulares, um de cada lado da construção, interligados pela cave do Bloco A. Este piso em cave vai ainda conectar-se à parte enterrada do Bloco C.

Está previsto um piso térreo, designado por piso 2 (cota 104,75), por onde se fazem as entradas da nave do Bloco C e ligações quer ao Bloco A quer aos restantes pisos do Bloco B. Por cima destas entradas, à cota 109,24, fica um terraço que se encosta, com um junta de dilatação, à fachada sul do Bloco C.

No piso 3, à cota 106,00, existe um nível intermédio de menor área, onde se situa a zona administrativa.

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

No Piso 4 está prevista uma outra entrada principal, a partir da rua Mário cal Brandão (cota 109,80), através de uma porta rotativa. Existe também uma entrada independente para a cafetaria a partir do exterior.
No piso superior, piso 5 (cota 114,13), fica um conjunto de salas de atividades e um conjunto de vestiários/IS/Balneários.
O conjunto está interligado por duas escadas principais e por dois elevadores, sendo que um deles liga também a já referida entrada junto ao Bloco C, à cota 104,75.
Na cobertura deste Bloco B existirá um conjunto de lâminas e lajes inclinadas em betão forrado a zinco que servirão de suporte a um grande conjunto de painéis fotovoltaicos.
Entre o volume principal do Bloco B e o Bloco A existe uma parte com cobertura mais baixa forrada a zinco que assegura a relação entre os dois volumes, interligando-os mas assegurando a sua autonomia formal.
A construção deste corpo é relativamente convencional, apesar de complexa. Possuirá uma estrutura em betão (à exceção de dois pilares em ferro, formando "V" junto à entrada, à cota 109,80) e será forrado quase integralmente com ETICS. A cobertura será plana estando previstas um conjunto de claraboias que iluminarão o piso superior. A maioria das paredes interiores serão estucadas e pintadas, havendo também parte com lambris em MDF pintado. Tectos falsos em gesso cartonado ou em lâminas metálicas com as respectivas sancas, e pavimento em pedra ou em vinílico.
A sua área total de implantação é de cerca de 1.070m².

Bloco C

Este volume tem generosas dimensões e caracteriza-se por ter, na sua parte superior, um grande espaço amplo com grande altura interna, quase totalmente transparente. Possui na base um porticado em betão, mas toda a parte superior é em estrutura metálica forrada pelo exterior com amplas superfícies em termoclear e grelhas de alumínio. Destaca-se, no interior, uma *"ponte rolante"* que se pode deslocar de uma ponta a outra da nave, sendo a sua parte superior acessível por uma pequena escada em caracol.
O pavimento da nave está à cota 104,75 e está concebida para possuir apenas ventilação natural, devendo ser considerada como um espaço

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

exterior, existindo apenas um duplo sistema de extração rápida de fumos nos dois extremos superiores.

Sob esta nave existem dois pisos (cota 100,15 e cota 95,65), ambos destinados aos arquivos da CM Amarante. Possuem entrada quer através do piso 1 do Bloco B, quer diretamente do exterior por um cais de descarga situado no alçado leste à cota 99,65. No piso inferior (cota 95,65) existe também uma entrada de serviço associada à zona técnica específica deste Arquivo.
A construção é composta por estrutura e paredes em betão aparente (na parte que não está enterrada), forros interiores destas paredes em alvenaria de tijolo, tal os paramentos das paredes interiores. Paredes estucadas e pintadas, tectos falsos em gesso cartonado ou em lâminas metálicas com as respectivas sancas, assim como pavimento em vinílico são a dominante.
A área total de implantação do Bloco C é de cerca de 1.020m².

Bloco D

Trata-se de um volume pequeno, alinhado com o limite do passeio da rua Mário Cal Brandão, destinado a albergar equipamentos eléctricos. Possui acesso por uma escada externa dada a sua diferença de cota em relação à rua e tem o pavimento situado à cota 108,40. O acabamento exterior é em reboco acrílico e a cobertura do tipo invertido. Os vãos são em ferro com grelhas em alumínio.
A sua área total de implantação é de cerca de 100m².

Arranjos Exteriores

São compostos por um conjunto de muros, guias, guardas, pavimentos e revestimentos que enquadram os Blocos A, B, C e D. Estão previstos muros de pedra e de betão, múltiplas guias em granito e um revestimento de pavimento, tanto em plataforma como em rampa, em betuminoso. As escadas de interligação de plataformas ou de rampas serão em degraus de granito. Os espaços verdes serão plantados.

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

.....

Carlos Guimarães, Arquitecto

Porto, Dezembro de 2023

Anexo 28. Memória Descritiva do projeto da Fábrica das Artes.

ENTREVISTAS

José Sidónio, antigo funcionário da Fábrica dos Matias. 24 de fevereiro de 2024.

Havia 3 gestores diretos da empresa, o senhor Artur Matias (ex comandante dos bombeiros) que fazia a parte do escritório, o Quim Matias que estava responsável pela área do armazém e o Xandita (Alexandrino) Matias que estava responsável pela área da construção civil, a área laboral, ele é que era o responsável, ele é que arranjava os contactos dos clientes. Quando o Alexandrino Matias saiu parcialmente da empresa do Rodrigo Matias Magalhães, ele instalou-se no entroncamento do Pinheiro, onde tinha um armazém de aços vazados, que era umas placas que eram usadas nas instalações de britagem e ele é que era o detentor dessa parte dos aços vazados. Ele fornecia à empresa dos Matias os aços vazados e dedicava-se a este tipo de negócio.

A praia era onde eu (Sidónio) trabalhava, era a secção da serralharia. Mas havia uma secção mais acima que eram os tornos. Efetuavam trabalhos de torno e trabalhava 10/12/15 pessoas com aquela profissão em específico, eram os torneiros. Depois ao lado, havia também a fundição, era fundamental também na empresa. A secção da carpintaria servia para uso específico da empresa, fornecia caixas de madeira para fazer os moldes. Na área onde se fazem as atuais exposições, havia duas secções, o escritório e a secção de mecânica. A mecânica de uma maneira geral só servia para o uso interno, o concerto dos carros da empresa, salvo raras exceções. Também podia num ou outro caso, tinham um mecânico permanente, fazer algum trabalho para fora. Ainda deve estar lá o buraco. Lá tem a entrada principal onde fazem as exposições, e no fundo tem uma porta que dá acesso ao armazém principal, abaixo das escadas de madeira à direita.

O que é que foi vendido? O que é que ficou na fábrica? O objetivo quando a empresa fechou era indemnizar os trabalhadores e então como a empresa tinha muita sucata e a sucata tem a sua importância, eles tentaram fazer o melhor negócio com o sucateiro. É interessante perceber este final da empresa, porque em termos de ferro não deve haver muito na fábrica, porque foi vendido para que pudessem indemnizar os trabalhadores. A partir mais ou menos da década de 90, a empresa começou a entrar num processo muito difícil. Já estava neste processo desde que o Xandita Matias saiu da fábrica dos Matias e abriu a sua empresa, AMC em 1982. Porque, ele é que tinha os contactos dos clientes, inclusivamente, o maior cliente da empresa era o Mota e Companhia e ele tinha um relacionamento privilegiado com o principal patrão da Mota e Companhia. Então quando o Xandita saiu da empresa dos Matias, esta foi pela borda abaixo. O Artur Matias já não tinha esta relação com a Mota e Companhia, por isso esta empresa começou a levar os pedidos para a AMC. A Mota e Companhia não abandonou por completo a empresa dos Matias, mas foi aos poucos dando menos trabalhos à empresa. Se a empresa se soubesse restruturar com outro tipo de clientes ou trabalho isso não aconteceu. Depois, começou mesmo a entrar em derrapagem, porque cada vez iam tendo menos trabalho. Porém apesar de terem muito pouco trabalho,

o que valeu à empresa, é que eles tinham uns fundos muito bons e fez com que a empresa tivesse muito capital, pudendo suportar os empregados sem os mandar embora. O pavilhão que estava do lado de fora foi criado por volta da época de 80, e servia para pintar as máquinas e também para arrecadação. Este pavilhão era de estrutura metálica e revestido com fibrocimento, mas depois tiveram de retirar o revestimento porque tinha amianto. Às vezes até fazíamos lá jantares de Natal, almoços, lanches, porque era um espaço mais ou menos limpo e coberto.

Nós quando eramos miúdos, antes de irmos para a escola, íamos ao café bar, porque parava lá, naquela época, estamos a falar para aí em 64/65, eu devia ter para aí uns 8 anos. Nós reuníamos sempre uns amigos e íamos sempre ao Café Bar, onde era sempre o primeiro a abrir o café, o sr. Rodrigo Matias Magalhães. Ele estacionava o carro à beira do fontanário e abria a mala do carro e dava-nos garfadas de rebuçados, que naquela altura eram caros, não eram acessíveis aos miúdos. Ele tinha essa faceta, que era muito importante. Depois voltei a cruzar-me com ele quando fui trabalhar para a fábrica, com 12/13 anos e curiosamente eu trabalhava na empresa quando ele teve o acidente e infelizmente faleceu na fábrica. Na altura ele era o patrão, mas os filhos é que já geriam a empresa, ele já não era tão importante para a empresa. Mas era uma pessoa muito presente, ele vinha para o Café Bar tomar café e dar rebuçados aos miúdos e depois era o primeiro a entrar na empresa. Às 7 horas ele já lá estava, sendo que os empregados só entravam às 9h. Ia sempre lá um barbeiro fazer-lhe a barba, todos os dias, ao escritório. Como já tinha uma certa idade, já não tratava dos assuntos da empresa, mas gostava de se fazer presente e também foi o fundador da empresa. Foi uma empresa que foi fundamental no concelho de Amarante pela sua empregabilidade e penso que também trabalhou com a empresa do Alberto Marinho. A atividade a que a empresa se dedicou desde sempre, que era fundamental, mesmo que tivesse outras áreas da construção civil, era a construção de instalações de britagem, que era para as pedreiras. Era isso que rentabilizava as empresas, porque tinham uma gama muito vasta de maquinarias que suportavam a empresa. Paralelamente a isso, havia também trabalhos para barragens, etc. As britadeiras, os tapetes rolantes, tapetes de ressonância, eram uma maquinaria que era muito especifica das empresas de metalurgia. Houve uma época em que no Matias, havia um balancé, quem entra na zona dos eventos ao lado direito, havia um balance que servia para fazer pás (agricultura/construção civil) também como faziam na empresa do Alberto Marinho, após o seu encerramento. Arranjaram os moldes e faziam as pás.

Quando fui para a fábrica, havia a secção de mecânica e tinha uma parte de serralharia e atravessava-se uma ponte, que divide as duas secções. Uma ponte metálica pedonal, que facilitava a transição de uma secção para a outra. A secção onde fazem os eventos, tinham do lado direito umas bancadas de madeira com gavetas que serviam para guardar ferramentas. O pessoal que trabalhava na secção de britagem precisava das ferramentas, por isso era mais fácil transitar pela ponte metálica para ir buscar as ferramentas. A secção de britagem era uma secção muito especifica, era só para fazer britadeiras, por

isso é que tinha uma ponte rolante, de deslocar as britadeiras que pesavam 5 e 6 kg.

A meio da rampa tinha a secção dos tornos do lado esquerdo e até tinha uma rampa móvel em chapa, para que pudéssemos entrar na secção, caso contrário não conseguíamos porque era muito alto o nível da porta. Provavelmente foi vendida para a sucata. Eu saí em 1998 da empresa com 42 anos. Eu quando entrei para lá, 68, estive a trabalhar na secção de mecânica e depois fui trabalhar para a serralharia. Quando fui para lá não havia a praia e foi um campo que se comprou à beira do ribeiro e do túnel. A área da praia é mais ampla porque era necessário espaço para trabalhar, porque as restantes secções tinham espaços muito limitados. Era um espaço mais indicado para outro tipo de maquinaria. A praia era um campo grande que na altura não tinha cobertura e eu trabalhei com o sol a dar intensamente durante o verão, por isso é que se chamava a praia. Mais tarde, como não podíamos estar sempre a trabalhar naquelas condições foram construindo a cobertura, até porque tinham que instalar lá pontes rolantes, para deslocar toneladas de material. O túnel foi construído quando se fez a nacional 15, para dar acesso à quinta do rego.

António Andrade (Grilo), 70 anos, antigo funcionário da Fábrica dos Matias. Março de 2024

Ele trabalhava na secção dos tornos. O pai do Grilo foi um dos principais impulsionadores da empresa, trabalhava na serralharia. Fundação por volta dos anos 50/58, começou na casa e depois é que passou para cima, encerramento em 2011. Estivemos lá até 2014 a controlar a situação, a fazer inventário dos materiais para vender à sucata. A empresa começou a funcionar na rua do Seixedo.

António Andrade (Grilo). 18 de setembro de 2025.

Eu iniciei a atividade como empregado no armazém e depois andei algum tempo pela fábrica, até que passei para a secção dos tornos e posteriormente a chefe dessa secção.

O Xandita era um técnico excecional. Ele a mim não me chamava António nem Andrade, era pela alcunha Grilo. Tal como chamava ao meu pai. Comecei a trabalhar lá em 1967, com 12 anos. Comecei no armazém, até que chegou a um ponto que comecei a trabalhar na secção dos tornos. Sempre fui um trabalhador aprendiz e cheguei ao ponto de já dar lições aos engenheiros. Acabei mesmo por passar a chefe de secção.

Eu: Eu li numa publicação da internet alguém falar no tanque que existia na fábrica que continha muitos peixes. Recorda-se disso?

Grilo: Recordo. Ficava no interior da parte de cima do edifício, em frente ao armazém. Por baixo do tanque ficavam os quartos de banho. Do acesso pelo meio dava para descer as escadinhas ou para os quartos de banho ou para a secção dos tornos. As tubagens desse dito poço davam diretamente para esse tanque, encaminhavam a água das lavagens que se faziam.

O meu pai também trabalhou nos Matias e foi um grande serralheiro, mesmo sem a quarta classe. Aprendeu com a vida e era excecional na interpretação dos desenhos que nos entregavam para fazer os serviços. A prática fez com que ele ao longo do tempo fosse considerado como um professor lá na fábrica.

A nível de desenho era o Xandita. Ele é que comunicava ao desenhador o que era pretendido e quando havia dúvidas, era a ele que recorriam sempre. Ele foi sem dúvida um dos maiores pilares daquela fábrica.

Eu: Pode-me explicar como é que funcionava o procedimento da realização das peças? A sequência das secções e em que consistiam?

Grilo: Aquilo começava assim... começava pela secção do desenho da peça. Vou dar o exemplo de fazer uma britadeira, porque era nossa especialidade e fazíamos de raiz. O desenhador tinha de começar a fazer o "macaquinho", era preciso também fazer as cambotas, as chumaceiras próprias para os rolamentos, fazer os painéis, etc. E tinha de haver desenho para isso tudo. Depois cada parte da máquina tinha que ser feita por vários funcionários, vários artistas, que eram os serralheiros, os torneiros... cada um fazia a sua parte do serviço. E depois os soldadores finalizavam a peça quando as peças ficavam todas prontas para serem montadas. Na montagem tinham de fazer umas adaptações para pôr as cruzeiras, as cambotas, encaixar os rolamentos, dar um aquecimento aos rolamentos para eles dilatarem e a certo ponto a máquina estava pronta. A seguir fazíamos o ensaio, o eletricista vinha fazer a ligação e ensaiava a máquina para confirmar se estava a funcionar em condições. De seguida era vendida. Ou seja, o torneiro tinha de estar sempre para fazer o serviço dos tornos, o serralheiro fazia o serviço de corte, de rebarbar e encaixar, o soldador de soldar e passado uns dias de fazer a montagem estava tudo pronto. Depois era só o cliente trazer o dinheirinho e levava-a. A britadeira tinha uma boca onde estrava a pedra, tinha um sistema que de aperto que quando queriam a pedra mais fina, esse sistema fechava a boca e ela ia partindo conforme. Se quisessem a pedra maior, o sistema alargava a distância da boca. E depois descarregava a pedra para o tapete que ficava em baixo e era transportado até outro lado. Estas britadeiras eram essenciais para as pedreiras. Só que de vez em quando havia desgaste destas máquinas e nós tínhamos de nos deslocar até às pedreiras, Vila Real, Entre-os-Rios e até mesmo Bragança, para verificar quais eram os problemas. Eu já ia com o Xandita fazer essas revisões e muitas vezes o problema estava no desgaste das chumaceiras que falei há pouco.

O processo iniciava com o engenheiro que tirava os apontamentos e falava com o desenhador para explicar a peça que era pretendida. O desenhador fazia os desenhos todos. Depois os desenhos das peças individuais eram entregues nas respetivas secções. As peças que precisavam de trabalho de torno, eram entregues nessa secção. Várias peças eram fundidas primeiro na secção da fundição. No espaço ao lado da fundição, os trabalhadores limpavam as peças e rebarbavam. As peças seguiam para os tornos para serem torneadas e seguiam para a montagem que podia ser tanto na secção de britagem

como na “praia”.

Eu: Recorda-se se já existia alguma casa ou edifício no terreno antes de se construir a fábrica?

Grilo: Não existia nada, aquilo era um campo onde era plantado o milho. Existia o caminho que vai dar à “praia” e junto dele era o campo onde o Sra. Rosalina e o Sr. José do Tapado plantavam o milho. A plantação ia mais ou menos desde a berma da estrada ladeira a baixo até ao pé da praia. Mesmo antes da construção da “praia”, aquele terreno era uma vinha. Na secção da carpintaria nós saltávamos para esse terreno em baixo e na altura das uvas ainda comíamos uns cachos. Com o aumento do trabalho e também pela ambição do Xandita, compraram o terreno para construir o pavilhão que era tão necessário. Acabaram por construir lá também dois gabinetes, o do desenhador e o do engenheiro José Amor.

Eu: E a rampa que se encontra no meio dos dois edifícios?

Grilo: No meio dessa rampa é que havia o acesso ao armazém, à fundição, aos tornos, à forja e aos quartos de banho. O lugar da secção da forja que ficava por baixo da secção de britagem, mais tarde foi substituído pelo gabinete do Quim Matias e por um armazém mais pequeno. Muitas vezes reunia-me com o Quim Matias no gabinete dele e sentíamos o edifício todo a abanar quando chegava o momento de descarregar as máquinas dos camiões na secção de britagem. Abanava tudo, mas era seguro, está ali uma boa estrutura. Foi uma boa oficina, chegaram a trabalhar lá mais de 100 empregados.

José Silveira, diretor do CENFIM. 26 de março de 2024

A empresa do Alberto Marinho era no Navarras e depois foi deslocalizado para onde está o Pingo Doce. Também foi uma grande escola, ainda antes do Matias Magalhães. Algumas pessoas que estavam no Alberto Marinho passaram para o Rodrigo Matias. Aqui o CENFIM é uma escola industrial, mas grande parte dos empresários e muita gente aprendeu nas diversas empresas. A antiga Metalocar já é extinta, recentemente, também foi uma escola de muita gente, desenhadores, serralheiros, etc. E é de escola em escola, a passagem de conhecimentos, do legado de testemunho que é importante. E aqui tentamos conservar grande parte do conhecimento e transmiti-lo. A fábrica entrou um bocadinho em declínio, porque não se foi atualizando. Houve setores de, nomeadamente, desenho e projeto que não se foram atualizando com os tempos.

Alexandra Matias, neta de Rodrigo Matias Magalhães. 29 de abril de 2024.

Havia o Rodrigo Matias Magalhães e as Oficinas Rodrigo Matias Magalhães que eram duas empresas diferentes da mesma família. Aquele senhor que está na fotografia (força do metal) é o sr. Rodrigo Matias Magalhães e o sr. Rodrigo Ferreira Torres. O meu pai, Alexandrino Matias, foi para São Tomé, muito mais tarde. Depois a minha mãe foi ter com ele e regressaram quando a empresa estava quase a falir. A partir daí começaram a trabalhar outras coisas na fábrica para além daquilo que faziam antes. Eu lembro-me bem de como era a fábrica, eu ia lá muitas vezes e gostava muito daquilo. Ia lá e cumprimentava algumas pessoas. Começava nos escritórios onde estava o Matias dono, descia, passava na fundição, na carpintaria onde estava o Lucas e o Teixeirinha e dava um beijinho a cada um deles e depois ia ter com o meu pai. Aquilo era muito grande, está a ver quando passa e olha, vê ali o sítio onde eles fazem as exposições. Ao lado tem uma rampa, essa rampa, se descer passa a fundição, o armazém das peças e depois ao fundo tem depois o pavilhão. Do lado esquerdo do pavilhão tinha um escritório e o meu pai estava lá em cima.

O senhor Manuel vem ajudar. Rodrigo Matias Magalhães é como começa a atividade, com o logo SAITAM (Matias ao contrário). Aquilo era a Quinta do Tapado. O sr. Manuel começou a trabalhar nas oficinas do Rodrigo Matias Magalhães com 43 anos, em 1981. Aquilo não existia, foi tudo feito pelo meu avô. Aquilo era a Quinta do Tapado, aliás há até um terreno ali que fazia parte da casa do engenheiro Pinto da Cunha, que ainda existe lá. Há depois esta parte de terreno que foi onde esteve a antiga farmácia do tio Artur, e que ainda está lá a casa fechada. Depois havia também uma parte do terreno que era um estacionamento onde esteve o burro, esteve lá um burro. Aquilo teve muitas histórias giras. Eu acho que quem sabe estas histórias é o Sr. Manuel e os que trabalharam lá. Mas as melhores pessoas que podiam contar essas histórias já não estão cá.

Primeiro era Rodrigo Matias Magalhães e depois a nova era Oficinas Metalomecânicas Matias Magalhães. Eu acho que eles estavam muito à frente, havia coisas mesmo em termos de catálogos e tudo. Tinham uma visão muito interessante e não havia computadores como agora nem nada. Era tudo à mão e em estiradores que faziam os desenhos todos. Ainda hoje, as máquinas que nós chamamos britadeiras Rodrigo Matias Magalhães, que havia vários modelos. Nós (AMC) ainda vendemos peças para as máquinas feitas no Rodrigo Matias Magalhães. Ainda hoje funcionam, robustas e trabalham muito bem. A Mota e Companhia quando escrevem sobre a obra do Mondego, mencionam aqui o meu pai. Nessa altura, o meu pai estava no Rodrigo Matias. "Rodrigo Matias na pessoa, do meu pai, que ele é que era o técnico, é preciso que se note, porque ele é que era o visionário, ele fez estes vácuos para ele conseguir fazer a dragagem do rio. (fotos 29.04.24). Aquela empresa deve ter tido à vontade mais de 100 funcionários, era muito interessante aquela empresa.

Entrevista "Gatilho". 16 de novembro de 2024.

Eu: Como é que a Gatilho conseguiu usar o espaço da fábrica para fazer concertos/exposições/galeria? Foi da vossa parte que surgiu essa vontade?

Professor: Sim, foi da nossa parte. Abordamos a câmara. Ainda antes da pandemia, houve uma reunião na câmara, com o presidente e várias associações. Onde o presidente apresentou o projeto que tinha definido aqui para a fábrica e toda a zona envolvente, que é a fábrica das artes. Mesmo antes disso, já tinha falado da possibilidade de falarmos com a câmara para podermos fazer aqui, porque em Amarante temos uma falta de espaço para fazer concertos e exposições que sejam alternativos. Que não sejam a biblioteca municipal, uma coisa mais informal. E depois acerca de espetáculos, não temos nenhum espaço que possamos fazer um concerto com um número reduzido de pessoas, com um bar a funcionar, que possam dançar. Os espaços que temos é tudo dentro de auditórios, com lugares sentados. Então apresentamos à câmara a proposta para fazermos aqui concertos e eles aceitaram. Embora tenha falta de condições, ao nível elétrico, ao nível sanitário (não existem casas de banho a funcionar). Mas mesmo assim já se fizeram aqui várias coisas, mesmo sem sermos nós, da câmara, junta de freguesia.

Eu: Ou seja, este espaço acaba por servir para realizar diversas atividades informais, porque o espaço é polivalente e serve para vários usos.

Professor: Sim, é exatamente isso. Neste momento, temos aqui uma exposição de acesso livre e aproveitamos para dar aqui as aulas de desenho, para que possamos ter sempre aqui alguém que auxilie também a exposição durante o dia. Isto deu uma dinâmica diferente ao espaço. A Joana é professora da Gatilho e tem estado aqui todos os dias, pode-te falar melhor sobre esta vertente.

Joana: Sim, também achamos que era importante, não só, ser uma exposição mas também para dar mais valor a isso por os nossos alunos a observar, a pensar. Pusemo-los a fazer vários exercícios de desenho, que consistiam na observação de vários quadros da exposição e usá-los como referência nas suas próprias criações. Na inauguração da exposição costuma estar sempre muita gente e os nossos alunos não tem a oportunidade para parar e refletir sobre as obras, como agora que estão aqui todos os dias. Lá está, tendo isto aberto vários dias, damos a oportunidade a mais pessoas para conhecer e puderem visitar. Até já tivemos aqui pessoas que já trabalharam aqui na fábrica e vem ver tanto a exposição como ver como é que a fábrica se encontra atualmente. É fixe ver essa parte de pegar em locais que não são tão chamativos, por exemplo estamos numa fábrica metalúrgica onde não é suposto estarmos a fazer exposições e pinturas, mas a realidade é que esta adaptação do espaço é que torna a visita mais espacial.

Professor: Agora é como te digo, o presidente da câmara quando nos mostrou o projeto da fábrica das artes, tratava-o quase como um projeto pessoal. Algo que queria mesmo que andasse para a frente. Mas é certo que também já se passaram quase 4 anos e, não sabendo porquê, ainda não se viram alterações. Ao longo destes anos, pudemos foi ver que foram realizadas aqui várias atividades nes-

te espaço. Mas acho que com um investimento relativamente baixo, dava para abrir isto ao público com condições. Temos o cineteatro, é verdade, mas para nós – associação – fica muito caro alugar aquilo para fazer lá um espetáculo. Sendo que aqui este espaço a câmara sede-nos sem qualquer tipo de custo, mas há sobretudo falta de condições ao nível sanitário. Nos primeiros encontros alugamos sempre casas de banho portáteis e pusemos no lado de fora. Estamos a falar de um espaço que é central está muito perto do centro de Amarante, a nível de ruído temos muitas habitações aqui ao lado mas não é incomodativo, nunca tivemos aqui problemas com queixas de barulho e assim. O espaço é muito fixe e está disponível para ser usado, mas nas condições em que estão.

Eu: Achas que o projeto do que se vai fazer aqui se assemelha ao que foi feito no cineteatro?

Professor: O cineteatro é um auditório que funciona praticamente para espetáculos. Aqui eu acho que já podia fazer de outra maneira, como estamos a fazer agora. Imagina, nós estamos aqui desde 09 de outubro e está aberto quase todos os dias ao público, onde as pessoas podem vir, gratuitamente, ver a exposição, os miúdos a trabalhar, concertos, etc. Toda a gente que vem aqui, principalmente os Amarantinos, quando se começou a utilizar isto, tinham a cena na cabeça como nos tínhamos. "Opá, podia-se fazer ali alguma coisa", e depois quando vem aqui acham esta cena extremamente espetacular. As pessoas de fora ficam fascinadas com o espaço que temos aqui e é que não valia a pena mesmo muito, não valia a pena descaracterizar o espaço. Só fazer melhorias ao nível da segurança e do conforto – isolamento, janelas – e de resto deixar tudo como está, porque está aqui o essencial, está aqui a história da cidade, do povo Amarantino. Acho que não valia mesmo a pena. Eu não vejo esse projeto da fábrica das artes, que é um projeto mesmo grande, a estar feito nos próximos 10 anos. Se calhar aqui um investimento menor, podia ser um mote para começar a arrancar com o projeto e as obras.

Eu: Eu também concordo que esta obra poderá demorar vários anos até ser inaugurada. Penso inclusive que a grandiosidade da obra poderá ser também para chamar pessoas de fora para cá.

Professor: É evidente que trazer pessoas de fora aqui para a cidade é sempre bom, mas acho que primeiramente está a comunidade e as nossas necessidades. Nós por exemplo, na nossa agenda, a partir de maio, não fazemos mais nada até outubro, porque a nossa oferta cultural é quando não se faz nada na cidade. Por exemplo, fizemos aqui um concerto em outubro e tivemos 30 pessoas, mas se fizéssemos em julho se calhar já podíamos esperar 100 pessoas.

Joana: Mas lá está, nessa altura já estive muitas atividades culturais a ocorrer na cidade, mesmo o Cineteatro, já é para pessoas que vêm de fora e assim. Mas nós precisamos de um espaço para os artistas Amarantinos, mesmo para os jovens que nos visitam. Se existir um espaço que seja para todos, que seja acessível a toda a gente, talvez os jovens também consigam começar a traçar o seu futuro nas artes. Ver as coisas de outra perspetiva.

Eu: Eu estive cá com o meu namorado e ele mesmo não estando relacionado com as artes, adorou o espaço. A energia era diferente, sentiu como se estivesse efetivamente numa oficina.

Professor: É mesmo isso, o teu namorado se calhar se fosse ver a exposição ali à biblioteca municipal, se calhar não ia sair de lá com esse sentimento, como foi aqui. Aqui é mais alternativo, há o conceito de oficina sempre em funcionamento.

Joana: No outro dia, veio cá um professor fazer uma visita, com a sua turma do secundário, e disse que isto era a Bauhaus Amarantina.

Professor: Penso que até hoje, na escola secundária de Amarante, tivemos os mesmos professores de artes. Na escola acabamos por seguir sempre o mesmo padrão e esta espaço mostrou aos jovens/alunos dos tempos de hoje, que podemos mudar, pudemos trabalhar noutro tipo de lugar para além do conceito das salas de aula.

Joana: Eu mesma, antes de estar aqui a dar aulas, fui aluna na Gatilho. E quando sai da escola e continuei a minha formação na Gatilho, fiquei deslumbrada com o método e com os conceitos desta escola, eram completamente diferentes daquilo que fomos aprendendo por módulos na escola.

Eu: Vejo também todo o espaço da escola como uma possibilidade de extensão das escolas, a ideia da partilha do espaço e dos conhecimentos, que acaba também por ser um paralelo daquilo que acontecia aqui quando isto ainda funcionava como oficina de metalurgia. Este espaço sempre esteve recheado da partilha de conhecimento, este lugar foi a escola de muitas pessoas que ainda hoje trabalham com a metalurgia. Gostava que este sítio continuasse com esse conceito e queria perguntar se gostavam de ter aqui um espaço para vocês (Gatilho).

Professor: É evidente que se nos cedessem um espaço aqui, faríamos aqui tudo. Mesmo assim, não sei se daria para fazer neste espaço em específico tudo – as aulas todas mais as exposições ao mesmo tempo – até porque geralmente quando temos de fazer uma exposição, ela abre só no dia da inauguração, porque nos outros dias precisamos do espaço para continuar a dar as aulas. Este conceito que fazemos aqui, neste momento, era impossível fazer no espaço onde estávamos sediados, porque tínhamos um espaço muito reduzido. Aqui, já conseguíamos fazer tudo.

Joana: Aqui era o ideal, mas precisávamos de água, isolamento, condições mínimas.

Professor: Isto aqui no inverno é muito frio, se houvesse a possibilidade de restaurar pelo menos as canalizações e áreas técnicas, era o ideal. Gostávamos muito que acontecesse, mas também não queríamos "curtas as pernas" a outras pessoas que decidissem fazer aqui coisas. Se houvesse a possibilidade de fazer algumas obras e algumas coisas nos próximos anos era o ideal, porque aqui em Amarante, não temos mesmo mais espaços. Neste aniversário da Gatilho fizemos aqui um evento, quase só com bandas de Amarante e convidamos o Capitão Mocho, foi a primeira vez que eles vieram a um evento nosso. E toda a gente que cá vem diz, eu queria mesmo tocar aqui, quase toda a gente sente ou tem uma ligação familiar com este espaço. Este é um espaço onde muita gente vem reviver o que fazia aqui à 30 ou 40 anos atrás, mas com uma oferta cultural. O cheiro a óleo do chão, está aqui a essência toda. Acho um espaço muito porreiro, mesmo para bandas de fora virem cá, porque é muito

interessante. Vê-se destes espaços em vários lados, este espaço faz até lembrar o antigo Hard Club de Vila Nova de Gaia, que era nos antigos terminais das linhas de comboio, também com vigas de madeira e toda a pedra. Há aqui a história da cidade, com estacionamentos perto, os bombeiros em frente e a polícia muito perto também.

Eu: Infelizmente, por aquilo a que já tive acesso, a fábrica é para demolir e fazer uma construção parecida, mas nova.

Professor: Na minha opinião, isto devia ser mantido. Eu não sou entendido na área, mas penso que podiam usar o orçamento para tentar melhorar o que temos aqui e deixar esta essência que nunca vai ser conseguida numa construção nova. Há aqui espaços, que podiam ser alugados por algumas associações, onde pudéssemos ter um espaço para coexistir no mesmo edifício.